

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARCELO MARTINS

ACONSELHAMENTO PASTORAL A FAMÍLIAS DE PESSOAS COM AUTISMO A  
PARTIR DA TEOLOGIA DA CRUZ

São Leopoldo

2018



MARCELO MARTINS

O ACONSELHAMENTO PASTORAL A FAMÍLIAS DE PESSOAS COM AUTISMO A  
PARTIR DA TEOLOGIA DA CRUZ

Tese de Doutorado

Para obtenção do grau de:

Doutor em Teologia

Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação

Área de Concentração: Teologia Prática

Orientador: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386a Martins, Marcelo

Aconselhamento pastoral a famílias de pessoas com autismo a partir da teologia da cruz / Marcelo Martins; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.

256 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Autismo. 2. Famílias com problemas. 3. Aconselhamento pastoral. 4. Teologia da Cruz. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

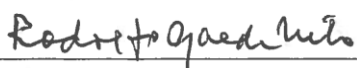
MARCELO MARTINS

**O ACONSELHAMENTO PASTORAL A FAMÍLIAS DE PESSOAS COM AUTISMO  
A PARTIR DA TEOLOGIA DA CRUZ**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Tradições e Escrituras  
Sagradas

Data de Aprovação: 08 de março de 2018

Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto (Presidente)




---

Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes (EST)



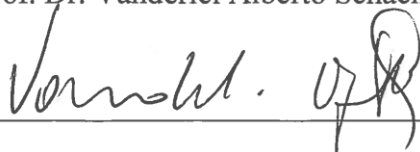
---

Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper (EST)



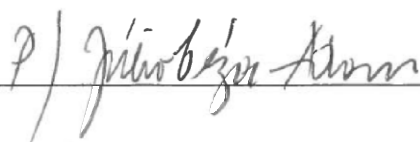
---

Prof. Dr. Vanderlei Alberto Schach (FBP)



---

Prof. Dr. Amer Cavalheiro Hamdan (UFPR)



---

## ERRATA

Onde se lê:

“Área de Concentração: Tradições e Escrituras Sagradas”

Leia-se:

“Área de Concentração: Teologia Prática”



**FACULDADES EST**  
Walmor Ari Kanitz  
Secretário Acadêmico



**Faculdades EST**  
Dr. Júlio César Adam  
Coordenador Pós Graduação

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, “pois Dele, por Ele e para Ele são todas coisas”.

À minha amada e querida esposa, Elaine. Este trabalho só foi possível pela dedicação e sacrifício dela no dia a dia. Te amo!

Aos meus três queridos filhos: Davi, Paulo e Ana!

À minha mãe. Exemplo de vida e abnegação!

Ao meu sogro, Sérgio. Grande amigo, companheiro e ajudador!

Ao meu orientador, Rodolfo Gaede Neto. Foi muito bom tê-lo junto na caminhada nestes últimos anos!

À CAPES, pelos recursos disponibilizados, que foram extremamente necessários!

## DEDICAÇÃO

*Quero dedicar este trabalho especialmente à minha família querida:*

*Elaine, minha amada esposa e companheira em todos os momentos!*

*Davi, nosso primogênito, filho muito amado!*

*Paulo, benção e instrumento de Deus nas nossas vidas!*

*Ana Beatriz, nossa caçula, a filha que nos traz tanta alegria!*





## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

AI – Autismo Infantil

AT – Antigo Testamento

NT – Novo testamento

WA – Weimarer Ausgabe (Edição de Weimar) das obras de Lutero.

TEA – Transtorno do Espectro Autista

## **FIGURAS**

**FIGURA 1:** Exemplificando os termos graficamente.....116

**FIGURA 2:** Cruz no Coliseu.....143

**FIGURA 3:** Quadro “A sombra da Morte”.....146



## RESUMO

A presente tese busca investigar, por meio da pesquisa bibliográfica, como o Aconselhamento Pastoral pode oferecer ajuda a famílias de pessoas com Autismo –TEA - a partir da Teologia da Cruz. Procura-se com esta pesquisa averiguar o tema Autismo e o impacto que ele causa nas famílias. Pretende-se perceber os caminhos que o Aconselhamento Pastoral tem apontado para contribuir em situações como esta e, principalmente, como a Teologia da Cruz pode trazer elementos que colaborem para o Aconselhamento Pastoral desenvolver seu auxílio a famílias. Num primeiro momento, aborda-se a temática do Autismo em duas partes. A primeira trata do tema Autismo: conceituação, história, diagnóstico, etiologia e tratamento; a segunda apresenta o impacto que o Autismo causa nas famílias, por meio de relatos e constatações. Num segundo momento, foca-se a pesquisa no Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo. Verifica-se a temática do Aconselhamento Pastoral, da poimênica, da deficiência (incluindo a vulnerabilidade e dignidade humana) e do Aconselhamento Sistêmico. Chega-se ao cerne deste segundo capítulo que, trata especificamente do Aconselhamento Pastoral a famílias com filhos com Autismo: o conselheiro e o cuidado, cuidado espiritual, cuidado eclesial, cuidado familiar, cuidado governamental e social, e por fim, a reciprocidade que existe no cuidar. Num terceiro momento, examina-se a Teologia da Cruz. Trata-se primeiramente do sofrimento humano, em seguida trabalha-se o desenvolvimento da Teologia da Cruz: começando pela cruz, passando por Jesus, Paulo e chegando em Martinho Lutero. Foca-se então nos aspectos centrais da chamada Teologia da Cruz – Deus abscôndito, a vida pela fé e a vida sob a cruz. Por último, apresenta-se uma perspectiva da junção do Aconselhamento Pastoral e da Teologia da Cruz em prol do aconselhamento a famílias que têm filhos dentro do TEA. Tomam-se por base os elementos centrais da Teologia da Cruz, e faz-se alguns apontamentos em conjunto com o Aconselhamento Pastoral no auxílio a estas famílias, visando ajudá-las, fortalecê-las e auxiliá-las. Encerra-se, destacando a Teologia da Cruz e os seus frutos. A pesquisa evidencia uma enorme necessidade por parte das famílias com filhos dentro do TEA, de acompanhamento e auxílio na área pastoral. A pesquisa indica que o Aconselhamento Pastoral tem instrumentos que podem ser úteis neste processo de ajuda e fortalecimento para as famílias e, também, que a Teologia da Cruz possui elementos que podem colaborar para que as famílias possam ter um enfrentamento melhor da situação.

Palavras-chave: Autismo. Famílias. Aconselhamento Pastoral. Teologia da Cruz



## ABSTRACT

This thesis seeks to investigate, through bibliographical research, how Pastoral Counseling can offer help to people's families with Autism - ASD - from the Theology of the Cross. This research intend to investigate the theme Autism and the impact it causes in families. It is intended to understand the paths that Pastoral Counseling has pointed out to contribute in situations such as this, and, especially, how the Theology of the Cross can bring elements that collaborate for Pastoral Counseling to develop its assistance to families. At first, the theme of Autism is addressed in two parts. The first one deals with the theme Autism: conceptualization, history, diagnosis, etiology and treatment; the second one presents the impact that Autism causes on families, through reports and ascertainments. In a second moment, families of people with autism examined Pastoral Counseling. It is verified the theme of pastoral counseling, pastoral care, disability (including vulnerability and human dignity) and systemic counseling. It comes to the the heart of this second chapter which deals specifically with Pastoral Counseling for families with children with Autism: Counseling and care, spiritual care, church care, family care, government and social care, and finally, the reciprocity that exists in the take care. In a third moment, the Theology of the Cross is examined. It is primarily about human suffering, then, the development of the Theology of the Cross is worked out: beginning with the cross, passing through Jesus, Paul, and getting in Martin Luther. The discussion focuses on the central aspects of the so-called Theology of the Cross - absconded God, life by faith and life under the cross. Finally, there is a perspective of the combination of Pastoral Counseling and Cross Theology in favor of counseling families who have children within the ASD. The research is based on the central elements of the Theology of the Cross, a few notes are made together to Pastoral Counseling in helping these families, in order to help them, strengthen them and assist them. To end the thesis, highlighting the Theology of the cross and its fruits. The research shows an enormous need on the part of the families with children inside the ASD, of accompaniment and aid in the pastoral area. The research indicates that Pastoral Counseling has tools that can be useful in this process of helping and strengthening families, and that the Theology of the Cross has elements that can collaborate so that the families can have a better confrontation of the situation.

Keywords: Autism. Families. Pastoral Counseling. Theology of the Cross.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2 O AUTISMO E SEU IMPACTO SOBRE FAMÍLIAS QUE TÊM FILHOS COM AUTISMO.....</b>	<b>24</b>
2.1 Considerações iniciais .....	24
2.2 Autismo: um mundo enigmático.....	25
2.2.1 Conceituação.....	25
2.2.2 O percurso do Autismo na história .....	28
2.2.3 Etiologia .....	33
2.2.3.1 Teoria Psicogenética.....	35
2.2.3.2 Teoria Biológica.....	35
2.2.3.3 Teoria Psicológica.....	37
2.2.3.4 Teoria Afetiva.....	38
2.2.3.5 Teoria Cognitiva.....	38
2.2.4 Diagnóstico.....	38
2.2.5 Tratamentos.....	41
2.2.5.1 Farmacológico.....	43
2.2.5.2 Terapêuticos – cognitivos comportamentais.....	43
2.2.5.3 Psicológico.....	46
2.2.5.4 Tratamentos alternativos.....	46
2.3 O impacto do Autismo sobre as famílias .....	48
2.3.1 Relatos bibliográficos de famílias com filhos com Autismo.....	50
2.3.1.1 Relato 1 .....	50
2.3.1.2 Relato 2 .....	52
2.3.1.3 Relato 3 .....	53
2.3.1.4 Relato 4 .....	53
2.3.1.5 Relato 5.....	55
2.3.1.6 Relato 6.....	56
2.3.2 O impacto do Autismo sobre as famílias: algumas constatações .....	58
2.3.2.1 Negação.....	60
2.3.2.2 Crises e luto.....	61
2.3.2.3 Aceitação .....	63
2.3.2.4 Culpa.....	65
2.3.2.5 Medo e insegurança.....	66
2.3.2.6 Desafio constante e duradouro.....	67
2.3.2.7 Filicídio.....	68
2.3.2.8 A busca pela cura.....	70
2.4 Considerações finais.....	71
<b>3 O ACONSELHAMENTO PASTORAL A FAMÍLIAS DE PESSOAS COM AUTISMO.....</b>	<b>73</b>
3.1 Considerações iniciais.....	73

3.2	Poimênica e Aconselhamento Pastoral .....	74
3.2.1	Poimênica.....	75
3.2.2	Aconselhamento Pastoral .....	77
3.3	Aconselhamento Pastoral e Deficiência .....	81
3.3.1	A vulnerabilidade humana.....	89
3.3.2	A dignidade humana.....	93
3.4	O Aconselhamento Pastoral Sistêmico.....	97
3.5	O Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo.....	99
3.5.1	O conselheiro e o cuidado.....	100
3.5.2	O cuidado espiritual.....	104
3.5.3	O cuidado eclesialístico .....	107
3.5.2.1	Comunidade que acolhe.....	107
3.5.2.2	Comunidade que se solidariza.....	109
3.5.2.3	Comunidade que cura.....	110
3.5.4	O cuidado familiar.....	113
3.5.5	O cuidado governamental e social .....	115
3.5.4.1	Inclusão.....	115
3.5.4.2	Direitos.....	117
3.5.6	A reciprocidade do cuidado.....	118
3.6	Considerações finais .....	123
<b>4</b>	<b>O SOFRIMENTO HUMANO E A TEOLOGIA DA CRUZ.....</b>	<b>125</b>
4.1	Considerações iniciais.....	125
4.2	O sofrimento humano.....	127
4.2.1	O sofrimento humano e o desamparo de Deus .....	129
4.2.2	O dilema que o sofrimento humano traz.....	132
4.2.2.1	O caminho da fuga.....	133
4.2.2.2	O caminho da sensatez.....	135
4.2.3	O sofrimento humano: mistério.....	137
4.3	A cruz de Cristo.....	139
4.4	Jesus e a Teologia da Cruz.....	144
4.5	Paulo e a Teologia da Cruz.....	146
4.6	Martinho Lutero e a Teologia da Cruz.....	148
4.6.1	Martinho Lutero.....	149
4.6.2	A Teologia da Glória x A Teologia da Cruz.....	151
4.6.3	O debate de Heidelberg.....	154
4.6.4	A Teologia da Cruz na vida de Lutero.....	156
4.7	A Teologia da Cruz e seu enfoque central .....	160
4.7.1	Deus se revela na abscondicidade.....	161
4.7.2	O Deus oculto e a fé.....	164
4.7.3	A vida sob a cruz.....	167
4.8	A Teologia da Cruz e o sofrimento humano.....	170
4.9	A Teologia da Cruz: esperança para os que sofrem. ....	172
4.10	Considerações finais.....	175



<b>5 O ACONSELHAMENTO PASTORAL A FAMÍLIAS DE PESSOAS COM AUTISMO: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA TEOLOGIA DA CRUZ.....</b>	<b>178</b>
5.1 Considerações iniciais .....	178
5.2 A Teologia da Cruz como uma base para o Aconselhamento Pastoral.....	179
5.3 O Aconselhamento Pastoral sob a Teologia da Cruz.....	181
5.3.1 Deus se revela na abscondicidade: Ele está nos vales mais escuros.....	181
5.3.2 A vida pela fé: “o justo viverá da fé”.....	186
5.3.3 A vida sob a cruz: vivendo na perspectiva do amor.....	192
5.3.4 Esperança: a virtude que permanece.....	196
5.3.5 No horizonte da cruz: ressurreição .....	201
5.4 A Teologia da Cruz e os seus frutos.....	204
5.4.1 Resiliência.....	205
5.4.2 Felicidade.....	208
5.4.3 Cura.....	210
5.4.4 A conformação com Cristo.....	212
5.4.5 Ver a Deus pela perspectiva da cruz.....	213
5.5 Considerações finais .....	216
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>218</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>224</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>234</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Quinta-feira, primeiro de agosto do ano de dois mil e seis, em Votorantim, estado de São Paulo, cidade vizinha de Sorocaba, às dezessete horas e dezessete minutos, em uma tarde agradável, no Hospital Municipal de Votorantim, nascia um lindo bebê – esta é a fala de um pai. Seu nome, Paulo. Muito desejado e esperado pela nossa família. Formoso e chorão. Motivo de muita alegria. Era nosso segundo filho! Aqui se inicia a razão, o que move toda esta pesquisa e trabalho: Paulo Sérgio, cujo nome significa “pequeno servo”. Digo isto, pois, foi a partir do nascimento de Paulo que fomos despertados para o que se verá adiante. Estávamos felizes e radiantes por tão grande dádiva que recebêramos do Senhor.

Nosso filho nascera muito saudável e tinha um desenvolvimento dentro de um padrão “normal”. Ele só começou a apresentar alguns “sintomas” depois do seu primeiro ano de vida. Isto gerou em nós (pais) um desconforto e incômodo, pois, percebíamos que alguma coisa estava errada. Por falta de conhecimento do assunto e, somado ao despreparo de profissionais que nos deparamos, somente conseguimos obter um diagnóstico fechado do problema, quando Paulo tinha exatos 2 anos e 4 meses<sup>1</sup>. É bem verdade que isto aconteceu depois de um longo percurso, indo de médicos a clínicas e especialistas, para, enfim, receber a notícia que há um bom tempo tínhamos (eu e minha esposa) certeza em nossos pensamentos: Paulo estava dentro do Transtorno do Espectro Autista. Dali em diante passamos a buscar mais informações, pois até aquele momento era muito pouco o que tínhamos de conhecimento a respeito de Autismo. Buscávamos, inicialmente, as informações necessárias para atender melhor nosso filho. Nosso foco estava em proporcionar a ele tudo o que era preciso naquele momento (dentro da nossa capacidade e realidade), a fim de que ele pudesse ter o melhor desenvolvimento dentro do seu quadro. Na verdade, é isto o que fazemos até hoje! Entretanto, também fomos percebendo a necessidade que tínhamos, como família, de ajuda, de aconselhamento. Como tenho formação em Teologia, fui a busca de subsídios que pudessem de alguma forma nos orientar e trazer alento e direção diante daquilo que estávamos vivenciando. Pude encontrar muitas coisas boas, no entanto, pouca coisa que tratasse especificamente da nossa situação quanto àquilo que estávamos vivendo. Foi, então, que decidi, juntamente e com o apoio de minha esposa, me

---

<sup>1</sup> No livro “Autismo: ajudando famílias”, publicado pela Editora Sinodal, que é a dissertação do meu Mestrado, é possível ler no capítulo 1 toda a história narrada em detalhes desde o nascimento de Paulo, passando pelo processo de buscas para obter informações e diagnóstico, e os dilemas, angústias e questionamentos que surgiram nesse período.

enveredar por esse caminho de estudo, no intuito de poder ter melhor compreensão de todo o problema, e dessa forma ajudar melhor nosso filho e também a nossa família. Com o passar do tempo e dos estudos fui percebendo que as nossas angústias, questionamentos e dilemas eram muito parecidos com as demais famílias que têm filhos com Autismo<sup>2</sup>. Por isso, nosso objetivo se ampliou e abrimos o leque no sentido de contribuir com outras famílias o que estamos aprendendo, se assim pudermos contribuir. Foi assim que surgiu a oportunidade de fazer o Mestrado e, logo depois o Doutorado, tendo como temática justamente “o Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo a partir da Teologia da Cruz”. Assim teve início o que se verá pela frente nesta pesquisa.

Justifica-se esta pesquisa por meio de duas razões: Primeiramente, porque boa parte das famílias que têm filhos dentro do Transtorno do Espectro Autista –TEA<sup>3</sup> -, sempre estão em busca de várias informações para melhor se equipar e atender seus filhos/as nas seguintes áreas: educação, clínica, social, governamental, familiar. E além destas, há um enorme vácuo na vida das famílias impactadas pelo Autismo, que as levam a buscar respostas para diversos questionamentos em relação à vida da família e do filho/a. Questões estas relacionadas à fé, ao sofrimento, às angústias, aos “porquês” de estar passando por aquela situação, e, como vivenciar esta realidade no dia a dia. Segundo, depois de ter trilhado um pouco no caminho acadêmico, nota-se a carência de produções e pesquisas embasadas teologicamente que focalizam esta área. Hoje em dia existem várias pesquisas e trabalhos focalizando a temática do Autismo, porém, poucas tendo como recorte o Aconselhamento Pastoral e a Teologia para auxiliar a famílias. Entende-se que, todas as pesquisas, nos mais diversos aspectos sobre Autismo, são extremamente importantes, mas, percebe-se uma carência no aspecto pastoral e teológico.

De modo geral o objetivo desta pesquisa é investigar como o Aconselhamento Pastoral pode oferecer ajuda as famílias de pessoas com Autismo – TEA - a partir da Teologia da Cruz.

De modo específico objetiva-se:

1. Realizar pesquisa sobre o TEA, e o impacto que este transtorno traz sobre as famílias que têm filhos/as com Autismo.

---

<sup>2</sup> Será utilizada em toda a pesquisa, com exceção das citações para não as alterar, a palavra “autismo” com a inicial em maiúsculo, “Autismo”. Da mesma forma será feito com “aconselhamento pastoral” e “teologia da cruz”. O propósito é ressaltar essas palavras e termos.

<sup>3</sup> Doravante será usado TEA.

2. Investigar como o Aconselhamento Pastoral pode oferecer ajuda, fortalecimento e auxílio para estas famílias.

3. Examinar a Teologia da Cruz com o objetivo de encontrar subsídios para auxiliar famílias que estão passando por sofrimentos (tendo em mente o meu foco de pesquisa).

4. Destacar alguns subsídios que a Teologia da Cruz possa ter para contribuir juntamente com o Aconselhamento Pastoral no auxílio a famílias que têm filhos/as com Autismo.

As hipóteses que doravante se levantam são as seguintes:

1. O impacto que o TEA causa nas famílias é enorme. Mexe com toda a estrutura familiar, desde as primeiras indicações de diagnóstico de Autismo. Traz para a família vários problemas, desafios e dilemas. A falta de informações, o despreparo de profissionais, as compreensões equivocadas do problema, a fragilidade da família no contexto atual, somados à falta de apoio comunitário e fuga, muitas vezes, dos responsáveis pelo filho/a, tornam a situação por vezes desesperadora.

2. O Aconselhamento Pastoral pode ser um instrumento importantíssimo para contribuir com estas famílias. Estas famílias estão precisando de conforto, amparo, informações, e não “explorações”. Elas já estão passando por “um vale escuro”, precisam de auxílio pastoral, e este é o papel que a poimênica propõe-se a desenvolver.

3. Pressupõe-se que a Teologia da Cruz pode ser uma boa base vinda da Teologia para dar um suporte para o Aconselhamento Pastoral desempenhar a sua função. Evidentemente as famílias vão precisar de diversos tipos de ajuda. O próprio filho/a precisará de um trabalho multidisciplinar para tentar ajudá-lo no seu desenvolvimento diário. Entretanto, a Teologia da Cruz tem elementos que poderão ser fundamentais para contribuir com que o Aconselhamento Pastoral possa trazer novas perspectivas de vida e fé para as famílias.

4. Juntar o Aconselhamento Pastoral e a Teologia da Cruz na busca de caminhos para auxiliar as famílias que têm filhos com Autismo é uma possibilidade que vislumbra este projeto. Pressupõe-se que Teologia da Cruz tem elementos que podem ser melhor explorados para contribuir no auxílio a estas situações juntamente com o Aconselhamento Pastoral.

A metodologia adotada foi pautada pela pesquisa bibliográfica. Foi desenvolvida a partir de uma investigação da revisão de literatura já publicada em livros e artigos científicos, que serão fielmente destacados e referenciados no decorrer dos quatro capítulos. De acordo com Gil, esta modalidade de pesquisa também inclui outros tipos de material impresso e eletrônico,

como revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos<sup>4</sup>, alguns destes estão presentes nesta tese. Buscou-se a utilização de fontes primárias, mas a pesquisa também fez uso de fontes secundárias, no intuito de aumentar a compreensão acerca de conceitos chave.

Destarte, a presente pesquisa está dividida em quatro partes:

No primeiro capítulo, serão apresentados os seguintes tópicos na sua primeira parte, Autismo: um mundo enigmático: conceituação; o percurso do Autismo na história; a etiologia; estabelecendo o diagnóstico; e por fim os diversos tipos de tratamento. Na segunda parte será apresentado o impacto que o Autismo traz sobre famílias que têm filhos com Autismo. Por meio de alguns relatos bibliográficos, se averiguará os desafios que estas famílias vivenciam e, em seguida será feita algumas constatações. O objetivo é conhecer mais de perto esta temática e suas implicações, em específico para as famílias. Através de relatos bibliográficos poderá se perceber a voz das famílias, para poder detectar o que isso causa na vida destes familiares ou cuidadores, que vivem ou convivem próximos às pessoas com Autismo.

No segundo capítulo, pretende-se verificar aquilo que o Aconselhamento Pastoral tem de instrumentos que podem contribuir para ajuda a famílias que têm filhos com Autismo. Este é o objetivo principal. Em um dos tópicos pretende-se apontar aquilo que a pessoa com deficiência traz de enriquecimento e crescimento na vida das famílias e da sociedade, isto é, parte-se de uma premissa que sempre existe reciprocidade no cuidar. Inicialmente será tratado do Aconselhamento Pastoral. O intuito não é fazer algo exaustivo. Vários autores têm aprofundado e escrito sobre o assunto. Por isso, o que se fará é uma abordagem para uma compreensão do assunto tendo em vista o foco e objetivo desta pesquisa. Na sequência, serão abordados o Aconselhamento Pastoral e a deficiência – com uma ênfase na deficiência-, para uma maximização do assunto, enfocando dois aspectos que são de fundamental importância: a vulnerabilidade e a dignidade humana. Depois, será destacado o aconselhamento pastoral sistêmico, cujo enfoque centra-se na família. Em seguida, chega-se ao cerne deste capítulo que é o Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo. Tomando por referência o trabalho de Marcelo Martins serão apresentados alguns aspectos essenciais para o aconselhamento com estas famílias: o conselheiro e o cuidado; cuidado espiritual; cuidado eclesial; cuidado familiar; e cuidado governamental e social. Por fim, o enfoque “muda” de prisma, ou seja, passa-se a olhar para aquilo que a pessoa com Autismo traz de enriquecimento para as famílias (ou cuidadores) e, conseqüentemente, não somente a elas, mas a sociedade em

---

<sup>4</sup> GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 29.

geral. O propósito deste último tópico parte da compreensão que no aconselhamento todos aqueles que estão envolvidos, de alguma forma, têm algo para contribuir, mas também são impactados com as situações com as quais se deparam, isto é, todos acabam dando, mas também recebendo. É uma via de mão dupla.

No terceiro capítulo, a pesquisa focará a Teologia da Cruz. O capítulo se inicia destacando o sofrimento humano e, na sequência, trabalhará com uma ênfase bem maior, a Teologia da Cruz. Pressupõe-se que a Teologia da Cruz pode ser uma boa base vinda da Teologia para dar um suporte para o Aconselhamento Pastoral desempenhar a sua função no auxílio a famílias de pessoas com Autismo. O propósito deste capítulo é verificar os elementos que a Teologia da Cruz tem que, pode fornecer subsídios para auxiliar famílias que estão passando por sofrimentos, tendo em mente o Autismo e suas implicações para as famílias. Sendo assim, inicialmente será trabalhado o sofrimento humano, não de forma exaustiva, mas somente como elemento necessário para perceber a realidade da dor para, a partir daí, apontar o caminho da Teologia da Cruz. O primeiro ponto a ser abordando dentro da temática da Teologia da Cruz será justamente a cruz. Ela é parte integrante e fundamental para um entendimento mais amplo da chamada Teologia da Cruz. O cristianismo aponta para o caminho da cruz. O Senhor Jesus Cristo trilhou este caminho e, ali pôde triunfar vitoriosamente, ainda que tendo que passar por todo o sofrimento que passou. Ali trouxe, em primeiro lugar, salvação, mas também deixou um exemplo a ser trilhado, seguido e experimentado. Por isso, na sequência será destacado como Jesus é o centro desta teologia. Em seguida, Paulo é apontado como maior propagador da teologia da cruz. Chega-se então em Martinho Lutero e a Teologia da Cruz. O reformador – como também é conhecido -, por sua vez, conduziu a sua vida debaixo da Teologia da Cruz. Seus escritos e sua vida evidenciam isto. Haverá um aprofundamento maior na vida do reformador, especificamente neste aspecto relacionado ao tema proposto e pertinente à pesquisa. Adentra-se então naquilo que pode ser chamado de: “o enfoque central da Teologia da Cruz”. A Teologia da Cruz não se esgota nestes pontos que serão apresentados, mas, percebe-se que ela acaba girando sempre em torno deste centro e, a partir deles surgem as demais ramificações. Chega-se, então, nos conceitos que são considerados chaves desta teologia: Deus se revela na abscondicidade, o Deus oculto e a fé e a vida sob a cruz. Caminhando para o final do capítulo, será destacada a Teologia da Cruz em meio ao sofrimento humano, e a esperança que ela pode trazer para pessoas em sofrimento.

O quarto e último capítulo apresentará uma perspectiva da junção do Aconselhamento Pastoral e da Teologia da Cruz em prol do aconselhamento a famílias que têm filhos com

Autismo. Tomando por base os elementos centrais da Teologia da Cruz serão apontados alguns aspectos que podem contribuir para o aconselhamento trabalhar com estas famílias, visando a ajuda, o amparo, o fortalecimento e o auxílio a elas. O intuito deste capítulo é poder entrelaçar o Aconselhamento Pastoral à Teologia da Cruz, com o propósito de trazer auxílio a famílias. A tentativa será juntar neste capítulo os elementos do Aconselhamento Pastoral aos elementos principais da Teologia da Cruz, tendo em mente as dificuldades apontadas pelas constatações feitas com as famílias. O propósito é refletir naquilo que se pode trazer de contribuição e ajuda a famílias, tendo como subsídios os elementos destacados da Teologia da Cruz, por meio da instrumentalidade do Aconselhamento Pastoral. Este capítulo começara tratando da Teologia da Cruz como uma base para o Aconselhamento Pastoral. Logo em seguida será apresentada uma perspectiva de como o Aconselhamento Pastoral pode juntamente com a Teologia da Cruz, por meio dos subsídios que ela possui, oferecer ajuda para as famílias. Os tópicos para isto tratarão da: abscondicidade de Deus nos vales mais escuros; a vida pela fé; a vida sob a cruz, vida; a esperança que permanece; e por fim, a ressurreição. Na sequência será destacada a Teologia da Cruz e seus frutos: resiliência; felicidade; cura; a conformação com Cristo e, ver a Deus pela perspectiva da cruz.

Em geral os referenciais teóricos são bem variados, o que será notado na relação bibliográfica. Mas aqueles que mais sobressaem para a pesquisa são: 1. Com relação a Autismo, baseia-se principalmente no DSM-5 (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais) para as informações mais técnicas e científicas, e, autores que tratam do assunto de forma mais específica como Christian Gauderer, José Salomão Schwartzman e Andrew Solomon. Para mostrar o impacto que o TEA causa na família serão utilizados relatos bibliográficos de pais que têm filhos com Autismo; 2. Para o Aconselhamento Pastoral serão trabalhados autores como Howard Clinebell, Gary Collins e Henri Nouwen. Especificamente com relação ao Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo, será reportado a Marcelo Martins, que trabalha as “possibilidades para o Aconselhamento Pastoral junto às famílias de pessoas com Autismo”; 3. Tratando-se da Teologia da Cruz será trabalhado o aspecto bíblico-teológico, e depois autores que tem desenvolvido sobre este tema. Tomar-se-á por referência mais aprofundada textos de Martinho Lutero, Walther von Loewenich. Alister E. Mcgrath, Jürgen Moltmann, e John Stott. 4. Por último, a proposta é juntar e dialogar com essas três etapas, vislumbrando uma perspectiva para o Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo a partir da Teologia da Cruz.



## **2 O AUTISMO E SEU IMPACTO SOBRE FAMÍLIAS QUE TÊM FILHOS COM AUTISMO**

### **2.1 Considerações iniciais**

Tendo em vista o propósito e o desenvolvimento desta pesquisa, este primeiro capítulo está dividido em duas partes: Na primeira parte, Autismo: um mundo enigmático, serão trabalhados os seguintes tópicos: conceituação; o percurso do Autismo na história; a etiologia; estabelecendo o diagnóstico; e por fim os diversos tipos de tratamento. O alvo é buscar informações para um aprofundamento melhor quanto a este assunto. Na segunda parte, será trabalhado o impacto que o Autismo traz sobre as famílias que têm filhos dentro do TEA. Por meio de alguns relatos bibliográficos, será averiguado o impacto do Autismo na vida das famílias, e na sequência, serão feitas algumas constatações dos problemas e desafios que recaem sobre as famílias. O objetivo é se aprofundar na temática do Autismo, e nas suas implicações relacionadas a famílias. Através de relatos bibliográficos poderá se perceber a voz destas famílias, para, a partir deste ponto detectar o que isso causa na vida destes familiares ou cuidadores<sup>5</sup> que cuidam e convivem próximos às pessoas com Autismo.

O Autismo é um dos problemas atuais que têm mais levantado questionamentos e intrigado famílias, pesquisadores, médicos, educadores e o mundo de uma forma geral. Daí surge a necessidade de conhecê-lo melhor, e por intermédio das famílias constatar quais são as dificuldades, os desafios, os sofrimentos que ele causa tanto para a pessoa com Autismo, como para seus familiares.

---

<sup>5</sup> O intuito inicial e específico desta pesquisa é direcionado a famílias, pensando primeiramente nos pais, depois irmãos, e parentes mais próximos (sempre seguindo a ordem apresentada). Entretanto, cabe ressaltar que existem muitas situações que as crianças com Autismo, ou adolescentes, ou ainda adultos, não estão debaixo dos cuidados da família por diversas razões. Nesses casos, estende-se a eles tudo o que é direcionado para as famílias, os quais denominamos aqui de “cuidadores”. Estes podem ser desde um familiar não tão próximo que cuida da pessoa com Autismo, ou alguém que assumiu esta responsabilidade, ou ainda uma entidade que desempenha este papel. Sem dúvida, a família também desempenha esta função de cuidadora, mas estamos usando esta nomenclatura aqui para fazer esta separação a título simplesmente de facilitar a compreensão.

## 2.2 Autismo: um mundo enigmático

*Um Mundo Enigmático* é dessa forma que muitos estudiosos e pesquisadores descrevem, até o presente momento, o que é Autismo. Trata-se de uma síndrome intrigante, complexa e que carece de muitas respostas, desde a sua causa ao tipo de tratamento mais adequado. O Autismo é comparado a um grande quebra-cabeça<sup>6</sup>. Fazendo uso desta figura do quebra-cabeça, pretende-se, inicialmente, conhecer um pouco melhor cada uma das peças – aquelas que são possíveis - que fazem parte deste quadro. Adianta-se que, não se conseguirá a construção exata da figura em destaque (ainda que houvesse grande interesse e desejo que isto acontecesse), pois, Autismo tem inúmeras brechas abertas e sem respostas. Há muitas peças que não se encaixam. O objetivo então é apalpar aquilo que é possível das peças mais tangíveis do quebra-cabeça, e formar o que for concreto para tatear um pouco melhor sobre este assunto.

### 2.2.1 Conceituação

A palavra *Autismo* deriva da junção de dois radicais gregos: *autos* e *ismo*. No dicionário de Isidro Pereira, o pronome grego *autos* pode ser traduzido por, “mesmo, ele, ele mesmo, de si mesmo, por si mesmo, espontaneamente”<sup>7</sup>. Precedido de artigo, significa “o mesmo, a mesma, só, somente, justo exato, preciso”<sup>8</sup>. O sufixo *ismo* traz a ideia de situação<sup>9</sup>. Pode-se dizer então que, a formação da palavra com base na língua grega, *Autismo*, em si, quer dizer, “orientação para si mesmo, ou situação voltada para si mesmo”.

O dicionário da língua portuguesa Houaiss define Autismo como, “polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau, da relação com dados e as exigências do mundo circundante”<sup>10</sup>. O dicionário da língua portuguesa contemporânea define como “fenômeno patológico mental, caracterizado pela tendência para o alheamento da realidade exterior e uma constante

<sup>6</sup> Quebra-cabeça é um dos símbolos do Autismo por causa da sua complexidade. A cor símbolo do Autismo é azul por causa da incidência ser maior em meninos do que meninas (uma proporção de 1 menina para 4 meninos).

<sup>7</sup> PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 4. ed. Porto: 1969, p. 94.

<sup>8</sup> PEREIRA, 1969, p. 94.

<sup>9</sup> ZUGNO, Paulo Luiz. *Pequeno dicionário de radicais gregos*. Caxias do Sul: Educs, 1996, p. 82.

<sup>10</sup> HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1 ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 43.

introspecção”<sup>11</sup>. Aplicando estritamente o sentido da palavra na língua portuguesa, pode-se dizer que a pessoa com Autismo, é aquela pessoa que tem grande dificuldade de distinguir sua própria identidade e, de forma similar, a daqueles que estão ao seu redor. Dessa forma, sugere-se que a pessoa com Autismo, é o próprio indivíduo que está voltado para si mesmo, aparentemente não distinguindo a sua identidade e nem a das pessoas que convivem com ele.

Há vários autores que têm tentado conceituar de maneira mais clara o termo Autismo. Conforme Carlos Eduardo Steiner, Autismo é:

Uma deficiência incurável que afeta a maneira como a pessoa se comunica e relaciona com quem está à sua volta. As crianças com autismo têm dificuldades em se relacionar com os outros de forma significativa. A sua capacidade de desenvolver amizades geralmente é limitada, bem como sua capacidade de compreender as expressões emocionais de outras pessoas. Algumas crianças, mas não todas, também apresentam dificuldades de aprendizagem. Todas as crianças com autismo têm dificuldades com a interação social, comunicação social e imaginação. Estas dificuldades são conhecidas como a ‘tríade de dificuldades’.<sup>12</sup>

Segundo Adriana Yudit Chadarevian, o Autismo é um transtorno de desenvolvimento em que se produzem alterações de diferentes gravidades em áreas como a linguagem e a comunicação, e no campo da convivência social e na capacidade de imaginação<sup>13</sup>. Christian Gauderer avança e observa os sintomas do Autismo. Os sintomas são causados por disfunções físicas do cérebro, verificados pela anamnese ou presentes no exame ou entrevista com o indivíduo. Incluem:

1. Distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e linguísticas.
2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo.
3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar, presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias. Uso de palavras sem associação com o significado.
4. Relacionamento anormal com os objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriadas a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida.<sup>14</sup>

Autismo ocorre isoladamente ou em associação com outros distúrbios que afetam o funcionamento do cérebro, como: infecções viróticas, distúrbios metabólicos e epilepsia. Gauderer destaca também que, as formas mais graves dessa síndrome apresentam sintomas

<sup>11</sup> Instituto de Lexicologia e Lexicografia. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001, p. 37.

<sup>12</sup> STEINER, Carlos Eduardo. *Aspectos Genéticos e Neurológicos do Autismo*: Proposta de abordagem interdisciplinar na avaliação diagnóstica do Autismo e distúrbios correlatos. 1998. p. 14 (Dissertação) - Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

<sup>13</sup> CHADAREVIAN, Adriana Yudit. *Torrentes de Vida: uma forma diferente de ser padres*. Uruguay: Montevideu. Editorial ACUPS, 2009, p. 17.

<sup>14</sup> GAUDERER, Christian. *Autismo e outros atrasos do desenvolvimento - guia prático para Pais e Profissionais*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1997, p. 03.

como os de autodestruição, gestos repetitivos e, raramente, comportamento agressivo, que podem ser muito resistentes a mudanças, necessitando frequentemente de tratamento e técnicas de aprendizagem muito criativas e inovadoras.<sup>15</sup>

Para Ana Elizabeth Cavalcanti, nada mais difícil de conceituar que o Autismo. Enquanto a neurologia o descreve como uma síndrome, enfatizando o déficit da capacidade afetiva, da comunicação e da linguagem, insistindo em sua determinação puramente orgânica, a psiquiatria divide-se entre as tendências a considera-lo um distúrbio psicoafetivo ou uma doença geneticamente determinada<sup>16</sup>. Conforme Eliana Rodrigues Boralli Lopes, autismo é considerado uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e distúrbio de desenvolvimento, algumas vezes combinado com dificuldades de linguagem e alterações de comportamento. O autismo é caracterizado por um déficit na interação social que se demonstra através da dificuldade de relacionar-se com outras pessoas.<sup>17</sup>

A definição aceita pela National Society for Autistic Children e pela OMS é a seguinte:

Autismo é uma síndrome presente desde o nascimento e se manifesta invariavelmente antes dos 30 meses de idade. Caracteriza-se por respostas anormais a estímulos auditivos ou visuais, e por problemas graves quanto à compreensão da linguagem falada. A fala custa a aparecer, e, quando isto acontece, nota-se ecolalia, uso inadequado dos pronomes, estruturas gramaticais imaturas, inabilidade de usar termos abstratos. Há também, em geral, uma incapacidade na utilização social, tanto da linguagem verbal como da corpórea. Ocorrem problemas muito graves de relacionamento social antes dos cinco anos de idade, como incapacidade de desenvolver contato olho a olho, ligação social e jogos em grupo. O comportamento é usualmente ritualístico e pode incluir rotinas de vida anormais, resistência a mudanças, ligação a objetos estranhos, e um padrão de brincar estereotipado. A capacidade para pensamento abstrato-simbólico ou para jogos imaginativos fica diminuída. A capacidade para pensamento abstrato-simbólico ou para jogos imaginativos fica diminuída. A inteligência varia de muito subnormal, anormal ou acima. A performance é com frequência em tarefas que requerem memória simples ou habilidade visoespacial, comparando-se com aquelas que requerem capacidade simbólica ou linguística.<sup>18</sup>

O neuropediatra e escritor, José Salomão Schwartzman, amplia e aponta diversos aspectos para uma melhor compreensão do Autismo:

Até o momento, não há ainda um consenso sobre a terminologia empregada neste tipo de distúrbio. Alguns autores utilizam o termo *autista* apenas naqueles casos que se enquadram rigidamente no quadro, tal como descrito por Kanner (1943, 1968), e nos quais não se encontra qualquer evidência de condição clínica ou neurológica subjacente. Nossa posição, atualmente, é a de considerar o AI uma síndrome definida comportamentalmente, que pode apresentar graus bastante variáveis de

<sup>15</sup> GAUDERER, 1997, p. 03.

<sup>16</sup> CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. *Autismo: Construções e desconstruções*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 24.

<sup>17</sup> LOPES, Eliana Rodrigues Boralli. *Autismo: Trabalhando com a criança e com a família*. 2. ed. São Paulo: Edicon, 1997, p. 34.

<sup>18</sup> CAMPELO, Marilene Consiglio. *Autismo: Transtorno Invasivo do Desenvolvimento*. Instituto Indianópolis. Disponível em <http://www.indianopolis.com.br/artigos/autismo-transtorno-invasivo-desenvolvimento/>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

comprometimento e na qual se pode ou não demonstrar a presença de alguma condição neurológica.<sup>19</sup>

As crianças portadoras de AI podem apresentar outros sinais e sintomas decorrentes da disfunção neurológica de que são portadoras, tais como deficiência mental (em graus variáveis), distúrbios da atenção-concentração, crises convulsivas e prejuízos motores e/ou perceptuais. O AI é considerado uma condição não progressiva; isto, porém, não significa que os sinais e sintomas presentes sejam fixos e invariáveis. O quadro clínico apresentará variações em decorrência do processo de maturação do organismo e em resposta a inúmeros fatores de ordem ambiental. O prognóstico é, em cada caso particular, de difícil antecipação, em decorrência do número muito grande de variáveis que poderão modificar, de forma apreciável, o quadro de base. Aspecto que se deve enfatizar, desde logo, é o de que, apesar da variabilidade no que se refere à severidade do distúrbio autista presente e do prognóstico difícil de ser precisado, o indivíduo com AI, mesmo apresentando boa evolução e podendo chegar a ter uma vida independente e colocação profissional razoável, irá apresentar ao longo de toda a sua vida características mais ou menos marcantes e que representam a persistência de aspectos autísticos indelévels que fazem parte do seu comportamento.<sup>20</sup>

Claudio Roberto Baptista acentua que:

O autismo, na maioria dos casos, é uma condição que dura para toda a vida. Os indivíduos com esse transtorno dificilmente podem viver de forma independente; necessitam sempre da família ou dos cuidados em uma instituição. Alguns fatores indicam uma possibilidade melhor: são os casos em que a criança consegue falar até os cinco ou seis anos, apresenta um nível intelectual médio e uma boa resposta às intervenções educacionais. Infelizmente, apenas um terço das crianças autistas consegue ser adultos relativamente autossuficientes.<sup>21</sup>

### 2.2.2 O percurso do Autismo na história

Conforme Walter Camargos Junior, o termo *Autismo* apareceu pela primeira vez na literatura em 1906. Foi Plouller quem introduziu o adjetivo autista na literatura psiquiátrica, ao estudar pacientes que tinham diagnóstico de demência precoce (esquizofrenia)<sup>22</sup>. Entretanto, Paul Eugen Bleuler, psiquiatra suíço contemporâneo de Freud, em 1911, foi o primeiro a difundir o termo *Autismo*, definindo-o como perda de contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal<sup>23</sup>. Naquele momento havia uma definição mais geral daquilo que abrange a questão. E depois, o mesmo Bleuler, referiu-se

<sup>19</sup> SCHWARTZMAN, José Salomão. *Autismo Infantil*. Brasília: Corde, 1994, p. 15.

<sup>20</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 08.

<sup>21</sup> BAPTISTA, Claudio R.; BOSA, Cleonice & Colaboradores. *Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. p. 49.

<sup>22</sup> CAMARGOS Jr., Walter et. al. *Transtornos invasivos do desenvolvimento*. 3. ed. Brasília: Terceiro Milênio, Corde, 2005, p. 11.

<sup>23</sup> CAMARGOS, 2005, p. 11.

originalmente ao Autismo como transtorno básico da esquizofrenia, que consistia na limitação das relações pessoais e com o mundo externo, parecendo excluir tudo que parecia ser o “eu” da pessoa<sup>24</sup>. Segundo este autor,

Os esquizofrênicos mais graves, que deixam de ter qualquer contato com o mundo, vivem num mundo muito pessoal. “Fecharam-se em sua concha, com seus desejos e anseios (que consideram preenchidos) ou ocupam-se das provações e tribulações decorrentes de sua mania de perseguição; na medida do possível cortaram qualquer contato com o mundo externo. Denominamos autismo ao afastamento da realidade aliado ao *predomínio relativo ou absoluto de uma vida interior*”.<sup>25</sup>

Em 1943, Léo Kanner, austríaco naturalizado americano, psiquiatra infantil da John Hopkins University (E.U.A.), escreveu um trabalho com o título, “*Autistic Disturbance of Affective Contact*”<sup>26</sup>. Ele utilizou o adjetivo empregado por Plouller. Usou, pois, esta palavra para descrever a qualidade de relacionamento daquelas crianças. Seu trabalho se tornou extremamente relevante, pois ele diferenciou o Autismo de outras psicoses graves na infância. De acordo com Gauderer:

Em um período de dois anos, Kanner criou o substantivo e passou a falar em Autismo primário (aquele que ocorre desde o nascimento) e secundário (aquele que se manifesta após alguns anos). Durante algum tempo chegou-se inclusive a chamar essa entidade de síndrome de Kanner, em sua homenagem ressaltando-se sua seriedade, honestidade e, principalmente, flexibilidade. Ele considerou, a princípio, a causa dessa entidade como física, depois psicológica e, posteriormente, novamente física, sempre deixando bem claro que isto era resultado de teorias e que, como tal, pode mudar.<sup>27</sup>

De acordo com Raymond Rosenberg, Kanner descreveu o Autismo como, “um distúrbio autista inato do contato afetivo”, tendo como um aspecto relevante uma anormalidade social. Deu ênfase que este distúrbio se apresentava nos primeiros estágios do desenvolvimento<sup>28</sup>. Ao referir-se à solidão do autista, escreveu, “o transtorno principal, patognomônico, é a incapacidade que têm estas crianças, desde o começo de suas vidas, para se relacionar com as pessoas e situações”.<sup>29</sup> Marion Leboyer destaca que:

A primeira definição de autismo foi dada por Leo Kanner em 1943 no artigo intitulado “Distúrbios autísticos do contato afetivo” (*Autistic disturbances of affective contact*). São chamadas autistas as crianças que têm inaptidão para estabelecer relações normais com o outro; um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacidade de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam

<sup>24</sup> CAMARGOS, 2005, p. 11.

<sup>25</sup> BLEULER, Paul E. *L'invention de l'autisme. Analytica: Cahiers de Recherche du Champ Freudien*. Paris: Navarin, 1988, p. 25.

<sup>26</sup> KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact*. Disponível em: <https://simonsfoundation.s3.amazonaws.com/share/071207-leo-kanner-autistic-affective-contact.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2017.

<sup>27</sup> GAUDERER, 1997, p. 06

<sup>28</sup> ROSENBERG, Raymond. *A evolução do autismo no mundo e no Brasil*. In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Autismo, São Paulo, 2003.

<sup>29</sup> KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact*. Disponível em: <https://simonsfoundation.s3.amazonaws.com/share/071207-leo-kanner-autistic-affective-contact.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2017.

igualmente estereotípias gestuais, uma necessidade imperiosa de manter imutável seu ambiente material, ainda que deem provas de uma memória frequentemente notável. Contrastando com esse quadro, elas têm, a julgar por seu aspecto exterior, um rosto inteligente, e uma aparência física normal<sup>30</sup>.

A conclusão de Kanner foi: “assim, teremos que supor que estas crianças tenham vindo ao mundo com uma incapacidade inata para formar os laços normais, de origem biológica, de contato afetivo com as pessoas, do mesmo modo que outras crianças vêm ao mundo com outras deficiências inatas, físicas ou intelectuais”<sup>31</sup>. A partir daí houve diversas revisões do termo, baseadas nos resultados de numerosas investigações. O próprio Kanner revisou seu conceito várias vezes, mas sempre enquadrou o AI dentro do grupo de psicoses infantis. Mas, segundo alguns autores, além de uma síndrome, Kanner acabou criando um campo de controvérsias<sup>32</sup>.

Na história do Autismo, um dos pensamentos iniciais de Kanner era que o problema advinha de um relacionamento entre mãe e filho. Este pensamento ficou conhecido como “mãe-geladeira”, ou uma “relação gélida”. Apesar das descrições dos casos indicarem que ele manteve um bom contato com os pais dos seus pequenos pacientes, Kanner traçou para eles um perfil de “mães emocionalmente frias” e de “pais intelectuais” que investiam mais na observação do seu bebê do que no contato com ele. Segundo Kanner, essas ‘características’ dos pais vão permanecer por muito tempo como um traço a ser levado em conta para o diagnóstico do “Autismo infantil precoce”. Conforme Cavalcanti, por mais de trinta anos estabeleceram-se ligações entre essa patologia e “pais intelectuais”, tanto em neuropsiquiatria como em psicanálise<sup>33</sup>.

No entanto, este pensamento tem sido descartado pela grande maioria dos estudiosos e pesquisadores da área. Tratando desta questão, o neuropediatra Fernando Gustavo Stelzer e especialista na questão do Autismo, é muito contundente ao afirmar:

Cabe finalizar esta seção destacando que não se defendem mais ideias de que o autismo tenha qualquer origem psicogênica, como se acreditava no passado. Desta forma, as teorias psicogênicas, das “mães-geladeira” ou outras, que tinham por base a rejeição dos pais, especialmente da mãe, em relação à criança autista, não merecem qualquer menção como causa do autismo, por serem equivocadas e terem sido completamente abandonadas. Assim como estas hipóteses foram derrubadas, foi também o tratamento psicoterápico do autismo. Infelizmente, devem-se mencionar estas ideias neste texto, com a esperança que não se repita mais este triste capítulo da história do autismo.<sup>34</sup>

<sup>30</sup> LEBOYER, Marion. *Autismo Infantil: Fatos e Modelos*. Campinas: Editora Papirus, 1985, p. 09.

<sup>31</sup> KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact*. Disponível em: <https://simonsfoundation.s3.amazonaws.com/share/071207-leo-kanner-autistic-affective-contact.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2017.

<sup>32</sup> CAVALCANTI, 2007, p. 24.

<sup>33</sup> CAVALCANTI, 2007, p. 48.

<sup>34</sup> STELZER, Fernando Gustavo. *Aspectos neurobiológicos do autismo*. São Leopoldo: Editora Oikos, Vol. 2, Cadernos Pandorgas, 2010, p. 25.

Da mesma forma Éric Laurent – psicanalista – afirma que, “fazemos parte de uma geração de psicanalistas que já se livrou há um bom tempo da absurda hipótese de que o autismo seria culpa dos pais, especialmente das mães”<sup>35</sup>. Williams enfatiza que:

“Podemos ter razoáveis certezas”, diz Bartak, “que a origem dessa síndrome não deve ser atribuída ao mal comportamento dos pais, mas seguramente a uma anomalia do desenvolvimento cerebral ocorrida antes do nascimento ou na primeira infância, decorrentes de diversas razões. Os autistas não são necessariamente deficientes mentais e são relativamente aptos a executar algumas tarefas”.<sup>36</sup>

Schwartzman lembra que, graças a esta hipótese psicogênica, os pais de crianças autistas passaram a carregar a culpa pelo quadro da criança, e toda uma série de tratamentos foi e continua sendo utilizada partindo-se desta hipótese etiológica que nunca chegou a ser claramente demonstrada<sup>37</sup>. Conforme este autor isto não significa que, em algumas famílias em que encontramos crianças com Autismo, não existam profundas alterações da dinâmica interpessoal; mas o que é de difícil aceitação é que problemas ambientais, exceção feita a situações extremas e raras, possam por si só levar uma criança a se tornar autista. Segundo ele, nas últimas décadas, esta visão tem sido rechaçada por grande parte dos autores que estudam o Autismo. Porém, ainda assistimos entre nós profissionais que a defendem de forma muito enfática<sup>38</sup>. Para Schwartzman o AI, por muito tempo considerado como uma alteração causada por fatores psicodinâmicos, é aceito atualmente, pela maioria dos autores, como tendo determinantes biológicos (Rapin, 1991; Folstein & Piven, 1991)<sup>39</sup>.

Com o progresso das pesquisas, gradativamente os conceitos foram se aperfeiçoando. Chegando em 1967, baseados na escola inglesa, O’Gorman<sup>40</sup> organizou determinados critérios para um possível diagnóstico caracterizado por:

Dificuldades em relacionar-se com as pessoas; complicado retardo mental; dificuldades no desenvolvimento da linguagem ou na manutenção da fala já aprendida; respostas diferenciadas a sons; maneirismos (exagero) ou distúrbios do movimento; grande resistência psicológica a mudanças.<sup>41</sup>

<sup>35</sup> LAURENT, Éric. *A batalha do autismo: Da clínica à política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2014, p. 18.

<sup>36</sup> WILLIAMS, D. *Si on me touche, je n'existe plus*. Paris: Robert Laffont, 1992, p. 13-17. In: CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. *Autismo: Construções e desconstruções*. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 57.

<sup>37</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 25.

<sup>38</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 25.

<sup>39</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 07.

<sup>40</sup> ASSUNÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista. *Conceito e classificação das síndromes autísticas*. In: SCHWARTZMAN, José Salomão. *Autismo Infantil*. São Paulo: Memnon, 1994, p. 06.

<sup>41</sup> BIHR, Cleide. *A educação especial e o autismo infantil: um estudo de caso a partir de uma abordagem etnográfica*. São Leopoldo: 2003, p. 07, (Trabalho 490) – Escola Superior de Teologia.



Glancy, Dougall e Rendle-Short, no ano de 1969, com referências na escola de Creack, formularam outros critérios para um possível diagnóstico:

Tem dificuldade em permanecer em grupo; age de maneira diferente como se fosse surda; não demonstra sentir medo frente a situações de grande perigo; mostra o que deseja através de gestos; ri por nenhum motivo aparente; não demonstra afeto por outras pessoas; apresenta hiperatividade física; evita o olho no olho; não cansa de girar ou rodar objetos; demonstra grande interesse por objetos especiais e tem comportamento indiferente<sup>42</sup>.

Em 1977, a definição resumida de Autismo da “Board of Directors of the National Society Autistic Children”, também denominada de ASA, dos USA, foi a seguinte:

O autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave, por toda a vida. É incapacitante, e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de 20 entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino. É encontrada em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu provar até agora qualquer causa psicológica no meio ambiente dessas crianças que possa causar autismo.<sup>43</sup>

Ian Hacking, afirma que “o autismo estava associado à esquizofrenia infantil. Esses dois conceitos se separaram em 1979”<sup>44</sup>. Conforme Rosenberg, desde que foi batizado por Leo Kanner e definido como um quadro grave que atinge a criança até dois anos de vida, o Autismo instiga e mobiliza um inusitado interesse<sup>45</sup>. Para o mesmo autor o Autismo, recém- inventado, no início da década de cinquenta tornou-se objeto de investigação de diversas disciplinas (psicanálise, psiquiatria, neurociências, educação, psicologia) e até 1978 já haviam sido publicados 75 livros e 1.281 artigos sobre o assunto<sup>46</sup>.

Em 1980, o Autismo foi considerado uma entidade clínica diferente e inserido na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – III), quando foi revisado em 1987. Posteriormente, o DSM-IV-TR<sup>47</sup>, publicado em 1994, enquadrou o Autismo na categoria de “Transtornos Globais do Desenvolvimento”, que se caracterizam por um comprometimento grave e global em diversas áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca; habilidades de comunicação ou presença de estereotípias de

<sup>42</sup> ASSUNPÇÃO JUNIOR, 1995, p. 06.

<sup>43</sup> GAUDERER, 1997, p. 22.

<sup>44</sup> LAURENT, 2014, P. 27.

<sup>45</sup> ROSENBERG, Raymond. *Autismo: histórico e conceito atual*. Temas sobre desenvolvimento, 1(1), 1991, p. 04. In: CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. *Autismo: Construções e desconstruções*. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 27.

<sup>46</sup> ROSENGERG, 2007, p. 27.

<sup>47</sup> DSM-IV-TR, sigla que quer dizer: “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais”.

comportamento, interesses e atividades.<sup>48</sup> Conforme o DSM-IV-TR, o Transtorno Autista é assim caracterizado:

As características essenciais do Transtorno Autista consistem na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível do desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo. O Transtorno Autista é chamado, ocasionalmente, de autismo infantil precoce, autismo da infância ou autismo de Kanner.<sup>49</sup>

Avançando na história, chegamos aos anos mais recentes. Em 2014, o DMS-5, o mais atual, Autismo é agora enquadrado dentro do chamado “Transtorno do Espectro Autista (ou do Autismo) ” -TEA-, que por sua vez faz parte dos chamados “Transtornos do Neurodesenvolvimento”. É descrito da seguinte forma pelo DMS-5:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Considerando que os sintomas mudam com o desenvolvimento, podendo ser mascarados por mecanismos compensatórios, os critérios diagnósticos podem ser preenchidos com base em informações retrospectivas, embora a apresentação atual deva causar prejuízo significativo.<sup>50</sup>

Segundo o mesmo manual, o Transtorno do Espectro Autista somente é diagnosticado quando os déficits característicos de comunicação social são acompanhados por comportamentos excessivamente repetitivos, interesses restritos e insistência nas mesmas coisas.<sup>51</sup>

### 2.2.3 Etiologia

Andrew Solomon, escritor, doutor em psicologia, em seu livro, *Longe da Árvore*, relata que o diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental (INSM), Thomas Insel, disse: “São

<sup>48</sup> DSM-IV-TR. *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 98.

<sup>49</sup> DSM-IV-TR, 2002, p. 99.

<sup>50</sup> DSM-5. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014 [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento...et al.], p. 31.

<sup>51</sup> DSM-5, 2014, p. 31.

necessários 5 mil genes para criar um cérebro normal, e, conceitualmente, qualquer um deles pode dar errado e causar autismo”.<sup>52</sup>

Autismo ainda continua representando um desafio para estudiosos e pesquisadores; não há consenso sobre quais seriam suas causas. Existem diferentes hipóteses acerca de sua origem. Contudo, conforme Maryse Suplino, a maioria dos pesquisadores aponta para indícios no campo biofísico, sugerindo que, provavelmente, o Autismo tem origem orgânica. Todavia, não se têm ainda estudos conclusivos e as causas do Autismo continuam desconhecidas.<sup>53</sup> Para Drauzio Varella, “a tendência atual é admitir a existência de múltiplas causas para o Autismo, entre elas, fatores genéticos, biológicos e ambientais. No entanto, saber como o cérebro dessas pessoas funciona ainda é um mistério para a ciência”<sup>54</sup>. Segundo a perspectiva de Gilberg, pode se considerar que o Autismo é uma síndrome comportamental com múltiplas etiologias e com um distúrbio de desenvolvimento, caracterizado por um déficit na interação social, com perturbações de linguagem e alterações de comportamento<sup>55</sup>.

Ao tratar da questão etiologia entra-se num emaranhado de complexidades, controvérsias e incompletudes, como já se percebe até este ponto. Isto porque dentro dos atuais conceitos, há um vasto e variado leque de doenças e/ou deficiências com diferentes quadros clínicos tendo como fator comum o TEA. Existem várias teorias para explicar as perturbações do Autismo. Não é possível fazer aqui um estudo exaustivo de cada uma delas, então tomaremos por base as mais correntes, pesquisadas, abordadas e veiculadas conforme constatado pela nossa pesquisa.

Segundo Carla E. Marques, de um lado encontram-se as teorias comportamentais que “tentam explicar os sintomas característicos desta perturbação com base nos mecanismos psicológicos e cognitivos subjacentes [...], por outro lado estão as teorias neurológicas e fisiológicas que [...] tentam fornecer informação acerca de uma possível base neurológica [...]”<sup>56</sup>. O objetivo primordial destas teorias é que se encontre um elo que permita um

---

<sup>52</sup> SOLOMON, Andrew. *Longe da árvore: Pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2013, p. 299.

<sup>53</sup> SUPLINO, Maryse. *Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; São Paulo: AMA, 2007, p. 19.

<sup>54</sup> VARELLA, Drauzio. *TEA – Transtorno do Espectro Autista II*. 2014, disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/crianca-2/tea-transtorno-do-espectro-autista-ii/>>. Acesso em 18 de maio de 2016.

<sup>55</sup> GILBERG, C; et al. *Under age 3 Years: A Clinical Study of 28 cases Referred for Autistic Symptoms in Infancy*. *Jornal of Child Psychology and Psychiatry*. 31, 1990, 99-119.

<sup>56</sup> MARQUES, Carla E. *Perturbações do Espectro do Autismo. Ensaio de uma Intervenção Construtivista e Desenvolvimentista com Mães*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000, p. 53,54.

alargamento na definição etiológica da mesma. Na sequência serão destacadas as teorias mais correntes e abordadas:

### 2.2.3.1 Teoria Psicogenética

Leo Kanner, já mencionado anteriormente, considerou o Autismo como uma perturbação do desenvolvimento constitucionalmente determinada colocando a hipotética presença de uma componente genética. Ele defendia que, “devemos assumir que estas crianças nascem com uma incapacidade inata para proceder, de forma biologicamente correta, ao contato afetivo com os outros; tal como outras crianças nascem com outro tipo de incapacidades físicas ou mentais”<sup>57</sup>. Mais tarde Kanner passou a defender que as perturbações apresentadas pelas crianças poderiam ser desencadeadas por uma frieza emocional ou por uma rigidez dos pais. Assim a sua causa não era devido a fatores biológicos, mas sim a fatores ambientais relacionados diretamente com a criança. No que se refere à família também estas “suportaram” durante décadas, o estigma da culpa, o peso da indiferença pela deficiência do seu filho, traduzidos em ressentimentos, baixa autoestima, falta de confiança e comportamentos defensivos nestas questões, devido ao facto de se sentirem os responsáveis por uma “doença” tão grave e devastadora. Daí surgiu as expressões “mãe geladeira”, “mãe frigorífico”, “mãe gélida”. Esta teoria teve um impacto negativo nas famílias. Estas teorias predominaram até meados da década de sessenta. A partir desta altura começaram a debruçar-se sobre os défices cognitivos.

### 2.2.3.2 Teoria Biológica

Estudos realizados têm revelado uma etiologia orgânica e tem-se defendido a ideia de que o Autismo ocorre em associação com uma grande variedade de distúrbios biológicos (paralisia cerebral, encefalopatia, rubéola pré-natal, meningite ou vários tipos de epilepsia).<sup>58</sup> Os indícios apontam para uma origem neurológica de base, resulta de uma perturbação de áreas

---

<sup>57</sup> MARQUES, 2000, p. 54.

<sup>58</sup> MARQUES, 2000, p. 55.

específicas do sistema nervoso central, que afetam a linguagem, o desenvolvimento cognitivo intelectual e a capacidade de se relacionar com os outros. Entre as teorias biológicas destacam-se:

a) Estudo Genético

Atualmente, as investigações na área da genética e avanços científicos, bem como os progressos efetuados no estudo da cadeia de ADN, a descodificação do Genoma humano, constituem uma das mais importantes descobertas da história da humanidade. O autismo aparece, por vezes, associado com doenças cuja variabilidade cromossômica está presente, nomeadamente a síndrome de Down, síndrome do X frágil, entre outras.<sup>59</sup> No entanto, ainda não há certezas quanto aos padrões de ocorrência e a severidade das dificuldades de aprendizagem do mesmo. O trabalho realizado nesta área é longo e os esforços referentes à procura de explicações são incessantes, mas de acordo com Marques, “[...] podemos concluir que apesar de ter vindo a ser detectada uma grande variedade de anomalias genéticas em indivíduos com perturbações do espectro do autismo, a forma de como essa anomalia afeta o desenvolvimento cerebral ainda não é conhecida”<sup>60</sup>.

b) Estudos Neurológicos

Os avanços técnico-científicos na área neurológica permitiram um avanço significativo no estudo e compreensão do autismo. As novas tecnologias permitem um estudo profundo da imagem cerebral, que permitem localizar as áreas afetadas ou lesionadas. Atualmente, acredita-se que existe um defeito cognitivo no sistema nervoso central, com efeitos imediatos e permanentes nos aspectos sócio emocionais do comportamento, podendo afetar também a área sensorio-motora e linguística. Tal como refere Marques, “não é surpreendente que as áreas que apresentam anomalias a nível cerebral, em pessoas com autismo, sejam aquelas que envolvem o comportamento emocional e a comunicação, assim como o controle da atenção, orientação perceptual e ação”<sup>61</sup>.

c) Estudos Neuroquímicos

Os estudos realizados nesta área não têm sido conclusivos. As investigações bioquímicas sobre o Autismo baseiam-se no papel dos neurotransmissores enquanto

---

<sup>59</sup> MARQUES, 2000, p. 63.

<sup>60</sup> MARQUES, 2000, p. 63.

<sup>61</sup> MARQUES, 2000, p. 65.

mediadores bioquímicos. Quanto ao seu excesso ou déficit, ao nível da serotonina, e da relação com o Autismo.

#### d) Estudos Imunológicos

Os estudos realizados têm demonstrado que a sintomatologia autista pode resultar de uma infecção viral intrauterina, à infecção pós-natal por herpes e ainda a infecção congénita com citomegalovirus esteja relacionada com a síndrome.<sup>62</sup> É feita também referência a perturbações metabólicas e uma possível relação entre o autismo e a fenilcetonúria (oligofrenia fenil-perúvica), Steffenburg & Gillberg (1989), bem como anomalias no metabolismo da purina e ácidos láctica, associados a esta perturbação Coleman & Blass (1985)<sup>63</sup>.

#### e) Factores Pré, Peri e Pós-Natais

Dos estudos realizados, referem que alguns fatores desfavoráveis poderão estar associados ao Autismo apesar de não haver uma patologia definida. São eles: hemorragias; uso de medicação; alterações do líquido amniótico e gravidez tardia.<sup>64</sup>

### 2.2.3.3 Teoria Psicológica

Diversos estudos (neurológicos; bioquímicos; imunológicos e outros) revelam que as crianças autistas apresentam défices cognitivos, a partir dos estados precoces do desenvolvimento. Entre os investigadores, Hermelin e O' Connor (1970), citados por Marques (2000), os autistas revelam uma incapacidade de avaliar a ordem e a estrutura para reutilizar a informação.<sup>65</sup> Além de que os autistas não reconhecem dados novos, caso estes não sejam apresentados tal como na primeira vez, na medida em que, como não possuem uma “representação mental anterior”, apresentam uma dificuldade generalizada na aprendizagem.

Em meados da década de 80 surgiu uma nova teoria psicológica explicativa do autismo: a Teoria da Mente, da autoria de Frith e Baron Gohen. Esta teoria considera que a principal dificuldade da criança autista é a incapacidade de compreender estados mentais de outras

---

<sup>62</sup> MARQUES, 2000, p. 65.

<sup>63</sup> MARQUES, 2000, p. 65.

<sup>64</sup> MARQUES, 2000, p. 65.

<sup>65</sup> MARQUES, 2000, p. 72.

peças e prever o comportamento das mesmas perante tais indícios; tal como a falha no mecanismo mental de “metacognitivo” que coordena o “pensar acerca do pensamento”<sup>66</sup>.

#### 2.2.3.4 Teoria Afetiva

Inicialmente, Kanner considerou que as crianças autistas possuíam uma inaptidão natural para se relacionarem emocionalmente com os outros. Esta falha no sistema afetivo conduziria à incapacidade de reconhecer os estados mentais dos outros, em se abstrair e simbolizar. Tudo isto se refletiria na estruturação do seu mundo e na relação que estabeleceria com os outros. Esta teoria insere-se neste contexto<sup>67</sup>.

#### 2.2.3.5 Teoria Cognitiva

Em 1976, Ritvo foi um dos precursores em considerar a síndrome autista como uma perturbação do desenvolvimento provocada por uma patologia do sistema nervoso central, salientando a importância dos défices cognitivos do autismo. Tal como refere Maria F. Borges, “independentemente destes conhecimentos, não menos importante é que seja feita uma intervenção precoce, de modo a permitir um prognóstico mais avalizado e não apenas uma suspeita da presença de qualquer condição associada”<sup>68</sup>. De acordo com Marques esta ideia é igualmente fortalecida, pois só através da prevenção se poderá intervir eficazmente.

#### 2.2.4 Diagnóstico

Houve um grande avanço em relação ao diagnóstico. Quanto mais cedo acontecer o diagnóstico, mais rápido se poderá entrar com tratamentos que podem ajudar no

---

<sup>66</sup> MARQUES, 2000, p. 72.

<sup>67</sup> DSM-5, 2014, p. 56,57.

<sup>68</sup> BORGES, Maria de F. *Autismo - Um silêncio ruidoso. Perspectiva empírica sobre o autismo no sistema regular do ensino*. Almada: Biblioteca digital, 2000, p. 26, (Tese) – Escola Superior de Educação Jean Piaget, Portugal.

desenvolvimento das crianças dentro do TEA. Esta é a recomendação e o empenho de bons profissionais da área. Como não há exames clínicos específicos para dar diagnóstico de Autismo, existe um sistema de avaliação, normalmente feita por uma equipe multidisciplinar ou um profissional especialista da área, que segue determinados protocolos e faz uma avaliação por meio de perguntas e observação sobre a criança. Os exames clínicos que são feitos geralmente são para descartar outras hipóteses ou perceber se não há comorbidade. (**VER ANEXO I** – Modelo completo para uma avaliação de diagnóstico de Autismo).

As características essenciais do Transtorno do Espectro Autista são: prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D).<sup>69</sup> Os prejuízos na comunicação e na interação social especificados no Critério A são pervasivos e sustentados. Os diagnósticos são mais válidos e confiáveis quando baseados em múltiplas fontes de informação, incluindo observações do clínico, história do cuidador e, quando possível, autorrelato. Déficits verbais e não verbais na comunicação social têm manifestações variadas, dependendo da idade, do nível intelectual e da capacidade linguística do indivíduo, bem como de outros fatores, como história de tratamento e apoio atual. Muitos indivíduos têm déficits de linguagem, as quais variam de ausência total da fala, passando por atrasos na linguagem, compreensão reduzida da fala, fala em eco até linguagem explicitamente literal ou afetada. Mesmo quando habilidades linguísticas formais (p. ex. vocabulário, gramática) estão intactas, o uso da linguagem para comunicação social recíproca está prejudicado no transtorno do espectro autista.<sup>70</sup>

Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro. No DSM-5, o transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de Autismo infantil precoce, Autismo infantil, Autismo de Kanner, Autismo de alto funcionamento, Autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger.<sup>71</sup> (**VER ANEXO II**, sobre os critérios mais específicos e amplos para o diagnóstico).

---

<sup>69</sup> DSM-5, 2014, p. 50-53,56,57.

<sup>70</sup> DSM-5, 2014, p. 50-53,56,57.

<sup>71</sup> DSM-5, 2014, p. 50-53,56,57.



O tal espectro dos Autismos ampliou-se tanto que a quantidade de sujeitos supostamente afetados multiplicou-se por dez em apenas vinte anos, até atingir a frequência de 1 criança em cada 100. Se incluirmos nesse espectro aqueles ditos “não especificados”, esse número cresce ainda mais. Em dez anos, o número de crianças que entraram em categorias psicopatológicas aumentou 35 vezes! Mas é no campo do Autismo que o ritmo é mais intenso. A OMS afirma que hoje trata-se de 1 criança a cada 160. Alguns outros órgãos chegam a colocar a porcentagem para 1 a cada 80 crianças. A dificuldade de precisão se estabelece por causa de diversos fatores, como por exemplo: quem se enquadra dentro deste espectro.

Conforme o DSM-5, os primeiros sintomas do transtorno do espectro autista frequentemente envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns (p. ex. puxar as pessoas pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para elas); padrões estranhos de brincadeiras (p. ex. carregar brinquedos, mas nunca brincar com eles), e padrões incomuns de comunicação (p. ex. conhecer o alfabeto, mas não responder o próprio nome). Um diagnóstico de surdez é geralmente considerado, mas costuma ser descartado. Durante o segundo ano, comportamentos estranhos e repetitivos e ausência de brincadeiras típicas tornam-se mais evidentes. Uma vez que muitas crianças pequenas com desenvolvimento normal têm fortes preferências e gostam de repetição (p. ex., ingerir os mesmos alimentos, assistir muitas vezes ao mesmo filme), em pré-escolares pode ser difícil distinguir padrões restritos e repetitivos de comportamentos diagnósticos do transtorno do espectro autista. A distinção clínica baseia-se no tipo, na frequência e na intensidade do comportamento (p. ex., uma criança que diariamente alinha os objetos durante horas e sofre bastante quando alguns deles é movimentado)<sup>72</sup>.

Schwartzman destaca que:

Bastante comum encontrarmos, entre crianças autistas, movimentos repetitivos tais como flapping das mãos (movimentos de bater as asas); balanceio do corpo; girar em torno do seu eixo; ficar olhando para as mãos enquanto se movimentando; movimentos estereotipados dos dedos; hábito de morder as mãos ou de ficar puxando os cabelos. Estas crianças tentam impor rotinas a todas as atividades de vida diária e reagem, de forma muito veemente, a alterações (por vezes sutis) no ambiente. Uma simples alteração num percurso habitual, uma modificação na forma como os móveis são arranjados ou a modificação da disposição de alguns brinquedos podem desencadear uma reação intensa, aparentemente imotivada. Sua forma de brincar demonstra falta de criatividade, e utilizam-se dos brinquedos de forma peculiar e, às vezes, bizarra. É bastante frequente que explorem os objetos e brinquedos cheirando-os, levando-os à boca etc. Podem entreter-se durante horas seguidas passando a mão sobre uma

---

<sup>72</sup> DSM-5, 2014, p. 58.

superfície qualquer ou repetindo a mesma tarefa, como montar um mesmo quebra-cabeças, ouvir uma mesma música ou assistir um mesmo filme.<sup>73</sup>

O Autismo foi objeto de hipóteses formuladas por psicanalistas, educadores, biólogos, geneticistas e cognitivistas. Permanece, no entanto, como um mistério quanto a sua origem e evolução. Para Marie Dominique Amy, é sem dúvida difícil determinar se a oposição ao mundo que essas crianças manifestam é ativa e voluntária, se lhes é imposta por deficiências biogénéticas cujas origens ignoramos ou se “o inato e o adquirido” se articulam entre si para criar desordem e anarquia no universo interno dessas crianças.<sup>74</sup>

### 2.2.5 Tratamentos

Por tratar-se de uma síndrome – conjunto de sintomas que caracterizam uma doença -, e, também, por não haver ainda um consenso em termos de pesquisas e comprovações teóricas, conseqüentemente, as formas de tratamento que se encontram hoje em dia são diversas. Isto torna angustiante esse caminho a ser percorrido pela família que tem um filho dentro do TEA. É diferente, por exemplo, quando uma família está diante de uma situação de enfermidade, ou mesmo uma deficiência que é possível detectar com precisão o problema e, a partir daí saber o que precisa ser feito para que aquela doença seja combatida, ou a deficiência ser trabalhada. Não é assim com Autismo. Há divergências de opiniões, tanto concernentes às causas do Autismo, ou seja, se é problema de ordem psicogenética, biológica, psicológica, afetiva, cognitiva e, conseqüentemente para os tipos de tratamento. Dependendo da abordagem de diagnóstico é que se procede com certos tipos de tratamentos. Bryna Siegel, psicóloga da Universidade da Califórnia em San Francisco, escreveu em *Helping Children with Autism Learn*, “o quadro do tratamento do Autismo é complicado pelo fato de haver muitas perspectivas diversas pelas quais encarar o tratamento: desenvolvimentista, comportamental, educacional, cognitiva e médica. Os profissionais dessas diferentes perspectivas em geral não entendem o vocabulário uns dos outros”.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 17.

<sup>74</sup> AMY, Marie Dominique. *Enfrentando o autismo: a criança autista, seus pais e sua relação terapêutica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 19.

<sup>75</sup> SOLOMON, 2013, p. 316.

O que existe para o Autismo, neste momento, são intervenções capazes de modificar determinados comportamentos e sintomas. Estas intervenções incluem desde o uso de medicamentos até modificações comportamentais e psicológicas.<sup>76</sup>

Segundo Schwartzman,

“No que se refere AI, uma vez que nossa compreensão sobre a patologia básica ainda é muito precária, em boa parte dos casos deveremos nos contentar com o tratamento sintomático. O que precisa ficar muito claro, desde o início, para o profissional envolvido com o paciente e para os familiares, é que, até o presente momento, não há possibilidades de cura para o quadro do AI. Se entendermos o termo cura no sentido usualmente utilizado, que frequentemente envolve a noção de uma volta à normalidade, fica clara a razão por que fazemos esta ressalva inicial”<sup>77</sup>.

Para Stelzer, atualmente, não se dispõe de um tratamento específico para o Autismo. Isto ocorre principalmente porque não há “um Autismo”, mas, sim, um conjunto de quadros diferentes, das causas mais diferentes, e não é possível elaborar um tratamento único para todos<sup>78</sup>. Conforme Schwartzman, o tratamento da criança e do adulto autista deve procurar não a sua normalização, mas sim a atenuação que seja possível dos prejuízos apresentados. Nossa preocupação deve ser no sentido de propiciar que aquele indivíduo, dentro de características que sabemos ser persistentes (embora mutáveis), possa usufruir da melhor qualidade de vida possível<sup>79</sup>. Cada paciente exige um tipo de acompanhamento específico e individualizado que exige a participação dos pais, dos familiares e de uma equipe profissional multidisciplinar visando à reabilitação global do paciente. O uso de medicamentos só é indicado quando surgem complicações e comorbidade<sup>80</sup>.

Sendo assim, o que será apresentado na sequência são alguns, dos diversos tipos de tratamentos, que visam, de alguma forma, amenizar os sintomas, combater a agitação, e principalmente, buscar que a pessoa com Autismo possa desenvolver ao máximo possível em todas as áreas – física, cognitiva, emocional, social - visando sempre uma independência para a sua própria vida. Não se trata de uma lista exaustiva, mas dos modelos mais buscados e aplicados, encontrados por esta pesquisa.

<sup>76</sup> STELZER, 2010, p. 29.

<sup>77</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 45.

<sup>78</sup> STELZER, 2010, p. 29.

<sup>79</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 45.

<sup>80</sup> VARELLA, Drauzio. *TEA – Transtorno do Espectro Autista II*. 2014, disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/crianca-2/tea-transtorno-do-espectro-autista-ii/>>. Acesso em 18 de maio de 2016.

### 2.2.5.1 Farmacológico

Conforme Laurent, na prática, os psiquiatras efetivamente receitam. Mas os psicotrópicos não tratam o Autismo como tal: visam a agitação, os problemas do sono, os transtornos de humor, etc. Nenhuma farmacopeia é oficialmente reconhecida.<sup>81</sup>

De acordo com Schwartzman, os distúrbios da atenção-concentração no paciente autista poderão responder às mesmas drogas que são utilizadas nas crianças com a síndrome do déficit de atenção com hiperatividade sem Autismo (metilfenidato, anfetaminas, antidepressivos tricíclicos, cafeína, etc), embora alguns possam apresentar uma piora comportamental com o seu uso<sup>82</sup>. Alguns exemplos de medicação utilizados em tratamento, mas sempre com orientação e acompanhamento médico: carbamazepina, haloperidol, tioridazina e clorpromazina, para sintomas epilépticos; fenfluramina; propanolol; naltrexone; naxolene; Vitamina B6/Magnésio; deanol; meleril; fenitoina; stelazine; haloperidol; benadril; diazepam; tiorazine; fenobarbital; metilfenidato; anfetamina<sup>83</sup>.

No entanto vale a pena ouvir o alerta de Schwartzman, “de qualquer forma, gostaria de deixar muito claro aos leitores que o tratamento medicamentoso não pode ser considerado como o aspecto central do atendimento da criança com AI, mas pode ser útil coadjuvante quando utilizado com moderação e oportunidade”<sup>84</sup>.

### 2.2.5.2 Terapêuticos – cognitivos comportamentais

#### a) Teacch

O TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children) é um dos programas mais utilizados no mundo e, aqui no Brasil por diversas entidades que trabalham com Autismo, como AMA, APAES e outras. Na década de 60, Eric Schopler e Robert Reicher, através de pesquisas realizadas na Universidade da Carolina do Norte desenvolveram um treinamento e programa clínico que se tornou conhecido como TEACCH. Esse programa com base teórica comportamental, desenvolveu a abordagem de intervenção

---

<sup>81</sup>LAURENT, 2014, p. 66.

<sup>82</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 46.

<sup>83</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 49.

<sup>84</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 49.

chamada “structured TEACCHing” (em português “ensino estruturado”, mais uma intervenção em ABA -Applied Behavior Analysis). O TEACCH inclui: 1. Suporte e organização externa para enfrentar os desafios com atenção e função executiva; 2. Uso de informação visual e escrita para complementar a comunicação verbal; 3. Suporte estruturado para a comunicação social.<sup>85</sup>

#### b) ABA

Khaty Lear diz que, análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis; abreviando: ABA) é um termo advindo do campo científico do Behaviorismo, que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem.<sup>86</sup> ABA é um termo “guarda-chuva”, descreve uma abordagem científica que pode ser usada para tratar muitas questões diferentes e cobrir muitos tipos diferentes de intervenções educação, especificamente educação especial para crianças com Autismo, é uma das aplicações desta ciência.<sup>87</sup> ABA é um programa que tanto pode ser usado em casa como em escola, ou clínicas. A sessão de ABA normalmente é individual, situação de um-para-um, e a maioria das intervenções precoces seguem uma agenda semanal. O programa é não aversivo – rejeita punições, concentrando-se na premiação do comportamento desejado. O currículo a ser efetivamente seguido depende de cada criança em particular, mas geralmente é amplo; cobrindo as habilidades acadêmicas, de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, motoras e de brincar. O intenso envolvimento da família no programa é uma grande contribuição para o seu sucesso.<sup>88</sup>

#### c) Pecs

Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (Picture Exchange Communication System) foi desenvolvido por Andrew S. Bondy, Ph.D., e Lori Frost, M.S.. PECS foi desenvolvido em 1985 como um sistema de intervenção alternativa de comunicação exclusivo

<sup>85</sup> Instituto Pensi. *Autismo e Terapia – O que é o TEACCH?* <http://autismo.institutopensi.org.br/noticias/autismo-e-terapia-o-que-e-o-teacch/>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

<sup>86</sup> LEAR, Kathy. *Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA*, Part I: Training Manual. Toronto, Ontario – Canadá: 2. ed., 2004, p. 10. Disponível em <http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

<sup>87</sup> LEAR, 2004, p. 11.

<sup>88</sup> LEAR, 2004, p. 11.

para indivíduos com transtorno do espectro do Autismo e doenças do desenvolvimento relacionadas.<sup>89</sup>

Usado pela primeira vez num programa em Delaware ‘Delaware Autistic Program’, PECS tem recebido reconhecimento mundial por focar no componente de iniciação de comunicação. PECS não requer materiais complexos ou caros.<sup>90</sup> Foi criado pensando em educadores, famílias e cuidadores, por isso é facilmente utilizado em uma variedade de situações. O protocolo de ensino PECS é baseado no livro de BF Skinner, “Comportamento Verbal”, de tal forma que operantes verbais funcionais são sistematicamente ensinados usando dicas e estratégias de reforço que levarão a uma comunicação independente. Dicas verbais não são usadas, construindo assim início imediato e evitando a dependência de dicas.<sup>91</sup>

#### d) Son-Rise

O Programa Son-Rise foi desenvolvido pelo casal Barry e Samahria Kaufman, que no início da década de 70, ouviram de diversos especialistas que o seu filho Raun, autista severo, não teria muitas chances de recuperação já que seu caso era grave e possuía um QI abaixo de 40. Dessa forma, de modo intuitivo e amoroso que o casal decidiu por conta própria, criar um programa específico para o desenvolvimento de seu filho.<sup>92</sup> Durante três anos e meio de trabalho intenso com Raun, o casal desenvolveu o Programa Son-Rise que hoje auxilia milhares de pais e educadores pelo mundo para trabalharem com crianças autistas.

O Programa utiliza uma abordagem denominada: interacionista, responsiva e motivacional. Os educadores e pais que participam deste Programa acreditam que por meio das brincadeiras realizadas com as crianças há o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais, sensório-motoras e cognitivas.<sup>93</sup>

---

<sup>89</sup> BONDY Andrew S.; FROSTH, Lori Frost. *O que é PECS?* <http://www.pecs-brazil.com/pecs.php>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

<sup>90</sup> BONDY, acesso em: 17 de agosto de 2017.

<sup>91</sup> BONDY, acesso em: 17 de agosto de 2017.

<sup>92</sup> Portal da Educação. *Programa Son-Rise: Você Conhece?* <https://portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/programa-son-rise-voce-conhece/40510>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

<sup>93</sup> Portal da Educação. *Programa Son-Rise: Você Conhece?* <https://portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/programa-son-rise-voce-conhece/40510>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

### 2.2.5.3. Psicológico

O papel do tratamento psicológico desenvolve, fundamentalmente, um trabalho de orientação sistemática à família da criança. Deverá, por outro lado, oferecer subsídios aos outros profissionais que eventualmente estejam em contato com o paciente, tais como fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, musicoterapeutas etc. Nos casos com comprometimento intelectual mais severo, técnicas de modificação do comportamento podem trazer resultados interessantes. Levando-se em conta as várias dificuldades presentes no que se refere à cognição, linguagem e interação interpessoal, bem como os resultados que têm sido observados até o momento, podemos afirmar que os tratamentos psicoterapêuticos baseados em técnicas verbais e interpretativas não têm indicação. Em alguns poucos casos em que o intelecto está preservado e as dificuldades de linguagem são limitadas, resultados favoráveis podem ser obtidos através destes últimos procedimentos terapêuticos.<sup>94</sup>

Conforme Schwartzman seria importante deixar claro, neste momento, que, embora a criança com Autismo apresente, na maioria dos casos, prejuízos múltiplos, a multiplicidade de tratamento deverá ser evitada, sempre que possível, uma vez que, uma criança apresenta problemas no estabelecimento de vínculos significativos e que seja submetida ao contato com vários profissionais diferentes dificilmente será beneficiada. Nestes casos, a conduta que temos sugerido é a de que a equipe formule prioridades a serem atendidas em função dos objetivos propostos em diferentes estágios do desenvolvimento.<sup>95</sup>

### 2.2.5.4 Tratamentos alternativos

Os chamados tratamentos alternativos também visam contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da pessoa com Autismo. Como o próprio nome diz, são alternativos. No entanto, algumas famílias relatam ter bastante êxito para seus filhos depois que passaram a fazer com seus filhos. Como cada pessoa é única e reage diferente a determinadas situações e tipos de intervenções, alguns tratamentos alternativos despertam grande interesse em alguns autistas, mas não acontece o mesmo com outros.

---

<sup>94</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 46.

<sup>95</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 46.

Como não é possível fazer uma relação aqui completa de todos os tipos de tratamentos alternativos (devido a finalidade desta pesquisa e, também os diversos tipos de tratamentos alternativos que estão surgindo a cada ano), serão mencionados somente alguns deles:

a) Dietas Alimentares

O tratamento que envolve dieta alimentar está associado a eliminação de alimentos que normalmente contém glúten, açúcar, leites e derivados e sojas. Algumas dietas ainda propõem a eliminação de mais itens. O intuito é melhorar o sistema gástrico do autista, pois, boa parte das crianças com Autismo tem problemas nesta área como alergias, fungos, bactérias. Dessa forma melhora-se o intestino e conseqüentemente auxilia no desenvolvimento em outras áreas da criança, especialmente do cérebro.

b) Ozonoterapia

Tratamento por meio da aplicação de ozônio, normalmente no intestino da pessoa, pois muitos autistas apresentam problemas com o intestino. Geralmente este tipo de tratamento também vem acompanhado do pensamento que o Autismo tem relação com a questão alimentar.

c) Quelação

Ministram-se compostos sintéticos (em geral por injeção intravenosa, mas às vezes intramusculares ou por via oral, para ligar metais, que então são expelidos no sangue, na urina ou no cabelo.

d) Outros

Outras intervenções físicas – pôr as crianças em câmaras hiperbáricas de oxigênio ou em tanques com golfinhos, dar-lhes algas verde-azuladas ou megadoses de vitaminas – em geral



não são nocivas nem úteis, embora ofereçam alguns perigos, sejam, sem dúvida, desorientadoras e custem muito dinheiro. Também há diversos tipos de tratamento envolvendo animais, como cães, cavalos, e outros animais. O tratamento por meio do trabalho em piscinas com água é outra alternativa que muitos também utilizam para estimular especialmente a parte motora da criança.

Em o Jardim das cerejeiras, Tchékhov afirma: “Quando se sugerem muitos remédios para um só mal, quer dizer que esse mal é incurável”.<sup>96</sup> Este é um cuidado que deve ser tomado pelas famílias. Solomon alerta que o Autismo convida a tratamentos que vão do otimismo à charlatanice.<sup>97</sup> A lista desses tratamentos de eficácia duvidosa é ainda mais longa do que a daqueles que ocasionam melhora, e os pais com fantasias de remissão total ficam à mercê dos visionários mais mirabolantes que mercadejam uma série de procedimentos bizarros como se fossem uma grande descoberta.<sup>98</sup>

### 2.3 O impacto do Autismo sobre as famílias

O nascimento de uma criança normalmente é cercado de grandes expectativas, não somente por parte dos pais, mas também dos familiares, amigos e pessoas mais próximas do círculo de relacionamentos estabelecidos. De fato, é um grande acontecimento, pois trata-se de uma nova vida adentrando ao mundo, na família, na sociedade, na vida. E isto, por si só, representa algo muito importante. Entretanto, depois do nascimento e dos primeiros meses de vida, a família que vive nesta expectativa tão desejada para a chegada da criança, quando se depara com o diagnóstico de Autismo sofre um impacto muito acentuado. Em todas as situações de deficiência (seja por nascimento ou adquirida) sempre haverá momentos bem críticos, porém, os primeiros momentos diante daquela realidade costumam ser os mais desnorteadores. No caso de Autismo, uma das grandes dificuldades é a morosidade para diagnosticar com precisão e o desconhecimento de como será o desenvolvimento da criança no futuro. Isto causa uma sensação enorme de impotência e incertezas quanto a várias situações. Algumas perguntas começam a borbulhar: Será que a criança irá falar? Ela vai conseguir ter uma vida normal? Terá progresso? Que tipo de tratamento é o melhor? O que causou o Autismo? Fizemos alguma coisa

---

<sup>96</sup> SOLOMON, 2013, p. 319.

<sup>97</sup> SOLOMON, 2013, p. 319.

<sup>98</sup> SOLOMON, 2013, p. 319.

errada? Como nossa família reagirá? Enfim, serão perguntas e mais perguntas... O impacto deste momento é algo muito forte. Isto não quer dizer que outros momentos também não serão dolorosos para estas famílias, pelo contrário, elas serão tremendamente arrefecidas com o desdobrar da situação.

As famílias começam a perceber não somente aquilo que traz dor para elas, mas também a própria mudança de atitude, em alguns casos, daqueles que estão ao seu redor. Solomon salienta que o nascimento de uma criança saudável costuma expandir a rede social dos pais; o nascimento de uma criança deficiente diminui essa rede<sup>99</sup>. O certo é que cada família, e dentro desta, cada membro é afetado pelo membro autista de maneira diferente. O impacto que produz o Autismo, além de variar nas famílias, e nos indivíduos que as formam, muda segundo a etapa em que se encontra cada um<sup>100</sup>.

Solomon apresenta um retrato bem visível de como é uma família que tem um filho com Autismo e do impacto que o Autismo traz:

Embora a vida de muita gente com autismo siga sendo um tanto inescrutável, em geral a vida das pessoas cujos filhos têm autismo é reconhecidamente dura: às vezes, horrivelmente dura. O preconceito social agrava a dificuldade, mas é ingenuidade propor que tudo seja preconceito social: nada é mais devastador do que ter um filho incapaz de exprimir amor de modo compreensível, um filho que passa que passa a noite inteira acordado, requer supervisão constante, grita e esperneia, mas não consegue comunicar o motivo ou a natureza do seu mal-estar: essas experiências desnorteiam, esmagam, exaurem e nada têm de gratificantes. Pode-se mitigar o problema com uma combinação de tratamento e aceitação, específica em cada caso. É importante não se deixar levar pelo impulso de só tratar ou pelo de só aceitar.<sup>101</sup>

Os pais de autistas geralmente ficam privados do sono. Com frequência empobrecem devido ao custo do tratamento. Vivem sobrecarregados com as necessidades incessantes dos filhos, que quase sempre requerem supervisão constante. Estão sujeitos a se divorciar e a se isolar. A passar horas sem fim lutando com os provedores de seguro-saúde e com a autoridade educacional que determina que serviços seus filhos vão receber. A perder o emprego por excesso de faltas para administrar crises; muito amiúde, têm péssimas relações com os vizinhos porque os filhos destroem as coisas ou são violentos. O estresse leva as pessoas a atos extremos; o estresse extremo leva-as para além do tabu social mais profundo: o abate do próprio filho. Alguns alegam ter matado o filho autista por amor, e há os que reconhecem ódio e raiva. Debra L. Whitson, que tentou assassinar o filho, explicou-se assim à polícia: “Esperei onze anos para ouvir meu filho dizer: ‘Eu te amo, mamãe’.” A paixão desnorteia, e a maioria desses pais age impelida por uma emoção tão poderosa que identificá-la como amor ou ódio é reduzi-la. Nem eles sabem o que sentem; só sabem o quanto o sentem.<sup>102</sup>

Para compreender mais do tema Autismo e seu impacto sobre as famílias, não basta somente beber na fonte teórica, faz-se necessário uma aproximação mais de perto, tanto da

<sup>99</sup> SOLOMON, 2013, p. 426.

<sup>100</sup> FERNANDES, Maria G. M. Almeida. *O estudo de uma família com uma criança autista*. Vila Real:2010, 144 f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal.

<sup>101</sup> SOLOMON, 2013, p. 343.

<sup>102</sup> SOLOMON, 2013, p. 347.

pessoa que tem Autismo, como da família ou cuidadores que cotidianamente vivenciam esta situação. Então, a pesquisa agora passa a relatar alguns casos verídicos registrados e relatados em bibliografias. São relatos de pais, familiares, cuidadores, ou seja, pessoas diretamente envolvidas na situação e que contribuíram muito ao escrever sobre a sua vivência e realidade. Dessa forma será possível perceber e conhecer nuances e detalhes que doutra forma não seria possível. Eis a razão de estarem aqui listados e mencionados. Esses relatos serão colocados numa ordem (1,2,3...), e em destaque estarão as falas mais pertinentes e reveladoras destas pessoas para o propósito que se destina.

### 2.3.1 Relatos bibliográficos de famílias com filhos com Autismo

Os relatos a seguir estão colocados numa ordem até o número seis. Serão falas extraídas de textos publicados, na maioria dos casos, em livros que relatam a experiência destas famílias. Devido a questão de recorte, estarão disponibilizadas somente as falas mais pertinentes e relativas ao trabalho desta pesquisa. Cabe destacar que serão feitos alguns apontamentos para aquilo que é relativo a este trabalho. Os relatos seguirão o seguinte padrão: inicialmente será feita a identificação da família (ou cuidadores), depois as falas destas pessoas. Estas falas serão sempre antecedidas por um destaque que sintetiza o momento que a pessoa ou família estava vivendo, por exemplo: crise, aceitação, luto, etc.

#### 2.3.1.1 Relato 1

A história de Ruben y Yudit. Eles são de nacionalidade Uruguaia. Quando ela escreveu o livro (2009) tinha 29 anos e seu esposo 33 anos. Tiveram o seu primeiro filho, Mauricio. Ele foi diagnosticado com Autismo.

*a) Negação*

“Sem perder tempo a Pediatra nos enviou a um Neuropediatra, o qual nos aconselhou um novo Psiquiatra Infantil. Finalmente foi ela que nos deu o diagnóstico definitivo: a criança tem síndrome autista – Meu filho autista? Não pode ser! (Tradução nossa)<sup>103</sup>

*b) Aceitação*

“Foi muito difícil aceitar esse diagnóstico tão duro. Por que se passava isso justamente conosco? Acaso havíamos sido maus pais? O que tínhamos feito de errado? Não encontrávamos respostas a tais perguntas. Mais angustiada se tornou aquela situação quando lembramos que durante anos tínhamos desejado ter um filho e não conseguíamos. ” (Tradução nossa)<sup>104</sup>

“Em outras palavras, Maurício foi um filho muito desejado. Havíamos sofrido bastante por não o ter, e agora que o tínhamos voltávamos a sofrer porque nosso filho não era “normal” como havíamos desejado. ” (Tradução nossa)<sup>105</sup>

*c) Desafios constantes e duradores*

“Assim começou um longo caminho: anos de tratamentos que nos demandaram muita dedicação e constância; devíamos levá-lo várias vezes na semana para que fosse atendido por diversos especialistas: fonoaudiólogo, psicomotricista, professor especialista, psicóloga, ...; e também um caminho de muitas dificuldades e frustrações para nós pais e também para ele como criança, embora ainda não soubéssemos quão consciente ele podia ser de suas próprias limitações. ” (Tradução nossa)<sup>106</sup>

“ É provável que nos sintamos diante do autista como ele se sente diante de nós; não podemos entender seu mundo na mesma medida que ele não entende o nosso. ” (Tradução nossa)<sup>107</sup>

*d) Crise e luto*

“ No meu caso, minhas primeiras reações diante do diagnóstico foram de ira, logo depois o desapontamento e finalmente uma profunda tristeza. Quando levava Maurício a seus tratamentos em outono, inverno e primavera recordo que tinha dias bonitos de sol, mas esses

---

<sup>103</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 10.

<sup>104</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 12.

<sup>105</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 12.

<sup>106</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 12.

<sup>107</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 20.

dias me pareciam cinzas. Não conseguia tirar da minha mente os pensamentos negativos acerca do problema de meu filho. Sentia que todas as expectativas que tinha como mãe para a educação do meu filho se haviam frustrado. Me parecia que nunca mais iria poder sorrir, nem me sentir feliz, nem satisfeita pelo resto de minha vida. ” (Tradução nossa)<sup>108</sup>

“A isso se somaram alguns problemas de saúde, que começaram a complicar minhas saídas com meu filho. Desejava poder ficar em minha casa para não ter que dar explicações a ninguém e não se envergonhar do que estava passando. ” (Tradução nossa)<sup>109</sup>

### 2.3.1.2 Relato 2

Betsy Burns e Jeff Hansen são de nacionalidade americana. Sua primeira filha, Cece, tem o diagnóstico de Autismo.

#### a) *Crise*

Na tenra infância, Cece foi anestesiada pela primeira vez para tratamento dentário. Betsy se perguntou se não seria mais fácil se ela morresse em consequência da anestesia. “Minha mãe disse: ‘A única coisa que você quer é livrá-la desse sofrimento’”, recordou. “Mas Cece geralmente não sofria. Eu, sim. Eu estava louca. Quando ela voltou da anestesia, olhei para aquela pele clara, o cabelo tão loiro e aquelas maçãs do rosto altas. E me dei conta, em algum nível, de que aquela ia ser uma relação nova. Porque ela estava aqui para ficar”.<sup>110</sup>

#### b) *Depressão*

Nos três anos que se seguiram à internação da filha, Jeff foi hospitalizado duas vezes devido a episódios maníacos mistos; Betsy foi internada três vezes por causa da depressão. “Talvez outra pessoa com constituição cerebral diferente aguentasse enfrentar tudo isso”, disse Jeff. “Mas nós dois fomos para a ala psiquiátrica”.<sup>111</sup>

#### c) *Desafios constantes e duradouros*

“As pessoas vivem dizendo: ‘Não sei como você aguenta!’, contou Betsy. “Acontece que eu não posso acordar e dizer: ‘Não vou mais me ocupar disso’.”<sup>112</sup>

<sup>108</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 28.

<sup>109</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 28.

<sup>110</sup> SOLOMON, 2013, p. 269.

<sup>111</sup> SOLOMON, 2013, p. 274.

<sup>112</sup> SOLOMON, 2013, p. 274.

#### d) *Questionamentos*

Uma noite ao chegar da escola, Molly perguntou: “Por que Deus não cura o Autismo de Cece, já que Ele pode tudo? ”. Jeff respondeu: “Talvez seja assim que Cece deve ser”. Molly declarou: “Ora, Deus é você e você, Deus é esta mesa, Deus é tudo”. E Betsy prosseguiu: “E Deus também é Cece”. Mais tarde, ela me disse: “Nos dias bons, percebo a luz divina nela e, nos dias ruins, peço a compreensão de Deus.”<sup>113</sup>

#### 2.3.1.3 Relato 3

Jenny e Garrett são de nacionalidade americana. Eles têm uma filha com Autismo.

##### a) *Crise e depressão*

Jenny tem ficado deprimida, sobrecarregada, mostrando até uma propensão suicida. “Mas não posso desistir da minha filha. Ela não pediu para nascer; não pediu para ter esse problema; é completamente vulnerável. Se eu não cuidar dela, quem cuidará?”<sup>114</sup>

##### b) *Medo e insegurança*

No início da gravidez, Jenny teve enjoos matinais insuportáveis e chegou a pensar em aborto. “Por mais difícil que seja reconhece-lo”, contou, “há ocasiões em que penso: ‘Não seria melhor para todo mundo?’ ” Ela descreveu uma viagem à França em que visitou o Musée de Préhistoire em Les Eyzies-de-Tayac. “Vi os ossos de uma mãe segurando um bebê. Foram enterrados nessa posição incomum, e parece que os arqueólogos ficaram confusos com isso, mas eu não fiquei. Pensei: ‘Seria tão bom se acontecesse alguma coisa, se Anna Livia e eu simplesmente desaparecêssemos assim’. Mas eu nunca lhe faria mal.”<sup>115</sup>

#### 2.3.1.4 Relato 4

Elisandra de Almeida, brasileira, mãe de um menino com Autismo. O título que ela deu para seu artigo, “Quando a ficha cai – Meu filho é autista”.

---

<sup>113</sup> SOLOMON, 2013, p. 274.

<sup>114</sup> SOLOMON, 2013, p. 281.

<sup>115</sup> SOLOMON, 2013, p. 281.

a) *Medo e questionamentos*

Primeiro veio a fase das perguntas: Porque? Porque eu? Porque meu filho? Porque comigo? Onde eu errei? A culpa é minha? Como será daqui para frente?<sup>116</sup>

b) *Crise e luto*

Até aí havia uma pontinha de esperança de que fosse só um pesadelo, ou que eu estivesse errada. Mas as evidências eram grandes e chegou um momento que eu vi que não tinha jeito, constatei a Síndrome mesmo sem um parecer médico. Então veio a fase do luto. Você me pergunta luto? Sim. Luto. A gente entende que aquele filho que idealizamos não existe, somos obrigados a enterrar aquele ideal de filho, nossos sonhos e expectativas.<sup>117</sup>

c) *Culpa*

Depois disso eu passei por uma fase de culpa, passei a me sentir mal por não ter entendido e compreendido antes, por não ter olhado pra ele como muitas vezes ele queria e precisava. Pensei muitas vezes em como ele sofreu por não ter sido compreendido. Para mim essa foi a pior fase, a que mais sofri.<sup>118</sup> Me lembro de um dia tê-lo abraçado bem forte e aos prantos pedir perdão a ele por várias vezes, por não ter entendido que muitas atitudes dele eram na verdade um pedido de ajuda, de socorro, que era a maneira que ele tinha de dizer que não estava bem e que precisava de mim. Me senti a pior mãe do mundo.<sup>119</sup>

d) *Aceitação*

“Receber o diagnóstico de Autismo para a maioria dos pais é desesperador, no meu caso foi um alívio. O mais importante e mais marcante não é quando se recebe o diagnóstico, é quando a ficha cai. É quando finalmente entendemos o que está acontecendo e o que precisa ser feito.<sup>120</sup>

Depois veio a fase da aceitação, aceitação de fato. Foi quando passei a olhar para ele e ver a criança maravilhosa que eu tinha. Foi quando entendi que ele precisava de mim, e que

---

<sup>116</sup> ALMEIDA, Elizandra. *Quando a ficha cai – meu filho é autista*. Postado na internet em 08 de setembro de 2015. <http://meuanjoezul.blogspot.com.br/2015/09/quando-ficha-cai-meu-filho-e-autista.html>. Acesso em 09/08/2017.

<sup>117</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.

<sup>118</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.

<sup>119</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.

<sup>120</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.

precisava de mim bem. Foi quando levantei a cabeça e decidi que seria outra mãe, outra mulher, outra pessoa. Foi quando a ficha caiu.<sup>121</sup>

Tudo começou a fazer sentido para mim, entendi que cada um tem seu tempo e seu jeito de ser, e que isso precisa ser respeitado. Aprendi a exercitar a paciência e que o amor supera tudo. E que não importa quanto tempo leve para alcançarmos um objetivo, e muito menos qual o caminho a percorrer, o importante é chegar lá. ”<sup>122</sup>

e) *Desafio constante e duradouro*

A partir daí mergulhei de cabeça no universo autista. Passei a ler artigos e matérias diariamente, assistir vídeos, filmes, entrei em vários grupos falando sobre Autismo para me abastecer de toda informação possível afim de ajudá-lo. Mas percebi que isso não era o suficiente.<sup>123</sup>

Entender o Autismo não era o bastante, era preciso entender o meu autista, o meu anjo azul, pois cada um é único. Passei a observá-lo e me aproximar de forma mais intensa, queria entender como ele pensava, entendia e percebia o mundo. E tudo começou a ficar mais fácil para mim, acredito que a partir daí ele se sentiu parte de tudo, começou a se sentir compreendido.<sup>124</sup>

### 2.3.1.5 Relato 5

Este relato, diferentemente dos demais, está descrito através da letra de uma música. Amanda Cortês é cantora, e, mãe de uma menina com Autismo. Ela fez a música baseada na sua própria realidade de vida.

#### CANÇÃO – A FORÇA DE UM AMOR

Amanda Cortes – Cantora e compositora e mãe de uma menina com Autismo (Yasmin)

Publicado por Fundação Cultural de Curitiba

<sup>121</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.

<sup>122</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.

<sup>123</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.

<sup>124</sup> ALMEIDA, acesso em 09/08/2017.



Mesmo quando a dor parece não ter fim,  
 E a fé que habita em mim insiste em me deixar  
 As lágrimas dos olhos teimando em cair  
 O sol que me parece às vezes vem brilhar,  
 Sinto tua mão tocando minha mão  
 Os olhos que me tiram o medo e a escuridão  
 E o nosso amor que tem a força de um tufão  
 Me faz acreditar que nada foi em vão.

Me faz acreditar que existe em mim  
 A força de um amor que não tem fim  
 Basta te olhar pra perceber, mais uma vez,  
 Que nada foi em vão!<sup>125</sup>

### 2.3.1.6 Relato 6

Alaine e Marcelo são pais de um filho com Autismo. O pai escreveu um livro. No primeiro capítulo relata como foi a experiência do casal desde o nascimento da criança até a certeza do diagnóstico e os desafios que estavam enfrentando.

#### a) *Medo e incerteza*

Por mais que mantivéssemos a esperança de que estávamos diante de um problema “transitório”, o diagnóstico constatou aquilo que pressentíamos em nossos corações (parece que os pais sempre antecipam certas coisas!): Paulo tinha todas as indicações de ser uma criança com Autismo, e agora já tinha um diagnóstico fechado sobre isto.<sup>126</sup>

Quando recebemos a confirmação, muitas coisas passaram em nossos corações. É uma sensação muito estranha, um misto de preocupação com inseguranças e incertezas que começam a passear na nossa mente e no coração. Todos os sonhos e pensamentos que tínhamos para Paulo pareciam ter terminado, mas ao mesmo tempo, nosso filho ali estava. Então, uma

---

<sup>125</sup> CORTES, Amanda. Postado em 3 de novembro de 2015. <https://www.youtube.com/watch?v=cx6Imc8yegY>. Acesso em 09/08/2017.

<sup>126</sup> MARTINS, Marcelo. *Autismo: Ajudando Famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, p. 24.

das primeiras coisas que aconteceu conosco foi o desejo de obter respostas, soluções, orientações. Começava, neste momento, uma nova etapa na vida da nossa família.<sup>127</sup>

b) *Dúvida e insegurança*

As informações que obtínhamos sobre Autismo eram desencontradas; as teorias sobre o problema do Autismo discordantes; percebíamos que os profissionais eram limitados nesta área e, começamos a perceber certos aproveitadores oferecendo uma “suposta cura” com alguns métodos muito questionáveis. Estávamos entrando em um mundo desconhecido. Um desconhecimento de informações, de perspectivas para o futuro, de expectativas que se geravam no nosso coração. Tudo era escuro e nebuloso para nossa família.<sup>128</sup>

c) *Crise e questionamentos*

Várias indagações e questionamentos permeavam lá no íntimo do nosso coração. Eis algumas delas: “Como será nossa vida a partir de agora? Quais os caminhos que devemos tomar para melhor ajudar nosso filho? Houve algum erro ou descuido de nossa parte, que ocasionou isto? Porque Deus fez Paulo assim? Deus não poderia tê-lo feito ‘perfeito’? Como será o desenvolvimento do Paulo? Será que irá se desenvolver para poder ter uma vida ‘normal’, ou sempre será dependente de alguém? Será que temos estrutura pessoal e familiar para suportar e levar adiante esta responsabilidade? Será que de fato não há como reverter este quadro (há sempre uma esperança para que, de alguma maneira, haja uma melhora)? Qual plano Deus tem com isto na vida do Paulo e nas nossas (família do Paulo) vidas?”<sup>129</sup>

d) *Preconceito*

A partir do momento em que Paulo está crescendo e se desenvolvendo, suas dificuldades começam a ficar mais aparentes. Com isto começamos a notar por parte da sociedade o preconceito que aflora. Este surge de diversas formas, algumas mais indiretas, veladas, outras mais abertas.<sup>130</sup>

---

<sup>127</sup> MARTINS, 2015, p. 24.

<sup>128</sup> MARTINS, 2015, p. 24.

<sup>129</sup> MARTINS, 2015, p. 25.

<sup>130</sup> MARTINS, 2015, p. 32.

e) *Desafio constante e duradouro*

Não é fácil, surgem desafios novos a cada dia, situações muito diferentes para atender, as quais uma criança que não é portadora de Autismo não enfrenta. Por exemplo: quando Paulo está com alguma dor, ele chora, mas como não fala e nem aponta para o local que está doendo, se torna difícil saber o que está acontecendo. É sempre um desafio novo lidar com estas situações, mas em todas estas questões temos aprendido e crescido muito.<sup>131</sup>

### 2.3.2 O impacto que o Autismo traz sobre as famílias: algumas constatações

Os relatos expressam de uma forma vívida a voz daqueles que se encontram inseridos nesta realidade. É possível perceber muitas semelhanças em relação ao que as famílias passam a viver, embora sempre haja diferenças, pois, cada família tem uma determinada estrutura (formação, conduta, recursos para o enfrentamento da situação) e algumas acabam agindo e reagindo de forma mais “plausível” que outras. No entanto, nota-se que algumas dificuldades acabam sendo comuns à maior parte delas. Foram verificados seis relatos, mas percebe-se uma semelhança muito grande em boa parte dos casos das dificuldades, não somente os citados, mas outros que também poderiam estar neste trabalho. Na sequência, serão apontados alguns desses aspectos. Ressalta-se também que, as constatações não serão somente baseadas nestes relatos, elas são somadas ao respaldo da pesquisa bibliográfica teórica de outras fontes que atestam as mesmas informações. O intuito dos relatos exemplificados neste momento é poder ouvir a voz das famílias, pois, elas mostram claramente o que a pesquisa bibliográfica atesta.

O impacto que o Autismo traz inicialmente para as famílias precipita diversas reações, pensamentos e sentimentos. O Autismo, mais que um problema que afeta a uma pessoa, é um transtorno de incapacidade que afeta toda a família. Quando os pais tentam descrever o viver com um filho com Autismo, usam termos bem diferentes como: doloroso, incômodo, difícil, normal, complicado, muito satisfatório, faz amadurecer, traumático, e muitos outros<sup>132</sup>. Para Maria Almeida Fernandes,

A perda do bebê idealizado e o nascimento de um bebê diferente arrastam uma sequência de fases de comportamento parental que habitualmente se inicia com atitudes

<sup>131</sup> MARTINS, 2015, p. 36.

<sup>132</sup> FERNANDES, 2010, p. 42.

de apatia, incredulidade, sensação de desapontamento e de impotência, alterações físicas e emocionais e, numa última fase, ainda dolorosa, as expectativas vão desaparecendo gradualmente. Assiste-se, também, a uma “chuva de sentimentos” como a desilusão, a raiva, o protesto, a desconfiança, a culpa, entre outros, até que, progressivamente, se procede ao ajustamento familiar do novo membro. Essa atitude conduz a uma aceitação, digamos que natural, dependendo também da forma como a família se adapta à deficiência da criança. Quando começam a surgir os primeiros sintomas de autismo, confirmados por um diagnóstico, a angústia torna-se inevitável. A seguir vem o receio e o medo face à dificuldade em lidar com esta situação. O autismo é a patologia que, provavelmente, cria mais dificuldades e mais dúvidas nos pais, visto que têm de enfrentar desafios muito específicos. (Grifo nosso)<sup>133</sup>

Segundo Bryna Siegel, o processo de ajustamento passa pela dissociação, incredulidade, embotamento e saturação. É muito difícil e doloroso, para os pais, ouvir a explicação do diagnóstico.<sup>134</sup> Para alguns pais ouvir falar acerca do que está errado no seu filho, pode desenvolver sentimentos de incredulidade, ou de dissociação daquilo que está a ser dito. Para outros, a explicação do diagnóstico é necessária para sentirem que todos os aspectos do comportamento do seu filho se articulam e constituem algo de real<sup>135</sup>. As informações iniciais sobre o diagnóstico constituem um tal choque que são sentidas de uma forma quase física e produzem um tipo de embotamento. A nova informação deixa de entrar. Deixa de ser possível fazer perguntas. É como se a capacidade para compreender o que está a ser dito tivesse atingido um ponto de saturação.<sup>136</sup>

Vários estudos demonstram que existe um conjunto de aspectos específicos das PEA (Perturbação do Espectro Autista) que determinam a adaptação dos pais a estas perturbações, nomeadamente:

1º. O diagnóstico, que regra geral, só se realiza após um período de desenvolvimento aparentemente normal ou percebido como normal; 2º. O facto de ser uma patologia crónica; 3º. As características comportamentais específicas, ambíguas e inconscientes; 4º. A persistência de incertezas e dúvidas quanto às causas. Com efeito, estes fatores contribuem para o desenvolvimento de atitudes de ansiedade e depressão nos pais destas crianças (Shopler & Marcus, 1983; Koegel, 1996, citado por Marques, 2000).<sup>137</sup>

Os estudos apontam uma sobrecarga para os pais, por causa do comportamento da criança. Problemas como sono, alimentação, rotinas, rituais, crises, etc. Segundo Fernandes, além disso, o comportamento é perturbador, incompreensível e, por vezes, até inesperado a

<sup>133</sup> SIEGEL, Bryna. *O Mundo da Criança com Autismo*: “Compreender e tratar perturbações do espectro do autismo”. Porto: Porto Editora, 2008, p. 94, apud, FERNANDES, Maria G. M. Almeida. *O estudo de uma família com uma criança autista*. 2010, p. 44. Dissertação de Mestrado. Vila Real, Portugal.

<sup>134</sup> FERNANDES, 2010, p. 44.

<sup>135</sup> FERNANDES, 2010, p. 49.

<sup>136</sup> FERNANDES, 2010, p. 49.

<sup>137</sup> FERNANDES, 2010, p. 54.

aparente indiferença ao contato afetivo e comunicação provoca sentimentos de frustrações e angústia nos pais.<sup>138</sup> Conforme Fernandes,

Estes comportamentos manifestados pelas crianças autistas provocam várias reações aos pais, que sentem o estigma e rejeição da sociedade. Sequeira Costa e Tavares (1981), citados por Pereira (1996), referem que é vulgar os pais, além de sentirem culpa, terem vergonha da criança. Sugerem estes autores que, os pais das crianças deficientes devem estar conscientes da universalidade destas reações. Todos os pais reagem de uma forma ambivalente em relação aos filhos, ou seja, aceitam e amam os filhos, mas também os rejeitam, já que eles também os levam frequentemente a restrições da atividade, aumento de responsabilidade, pequenos desapontamentos, angústias e irritações (Sequeira Costa & Tavares 1981, citados por Pereira, 1996). De facto, os pais de crianças com PEA manifestam reações que variam desde o desejo aberto e consciente que a criança morra, até à hostilidade e rejeição reprimidas e simbólicas. Estes sentimentos, originando culpabilidade, vão resultar, por vezes, em superproteção, preocupações excessivas, auto abdicação, numa tentativa de negação ou compensação dos sentimentos hostis (Pereira 1996).<sup>139</sup>

As exigências colocadas pela deficiência afetam toda a família. P. J. Beckman sugere que 66% da variabilidade do estresse das mães, incluindo agitação, irritabilidade ou falta de compreensão, resulta pelo tipo de exigências colocadas pela criança. Uma criança ou jovem com Autismo pode ter episódios de fúria e atitudes agressivas e frequentes e muitas vezes graves.<sup>140</sup>

Tomando por base os relatos e, autores que avaliam esta questão, pode-se observar que alguns aspectos são comuns ao que as famílias passam a viver. Na sequência serão apontados alguns. Não há uma preocupação de se estabelecer uma ordem lógica, até porque é muito difícil estabelecer tal sequência, tendo em vista que cada família processa a situação de uma determinada forma. Percebe-se uma semelhança, porém, não há como afirmar ou estabelecer uma determinada regra. O que se nota é a pluralidade de sentimentos que em determinados momentos vão acontecendo nas famílias.

### 2.3.2.1 Negação

Aos primeiros “sintomas” e desconfianças por parte das famílias sobre a possibilidade de seu filho/a estar dentro do quadro do TEA, muitos pais rejeitam a ideia que aquilo seja verdadeiro. Preferem negar o fato, não querem encarar a realidade. Alguns acabam levando

<sup>138</sup> FERNANDES, 2010, p. 54.

<sup>139</sup> FERNANDES, 2010, p. 54.

<sup>140</sup> BEKMAN, P. J. *Influence of selected child characteristics on stress in families of handicapped infants. American Journal of Mental Deficiency*, 1983, 88, p. 150 – 156, apud, FERNANDES, Maria G. M. Almeida. *O estudo de uma família com uma criança autista*. 2010, p. 55. Dissertação de Mestrado, Vila Real, Portugal.

anos para processar isto em suas vidas. Há casos que, mesmo depois do diagnóstico já estar fechado, pessoas (pais, parentes mais próximos, cuidadores) da família continuar negando e vivendo sem reconhecer tal realidade, tentando ignorá-la.

De acordo com Siegel, quando o diagnóstico de Autismo começa a ser realizado, a primeira reação é, muitas vezes, a raiva: “*Por que eu? Por que o meu filho?*” Infelizmente, o Autismo é uma perturbação que não permite uma resposta fácil a essas questões<sup>141</sup>. Em vindo a raiva, a ira, surge também a negação. Alguns autores chegam até sugerir que a negação seja um processo “normal” diante de tal quadro. Para Siegel, a negação é um mecanismo de defesa que nos protege de aspectos dolorosos da realidade. A negação não é errada. No entanto, quando impede os pais de terem noção da necessidade de procurar ajuda para o seu filho, então a negação pode ter consequências prejudiciais.<sup>142</sup> Esse é o grande perigo! Conforme Fernandes, a pessoa sente-se azarada, desamparada e derrotada pelas probabilidades.<sup>143</sup> Consequentemente tende a querer negar tais fatos. Em seu penetrante estudo, *The Betrayal of the Self*, o psicanalista Arno Gruen demonstra, convincentemente, como “a verdadeira fonte de nossa crueldade e insensibilidade está na rejeição de nosso sofrimento”.<sup>144</sup> E uma das formas de rejeitá-lo é negando.

### 2.3.2.2 Crises e luto

Os pais passam frequentemente por crises e um processo de luto diante do fato da deficiência do filho. Ficam muitas vezes sós, se sentem solitários. Segundo Solomon, podem, às vezes, experimentar um sentimento de abandono, que os leva a fazer do filho “a causa” de sua vida e a militar a favor de seus direitos. O terceiro torna-se, então, puramente externo, reduzindo-se a ser aquele a quem cabe reivindicar mais direitos e mais cuidados”<sup>145</sup>. Joyce Chung, mãe de uma autista, disse: “Nossa luta era para não viver a doença de nossos filhos como uma mágoa narcisista”.<sup>146</sup>

Siegel descreve o luto que passa uma família quando tem o diagnóstico de uma deficiência:

---

<sup>141</sup> SIEGEL, Bryna. *O Mundo da Criança com Autismo*: “Compreender e tratar perturbações do espectro do autismo”. Porto Editora LDA: Porto, 2008, p. 168.

<sup>142</sup> SIEGEL, 2010, p. 51.

<sup>143</sup> FERNANDES, 2010, p. 50.

<sup>144</sup> GRUEN, Arno. *The Betrayal of the Self*. New York: Grove, 1988, p. 281.

<sup>145</sup> SOLOMON, 2013, p. 323.

<sup>146</sup> SOLOMON, 2013, p. 326.

A “morte” que os pais sentem é a morte da criança idealizada. Os pais têm crenças e sentimentos, ainda que indiferentes, sobre quem querem que o seu filho seja quando crescer. À medida que aumentam as suspeitas sobre os défices da criança, é como se uma doença terminal fosse progredindo. Um diagnóstico de autismo marca o destino dessa criança idealizada, a qual “morre” com a aceitação do diagnóstico. É evidente que a criança, enquanto entidade física, vive e, de alguma forma, a sua presença, e talvez mesmo algumas das suas ações, mantêm vivas algumas das fantasias sobre a criança idealizada poder ressuscitar um dia.<sup>147</sup>

Ao enfrentar um diagnóstico de Autismo, os pais sentem um fardo particular “pesado”, que é exclusivo das perturbações do espectro do Autismo: a criança é seletivamente deficitária no campo da interação social. Apesar de as crianças com Autismo poderem amar os seus pais à sua maneira, expressam necessidade e afeição de forma diferente das outras crianças, o que faz com que os pais tenham de ultrapassar um fosso, para tentarem se adaptar a essa diferença.<sup>148</sup>

As crises também são um grande perigo neste momento para a família. Conforme Maria Luiza Rückert, crises são tempos em que nos sentimos desarraigados, sem solo fértil para apoiar os pés e nutrir nossas raízes, sem direção para prosseguir. A vida escapa do nosso controle, e a névoa toma conta dos nossos sonhos e das nossas certezas.<sup>149</sup> É impossível fugir das crises, porém nem todas precisariam alcançar a intensidade à qual chegam, pois há algumas que podem ser detectadas previamente.<sup>150</sup> Existem vários tipos de crises e estas que envolvem filhos com uma deficiência são chamadas por alguns autores de crises de desvalia. Para Maldonado “as crises de desvalia mais típicas se originam em famílias em que a incapacidade física ou mental de um de seus membros é recente e ainda não foi totalmente aceita”.<sup>151</sup> Conforme este autor,

Crises de desvalias: São crises próprias de nossa época e aparecem quando há membros disfuncionais ou dependentes e quando a ajuda que se necessita é muito especializada ou difícil de substituir. As crianças, os idosos, os doentes crônicos e os inválidos são membros funcionalmente dependentes e mantêm atada a família com suas exigências de cuidado e atenção. [...] as crises de desvalia se apresentam como uma ruptura no sistema familiar, que o obriga a se reorganizar. As soluções encontradas por toda família podem ser originais, mas sempre estarão vinculadas à história relacional das pessoas que a compõem. A crise exige que os envolvidos passem a se dar conta do tipo de relações que existem em sua família e que tenham a vontade de transformar esse modelo para que seja coerente com a nova etapa que cabe viver à família toda. Isto será, em essência, uma criação conjunta, uma ‘co-

<sup>147</sup> SIEGEL Bryna. *O Mundo da Criança com Autismo: Compreender e tratar perturbações do espectro do autismo*. Porto Editora LDA: Porto, 2008, p. 122, apud, FERNANDES, Maria G. M. Almeida. *O estudo de uma família com uma criança autista*. 2010, p. 48. Dissertação de Mestrado, Vila Real, Portugal.

<sup>148</sup> FERNANDES, 2010, p. 48.

<sup>149</sup> RÜCKERT, Maria Luiza. *Capelania hospitalar e ética do cuidado*. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 71.

<sup>150</sup> RÜCKERT, 2016, p. 72.

<sup>151</sup> MALDONADO, 2005. p. 46.

criação familiar, uma renegociação nem sempre muito consciente, uma busca de recursos não explorados.<sup>152</sup>

De acordo com Jorge Maldonado, as crises de maneira alguma representam doença. Elas fazem parte da experiência humana universal.<sup>153</sup> As crises denunciam que a realidade da vida é a descontinuidade.<sup>154</sup> Enquanto na nossa cultura ocidental vida e crise não rimam, para o oriental a crise pode conduzir ou ao crescimento ou à estagnação.<sup>155</sup> Tantas vezes acreditamos, equivocadamente, que crer em Deus implica estarmos isentos de problemas, enfermidades, perdas. Então, quando nos vemos em meio às nossas crises, as imagens que fazemos de Deus ficam abaladas.<sup>156</sup> Para o teólogo Paul Tillich, “crises são tempos de ‘paradas’, de não produzir nada visível, de deixar que a partir dos ventos e das raízes ocorram modificações que levem energia para os próximos frutos”.<sup>157</sup> Conforme o escritor Leonardo Boff,

De crise vem crisol, recipiente onde se purifica o ouro das gangas. Acrisolar quer dizer purificar e limpar o ouro das aderências que ao longo do tempo se incrustaram ao seu redor a ponto de escondê-lo, tirando-lhe todo o brilho. O que era acidental parece ter se tornado essencial. Mas eis que surge a crise. Ela é dolorosa e libertadora. Produz a purificação do cerne. O que assumira indevidamente papel principal é relegado à sua função secundária. Depois de qualquer crise, seja corporal, psíquica, moral ou religiosa, o ser humano renasce.<sup>158</sup>

Um dado importante também é destacado por Maldonado, especialmente para esta pesquisa, pois afirma que, desde a década de 1960, alguns pesquisadores consideraram que a unidade de resposta e resolução de uma crise está no sistema familiar.<sup>159</sup>

### 2.3.2.3 Aceitação

Alguns pais compreendem que o seu filho é autista, antes mesmo de o médico usar a palavra Autismo, isto por causa da busca pessoal que fazem para obter informações. Há pais que necessitam de várias opiniões que confirmem o diagnóstico de Autismo. August Bier, um

<sup>152</sup> MALDONADO, Jorge E. *Intervenção em crises*. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008, p. 173.

<sup>153</sup> MALDONADO, Jorge E. *Intervenção em crises*. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008, p. 157.

<sup>154</sup> RÜCKERT, 2016, p. 73.

<sup>155</sup> RÜCKERT, 2016, p. 71.

<sup>156</sup> RÜCKERT, 2016, p. 75.

<sup>157</sup> TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1984, p. 235.

<sup>158</sup> BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 105, apud RÜCKERT, Maria Luiza. *Capelania hospitalar e ética do cuidado*. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 73.

<sup>159</sup> MALDONADO, Jorge E. *Intervenção em crises*. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008, p. 157.



médico em atividade no início do século XX disse: “Uma mãe inteligente em geral faz um diagnóstico melhor do que o de um médico fraco”.<sup>160</sup> Para muitas famílias, a aceitação da perturbação da criança é um processo gradual, nunca concluído.<sup>161</sup>

O nome da doença ou deficiência passa a fazer parte da identidade de quem a sofre. A tristeza de um prognóstico ruim é muito mais fácil do que o caos da falta de prognóstico. Uma vez que o rumo está claro, a maioria das pessoas consegue aceitá-lo. Conforme Solomon, como conhecimento é poder, suportam-se com mais nobreza as síndromes associadas a perspectivas funestas do que as que pouco se pode entender. A identidade é uma função da certeza<sup>162</sup>.

Kathleen Seidel – defensora dos direitos dos deficientes, fundadora do site *neurodiversity.com* e mãe de um jovem adulto diagnosticado com síndrome de Asperger aos dez anos -, mostra como trabalhou este processo de aceitação na sua vida:

Vejo o diagnóstico como um auxílio para fundamentar o reconhecimento da nossa vida”, disse ela. “Podemos dar sentido as coisas antes inexplicáveis para nós; sentimo-nos confirmados. Ao mesmo tempo, senti aquele repuxo de expectativas diminuídas em virtude de um diagnóstico, e não me pareceu certo nem saudável pensar assim. Deus tem mil maneiras de construir um cérebro. O supercomputador Cray é usado na computação realmente complexa, intensa, que envolve a manipulação de quantidades imensas de dados. Chega a esquentar tanto que precisa ser mantido num banho de resfriamento líquido. Requer um tipo muito específico de cuidado. E acaso o Cray é defeituoso porque exige um ambiente favorável para funcionar? Não! Ele é excelente! Pois meu filho é assim. Precisa de apoio, precisa de atenção. E é maravilhoso.”<sup>163</sup>

No entanto, boa parte das famílias não consegue elaborar dessa forma a questão do Autismo. Muitas famílias, como puderam ser observadas pelos relatos, levam um período para, de fato, assumir esta situação e enfrentá-la como precisa ser tratada. Em relação à família que tem um filho com Autismo, Ana Maria Mello<sup>164</sup> diz que três questões são fundamentais neste momento: 1. Conhecer a questão do Autismo; 2. Admitir a questão do Autismo; 3. Buscar apoio. Solomon apresenta um exemplo de uma mãe que passou por esse processo de aceitação e pôde até mesmo retrabalhá-lo em sua vida:

Icilda, mãe de Marvin Brown, delineou o que ela pode e o que não pode influenciar, e não reclama daquilo que não tem remédio. É fácil contemporizar com a “sabedoria simples”, edulcorando as duras circunstâncias das quais isso geralmente brota ou representando-o de maneira mais simples ou sensata do que de fato é, mas Icilda Brown me pareceu mais em paz com a situação de seu filho do que qualquer outra mãe que conheci. Uma vida inteira sem escolha conferiu-lhe o dom da aceitação. Ela exigiu bons serviços para o filho, mas não esperava que tais serviços o transformassem em outra pessoa. A história de pais da classe média ou abastada de filhos autistas é uma saga

<sup>160</sup> SOLOMON, 2013, p. 306.

<sup>161</sup> FERNANDES, 2010, p. 49.

<sup>162</sup> SOLOMON, 2013, p. 430.

<sup>163</sup> SOLOMON, 2013, p. 306.

<sup>164</sup> MELLO, Ana Maria S. R. *Autismo – Guia Prático*. 4. ed. São Paulo: AMA, Brasília, Corde, 2005, p. 09.

interminável de ataques a moinho de ventos; em contraste, admirei tanto a aquiescência de Icilda quanto a felicidade que era seu corolário.”<sup>165</sup>

#### 2.3.2.4 Culpa

As explicações para o Autismo de um filho, podem de alguma forma ajudar a planejar o futuro da família, porém, a compreensão não cura a criança, nem dá qualquer indicação sobre o seu tratamento. O conhecimento daquilo que provavelmente correu mal não pode alterar o passado e pensar e falar muito sobre o passado nunca é uma boa ajuda para o presente. De acordo com Fernandes, por vezes, quando a sensação de desamparo decorrente do diagnóstico se transforma em raiva exteriorizada, aparece a culpa.<sup>166</sup>

Os pais, ao confirmarem o diagnóstico do Autismo (ou até mesmo antes) são muitas vezes tomados por este sentimento enorme de culpa. Ainda que não tenham culpa são assolados em várias ocasiões por dardos que lhes apontam como “os culpados”. Segundo Dutra, outros que se remoem em sentimento de culpa são pais e mães que, sem razão alguma, atribuem ao próprio comportamento o fato de terem tido um filho com deficiência.<sup>167</sup> A própria família, muitas vezes, direta ou indiretamente canaliza este sentimento para os pais. A sociedade também não poupa com discursos muitas vezes impróprios e bem preconceituosos. Muitos profissionais da área clínica e educação, por seguirem determinadas vertentes das causas do Autismo, acarretam mais culpa aos pais. Há uma tendência dos pais, principalmente as mães, em se sentirem culpadas. Isto se verifica, em parte, pelo facto de não haver uma razão direta que justifique o problema do Autismo.<sup>168</sup> A própria religião, que poderia ser neste momento um auxílio, em determinados casos aponta a causa do problema como negligencia, pecado, maldição, punição, falta de fé, pagamento de um pecado em outra vida passada, enfim, para algumas concepções os pais estão colhendo os frutos de uma determinada ação em suas vidas. Infelizmente, a Igreja, em tempos anteriores, interpretou teologicamente a deficiência como,

...punição de pecados cometidos pela pessoa com deficiência ou por membros de sua família, em gerações anteriores. A deficiência tem sido entendida também como um sinal de falta de fé, que impede que Deus opere o milagre da cura. Ou a deficiência tem sido considerada uma manifestação demoníaca, sendo necessário um exorcismo para superar a deficiência. Tais interpretações têm levado, na Igreja, à opressão das pessoas com deficiência. Neste sentido, a atitude da Igreja refletiu a atitude da

<sup>165</sup> SOLOMON, 2013, p. 308.

<sup>166</sup> FERNANDES, 2010, p. 51.

<sup>167</sup> DUTRA, 2005, p. 45.

<sup>168</sup> FERNANDES, 2010, p. 51.

sociedade como um todo. As estruturas de opressão na sociedade e na igreja se reforçaram mutuamente.<sup>169</sup>

Conforme Neli Maske, nestes casos muitos veem a deficiência como um mal físico-mental associado ao pecado. A saúde deve ser restituída pelo poder da fé individual. Oferece-se o lugar sagrado para realiza-lo e certas condições para o “salve-te se puder”<sup>170</sup>. Entretanto, para a mesma autora, nada se equivale quanto ao “amor ao próximo”<sup>171</sup>. Em resumo, há uma avalanche de elementos que corroboraram para culpabilizar os pais. Estes, em boa parte dos casos, já estão sofrendo bastante com a culpa em suas vidas.

### 2.3.2.5 Medo e insegurança

A angústia derivada da suspeita do diagnóstico de Autismo inicia-se quando a criança manifesta os primeiros sintomas, mantendo um ritmo crescente até à confirmação do diagnóstico. Verbalizações do tipo: “Como é que isto nos aconteceu a nós? Com tantos bebês que nascem bem... como é que isto aconteceu logo ao nosso?” São um exemplo das manifestações de angústia expressas pelos pais quando se confrontam com o diagnóstico de Autismo. Todos estes pensamentos geram imensa ansiedade e expectativas em relação ao futuro do seu filho.<sup>172</sup>

De acordo com Fernandes, muitas vezes os pais, após o diagnóstico, colocam esta questão: “Que diferença pode o tratamento fazer? A resposta é: pode fazer toda a diferença do mundo. O medo dos pais quando lhes é dado o diagnóstico de Autismo é que a criança permaneça igual ao que se encontra no momento.<sup>173</sup> Talvez os efeitos benéficos do tratamento do Autismo, inicialmente sejam difíceis de reconhecer para os pais, porque ainda não sabem muito sobre isso. Um grande número de pais pode pensar que a criança nunca evoluirá para além do que é na altura do diagnóstico. Ser afetado por uma perturbação do desenvolvimento não é como ficar paralisado. Conforme Fernandes, apesar de a criança ir ter sempre Autismo, continuará a mudar, a crescer e a desenvolver novas competências. As crianças com Autismo

<sup>169</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Uma igreja de todos para todos*. São Paulo: ASTE/Oikoumene, 2003. p. 12.

<sup>170</sup> MASKE, Neli. *Deficiência e violência*. In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 57.

<sup>171</sup> MASKE, 2010, p. 57.

<sup>172</sup> MARQUES, 2000, p. 48.

<sup>173</sup> FERNANDES, 2010, p. 51.

também se adaptam e também se desenvolvem, podendo, algumas, atingir um bom nível de autonomia<sup>174</sup>.

Os medos, as inseguranças, as incertezas passam a rondar e roubar o coração dos pais. Pensamentos como: Como será daqui a alguns anos com nosso filho? Se porventura viermos a falecer, quem cuidará dele? Será que ele conseguirá ao menos fazer as coisas básicas da vida (nos casos que exigem mais apoio)? Apesar de muitos pais, conscientemente, encararem este tipo de pensamento como irracional, ele pode, com certeza, reforçar uma perspectiva pessimista do futuro.<sup>175</sup>

#### 2.3.2.6 Desafio constante e duradouro

Depois do diagnóstico concretizado outros desafios e conflitos começam a aparecer. As famílias começam a perceber que há vários problemas pela frente: que tipo de tratamento será o mais adequado? Quais os bons profissionais na área? Que escola poderá atender de maneira mais humana o filho? Como a comunidade vai receber e reagir diante da situação? Os familiares irão ajudar ou cobrar? Estas são algumas das indagações que apontam para o que vem pela frente para a família. Além destas e outras questões, a família percebe que suas lutas serão diárias, constantes e duradouras. Logo começam a entender que Autismo é algo que perdurará. Não é um problema que possa durar por um tempo e ser resolvido, como em algumas situações da vida.

Os desafios se tornam diários. Eles envolvem: compreender melhor o Autismo; se adaptar à nova realidade como família; uma constante busca para encontrar profissionais que além de ter o domínio do assunto também sejam mais “humanos” no tratamento com o filho; cuidar diariamente do filho – os casos que exigem mais apoio e ajuda demandam um cuidado o tempo todo -; não descuidar das outras responsabilidades e pessoas da família. Trata-se para muitas famílias de uma mudança radical na vida. E, com o tempo a família perceberá que não é por curto período de tempo, mas é algo que se tornará parte da vida. Isto já indica que haverá por parte de cada pessoa envolvida uma necessidade de doação de tempo, de cuidado, de atenção, de sacrifício, de vida.

---

<sup>174</sup> FERNANDES, 2010, p. 51.

<sup>175</sup> FERNANDES, 2010, p. 50.

### 2.3.2.7 Filicídio

A questão do filicídio é mais complexa e difícil de ser abordada e exposta por aqueles que estão diretamente envolvidos, porém muito real. Pearl Buck teve uma filha com retardamento mental irreparável. Leo Buscaglia mostra como suas palavras expressam o que estava em seu pensamento diante daquele quadro:

Aprender a suportar o sofrimento inevitável não é fácil. Posso olhar para trás agora e ver a lição aprendida, as suas etapas; mas quando eu a estava aprendendo, cada passo era muito difícil, aparentemente insuperável. Pois, além do problema prático de como proteger a vida da criança, que poderá se prolongar mais do que a dos pais, existe o problema da sua própria aflição. Todo o brilho da vida se apaga, todo o orgulho da paternidade. Mas ainda, há uma verdadeira sensação de que o fio da vida está sendo cortado com aquela criança. O fluxo das gerações é interrompido. A morte seria mais fácil de se suportar, pois ela é definitiva, tudo deixa de existir. Quantas vezes gritei em meu íntimo que seria melhor se minha filha morresse! Se isto choca você, que nunca passou por esta situação, não chocará àqueles que já a passaram. Eu teria dado as boas-vindas à morte de minha filha e até hoje o faria, pois então ela estaria finalmente a salvo.<sup>176</sup>

Infelizmente, o mundo da deficiência tem visto muitos filicídios, e isto também não é algo recente. Historicamente as pessoas com deficiência têm sido mortas por vários motivos. Não é diferente com relação ao Autismo. Os que matam os filhos com Autismo costumam afirmar que é para poupá-los do sofrimento, mas, para quem questiona o movimento pelos direitos do autismo, basta ler essas histórias e ver como é urgente apoiar a causa da legitimidade autista.<sup>177</sup> Os casos na sequência são todos de filicídios de pessoas com Autismo.

Em 1996, Charles-Antonie Blais, de seis anos, foi assassinado pela mãe, que não cumpriu pena de reclusão, mas passou um ano numa casa de recuperação e depois foi nomeada representante pública da Sociedade de Autismo de Montreal.<sup>178</sup> Em 1997, Casey Albury, de dezessete anos, morreu estrangulada pela mãe com o cinto de um roupão de banho depois de ter se recusado a saltar de uma ponte. A mãe disse à polícia: “Ela era uma desadaptada. As pessoas tinham medo dela porque era diferente. Pena que não foi mais rápido. Fazia tempo que eu queria matá-la”.<sup>179</sup> Em 1998, a mãe de Pierre Pasquiou foi sentenciada a três anos com suspensão por ter afogado o filho.<sup>180</sup> Em 1999, James Joseph Cummings Jr., de quarenta anos,

<sup>176</sup> BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 105.

<sup>177</sup> SOLOMON, 2013, p. 343.

<sup>178</sup> SOLOMON, 2013, p. 343.

<sup>179</sup> SOLOMON, 2013, p. 344.

<sup>180</sup> SOLOMON, 2013, p. 344.

morreu esfaqueado pelo pai dentro da casa em que morava.... No mesmo ano, Daniel Leubner, de trinta, foi queimado vivo pela mãe, que foi condenada a seis anos de prisão.<sup>181</sup>

Em 2001, Gabriel Britt, de seis anos, foi asfixiado pelo pai, que jogou seu corpo num lago e depois foi condenado a quatro anos por ter se declarado culpado de um crime menos grave.<sup>182</sup> Em 2003, Angelica Auriemma, de vinte anos, foi afogada pela mãe, Ioanna, que primeira havia tentado eletrocutá-la. A mãe de Angelica disse: “Eu me preocupava obsessivamente”.<sup>183</sup> Em 2005, Patric Markcrow, de 36 anos, foi sufocado pela mãe, foi sentenciada a dois anos com suspensão da pena; no mesmo ano, Jan Naylor matou a tiros a filha autista Sarah, de 27 anos, e pôs fogo na casa, matando-se também.<sup>184</sup> Em 2006, Jose Stable degolou o filho Ulysses. Chamou a polícia e disse: “Eu não aguentava mais. Em 2007, Diane Marsh matou o filho Brandon Williams, de cinco anos; a autópsia apurou que a morte foi causada por múltiplas fraturas no crânio e overdose de Tylenol.<sup>185</sup> Heidi Shelton, que malogrou na tentativa de matar o filho de cinco anos e se suicidar, disse: “Não posso deixar Zach viver neste mundo em que ele é constantemente rejeitado por todos, inclusive pela família, pelo sistema educacional, etc....<sup>186</sup> O perigo de enxergar a deficiência exclusivamente como doença e em hipótese alguma como identidade se evidencia na explicação dada pela dra. Karen McCarron por ter asfixiado a filha Katie, de três anos, em 2008: “O autismo me deixou oca. Talvez assim eu pudesse consertá-la, e no céu ela seria perfeita”.<sup>187</sup>

Cammie McGovern, mãe de um autista, escreveu um artigo no New York Times: “Por mitificar a recuperação, receio que tenhamos colocado a barra numa altura impossível que faz com que os pais de meio milhão de crianças autistas se sintam um fracasso”<sup>188</sup>. Ela diz mais, as crianças autistas podem progredir muito, prossegue McGovern, mas esperar recuperação completa – “a pessoa que seu filho seria sem o autismo” – é entrar “numa perigosa paisagem emocional”, numa paisagem com margem para o homicídio.<sup>189</sup>

---

<sup>181</sup> SOLOMON, 2013, p. 344.

<sup>182</sup> SOLOMON, 2013, p. 344.

<sup>183</sup> SOLOMON, 2013, p. 344.

<sup>184</sup> SOLOMON, 2013, p. 344.

<sup>185</sup> SOLOMON, 2013, p. 344.

<sup>186</sup> WELBORN, Larry. *Mom who drugged son gets deal*. Orange Country Register, 4 de maio 2003, apud SOLOMON, Andrew. *Longe da árvore: Pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2013,

<sup>187</sup> SOLOMON, 2013, p. 345.

<sup>188</sup> MCGOVERN, Cammie. *Autism's parente trap*. New York Times, 5 jun. 2006, apud SOLOMON, Andrew. *Longe da árvore: Pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2013, p. 341.

<sup>189</sup> MCGOVERN, 2013, p. 341.

### 2.3.2.8 A busca pela cura

A busca pela cura faz com que muitas famílias iniciem uma trajetória desesperadora atrás de tratamentos e das últimas novidades. Faz com que gastem muito dinheiro e, em muitos casos a tal “cura” não acontece. Assim como existem excelentes profissionais, existem uma enormidade de maus profissionais e outros aproveitadores que lucram com promessas “milagreas”, como se Autismo fosse algo muito simples para ser tratado. As famílias acabam se desgastando em todos os aspectos e aumentando ainda mais o dilema que estão vivendo.

As livrarias regurgitam livros como, *Uma cura para meu filho*<sup>190</sup>, sobre um menino que supostamente foi curado por xamãs na Mongólia. Às vezes, parece que todo pai ou mãe cujo filho está prosperando se sente compelido a escrever um orgulhoso volume efetivamente intitulado *Onde eu acertei*. Muitos deles generalizam a partir de estratégias que podem, por mero acaso, ter coincidido com a “emergência” de seus filhos.<sup>191</sup> Geralmente os pais começam a buscar de todas as formas possíveis e, muitas vezes, além do possível da realidade que vivem, tudo aquilo que “promete” cura. Neste processo se deparam com os diversos tipos de tratamento, diversos tipos de abordagem do problema, uma gama variada de profissionais com perspectivas diferentes, e o pior de tudo: maus e falsos “profissionais” que prometem “cura”. O escritor Ron Dunn, com muita sabedoria e sensatez afirma a respeito de pessoas que prometem cura: “nem todas as “curas” duram e para cada pessoa que é curada, existem milhares que não são”.<sup>192</sup>

Camille Clark (tem síndrome de Asperger) escreveu: “Os pais de autistas precisam ser sensatos no que se refere ao que os filhos podem ou não podem fazer, e não devem esperar que eles venham a ser ‘normais’. As pessoas autistas são preciosas como são. Não tem valor só se puderem se transformar em pessoas menos obviamente autistas”<sup>193</sup>. Kathleen Seidel disse:

“A palavra incurável” é bem devastadora, mas também se pode encará-la como significando que o autismo é duradouro. Olhar para essa joia por facetas diferentes não trivializa os desafios das pessoas que têm obstáculos enormes. Procuo enxergar o quadro inteiro, inclusive sua parte bonita. O autismo participa da nossa humanidade tanto quanto a capacidade de sonhar. Deus manifesta todas as possibilidades, e essa é

<sup>190</sup> Em “Uma cura para meu filho”, o autor revela o que levou ele e a esposa a tomarem a decisão radical de viajar para um país distante na tentativa de resgatar o pequeno Rowan das profundezas do Autismo. Juntos, viajaram para o outro lado do mundo para percorrer, a cavalo, as terras místicas da Mongólia atrás de curandeiros tradicionais e tratamentos xamanísticos que poderiam fazer aquilo que as terapias ocidentais não conseguiram: curar Rowan de sua doença, ou no mínimo amenizá-lo. Disponível em: [www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=27001750](http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=27001750) Acesso em: 20 de ag. De 2017.

<sup>191</sup> SOLOMON, 2013, p. 320.

<sup>192</sup> DUNN, Ron. *Por que Deus não me cura?* São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999, p. 116.

<sup>193</sup> SOLOMON, 2013, p. 330.

uma das possibilidades no nosso mundo. Faz parte da condição humana – ou das condições, talvez”.<sup>194</sup>

## 2.4 Considerações finais

Em dezembro de dois mil e dezesseis vários veículos de comunicação trouxeram uma notícia em destaque sobre o maior quebra-cabeça fabricado no mundo. Conforme estas informações veiculadas, ele tem 40.320 peças. Quando está montado forma uma peça única de 7 metros de altura por 2 metros de altura. É assustador só de pensar! Entretanto, é possível ser montado. Esta não é a realidade atual do Autismo. Como pôde ser observado pelo conceito, história, etiologia, diagnóstico, tratamento e, exemplificado na vida das famílias através dos relatos e das constatações, há muitas peças que não se encaixam. Quando isto acontece, geralmente causa naqueles que estão diretamente envolvidos uma sensação de frustração e uma série de problemas, porém, concomitantemente de expectativa. Com Autismo é assim também!

O autor Baptista nos ajuda a clarear um pouco as várias faces que envolve o Autismo e traz um alerta importante:

...o autismo é uma síndrome intrigante porque desafia nosso conhecimento sobre a natureza humana. Compreender autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso próprio desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um ‘laboratório natural’ de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo – aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma outra linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para os nossos saberes e ignorância. Se a definição de autismo passa pela dificuldade de se colocar no ponto de vista afetivo do outro (um comprometimento da capacidade empática, como diz Gillberg, 1990) é, no mínimo curioso, pertencer a uma sociedade em que raros são os espaços na rua para cadeiras de roda, poucas são as cadeiras escolares destinadas aos “canhotos” e bibliotecas equipadas para quem não pode usar os olhos para ler. Torna-se então difícil identificar quem é ou não ‘autista’.<sup>195</sup>

Baptista escreveu este texto em 2002. Já houve avanços, mas há muito que ser feito nesta área. Perante este enorme quebra-cabeça, mas ciente do que ele causa nas famílias, surgem algumas perguntas: Será que o Aconselhamento Pastoral tem subsídios para ajudar tais famílias? Que tipo de ajuda pode oferecer? Em que aspectos pode o Aconselhamento Pastoral ser um instrumento útil para colaborar com tais famílias? A fala de uma pessoa que passou por

---

<sup>194</sup> SOLOMON, 2013, p. 336.

<sup>195</sup> BAPTISTA, 2002, p. 37.



uma situação semelhante, pois tinha um filho com deficiência, talvez ajude e seja usada para despertar o que precisa ser feito:

Quando penso em quanto sofrimento e desespero poderiam ter sido evitados se alguém tivesse se sentado conosco há alguns anos e dado alguma orientação, esperança, apoio, alguma informação sobre os problemas de nossos filhos, fico roxo de raiva! As outras famílias que têm filhos deficientes como a nossa são tratadas da mesma maneira? Silêncio. Então por que você não faz alguma coisa a respeito?<sup>196</sup>

Fazer alguma coisa a respeito..., isto é o que se propõe, de maneira teórica, no segundo capítulo, por meio do Aconselhamento Pastoral.

---

<sup>196</sup> BUSCAGLIA, 1993, p. 84.

### **3 O ACONSELHAMENTO PASTORAL A FAMÍLIAS DE PESSOAS COM AUTISMO**

#### **3.1 Considerações iniciais**

Depois de conhecer um pouco mais de perto a realidade sobre o Autismo, e de maneira específica, o que as famílias normalmente tendem a viver por causa do impacto que sofrem, surgem algumas perguntas: É possível o Aconselhamento Pastoral oferecer ajuda para tais situações? Há subsídios dentro do Aconselhamento Pastoral que podem auxiliar tais famílias? Que tipo de ajuda pode o Aconselhamento Pastoral fornecer em tais casos? Sem dúvida alguma, é muito clara a necessidade de auxílio que estas famílias precisam. Esta ajuda não se limita somente ao Aconselhamento Pastoral, a carência é muito mais abrangente. Entretanto, nesta tese fez-se este recorte tendo como pressuposto que existem subsídios na poimênica que podem colaborar para ajuda em tais situações. Outros mecanismos de apoio podem ser buscados e utilizados visando atender e cooperar, para, de alguma forma, amparar melhor estas famílias. No entanto, foca-se aqui nesta temática específica, tomando por referência o Aconselhamento Pastoral com ênfase na ajuda a estas famílias.

O Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com autismo ainda é um tema que necessita ser muito explorado, trabalhado e investigado. Há muito a ser feito e realizado nesta área específica, tanto teórica como prática. Uma das indicações desta necessidade é o fato de haver tão pouco material escrito e publicado com esta perspectiva. Outra razão é a própria voz da sociedade que clama por auxílio. Por exemplo, uma pequena situação descrita na sequência revela o quanto é necessário. A minuta dos participantes do Primeiro Congresso sobre pesquisa em autismo no Brasil, realizado em agosto de 2010 em Porto Alegre, chegou à seguinte conclusão como desafio para os congressistas: “Realizar pesquisas articuladas à assistência para as famílias; necessidade de retorno de resultados de pesquisa às famílias participantes dos estudos”.

Encontram-se bastante e, com conteúdo, publicações, livros, pesquisas e trabalhos nas áreas de Aconselhamento Pastoral, Psicologia Pastoral, Poimênica, entre outras temáticas relacionadas, contudo, elas enfocam outras áreas e problemáticas, não especificamente a que está sendo abordada aqui neste trabalho. É bem verdade que, alguns abordam, de maneira mais ampla, algumas questões que são pertinentes ao aconselhamento com pessoas com deficiência, todavia, especificamente sobre aconselhamento a famílias de pessoas com Autismo ainda é

muito restrito e escasso. De certa forma isto trouxe algumas dificuldades para esta pesquisa, por outro lado, abriu a oportunidade para a reflexão e a construção de possibilidades e possíveis caminhos para esta temática ainda em desenvolvimento e em curso.

Neste segundo capítulo pretende-se verificar aquilo que o Aconselhamento Pastoral tem como instrumentos que podem contribuir para a ajuda a famílias que tem filhos com Autismo. Este é o objetivo principal. Inicialmente será tratado sobre o Aconselhamento Pastoral. O intuito não é fazer algo exaustivo em razão do propósito neste momento, e pelo fato de existirem vários autores que têm aprofundado e escrito sobre o assunto. Por isso, o que se fará aqui neste ponto é uma abordagem resumida para uma compreensão do assunto tendo em vista o foco e objeto desta pesquisa. Na sequência serão abordados o Aconselhamento Pastoral e a deficiência para uma maximização do assunto, tendo em vista que Autismo é entendido aqui como uma deficiência. Serão focados dois aspectos que são de fundamental importância: a vulnerabilidade e a dignidade humana. Depois será destacado o Aconselhamento Pastoral sistêmico cujo enfoque centra-se na família. Em seguida chega-se ao cerne deste capítulo que é o Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com autismo. Tomando por referência o trabalho de Martins serão apresentados alguns aspectos essenciais para o aconselhamento com estas famílias: o conselheiro e o cuidado; cuidado espiritual; cuidado eclesial; cuidado familiar; e cuidado governamental e social. Por fim, o enfoque “muda” de prisma, ou seja, passa-se a olhar para aquilo que a pessoa com Autismo traz de enriquecimento para as famílias (ou cuidadores) e, conseqüentemente, não somente a elas, mas a sociedade em geral. O propósito deste último tópico parte da compreensão que no aconselhamento todos aqueles que estão envolvidos, de alguma forma, têm algo para contribuir, mas também são impactados com as situações com as quais se deparam, isto é, todos acabam dando, mas também recebendo. É uma via de mão dupla. Geralmente foca-se muito naqueles que são os cuidadores (de maneira geral a família, cuidadores ou profissionais que cuidam), e acaba-se esquecendo daquilo que as pessoas com alguma deficiência trazem de contribuição e enriquecimento para toda a humanidade.

### 3.2 Poimênica e Aconselhamento Pastoral

Com suas origens que podem ser buscadas na literatura das Escrituras Sagradas desde o AT, o Aconselhamento Pastoral é hoje uma temática que se desenvolve e desperta interesse não

somente na Teologia, mas também em outras áreas dos saberes. Cada vez mais se percebem a importância e a necessidade de pessoas que estejam prontas e aptas para exercerem um ministério de ajuda, conforto, apoio, nas mais diversas situações da vida e em áreas diversas. O Aconselhamento Pastoral torna-se então relevante e pode ser mais atuante ainda no nosso mundo pós-moderno. Nesta etapa do trabalho serão apresentados alguns aspectos deste importante instrumento na ajuda para pessoas que sofrem. Serão abordados dois pontos: a Poimênica e o Aconselhamento Pastoral.

Para Victor Frankl o Aconselhamento Pastoral tem como função específica auxiliar as pessoas na intensificação de suas relações com Deus. Segundo este autor, quando o aconselhamento pastoral visa ajudar a pessoa que sofre, trata-se de levá-la a descobrir que, mesmo quando todo o sofrimento, todas as lutas, todos os problemas parecem não ter qualquer sentido, ainda assim há um sentido perante o qual até mesmo a mais absurda tragédia humana se torna compreensível.<sup>197</sup> Conforme Aíla Luzia Pinheiro de Andrade:

Na atualidade, apesar de a ideologia da pós-modernidade nos iludir sobre a brevidade dos sentimentos e sobre a fugacidade das experiências existenciais, há um número inexprimível de sofredores, que à maneira de Jó anseiam por uma resposta para suas dores e por um sentido que preencha seu vazio existencial. Essa situação questiona a prática do aconselhamento pastoral baseada na valorização de dons e de fenômenos extraordinários, arraigada na desvalorização do compromisso e no anúncio de um Deus que privilegia ricos, poderosos, iluminados, eruditos e abençoados. Questiona um aconselhamento pastoral que supervaloriza mediadores e mediações como correntes, campanhas e promessas com as quais se espera alcançar o favor divino, semelhante aos mitos das antigas civilizações.<sup>198</sup>

### 3.2.1 Poimênica

O que é poimênica? A palavra poimênica tem relação com sua palavra originária, *ποιμην*, que significa “pastor”. *Ποιμην*, “boiadeiro”, “pastor”, é uma palavra indo-europeia que frequentemente se emprega em sentidos metafóricos: “líder”, “governador”, “comandante” (Homero, Platão).<sup>199</sup> Conforme o Novo Dicionário Internacional de Teologia, emprega-se também como alternativa para *nomeus*, “legislador”. *Poimanô* significa “ser pastor”,

<sup>197</sup>Cf. FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 161, apud ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos Teológicos / São Leopoldo / Vol. 56. N. 2. /p. 322 / jul./dez 2016.

<sup>198</sup>ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos Teológicos / São Leopoldo / Vol. 56. N. 2. /p. 328 / jul./dez 2016.

<sup>199</sup>BROWN, Colin (Ed. Geral). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983, p. 469.

“pastorear” (ativo e médio.); metaforicamente, “cuidar de”. *Poimnê* ou *poimnion* é o “rebanho”, especialmente o “rebanho de ovelhas”.<sup>200</sup> A origem desta função nos remete ao povo de Israel no AT, ainda na era dos patriarcas. Eles exerciam a função de cuidar dos rebanhos. Eram povos nômades e esperava-se por parte dos pastores que agissem com cautela, paciência e honestidade. O pastor devia cuidar incansavelmente dos animais indefesos (cf. Ez. 34:1 e segs.) e protegiam os rebanhos durante a noite. O próprio Deus é também descrito na literatura hebraica como Pastor. Especialmente nos Salmos e nos Profetas esta expressão é ressaltada (Sl 23; 95.7; Jr 23.2; Ez 34.11-12; Is 40.10.11). O povo neste contexto era o rebanho de Deus. O Messias foi também designado como Pastor. No entanto, o judaísmo passou a fazer distinções entre pastores. Especialmente depois do exílio, os rabinos farisaicos levaram a efeito uma notável desvalorização da ocupação de pastor no judaísmo da Palestina.<sup>201</sup>

No NT a palavra *ποιμην* e correlatos aparecem mais de 30 vezes. É importante observar que o conceito negativo que os judeus lhe atribuíram não foi adotado pelo NT. Desde o nascimento de Jesus, que contou com a presença dos pastores, passando pela utilização da expressão que o próprio Jesus usou para si mesmo, “eu sou o bom pastor”<sup>202</sup>, e depois da sua ressurreição, orientando a Pedro em seus momentos finais aqui na terra quando lhe disse, “pastoreia as minhas ovelhas”<sup>203</sup>, percebe-se o uso no sentido positivo e didático para com o rebanho, isto é, seu povo. Por fim, encontra-se nas cartas de Paulo e Pedro também a mesma palavra com a mesma finalidade: cuidado e pastoreio do rebanho (igreja) – Ver também os textos relacionados de Ef 4.1; 1 Pd 5.1.

Conforme o teólogo Lothar Carlos Hoch, o significado teológico do termo se inspira na atividade do pastor no trato com suas ovelhas. Ele as protege, cuida dos seus ferimentos, defende-as dos inimigos, busca-a de volta quando se desvia.<sup>204</sup> De acordo com Sidnei Vilmar Noé, a Bíblia em seu todo pode ser compreendida como uma expressão de ação poimênica, porque ela contém sinais e histórias que revelam como as pessoas experimentaram o amor protetor de Deus durante os tempos”.<sup>205</sup> A poimênica olha a ação e doação do amor de Cristo e, vê nisto a expressão completa do que é pastorear. Para Howard J. Clinebell a poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua

<sup>200</sup> BROWN, 1983, p. 469.

<sup>201</sup> BROWN, 1983, p. 471.

<sup>202</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Jo 10.11.

<sup>203</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Jo 21.16.

<sup>204</sup> HOCH, Lothar C. *Familiarizando-se com a terminologia*. Texto avulso, 2004.

<sup>205</sup> NOÉ, Sidnei Vilmar. *Introdução à clínica Pastoral*. Disponível em <http://geocities.yahoo.com.br/sidnoe>.

comunidade, durante todo o ciclo da vida”<sup>206</sup>. Ele também destaca que, “segundo a compreensão neotestamentária, a poimênica é tarefa da congregação inteira, que funciona como uma comunidade que presta assistência, promove cura e possibilita crescimento”<sup>207</sup>.

### 3.2.2 Aconselhamento Pastoral

*Pastoral Counseling* é a expressão que passou a ser usada nos EUA no século XX para se referir ao ministério do Aconselhamento Pastoral. Não necessariamente significando especificamente um ministério exclusivo do Pastor, mas um ministério de toda a comunidade (igreja) que se envolve na ajuda, admoestação, consolação e apoio a alguém que esteja passando por determinada crise ou problema. Gary R. Collins afirma que a ajuda às pessoas não é apresentada na Bíblia como uma opção, mas como uma exigência para todo crente, inclusive o líder da igreja.<sup>208</sup> Este princípio ou pensamento parte do pressuposto do chamado sacerdócio de todos os crentes (fiéis) destacado no Novo Testamento pelo apóstolo Paulo e também enfatizado pelo Apóstolo Pedro em sua primeira carta. A reforma protestante, de certa forma, trouxe à tona novamente esta doutrina por meio de Lutero, colocando e deslocando uma função que até aquele momento estava mais centralizada no chamado magistério com relação a interpretação da Escritura Sagrada. Conforme Marc Lienhard, Lutero admitia que a Escritura era suficientemente clara para ser compreendida por cada pessoa cristã<sup>209</sup>. De certa forma, não somente a questão da interpretação da Escritura, mas também outras áreas (dentre elas o aconselhamento) deixaram de ficar centralizadas simplesmente na mão de um determinado grupo.

Mas, afinal, com o que se preocupa, e, o que é Aconselhamento Pastoral? Para Christoph Schneider-Harpprecht, Aconselhamento Pastoral é uma dimensão da poimênica que procura ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas. Ambos se baseiam na fé cristã e na tradição simbólica do cristianismo.<sup>210</sup> Conforme este autor, numa perspectiva narrativa, o Aconselhamento Pastoral pode ser entendido como processo em

---

<sup>206</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 25.

<sup>207</sup> CLINEBELL, 2007, p. 33.

<sup>208</sup> COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 12.

<sup>209</sup> LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1998, p. 281.

<sup>210</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 292.

que as pequenas estórias de vida humana são escutadas e tocadas pela ‘grande história’ da caminhada de Deus com a criação e com os seres humanos.<sup>211</sup> Ronaldo Sathler-Rosa afirma que, Aconselhamento Pastoral não é resolver ‘problemas dos outros’. As diversas situações-problemas das pessoas são oportunidades de avanços em termos de capacidade para enfrentar e superar condições adversas”.<sup>212</sup> E prossegue: “a personalidade se desenvolve ao lidar com quadros humanos difíceis e mesmo dolorosos. Ademais, há certos “problemas” em que a “solução” é adotar-se posição realista e admitir que não há resolução pragmática para o mesmo. São, às vezes, ‘os espinhos na carne’ (cf. 2 Cor 12)”.<sup>213</sup>

De acordo com Hoch o objetivo último do aconselhamento é a relação da pessoa com Deus”.<sup>214</sup> Conforme Clinibell o Aconselhamento Pastoral:

Constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento”. (...) (além disso), é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises.<sup>215</sup>

Para Marcelo Martins:

O Aconselhamento Pastoral sempre tem como foco a pessoa humana como um todo, visando o seu relacionamento com Deus primeiramente. Não é uma ação exclusiva do Pastor, ou líder de uma comunidade, mas deve ser praticado por toda a comunidade, num gesto de “levar as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”.<sup>216</sup> E prossegue: Visa cuidar da pessoa para que ela possa perceber a ação de Deus em sua vida e naqueles que estão ao seu redor, e dessa maneira auxiliá-la para enfrentar as suas crises e ajudar aqueles que estão ao seu redor.<sup>217</sup>

Os fundamentos do Aconselhamento Pastoral podem ser reportados as Escrituras Sagradas e de maneira específica à própria trindade. Jesus foi descrito na profecia de Isaías como “Maravilhoso Conselheiro”<sup>218</sup>. Collins afirma que Jesus é certamente o melhor exemplo que possuímos de um ‘maravilhoso conselheiro’, cuja personalidade, conhecimento e habilidade capacitaram-no eficazmente para assistir às pessoas que precisavam de ajuda.<sup>219</sup> O Espírito Santo, o *παρακλητος*, que originalmente significa “ajudador”, alguém que é “chamado

<sup>211</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Aconselhamento Pastoral e Diversidade Cultural*. In: Estudos Teológicos. São Leopoldo, 1997, Vol./No.37/1, p. 87.

<sup>212</sup> SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Aconselhamento Pastoral e Educação*. In: Estudos de Religião, n. 12. São Bernardo do Campo: Umesp, 1996, p. 66.

<sup>213</sup> SATHLER-ROSA, 1996, p. 66.

<sup>214</sup> HOCH, Lothar Carlos. *Psicologia a serviço da libertação: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento*. Estudos Teológicos, Vol.No. 25/3, p. 259, 1985.

<sup>215</sup> CLINEBELL, 2007, p. 25.

<sup>216</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, G1 6.2.

<sup>217</sup> MARTINS, 2015, p. 65.

<sup>218</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Is 9.6.

<sup>219</sup> COLLINS, 2004, p. 12.

para ajudar”,<sup>220</sup> executa justamente esta função de “estar junto”, “estar ao lado” para confortar, ajudar, exortar. John F. MacArthur Junior ressalta que *παρακλητος* descreve um assistente espiritual cuja função é oferecer assistência, socorro, apoio, alívio, defesa de uma causa e orientação”.<sup>221</sup> Por esta razão Collins afirma que vale a pena repetir que o conselheiro cristão verdadeiramente eficaz é basicamente um instrumento perito e disponível através de quem o Espírito Santo opera transformando vidas.<sup>222</sup> Segundo Alberto Fernando Roldán, enquanto pastores, ‘representamos’ a Deus perante as pessoas; não refletimos um Deus solitário, que vive um individualismo doentio, mas, sim, refletimos uma comunidade em si, que desde a eternidade tem sido Pai, Filho e Espírito Santo.<sup>223</sup> Para este mesmo autor, é por isso que convidamos as pessoas a adentrar em relações interpessoais pré-existentes na Divindade, tal como entende o cristianismo através da revelação do Pai, em Jesus Cristo e pelo Espírito.<sup>224</sup>

A igreja desempenha papel fundamental no *Pastoral Counseling*. Desde seu nascimento, e especialmente na chamada igreja primitiva, a igreja se mostrou um instrumento eficaz no auxílio tanto espiritual, emocional e material na vida das pessoas. Basta uma breve leitura do livro bíblico de Atos dos Apóstolos, nos seus primeiros capítulos, para encontrar a ação de um povo chamado que se converteu ao cristianismo vivendo essa dimensão solidária, fraternal e atuante em relacionamentos entre as pessoas. Na sua primeira carta aos Coríntios no capítulo 12, Paulo fala da igreja como corpo. Um corpo tem vida e vida que é compartilhada com seus membros. Martinho Lutero viu neste texto de Paulo uma das mais belas e vívidas imagens para a igreja. Para Schneider-Harpprecht, a metáfora bíblica da Igreja como corpo de Cristo provavelmente é a expressão mais exata para a interdependência das relações humanas e da relação espiritual com Cristo na comunhão dos membros da comunidade cristã.<sup>225</sup> Iára Müller também ressalta este ponto da igreja como corpo e destaca um outro aspecto, ela acentua que: a partir do momento em que a comunidade entender a diversidade como uma constante interação de suas partes, não considerará mais estes membros de aparência frágil como menos

---

<sup>220</sup> INHAUSER, Marcos R. & MALDONADO, Jorge E. *Consolação e vida – para uma pastoral de consolação*. Quito: Imprensa do Colégio Dom Bosco, 1989. p. 19.

<sup>221</sup> MACARTHUR JUNIOR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico – um guia básico de princípios e práticas de aconselhamento*. São Paulo: Editora Hagnos, 2004, p. 162.

<sup>222</sup> COLLINS, 2004, p. 38.

<sup>223</sup> ROLDÁN, Alberto Fernando. *Bases bíblicas e teológicas para um aconselhamento transformador*. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Carlos B. (Org.). *Aconselhamento Cristão Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006, p. 20.

<sup>224</sup> ROLDÁN, 2006, p. 20.

<sup>225</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 292.



necessitados de sua caridade, mas entrará no exercício da alteridade.<sup>226</sup> Para Martins, a Igreja é caracterizada na Bíblia como uma comunidade que tem seu foco em evangelizar, ensinar, discipular, mas também e, tão importante quanto, em ajudar, cuidar, acolher, viver em cooperação mútua<sup>227</sup>.

Aconselhamento, portanto, pode ser formal ou informal, altamente relacional ou mais profissional. Aconselhamento acontece sempre que pessoas com sofrimento, problemas e dificuldades procuram falar com alguém que acreditam ter respostas e soluções e que podem oferecer ajuda. De acordo com Heath Lambert, todos nós fazemos isto o tempo todo. Não existe pessoa ou grupo de pessoas, que pode reivindicar direito exclusivo ou prerrogativa de ser um profissional de aconselhamento.<sup>228</sup> Aconselhamento não é mera comisseração. É mais do que simplesmente passar um tempo com a pessoa. Para que o aconselhamento ocorra, um participante na conversa deve caminhar com a pessoa que está lutando, provendo respostas, soluções e ajuda.<sup>229</sup> Sathler-Rosa ressalta que, os resultados do aconselhamento pastoral podem oscilar: curar algumas vezes, remediar frequentemente e confortar (tornar forte, animar, apoiar) sempre<sup>230</sup>.

Em relação ao desenvolvimento e progresso do aconselhamento pastoral não será feito uma pesquisa exaustiva, mas cabe destacar que vários autores têm escrito e trabalhado de forma bem específica sobre o Aconselhamento Pastoral com ênfases e posições similares ou divergentes, segue o nome de alguns: Jay E. Adams, Howard J. Clinebell, Christoph Shneider-Harpprecht, Gary Collins, Lothar Carlos Hoch, Carlos Tadeu Grzybowski, Schneider-Harpprecht, Jorge Maldonado, entre tantos outros (esta lista não é exaustiva). De acordo com Schneider-Harpprecht, “hoje em dia encontramos nos países norte-atlânticos um sistema elaborado de formação clínica e teórica para obreiros da Igreja em aconselhamento pastoral que começa a deixar marcas também na formação teológica em algumas igrejas da América Latina”.<sup>231</sup> Ele também afirma que, atualmente constata-se a importância de quatro modelos teóricos de Aconselhamento Pastoral na América Latina:

---

<sup>226</sup> MÜLLER, Iára. *Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiência: experiência de um grupo na comunidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 59.

<sup>227</sup> MARTINS, 2015, p. 72.

<sup>228</sup> LAMBERT, Heath. *Teologia do Aconselhamento Bíblico*. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2017, p. 18.

<sup>229</sup> LAMBERT, 2017, p. 19.

<sup>230</sup> SATHLER-ROSA, 1996, p. 66.

<sup>231</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 302.

- a) O modelo fundamentalista – tem como precursor o teólogo norte-americano Jay E. Adams. Adota uma postura crítica ao uso da psicologia e chama o aconselhamento para voltar exclusivamente à Bíblia como único fundamento para conduzir a vida do cristão.
- b) O modelo evangelical de psicologia pastoral – Gary Collins é o representante mais conhecido desta linha. Este modelo tem uma tendência de usar a psicologia para realizar um aconselhamento mais efetivo.
- c) O modelo holístico de libertação e crescimento – Howard Clinebell é o expoente desta linha. Este modelo parte de uma visão holística do ser humano, faz uso de métodos e técnicas de uma variedade de terapias do crescimento humano. Abriu-se para impulsos da psicologia humanística, porém tenta fundamentá-los biblicamente.
- d) O modelo contextual de uma poimênica da libertação – tem como representante principal o teólogo luterano Lothar Carlos Hoch. Parte da dimensão da encarnação, que leva o/a aconselhador a fazer uma opção pelos pobres e expor-se ao sofrimento humano.

A partir destes teóricos, outros têm desenvolvido e formado novas vertentes parecidas, ou com nuances diferentes e enfoques mais específicos sobre determinadas áreas do Aconselhamento Pastoral. Segundo Collins, há, atualmente, acima de duzentas abordagens sistemáticas diferentes do aconselhamento<sup>232</sup>.

### 3.3 Aconselhamento Pastoral e Deficiência

A cada minuto que passa, pessoas nascem deficientes ou adquirem essa condição<sup>233</sup>. As pesquisas mostram que há pessoas com deficiência em todo o mundo. Conforme Brenda Marke, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), no mínimo 10% da população mundial têm alguma deficiência, mas até agora tal população forma um povo não alcançado pelo evangelho. Nessa população, a infância com deficiência é bastante numerosa<sup>234</sup>. Segundo Müller, no Brasil, 24,5 milhões de pessoas têm uma deficiência, ou seja, 14,5% da população.

---

<sup>232</sup> COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 168.

<sup>233</sup> BUSCAGLIA, 1993, p. 20.

<sup>234</sup> DARKE, Brenda. *Deficiência e infância*. In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 10.

70% dessas pessoas vivem em famílias que sobrevivem com menos do que um salário mínimo.<sup>235</sup>

São antigos os registros na história e na literatura sobre pessoas com deficiência. Certamente remontam aos primeiros humanos. O Egito ficou conhecido como a terra dos cegos, por causa das infecções que tinham nos olhos e os levavam à cegueira.<sup>236</sup> Os Hebreus também têm seus registros apontando diversos casos de pessoas com deficiência, desde deficiências visuais como também deficiência física, por exemplo, a história bíblica de Mefibosete<sup>237</sup>. Na literatura grega também se sobressaem as menções sobre deficiência. Platão disse em *A República*, “pegarão então os filhos dos homens superiores, e levá-los-ão para o aprisco, para junto de amas que moram à parte num bairro da cidade; os dos homens inferiores, e qualquer dos outros que seja disforme, escondê-los-ão num lugar interdito e oculto, como convém”<sup>238</sup>. Percebe-se por esta fala de Platão claramente o problema da exclusão e preconceito para com as pessoas com deficiência que existia no meio da sociedade grega, assim como em muitas sociedades antigas. Aristóteles em *A Política* escreveu referindo-se ao nascimento das crianças, de maneira especial aqueles que tinham alguma deficiência,

quanto a rejeitar ou criar os recém-nascidos, terá de haver uma lei segundo a qual nenhuma criança será criada; com vistas a evitar o excesso de crianças, se os costumes das cidades impedem o abandono dos recém-nascidos deve haver um dispositivo legal limitando a procriação se alguém tiver um filho com contrariamente a tal dispositivo, deverá ser provocado o aborto antes que comecem as sensações e a vida (a legalidade ou ilegalidade do aborto será definida pelo critério de haver ou não sensações de vida).<sup>239</sup>

Apesar das demonstrações artísticas mostrarem casos positivos de integração, a história traz situações extremas de exclusão. Isto pode ser comprovado pela afirmação de Gugel ao citar que Platão e Aristóteles, em seus livros *A República* e *A Política*, respectivamente, trataram do planejamento das cidades gregas indicando as pessoas nascidas “disformes” para a eliminação. A eliminação era por exposição, ou abandono ou, ainda, atiradas do aprisco de uma

<sup>235</sup> MÜLLER, Iára. *Deficiência e Gênero*. In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 30.

<sup>236</sup> GUGEL, M. A. *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/a-pessoa-com-deficiencia-e-sua-relacao-com-a-historia-da-humanidadeparte-1.html>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

<sup>237</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 2 Sm 9.

<sup>238</sup> PLATÃO. *A República*. Livro IV, p. 460, apud GUGEL, M. A. *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Florianópolis, 2007, p. 63. Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/a-pessoa-com-deficiencia-e-sua-relacao-com-a-historia-da-humanidadeparte-1.html>>. Acesso em: 18 ago.2017.

<sup>239</sup> ARISTÓTELES. *A Política*. Livro VII, Cp. XIV, apud GUGEL, M. A. *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Florianópolis, 2007, p. 63. Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/a-pessoa-com-deficiencia-e-sua-relacao-com-a-historia-da-humanidadeparte-1.html>>. Acesso em: 18 ago.2017.

cadeia de montanhas chamada Taygetos, na Grécia<sup>240</sup>. Saindo da Grécia e indo a Roma, encontramos leis igualmente não favoráveis às pessoas nascidas com deficiências. Aos pais era permitido matar as crianças que nasciam com deformidades físicas, pela prática do afogamento<sup>241</sup>. Há ainda relatos de que pais abandonavam seus filhos em cestos no rio Tibre, ou em outros lugares sagrados. Os sobreviventes eram explorados nas cidades por “esmoladores”, ou passavam a fazer parte de circos para o entretenimento dos abastados<sup>242</sup>. Elsa Tamez destaca que:

Na antiguidade, a enfermidade, mais do que uma doença física, era uma doença social. A pessoa enferma era excluída da comunidade; por isso a dor maior estava na atitude que a sociedade tinha para com ela. As doenças eram consideradas um castigo de Deus por algum pecado próprio ou de sua família. Assim, a exclusão incluía o aspecto religioso; dessa forma, pessoas inocentes eram vistas como culpáveis por seu estado físico. Essa teologia que culpava os doentes chama-se teologia da retribuição; era uma teologia que não dava espaço à graça de Deus. Jesus sempre lutou contra essa forma de pensar equivocada. Até os discípulos de Jesus pensavam dessa maneira. Em João 9.2 lemos: “E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” Essa teologia contrária à graça estende-se até os dias de hoje em muitas igrejas, causando mais dor injusta.<sup>243</sup>

O cristianismo trouxe naquele momento da história excelentes contribuições para uma ruptura com certas práticas que eram comuns. Jesus em uma ocasião, na casa de um fariseu, ensinando sobre pessoas que se julgavam muito importantes e tinham uma atitude muito arrogante, preconceituosa e egoísta, disse:

E dizia também ao que o tinha convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado. Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos, e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos.<sup>244</sup> (Grifo nosso)

Destacam-se aqui as pessoas que Jesus disse para convidar: pobres, aleijados, mancos e cegos. Não era para convidar os amigos, irmãos, parentes e nem vizinhos ricos. A ação era para ser totalmente altruísta sem espera de recompensa. Observa-se também outro aspecto importante, percentualmente eram 75% de pessoas com deficiência e 25% pobres. Por que será? Era uma forma de tocar naquelas feridas de exclusão, marginalização, preconceito, e falta de amor ao próximo.

<sup>240</sup> GUGEL, 2007, p. 65.

<sup>241</sup> GUGEL, 2007, p. 67.

<sup>242</sup> GUGEL, 2007, p. 67.

<sup>243</sup> TAMEZ, Elsa. *Graça e rejeição: uma reflexão bíblico-teológica a partir dos sujeitos com limitações funcionais*. In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 80.

<sup>244</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Lc 14.12-14.

A nova doutrina (cristã) voltava-se para o cuidado e o amor entre as pessoas. Pode-se dizer que eles aconselhavam uns aos outros. A palavra traduzida para admoestação, *νουθεσια*, que aparece várias vezes no NT traz também o sentido de aconselhar. Paulo a utiliza bastante em suas cartas sempre conclamando as igrejas e as pessoas a admoestarem-se uns aos outros (Cl 3.16), ou seja, aconselharem-se. As classes menos favorecidas sentiram-se acolhidas com essa nova visão. A igreja nos primeiros séculos enfatizava o apoio às suas viúvas, órfãos, enfermos, deficientes e àqueles que, por causa da fé, perderam seus empregos ou foram encarcerados<sup>245</sup>. Também resgatava homens forçados ao trabalho servil em consequência da fé e hospedava viajantes. Uma igreja enviava ajuda para outra igreja cujos membros passavam por crise ou perseguição. Na teoria, e não foi diferente na prática, a comunidade cristã era uma irmandade unida pelo amor, na qual o auxílio material recíproco era a lei<sup>246</sup>. O cristianismo combateu, dentre outras práticas, a eliminação dos filhos nascidos com deficiência. Os cristãos foram perseguidos, porém, alteraram as concepções romanas a partir do século IV<sup>247</sup>. Existem muitos relatos como o que virá na sequência – certamente motivados pelas palavras de Jesus e a ação da igreja primitiva - atestando a atitude da igreja cristã para com as pessoas com deficiência.

Lourenço era um diácono muito generoso, especialmente com os pobres. Viveu em Aragão, cidade do Império Romano no século III. Durante uma das perseguições aos cristãos, ordenaram a ele que trouxesse a um oficial romano alguns dos “tesouros da igreja”. O que trouxe foram alguns pobres, miseráveis e aleijados e referiu-se a eles desta forma: “Estes são os tesouros da igreja.”<sup>248</sup>

Lourenço, por ter respondido assim, foi queimado até a morte. Mas, deixou muito claro a visão que os cristãos tinham do amor a Deus e ao próximo sem acepção de pessoas. Ou seja, percebe-se uma atitude de cuidado pastoral muito presente naquelas comunidades. De certa forma o aconselhamento era presente para eles, e com um adendo importante: uma visão acolhedora e inclusiva por parte da igreja.

Avançando com este voo panorâmico na história, na idade média a população ignorante encarava o nascimento de pessoas com deficiência como castigo de Deus. Conforme Gugel, os supersticiosos viam nelas poderes especiais de feiticeiros ou bruxos. As crianças que

---

<sup>245</sup> Ver os primeiros capítulos do Livro Bíblico de Atos dos Apóstolos. Nestes primeiros capítulos aparecem a preocupação com os mais pobres, com as viúvas, com os enfermos. Há todo um cuidado por parte da liderança da Igreja Primitiva para com estas pessoas e o texto nos apresenta como a comunidade estava tendo uma atitude cuidadora para com estas pessoas.

<sup>246</sup> *A history of christianity*, vol. 1, New York: Harper and How, 1953, 1975, p. 246, apud KENNEDY, D. James. *E se Jesus não tivesse nascido?* São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 48.

<sup>247</sup> GUGEL, 2007, p. 88.

<sup>248</sup> DOUGLAS, J. D. (Org.). *The new international dictionary of the Christian Church*. Grand Rapids: Zondervan, 1978, p. 586, apud KENNEDY, D. James. *E se Jesus não tivesse nascido?* São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 48.

sobreviviam eram separadas de suas famílias e quase sempre ridicularizadas. A literatura da época coloca os anões e os corcundas como focos de diversão dos mais abastados<sup>249</sup>. No século XIII surge pela primeira vez uma instituição para cuidar de pessoas com deficiência. Precursora de atendimento sistemático era uma colônia agrícola, na Bélgica, que propunha o tratamento com base na alimentação, exercícios e ar puro para minimizar os efeitos da deficiência, nos diz Rodrigues<sup>250</sup>. É nesta fase também que surge a primeira legislação nesta área. No século XIV, surge a primeira legislação sobre os cuidados com a sobrevivência e com os bens das pessoas com deficiência mental (*De praerogativa regis*, baixada por Eduardo II, da Inglaterra). Nessa lei surge a distinção entre a pessoa com deficiência mental e com doença mental; a primeira, “loucura natural”, pessoas que sofriam de *idiotia* permanente e, a segunda, “lunática”, aquelas que sofriam de alterações psiquiátricas transitórias. O doente mental tinha direito aos cuidados sem perder os bens. A lei não deixou de marcar a diferença entre eles.<sup>251</sup>

Na visão de Agustín Palacios e Javier Romañach, o tratamento dado pela sociedade às pessoas portadoras de deficiência, através da história, pode resumir-se em três modelos, a saber:

- **O modelo da prescindência**, que vê as causas da deficiência em motivos religiosos e opta por prescindir das pessoas que a apresentam, utilizando a eugenia, eliminação física ou, no melhor dos casos, a segregação;
- **O modelo reabilitador**, que sustenta que a deficiência tem origem em razões científicas e já não considera inúteis as pessoas portadoras de deficiência, sempre e quando sejam *reabilitadas*, o que se mede a partir da quantidade de destrezas e habilidades que elas consigam alcançar; e, finalmente,
- **O modelo social**, cuja convicção é que as causas da deficiência são sociais e, portanto, advoga a igualdade de oportunidades e a participação sobre a base do respeito às diferenças das pessoas portadoras de deficiência.

A fim de superar essas limitações conceituais, os autores propõem um quarto modelo, que é denominado **modelo da diversidade**, assim como a substituição do termo “pessoas com deficiência” por “pessoas com diversidade funcional”. Rolando Mauro Verdecia Ávila afirma que, para o novo modelo, a diversidade é “uma realidade incontestável [...] que contribui com riqueza para uma sociedade formada por pessoas que são funcionalmente diversas ao longo da

<sup>249</sup> GUGEL, 2007, p. 90.

<sup>250</sup> RODRIGUES, O. M. P. R.; MARANHE, E. A. *Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente*. In: CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. (Org.). *Prática em Educação Especial e Inclusiva*. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008, p. 09. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro2.pdf>>.

<sup>251</sup> RODRIGUES, 2008, p. 09.

vida...”, e seu eixo teórico “é a dignidade das pessoas que pertencem à diversidade, nesse caso à diversidade funcional. Uma dignidade que é inerente a todos os seres humanos e que não está vinculada à capacidade”.<sup>252</sup>

Para uma família que constata a situação real da deficiência, percebe-se que apesar de todas as dificuldades, limitações, dores, angústias, que a deficiência tende a trazer – e são muitas! -, este, de fato, não é o maior ou real problema como pode ser constatado tanto na literatura, na história ou ao nosso redor. O maior problema que se verifica com relação à deficiência, não é a deficiência em si, na grande maioria dos casos. O real e maior problema está no olhar da sociedade para com a deficiência e a pessoa com deficiência. Essa é sem dúvida uma área que o Aconselhamento Pastoral pode e necessita ajudar tanto no aspecto tanto conscientização correta do problema, como de “denúncia” desta atitude tão nociva. Iára Müller – uma pessoa com deficiência física - afirma que, a deficiência em si não é o problema maior, é um impedimento com o qual aprendem a lidar e conviver, mas os efeitos secundários que sua deficiência lhes impõe, isto é, a leitura social que é feita da deficiência como limitação e incapacidade é que é o problema.<sup>253</sup> Anselmo Fracasso Frei aponta que:

Muitas pessoas, dotadas de olhos perfeitos, são cegas em suas percepções. Muitas outras, com ouvidos bem aguçados, são emocionalmente surdas. São precisamente estas pessoas que pretendem fixar limites para os que estão privados de um ou de mais sentidos. A miopia intelectual, a estreiteza de visão, a cegueira do espírito são frutos da ignorância. A ignorância dá origem a inúmeros preconceitos. Os preconceitos erguem barreiras que dificultam a luta dos portadores de alguma deficiência, seja qual for.<sup>254</sup>

Ávila ressalta que:

Apesar de se ter avançado bastante no reconhecimento social das pessoas portadoras de deficiência, assim como no respeito à sua dignidade e a seus direitos, ainda subsistem alguns desses velhos resquícios do passado. Sem ir mais longe, vale dizer que a denominação de pessoas que apresentam deficiências, adotada pelos organismos diretivos internacionais há menos de uma década, ainda está longe de um uso generalizado por parte da sociedade, e continuamos escutando os consabidos apelidos de “inválidos”, “impedidos”, “deficientes” e “incapacitados”. Para muitos, as terminologias resultam de uma sutileza à qual não se precisa dar tanta importância. Contudo, nós seguimos insistindo que a maneira como se nomeiam determinados grupos de pessoas reflete o modo como são reconhecidos ou desqualificados socialmente e, por conseguinte, a maneira que se estabelecem as relações com eles. Portanto cremos que no caso das pessoas portadoras de deficiência, o uso dos apelidos

<sup>252</sup> ÁVILA, Rolando Mauro Verdecia. *Bioética e deficiência: Apostas por um diálogo a partir da perspectiva das pessoas portadoras de deficiência*. In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p.133.

<sup>253</sup> MÜLLER, 1999, p.32.

<sup>254</sup> FREI, Anselmo Fracasso. *O que os olhos não veem*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 69.

anteriormente mencionados representa uma forma de desvalorização, invisibilização e despersonalização.<sup>255</sup>

Sendo assim, a expressão que atualmente é consenso que mais humaniza, dignifica, por exemplo, não é, “o deficiente”, mas “a pessoa com deficiência”. Não deveria se dizer, “o aleijado”, mas “a pessoa com paraplegia (ou deficiência física)”. Não deveria se dizer, “ceguinho”, ou “surdinho”, mas “a pessoa com deficiência visual ou auditiva”. Não deveria se dizer, “mongoloide”, mas “a pessoa com síndrome de Down”. Devemos acentuar a ideia de pessoa e não da deficiência.<sup>256</sup> (**VER ANEXO III** sobre “Terminologia e Termos Corretos”). Jamais pode-se deixar de ter em mente que por maior que seja a deficiência que uma pessoa tenha, ela é uma pessoa. Esse é um dos motivos pela preferência do uso do termo “pessoa com deficiência” em relação a outros termos usados no passado. Toda pessoa, por maior que seja a sua deficiência, tem suas eficiências e muito a contribuir com a família e a sociedade em geral. Talvez, não em forma das chamadas “produtividades” que um mundo pós-moderno exige o tempo todo e exageradamente. Mas, certamente em muitas áreas, essas pessoas ensinam, contribuem e exemplificam com suas vidas valores que transcendem um mundo marcado por uma visão muito materialista, egocentrista e hedonista.

Por trás dessas considerações, o denominador comum, sem convenções, de facto, é que toda pessoa humana é limitada. Para Dutra, nosso físico, nossa mente, afetividade e vontade apresentam limitações intrínsecas e extrínsecas. Não há o perfeito. Usam-se óculos, melhoram a aparência.<sup>257</sup> Ninguém nasce deficiente ou, então, todos. Se uma pessoa tem dificuldades em determinada área não quer dizer que ela não tenha qualidades em outras áreas. Conforme Buscaglia, é muito difícil alguém ser totalmente deficiente ou totalmente eficiente. Todos têm suas deficiências e suas eficiências.<sup>258</sup> Para Dutra todos temos carências, mas quando a falta ultrapassa certos limites demarcados pela ciência, chamamos “deficiência”. Naturais umas, adventícias outras, visíveis ou invisíveis, sensoriais, crônicas, transitórias, a lista cobre umas 400 deficiências.<sup>259</sup> Conforme Collins, as deficiências podem ser físicas, mentais ou ambas. Elas podem ser resultantes de problema congênito ou defeito de nascença, de um acontecimento na infância ou da perda de alguma capacidade mais tarde na vida”.<sup>260</sup>

---

<sup>255</sup> ÁVILA, 2010, p. 129.

<sup>256</sup> DUTRA, 2005, p. 26.

<sup>257</sup> DUTRA, 2005, p. 40.

<sup>258</sup> BUSCAGLIA, 1993, p. 25,26.

<sup>259</sup> DUTRA, 2005, p. 40.

<sup>260</sup> COLLINS, 2004, p. 379.



Diana Coutinho afirma que, a sociedade cria as incapacidades, seja por falta de informação, falta de interesse, por informação deturpada ou por medo. E infelizmente, o rótulo que o deficiente recebe é mais debilitante do que a própria deficiência, pois revela que ele está fora dos padrões de beleza, de produtividade, de eficiência, de “normalidade”, de aceitação.<sup>261</sup> Nesse sentido o aconselhamento pastoral tem um leque muito grande para contribuir por meio da disseminação das informações e das ações pastorais para conscientização e luta contra o preconceito, a desinformação, a dominação, a atitude egoísta e de rótulo.

Com relação ao Autismo especificamente, Simon Baron-Cohen afirma que o Transtorno é tanto uma deficiência como uma diferença. Para este autor, precisamos achar os meios de atenuar a deficiência e, ao mesmo tempo, respeitar e valorizar a diferença<sup>262</sup>. Ne’eman declara que, “nós nunca dissemos que o autismo não representa uma deficiência, mas ele não representa uma doença. Dê aos indivíduos autistas as oportunidades educacionais e oportunidades de prosperar e ter sucesso nos seus próprios termos”<sup>263</sup>. De acordo com Schneider-Harpprecht e Streck, já passou da hora de a sociedade reconhecer a deficiência não como exceção, mas como a realidade normal de seus membros. A maioria das pessoas vive com pequenas ou maiores limitações na sua capacidade física, psíquica ou mental, desde a miopia e dificuldade de audição até o estado de coma.<sup>264</sup>

Klaus Ernesto Kuchenbecker parte de uma perspectiva sábia e pertinente com relação a estas duas questões que estão sendo abordadas, deficiência e aconselhamento. Ele afirma aquilo que todos com um pouco de bom senso e percepção enxergam em relação à deficiência, ninguém é perfeito ou sem-deficiência. Todos apresentam limitações, imperfeições e deficiências. E ao falar sobre aconselhamento destaca que, cada qual, em sua realidade, poderá ver Deus agindo de forma ainda mais grandiosa, justamente em suas fraquezas. A deficiência física, mental ou sensorial, pode vir a dificultar ainda mais a vida, mas de forma alguma revela a ausência de Deus.<sup>265</sup> De acordo com Hahn, a deficiência surge do fracasso de um ambiente social estruturado na hora de se ajustar às necessidades e aspirações dos cidadãos com

---

<sup>261</sup> COUTINHO, Diana. *Compreendendo a Deficiência: as relações sociais e familiares*. Curitiba: Eirene do Brasil: Curso de terapia familiar sistêmica, 2005. p. 19 (Monografia).

<sup>262</sup> SOLOMON, 2013, p. 334.

<sup>263</sup> SOLOMON, 2013, p. 331.

<sup>264</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 130.

<sup>265</sup> KUCHENBECKER, Klaus Ernesto. *O trabalho com pessoas surdas numa congregação de ouvintes*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 2006, p. 39.

carências, mais do que da incapacidade dos indivíduos portadores de deficiência para se adaptar às exigências da sociedade.<sup>266</sup>

Deficiência e Aconselhamento Pastoral, nos remete a outras duas questões entrelaçadas que necessitam ser repensadas: a vulnerabilidade humana e a dignidade humana.

### 3.3.1 A vulnerabilidade humana

A autora Valenciano fez a seguinte afirmação, “a vida é o lugar do vulnerável”. Segundo esta autora, a vulnerabilidade é o lugar das grandes aprendizagens para a vida, pois é ali onde se evidencia e se reflete a necessidade social de convivência em razão de interdependência e, ao mesmo tempo, o amor que nos descobre imagem e semelhança do outro, e somente em razão disso, a inclusão.<sup>267</sup> E ela prossegue dizendo que, experimentamos a fragilidade e a dor como os últimos limites do humano, enquanto rejeitamos todo o desamparo no reconhecimento do outro como minha irmã ou meu irmão. No fundo desse pensamento subjaz a pessoa digna e inviolável, no mais elevado conceito de justiça<sup>268</sup>.

Ser capaz de admitir e compreender a questão da vulnerabilidade humana, que faz parte de todo ser humano, não é questão simples e nem tão vislumbrada. O contrário é muito mais palpável: propaga-se cada vez mais a busca por ser inabalável, extremamente autoconfiante, seguro de si, inatingível, como se estas “virtudes” fossem o sinônimo de vidas bem-sucedidas, prósperas e impactantes. No entanto, no sofrimento, somos confrontados com a nossa vulnerabilidade e a nossa condição de criatura. Assim fala o salmista: “Tu os arrastas na torrente; são como um sono ao amanhecer; renovam-se como a erva: pela manhã se renova e floresce, pela tarde seca e a ceifam” (Sl 90.5-6).<sup>269</sup> Para Rückert é importante admitirmos a nossa angústia metafísica de criatura, que nos leva a questionar a nossa vulnerabilidade e transitoriedade. Em momentos assim, os salmos de súplica (Sl 6; 28; 88; 102) e as palavras de

---

<sup>266</sup> HAHN, H. *The politics of physical differences: disability and discrimination*. *Jornal of Social Issues*, 1988, v. 44, n. 1, p. 30-47.

<sup>267</sup> VALENCIANO, María E. C. *Deficiência e direitos humanos: um olhar teológico*. In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 107.

<sup>268</sup> VALENCIANO, 2010, p. 107.

<sup>269</sup> RÜCKERT, 2016, p. 60.

Jó nos ajudam a verbalizar a nossa dor<sup>270</sup>. É o reconhecimento da nossa estrutura, conforme as Escrituras somos pó (Ecl 3.20), somos vasos frágeis, de barro (2 Co 4.7).

Maria Elena Campos Valenciano acentua que, procurar condições de vida com equidade não fará com que nos despojemos da vulnerabilidade, mas sim que compartilhemos processos de alteridade com igualdade e liberdade.<sup>271</sup> Se quiséssemos anular a vulnerabilidade, entraríamos no jogo dos poderes do mundo, que se sustenta sobre a base de sua invencibilidade. Não existe maior desumanidade do que crer na superação daquilo que somos essencialmente: fragilidade e encanto pela vida. Resistir a isso é cultivar a própria insensibilidade.<sup>272</sup> A vida humana em busca de plenitudes e que é absolutamente vulnerável constitui o maior desafio. Para Valenciano, a justiça, a solidariedade, o respeito e o cuidado da vida não são ações benévolas, definitivamente comportam gestos que darão o giro do sofrimento e da morte para a ressurreição e a vida, superando as negações, discriminações e contradições. Perante as incertezas, o cuidado da vida...<sup>273</sup>

Dutra destaca que o grande mistério da nossa fé é que nós estamos mais perto de Deus quando aceitamos nossa vulnerabilidade, quando chegamos a dizer: Eu preciso de uma outra pessoa!<sup>274</sup> Conforme Henri J. M. Nouwen, em certo sentido, todo mundo é pobre no corpo de Cristo. Mas quando nos juntamos em mútua pobreza, em vulnerabilidade compartilhada, oferecemos e recebemos uns dos outros.<sup>275</sup> Em nossa pobreza esconde-se uma grande benção, porque Deus decidiu revelar a sua glória em vulnerabilidade e humilhação, não em presença imponente ou autoridade manipuladora.<sup>276</sup> A cura, o remédio para nossa vulnerabilidade, é sempre a força do amor e da ressurreição!<sup>277</sup>

Conforme Rückert, a vulnerabilidade é facilmente percebível na vida humana. As crises e as quedas trazem à tona esta vulnerabilidade. As experiências de crise são necessárias para amadurecermos. Ela destaca que, “amadurecemos à medida que nos tornamos tolerantes com aquilo que nos frustra, mais conscientes da nossa fragilidade, mais capazes de integrar a nossa vulnerabilidade e aquilo que nos leva a sofrer e a sentir dor”<sup>278</sup>. As nossas quedas nos mostram que, diante de certas situações, as nossas forças são limitadas. Cair desnuda a nossa fragilidade

---

<sup>270</sup> RÜCKERT, 2016, p. 60.

<sup>271</sup> VALENCIANO, 2010, p. 109.

<sup>272</sup> VALENCIANO, 2010, p. 109.

<sup>273</sup> VALENCIANO, 2010, p. 110.

<sup>274</sup> DUTRA, 2005, p. 43.

<sup>275</sup> NOUWEN, J. M. Henri. *Transforma meu pranto em dança*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p. 87.

<sup>276</sup> NOUWEN, 2002, p. 88.

<sup>277</sup> DUTRA, 2005, p. 43.

<sup>278</sup> RÜCKERT, 2016, p. 76.

humana, a nossa vulnerabilidade. Segundo Boff, quando caímos, podemos ter três atitudes: revolta, resignação, aceitação livre. Quando aceitamos a nossa queda, reconhecemos que somos frágeis, vulneráveis. Sentimo-nos solidários e unidos ao Cristo caído no caminho para o Calvário e a todos aqueles que caíram ao longo da história da humanidade. A aceitação da nossa queda é a atitude que nos devolve a dignidade e as forças para nos levantarmos e continuarmos a caminhar.<sup>279</sup>

Quando se fala em deficiência, pensa-se logo em vulnerabilidade, num ser humano mais vulnerável. Elisabeth Salazar ressalta que, imediatamente as pessoas centram-se nas barreiras que ultimamente a sociedade assumiu com maior facilidade: as arquitetônicas, as físicas e até as de comunicação, mas não são enfrentadas as mais determinantes: as barreiras de atitude.<sup>280</sup> Para Salazar, é preciso recapacitar, pois a nossa forma de enfrentar a deficiência é que nos deixa deficientes para criar uma sociedade em que todos e todas possamos fazer parte.<sup>281</sup> O cristianismo aponta para a vulnerabilidade da cruz, do Cristo que foi crucificado. Timothy Keller expõe isto da seguinte forma:

Na entrevista com Andrew Walls, fizeram-lhe a seguinte pergunta: “Por que isso acontece? Se o centro das demais religiões permanece constante, por que o centro do cristianismo muda constantemente?” Walls respondeu: “Deve-se concluir, segundo penso, que o cristianismo traz em seu âmago certa vulnerabilidade, certa fragilidade. Pode-se dizer que essa é a vulnerabilidade da cruz”. O coração do evangelho é a cruz, e a cruz tem tudo a ver com a atitude de abrir mão do poder, distribuir recursos e servir. Walls sugeriu que, quando o cristianismo se vê numa posição de poder e riqueza por um longo período, a mensagem radical do pecado, da graça e da cruz pode se calar ou até mesmo se perder. Quando isso acontece, o cristianismo começa a se transformar em uma religião conveniente e segura, para pessoas respeitáveis que se esforçam para serem boas. Com o tempo, torna-se praticamente estagnado nesses lugares, e seu centro se desloca para outros locais.<sup>282</sup>

Henri Nouwen comenta o assunto da deficiência dentro da consciência da vulnerabilidade humana. Segundo ele, a pessoa com deficiência ensina as pessoas que não tem deficiência a ver a nossa realidade como vaso de barro (2 Co 4.7). Somos frágeis<sup>283</sup>. Ele relata como conviveu com Adam em uma comunidade de L’Arche, em Toronto, Canadá, por alguns anos ajudando no cuidado de pessoas com deficiência, em específico a uma pessoa chamada Adam. (**Obs.** A partir desse momento esta experiência vivida por Nouwen será citada novamente algumas vezes nesta pesquisa). Adam, em cadeira de rodas e tendo ataques epiléticos, necessitava de um

<sup>279</sup> BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 105, apud RÜCKERT, Maria Luiza. Capelania hospitalar e ética do cuidado. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 42.

<sup>280</sup> SALAZAR, Elisabeth. *Talita Cumi: chamados a viver na diversidade*. COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 19.

<sup>281</sup> SALAZAR, 2010, p. 19.

<sup>282</sup> KELLER, Timothy. *A cruz do rei: a história do mundo na vida de Jesus*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2014, p. 150.

<sup>283</sup> DUTRA, 2005, p. 43.

atendente pessoal para vestir-se, comer e banhar-se. A princípio, Nouwen viu-se sem jeito, mas pouco a pouco aprendeu. E aprendeu mais do que esperava. Em suas limitações, e do modo como as encarava, Adam o ensinou que há coisas mais importantes que afogar-se em atividades. Adam “dizia” ao padre que tentava fazer muitas coisas: “Fique aqui comigo. Só quero que fique comigo”.<sup>284</sup> De alguma forma, afirma Nowen, eu sabia que este era o objetivo da Arca: colocar a pessoa mais fraca e mais vulnerável no centro e buscar seus dons únicos. Adam era mais fraco e mais vulnerável do que qualquer outra pessoa em Daybreak e foi entregue a mim, o menos capaz de todos, para ser cuidado, embora não só para ser cuidado.<sup>285</sup>

Conforme Nowen, os pais de Adam, amavam-no simplesmente porque era Adam. Sim, eles o reconheciam e o amavam por ser como era. Sem ter consciência disso, eles também o acolhiam como um enviado em completa vulnerabilidade para ser um instrumento da benção de Deus.<sup>286</sup>

Não estou dizendo que Adam era um segundo Jesus, mas devido à vulnerabilidade de Jesus, podemos ver um forte significado espiritual na vida extremamente vulnerável de Adam. Este não tinha virtudes heroicas especiais: ele não se destacava em nada do que os jornais escrevem. Mas estou convencido de que Adam foi escolhido para testemunhar o amor de Deus por meio de sua fraqueza. Dizer isto não é romantiza-lo ou ser sentimental. Adam foi, como todos nós, uma pessoa limitada, mais limitada do que a maioria, e incapaz de expressar-se em palavras. Mas foi também uma pessoa completa e abençoada. Em sua fraqueza, tornou-se um instrumento único da graça de Deus: tornou-se uma revelação de Cristo entre nós.<sup>287</sup>

O mesmo autor acrescenta, “não queria ser fraco e dependente. Não queria ser tão dependente. Apesar disso, em algum lugar reconheci que o caminho de Adam, o caminho da vulnerabilidade radical, era também o caminho de Jesus”.<sup>288</sup>

Nouwen descreve várias facetas do seu relacionamento com Adam e como a vulnerabilidade de Adam o impactou de diversas formas. Toda a vida de Adam foi paixão, uma vida de sofrimento na qual passou por tudo o que foi feito para ele, com ele e em volta dele. Seu sofrimento foi principalmente o da completa dependência das ações e decisões de outras pessoas... Adam vivia cada momento da vida esperando que outros agissem em seu benefício.<sup>289</sup> Não sabemos sobre muitas de suas dores físicas e nada sobre suas dores emocionais e conflitos. Talvez um de seus maiores sofrimentos tenha sido o de não poder contar a ninguém o que o incomodava... Isso quer dizer que muito tinha de ser adivinhado para descobrir as

---

<sup>284</sup> DUTRA, 2005, p. 43.

<sup>285</sup> NOUWEN, J. M. Henri. *Adam, o amado de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 43.

<sup>286</sup> NOUWEN, 2000, p. 26.

<sup>287</sup> NOUWEN, 2000, p. 25.

<sup>288</sup> NOUWEN, 2000, p. 74.

<sup>289</sup> NOUWEN, 2000, p. 78.

causas de seus desconfortos óbvios.<sup>290</sup> Todo cuidado em relação a Adam de nada serviu para diminuir seu sofrimento. Ele viveu em dependência total e completa. Ele parecia profundamente resignado a isso, totalmente entregue às mãos dos outros, irradiando luz, paz e sua completa fraqueza.<sup>291</sup> Meu coração recusa-se a crer que tudo o que Adam viveu em seu corpo não serviu para nada. Sua incrível vulnerabilidade e sua vida, que se tornaram portões misteriosos através dos quais ele derramou seu amor a tantas pessoas, estão destinadas à glória.<sup>292</sup>

Ser humano é ser vulnerável. Quando se trata de pessoas com deficiência não é difícil de perceber esta vulnerabilidade – física, emocional, social, mental -, como Adam exemplifica isto. Por outro lado, não se pode esquecer que são pessoas que tem a dignidade humana. De certa forma, vulnerabilidade e dignidade humana, são dois lados de uma mesma moeda. E, precisam receber o devido cuidado e atenção.

### 3.3.2 A dignidade humana

Na visão cristã, a vida é uma dádiva, um dom. Cada um de nós é único, conhecido pelo nome e amado por aquele que nos criou. O salmista chega a dizer, “pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe”<sup>293</sup>. Uma pessoa não deixa de ser pessoa pelo fato de ter alguma deficiência, aliás, quem não as possui? Esta é uma boa pergunta! Se o fato de uma pessoa ter uma deficiência a tornasse menos pessoa, quem seria considerado pessoa? Não existe ninguém cem por cento eficiente. Todos apresentam eficiências e deficiências em suas vidas, sejam elas físicas, emocionais, sociais, mentais, espirituais. Conforme Nouwen, infelizmente, há uma mensagem muito estridente, forte e poderosa, proveniente no nosso mundo, que nos leva a crer que temos de provar, pela nossa aparência, bens e conquistas, que somos amados. Ficamos preocupados em “chegar lá” nesta vida e tardamos a apreender a verdade libertadora de nossas origens e nossos fins.<sup>294</sup>

De acordo com Ávila, quando se trata da dignidade humana, na perspectiva cristã, a noção deriva do fato de considerar, reconhecer e respeitar a condição essencialmente humana de qualquer pessoa criada à imagem e semelhança de Deus, com total independência de

---

<sup>290</sup> NOUWEN, 2000, p. 79.

<sup>291</sup> NOUWEN, 2000, p. 83.

<sup>292</sup> NOUWEN, 2000, p. 113.

<sup>293</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Sl 139.13.

<sup>294</sup> NOUWEN, 2000, p. 33.

qualquer outra condição que essa pessoa tenha na ordem física, psicológica, sexual, religiosa, moral, econômica ou social.<sup>295</sup>O teólogo Lewis S. Chafer faz a seguinte afirmação sobre a criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus:

Os anjos são seres criados (Cl 1.16), e, visto que eles são imateriais, segue-se que os seres deles, em todos os seus aspectos, são uma criação distinta totalmente à parte da matéria preexistente. Nenhum registro nos é dado de que eles foram constituídos pelo sopro divino. O homem parece ser exaltado a um lugar de dignidade e honra insuperáveis. ”<sup>296</sup>

Donald D. Turner, afirma, certamente que o fato de Deus haver conferenciado consigo mesmo, antes de haver criado o ser humano, e que em seguida o criou à sua própria imagem, conforme à sua semelhança, significa que o ser humano é diferente de todas as demais criaturas, que é mais semelhante a Deus do que qualquer animal o é, e que mantém uma relação peculiar para com seu Criador.<sup>297</sup>Dentro da perspectiva bíblica, Deus afirma os direitos do ser humano quando defende os que não se pode defender: as crianças em geral, os órfãos, as viúvas e, particularmente, as pessoas portadoras de deficiência<sup>298</sup>. Em Lv 19.14 está escrito, “não amaldiçoarás ao surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o Senhor”. Em Dt 27.18, “Maldito aquele que fizer que o cego erre de caminho. E todo o povo dirá: Amém. ” As crianças também são destacadas como pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus. Tanto seus direitos como seu valor não foram adquiridos nem concedidos por nenhum poder humano, mas provém de Deus e lhes são inerentes por criação. Segundo Darke, a Bíblia reconhece a fragilidade e vulnerabilidade das crianças, sem que isso signifique que as considera menos valiosas ou as trata como pessoas incompletas.<sup>299</sup>

O apóstolo Paulo na sua carta escrita aos Efésios, faz uso de uma das mais belas expressões do ato criador de Deus a respeito do ser humano. Ele afirma que “somos ‘feitura’ dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras”<sup>300</sup>. A palavra na língua grega para feitura é *ποίημα*, que significa, “criação, o que é feito, obra manual, obra do espírito, invenção, ação e poema”<sup>301</sup>. Na interpretação de “feitura” entende-se que o ser humano é criação de Deus. Entretanto, destaca-se aqui que um dos significados é “poema”. Segundo esta interpretação, pode-se afirmar que cada pessoa é um “poema” do Criador. Sabe-se que todo poema tem algo muito belo para ser apreciado e, mais que isto, tem muitas coisas para ensinar, pois, foi pensado

<sup>295</sup> ÁVILA, 2010, p. 134.

<sup>296</sup> CHAFER, Lewis S. *Teologia Sistemática*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Editora Hagnos, 2003, p. 567.

<sup>297</sup> TURNER, Donald D. *A doutrina dos anjos e do homem*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1990, p. 203.

<sup>298</sup> DARKE, 2010, p. 13.

<sup>299</sup> DARKE, 2010, p. 13.

<sup>300</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Ef 2.10.

<sup>301</sup> PEREIRA, 1969, p. 465.

com todo o cuidado, planejado, elaborado em todos os seus detalhes para que cada linha, cada palavra, tenha um significado, uma importância. Tomando por base o texto bíblico chega-se à mesma conclusão em relação à vida do ser humano, criado por Jesus Cristo. Isto aponta para o cuidado de Deus em criar, formar o ser humano - poema do Criador - e, também aponta para a dignidade humana que vem desde o seu nascimento.

Retomando o mesmo exemplo citado anteriormente sobre o cuidado de Nouwen para com Adam, o autor afirma: a humanidade de Adam não foi diminuída por causa de suas deficiências. Sua humanidade era completa, e a plenitude do amor tornava-se visível para mim e para outros que cresceram para conhecê-lo<sup>302</sup>. Adam anunciava-me que “ser é mais importante do que fazer”. Enquanto eu me preocupava com o que se falava ou se escrevia de mim, Adam tranquilamente contava-me que “o amor de Deus é mais importante que o elogio das pessoas”.

Edésio Sánchez Cetina faz a seguinte indagação? O que significa ser criado à imagem de Deus?<sup>303</sup> A pergunta é intrigante e razão de muitas pesquisas sobre a interpretação correta de “imagem e semelhança de Deus”. Entretanto, o propósito aqui é salientar que a “imagem e semelhança” de Deus no ser humano conferem a ele, independentemente de sua situação física, psicológica, moral, religiosa, etc. a dignidade humana. Esta dignidade foi-lhe dada pelo Criador, isto não descarta e resolve o problema de ele ser pecador, conforme a teologia bíblica aponta, entretanto, direciona para uma compreensão de como todo ser humano é visto e compreendido no entendimento cristão. Para Darke, o papel da igreja inclui zelar pela justiça de Deus, que defende as pessoas mais vulneráveis. O ser humano, por ser criação de Deus, tem dignidade e direitos.<sup>304</sup> Cetina passa a relatar o que impactou uma comunidade chamada Emaús e trouxe uma nova percepção quanto às pessoas com deficiência e a questão da dignidade:

Para poder discutir a respeito, gostaria de relatar-lhes uma experiência que vivemos em nossa pequena comunidade cristã. No fim da década de 1980, chegou a “Emaús”, nossa comunidade eclesial, Mariana. As primeiras palavras que nos disse ainda ecoam bem claras em meus ouvidos: “Esta é a quarta igreja que visito. Não quero que orem por mim nem me imponham as mãos para curar. Não estou doente!” Mariana é uma mulher com paralisia cerebral notoriamente aguda. Continuou dizendo: “Deus me criou assim, e entendo minha vida e minha missão como o chamado de Deus para servir aos que são como eu e a interpretar o evangelho a partir da perspectiva dos que vocês chamam de ‘deficientes’”. Mariana tornou-se parte de nossa comunidade. As crianças foram as primeiras a aceitá-la sem reserva nenhuma; para os adultos, foi mais difícil, mais lento. Quando a professora das crianças as convidou para pintar o cartaz que anunciaria a nossa comunidade, além do nome “Emaús” as crianças pintaram um grande círculo de pessoas de mãos dadas, que simbolizavam todos os membros de Emaús. No

<sup>302</sup> NOUWEN, 2000, p. 47.

<sup>303</sup> CETINA, Edésio Sánchez. “Ninguém busque seu próprio interesse, e sim o de outrem.” Teologia bíblica da deficiência no contexto da Imago Dei. In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). Teologia e Deficiência. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 66.

<sup>304</sup> DARKE, 2010, p. 13.



centro pintado Mariana em sua cadeira de rodas. Mariana integrou-se totalmente à vida de Emaús...<sup>305</sup>

De acordo com Cetina, Mariana veio para mudar radicalmente a perspectiva deles em relação ao conceito de “ser perfeito”, “ser normal”. Veio para desafiar quanto a noções tão interiorizadas como: “o que significa nascer com uma doença ou deficiência considerada contrária à vontade de Deus e o que entendemos como normal?”<sup>306</sup> Veio para dizer que aquilo que chamavam de “deficiência” não é bem assim, não é um assunto individual, mas é o desafio de criar espaços para que as diferentes capacidades se desenvolvam e se realizem sem obstáculos. Na realidade, a presença de Mariana veio mostrar que a deficiência é manifestada pela comunidade, sociedade ou instância que não cria ou não permite criar espaços e ambientes em que todos se desenvolvam plenamente assim como são.<sup>307</sup> De certa forma, Mariana trouxe para aquela comunidade uma nova compreensão da dignidade humana.

Para Tamez, dignidade também significa várias coisas, mas nos interessa essa que sentimos quando somos respeitados, somos considerados pessoas humanas e não coisas que não tem alma e quando experimentamos que somos tratados equitativamente em meio à diferença. E finaliza, sentimo-nos dignos quando podemos expressar-nos sem temor e somos escutados. Como os cegos escutados por Jesus no caminho a Jerusalém. Viver essa graça e sentir-se digno não é fácil em contextos de rejeição e discriminação.<sup>308</sup> Ser escutado, assumir-se como uma pessoa digna, “é sentir essa chama interna chamada graça, que não apenas vivifica, mas dá força para caminhar com dignidade e resistir à adversidade que nega o dom da dignidade.”<sup>309</sup>

Na cruz, aquele que gritou aos quatro ventos as bem-aventuranças, aquele que não teve receio em colocar as viúvas, os órfãos, os pobres e os estrangeiros em primeiro lugar como sujeitos de toda a ação ética, foi capaz de reconhecer a dignidade dos que se aproximaram [...] Ele foi capaz de se colocar no lugar do outro.<sup>310</sup> Qualquer ameaça à dignidade e à vida do ser humano repercute no próprio coração da igreja, afeta o núcleo de sua fé na encarnação redentora

---

<sup>305</sup> CETINA, 2010, p. 66.

<sup>306</sup> CETINA, 2010, p. 67.

<sup>307</sup> CETINA, 2010, p. 66.

<sup>308</sup> TAMEZ, 2010, p. 78.

<sup>309</sup> TAMEZ, 2010, p. 80.

<sup>310</sup> VALENCIANO, 2010, p. 108.

do Filho de Deus, compromete-a em sua missão de anunciar o evangelho da vida por todo o mundo e a cada criatura.<sup>311</sup>

O conceito de dignidade humana faz com que as pessoas com deficiência sejam vistas, percebidas e cuidadas de maneira correta e própria, como realmente necessitam ser. O Aconselhamento Pastoral reconhece isto e enfatiza a necessidade de ter esta compreensão e ação sem preconceitos, discriminação. Olha para o ser humano, independentemente de suas limitações, fraquezas, doenças, deficiências, e valoriza sempre o dom da vida que vem do Criador criado à imagem e semelhança de Deus. Para isto se empenha ao máximo em propiciar uma atitude cuidadora e responsável perante o outro. Dessa forma, as pessoas com Autismo e suas famílias necessitam ser vistas e cuidadas com a devida percepção das suas vulnerabilidades, sem nunca esquecer da dignidade que lhes foi conferida.

### 3.4 Aconselhamento Pastoral Sistêmico

O referencial que está sendo usado para a pesquisa é o Aconselhamento Pastoral. No entanto, ressalta-se neste momento que o enfoque que será dado nas famílias tem como pressuposição o Aconselhamento Pastoral Sistêmico no seguinte aspecto: “o modelo sistêmico pode ser de grande valia como instrumento no cuidado pastoral, pois se apresenta como integrador e não como divisor entre as questões psico-emocionais e a espiritualidade, tendo as relações familiares como seu foco principal”,<sup>312</sup> conforme Carlos Tadeu Crzybowisk.

Como a situação que está sendo abordada gira em torno da família e envolve todos os membros que a compõem, entende-se que um enfoque sistêmico ajuda nesta compreensão. Para Schneider-Harpprecht a teoria de sistemas ajuda a entender que o Aconselhamento Pastoral nunca lida com indivíduos isolados. Eles fazem parte de vários sistemas (família, vizinhança, vila, equipe de trabalho...) e são determinados nas suas reações pelas regras das interações sociais nesses sistemas e por sua história social.<sup>313</sup> Segundo o mesmo autor a visão sistêmica obriga o Aconselhamento Pastoral a trabalhar conflitos e crises das pessoas no contexto dos

---

<sup>311</sup> Da Encíclica de João Paulo II, “Evangelium Vitae” (25 de março de 1995), 3a., In: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html). Acesso em 12 de março de 2016.

<sup>312</sup> GRZYBOWSKI, Carlos Tadeu. *O modelo sistêmico como referencial no cuidado pastoral familiar*. In: *Via Teológica*, Curitiba: Faculdade Batista Teológica do Paraná, n. 12 (dezembro de 2005), p. 90.

<sup>313</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 313.

seus sistemas sociais. Ele não se limita ao antigo modelo da conversa individualizada e procura desenvolver o aconselhamento como trabalho com grupos, em grupos e em equipe.<sup>314</sup>

Nesse sentido o foco volta-se não somente para um indivíduo da família, mas para o todo. A partir do modelo sistêmico, podemos pensar em uma pastoral que vá além dos cuidados individuais, antes inclua a família e a comunidade como família de famílias nesta perspectiva.<sup>315</sup> Sendo assim, olha-se para o todo: a pessoa com autismo, a família e todos aqueles que a circundam – familiares, comunidade, sociedade. Todos estão inseridos, uns mais e outros menos, naquela realidade. Para Camargos “devemos colocar que os problemas de uma criança com transtornos invasivos do desenvolvimento, não é só dela, mas da família, escola, comunidade e sociedade que com ela interagem ao longo do desenvolvimento.”<sup>316</sup> Segundo Froma Walsh,

As famílias são nossos recursos mais valiosos no tratamento de doença grave e persistente. Devemos encorajar a colaboração, entender os desafios do cuidado e apoiar seus melhores esforços. Podemos ajudar os membros da família e encontrar maneiras significativas de contribuir para o cuidado de um membro doente e, ao mesmo tempo, estabelecer limites para o seu bem-estar. Nossas intervenções clínicas podem fortalecer sua resiliência no enfrentamento de estresse persistente e podem aprofundar seus vínculos. Mas as famílias não conseguem carregar tal carga sozinhas.<sup>317</sup>

Este pensamento tem como parâmetro e fundamento a ideia antropológica hebraico-cristão. Para o pensamento hebraico-cristão, “o fundamento são unidades de totalidades – como a Trindade e o Casamento, por exemplo – concepções estas de difícil entendimento para o pensador ocidental justamente em virtude da forte influência dicotomizadora da filosofia e antropologia grega”.<sup>318</sup> Pensa-se a família dentro do seu sistema e trabalha-se com ela nestes diversos ciclos da vida. O conselheiro acompanha o desenvolvimento da família nas diversas fases e ciclos da vida.

Conforme Valburga S. Streck, o Aconselhamento Pastoral Sistêmico, com este enfoque na família, traz para o cuidado pastoral uma nova visão que enfatiza o “estar junto com o outro”, cooperando, recebendo e exercendo influência, ao contrário da perspectiva da separação e da individualidade dos outros modelos de cuidado pastoral.<sup>319</sup> O Aconselhamento

<sup>314</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 314.

<sup>315</sup> GRZYBOWSKI, 2005. p. 91.

<sup>316</sup> CAMARGOS, 2005, p. 100.

<sup>317</sup> WALSH, Froma. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005, p. 223.

<sup>318</sup> GRZYBOWSKI, 2005. p. 91.

<sup>319</sup> STRECK, Valburga S. *Terapia Família e Aconselhamento Pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 118.

Pastoral sistêmico também entende a importância da espiritualidade como essencial para o bom desenvolvimento dos “sistemas”, seja a família, a sociedade, etc...

### 3.5 O Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo

Como já foi mencionado no início deste capítulo, não há muito material escrito que aborda especificamente o Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo. O autor Leo Buscaglia afirma que é desconcertante a pouca atenção que se dá ainda, da parte de médicos, psicólogos e educadores, à terapia de pessoas deficientes e de suas famílias.<sup>320</sup> E pode-se também acrescentar, por parte de líderes religiosos. No entanto, apesar da escassez bibliográfica enfocando especificamente esta área, nota-se atualmente um “despertar” para estudos e publicações relacionados a esta temática. O Aconselhamento Pastoral tem como pressuposição cuidar e olhar não necessariamente para um problema específico em detrimento dos demais. Seu leque abrange todas as temáticas que têm a ver com o ser humano e seus problemas e, indo, além disto. Entretanto, é importantíssimo fazer determinados recortes e aprofundar-se neles para uma melhor compreensão dos dilemas humanos e daquilo que pode ser pensado, para de alguma forma trazer ajuda e contribuição.

Neste sentido, e neste ponto do trabalho remete-se ao trabalho feito por Marcelo Martins<sup>321</sup> e toma-se por base alguns de seus pressupostos para uma abordagem na questão do Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com autismo. No seu livro, *Autismo: ajudando famílias*, Martins tem como enfoque esta temática. O autor nos dá pistas para questões pertinentes e importantes relacionadas a este assunto. No primeiro capítulo relata a situação real de uma família cujo filho tem autismo (que é o caso do próprio filho do autor). O autor relata todo o percurso que houve até que os pais pudessem obter o diagnóstico do TEA. Não somente conta os detalhes dessa busca, mas também expõe seus questionamentos, angústias, receios que surgiram ao se deparar com uma síndrome que lhe era desconhecida. O segundo capítulo trata mais sobre o que é o autismo segundo a literatura e a história, também trata do conceito de família e o cuidado necessário para alguém com autismo, ou outras, síndromes ou deficiências similares. O terceiro e o quarto capítulo estão interligados, tratando do Aconselhamento

---

<sup>320</sup> BUSCAGLIA, 1993. p. 15.

<sup>321</sup> MARTIS, Marcelo. *Autismo: Ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, 199 p.

Pastoral em sua definição e, as possibilidades para o Aconselhamento Pastoral atuar na ajuda a famílias com filhos com autismo, ou com deficiências parecidas. Tomando por base especialmente o quarto capítulo, “possibilidades para o Aconselhamento Pastoral junto à família de uma pessoa com autismo”, Martins destaca que o Aconselhamento Pastoral pode trabalhar em três perspectivas que ele denomina de: 1. Suporte espiritual; 2. Suporte eclesial; 3. Suporte familiar. Será utilizado este pressuposto para a sequência do trabalho, averiguando e extraindo aquilo que se destaca como preponderante para a pesquisa, e, também será acrescentado um quarto suporte: o suporte governamental e social. Entretanto, será usado o termo “cuidado” ao invés de suporte. Ainda haverá dois pontos a mais que serão abordados, pois, são pertinentes para nossa pesquisa: o conselheiro e o cuidado; e a reciprocidade no cuidar.

### 3.5.1 O conselheiro e o cuidado

Antes de observar especificamente o que o aconselhamento aponta como possível e necessário para aconselhar famílias com filhos com Autismo (ou famílias que têm filhos com deficiência), é importante passar por dois elementos que são imprescindíveis para esta tarefa: o conselheiro e o cuidado. O cuidado necessita envolver o ser humano em sua totalidade, e compreende a atitude de quem está cuidando – cuidador, ou quem irá aconselhar (conselheiros) -, como de quem está recebendo o cuidado.

O conselheiro (s) ou aconselhador (es) é aquela pessoa que se aproximará da pessoa (ou família) e desenvolverá o trabalho de ajuda. Para tanto, é importante que tenha uma compreensão a respeito do ser humano e seus conflitos e dilemas: uma visão antropológica do ser humano. Entretanto, o conselheiro não necessariamente será um expert em todos os assuntos, mas trata-se de alguém que esteja pronto para fazer esta caminhada com sabedoria, paciência e cuidado junto a pessoas que sofrem. Roseli M. K. Oliveira entende que “o aconselhamento não é dar conselhos, é acompanhar, fazer-se parceiro, companheiro de caminhada. Isso significa andar com a pessoa que sofre quantas “milhas” a mais se fizerem necessárias”.<sup>322</sup>

---

<sup>322</sup> OLIVEIRA, Roseli M. K. *Transformação na dor: lidando com perdas e lutos em famílias*. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Carlos B. (Org.). *Aconselhamento Cristão Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006. p. 146.

O Aconselhamento Pastoral remonta ao AT, por isso pode-se destacar esta atividade de conselheiros desde aquela época em suas mais variadas formas. Segundo Esny Cerene Soares, “no AT é comum que o aconselhamento ocorra ligado a assuntos jurídicos, ao culto ou à sabedoria. Pode-se reconhecer os sacerdotes como conselheiros (Levítico 12; I Samuel 1.9). Os reis de Israel sempre contaram com conselheiros, tanto do ponto de vista político quanto religioso”.<sup>323</sup> Também os profetas e muitos sábios entre o povo eram reconhecidos e tidos como conselheiros. A literatura dos salmos e provérbios estão recheadas de conselhos, tanto gerais, como específicos. E pode-se dizer que, muitos desses conselhos que ficaram registrados na literatura são buscados e assimilados até os nossos dias, por meio da leitura bíblica.

No NT também encontramos diversos conselheiros. Começando com Jesus, que foi chamado pelo profeta Isaías de “Maravilhoso Conselheiro”, e passando por Paulo (cujas cartas estão repletas de conselhos, ajuda, conforto, direção), Pedro, Tiago, etc. Soares afirma que “durante algum tempo, especialmente no início da era cristã, o pastor pôde exercer um papel de conselheiro e era reconhecido pela sociedade. As pessoas procuravam o pastor buscando orientação, encorajamento e conforto”.<sup>324</sup> De acordo com Collins, “vale a pena repetir que o conselheiro cristão verdadeiramente eficaz é basicamente um instrumento perito e disponível através de quem o Espírito Santo opera transformando vidas”.<sup>325</sup>

O conselheiro necessita ter a paciência para ouvir as famílias que muitas vezes estão sofrendo, ou enfrentando crises, questionamentos, e dúvidas profundas com a informação de que seu filho tem alguma deficiência, no caso, Autismo. Esta é uma forma honesta de solidarizar com a situação. Maldonado acentua que:

Já que a relação entre o facilitador e a pessoa ou família em crise é crucial no processo de ajuda, o conselheiro ou facilitador deve conhecer a sua capacidade de lidar com o estresse, de estabelecer limites e de acompanhar as pessoas envolvidas sem dar sermões, moralizar, julgar ou pressionar.<sup>326</sup>

Ora, o Aconselhamento Pastoral visa justamente isso, mediar algo do amor divino não só através da palavra falada, mas também através do gesto e da postura pessoal do conselheiro e da conselheira. A palavra de Deus precisa se tornar carne, tomar corpo na maneira que o conselheiro se relaciona com seu interlocutor tanto no nível cognitivo como no nível afetivo. O

---

<sup>323</sup> SOARES, Esny Cerene. *Aconselhamento Pastoral: história e perspectivas contemporâneas – uma análise da influência dos métodos de Jay Adams, Gary Collins e Howard Clinebell sobre o aconselhamento pastoral brasileiro*. 1999, p. 49. Dissertação de Mestrado. UMESP, São Bernardo do Campo.

<sup>324</sup> SOARES, 1999, p. 49.

<sup>325</sup> COLLINS, 2004, p. 38.

<sup>326</sup> MALDONADO, 2005, p. 12.

aconselhado “sentindo a atenção e o carinho do conselheiro pastoral, chegará a experimentar algo do amor de Deus”.<sup>327</sup> Conforme Soares, “o aconselhamento pastoral parte do princípio de que a espiritualidade faz parte do todo do ser humano. Sendo assim, o exercício da espiritualidade pode contribuir para o crescimento integral do indivíduo enquanto pessoa. É nesse sentido que a Bíblia e a oração fazem parte da prática do conselheiro pastoral”.<sup>328</sup>

O outro elemento indispensável nesse processo é o cuidado. Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. E esta não se limita a um mero momento de zelo ou atenção. Tem a ver com ocupar-se, responsabilizar-se, envolver-se afetivamente com o outro. Dentre os vários significados da palavra cuidar na língua portuguesa destacam-se, “atenção, desvelo, diligência, responsabilidade, preocupar<sup>329</sup>, dar atenção a, ter cuidado com a saúde, originário do latim *cogitare-cogitatus*<sup>330</sup>. No AT, um dos correlatos da palavra cuidado é o verbo hebraico “*shāmar*”, cujo significado é cuidar, guardar, prestar atenção, observar. Entre os desdobramentos da raiz do verbo há uma que é “tomar conta de”. Isto envolve cuidar de coisas, animais, pessoas. A questão do cuidado para o povo judeu envolvia ter a compreensão do ser humano em sua inteireza, completude, integrando dor e alegria Na língua grega cuidado, *merimna* e *μελει*, significam: “importa-se, dá-se, cuida-se, dá-se ao cuidado”<sup>331</sup>. Segundo Russell N. Champlin:

Isso expressa o teísmo. Cada indivíduo tem um grande valor aos olhos de Cristo. Ele conhece e cuida de cada um, e assim garante-lhes a vitória final. Isso é contrastado com o “deísmo”, que crê na existência de alguma força criadora, mas também que esse poder abandonou sua criação, deixando que “as leis naturais” governassem em seu lugar. Na verdade, Deus cuida dos seus, e isso ficou supremamente demonstrado em Cristo... Esse conceito incorpora a mensagem cristã em sua inteireza. Ele cuida de nossas almas, pois ele é manifestação do amor de Deus (Ver João 3.16). Ele cuida do homem inteiro, agora e eternamente, e ele é a força que finalmente dará vitória sobre o sofrimento.<sup>332</sup>

Os embasamentos do verbo *shāmar* e *melei* aparecem com a mesma ênfase de cuidado humano entre pessoas, ou de Deus pelas pessoas. O significado é o mesmo, ou operam indiretamente para o mesmo efeito, o qual lida com a condição humana e suas limitações. O

<sup>327</sup>SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; HOCH, Lothar Carlos. *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 27.

<sup>328</sup> SOARES, 1999, p. 49.

<sup>329</sup> HOUAISS, 2009, p. 412.

<sup>330</sup> CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 232.

<sup>331</sup> TAYLOR, Willian Carey. *Introdução ao estudo do novo testamento grego: dicionário*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986, p. 133.

<sup>332</sup> CHAMPLIN, Russell N. *O novo testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo. Editora Hagnos, 2002. p. 167.

nascimento do ser humano já consiste em cuidado, não há condição de existência sem os cuidados elementares, ou seja, ele não vive sem ser cuidado.

A tradução da palavra cura, do latim para o português, é cuidado. Também nesse sentido há um encontro entre essa expressão e vocação da igreja como um todo, de ministros/as e pessoas leigas, de cuidar e acompanhar as pessoas em sua trajetória de vida, especialmente nos momentos de fragilidade.<sup>333</sup> Conforme Boff,

Segundo os clássicos dicionários de filologia, alguns estudiosos derivam cuidado do latim cura. Esta palavra é um sinônimo erudito de cuidado, usada na tradução de Ser e Tempo de Martin Heidegger. Em sua forma mais antiga, cura em latim se escrevia *coera* e era usada num contexto de relações de amor e de amizade. Expressava a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação. Outros derivam cuidado de *cogitare-cogitatus* e de sua corruptela *coyedar, coidar, cuidar*. O sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação. O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim de sua vida.<sup>334</sup>

Nesse sentido pode-se afirmar que a “cura” que muitas pessoas buscam não chegará por meio de supostos atos milagreiros, mas por uma atitude cuidadora. O cuidado surge quando a vida de alguém se torna importante para nós. Passamos a nos dedicar a essa pessoa. Optamos em participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos, de sua vida. Saímos de nós mesmos e centramos no outro, num clima de disponibilidade, solicitude e empatia.<sup>335</sup> A “cura” – cuidado – começa então a acontecer efetivamente.

O escritor e teólogo Leonardo Boff aponta para dois modos de ser no mundo: trabalho e cuidado. O trabalho acontece por meio da intervenção e interação. É uma forma de dominação. O cuidado é relacionamento de sujeito a sujeito, o que envolve convivência, comunhão e interação. Para o autor, “cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele”<sup>336</sup>. Para Rückert, desprovidos do cuidado, deixamos de ser humanos. Não sendo cuidados, nós nos desestruturamos, definhamos, perdemos sentido e morremos. O cuidado é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana<sup>337</sup>. Conforme Sather-

<sup>333</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – Ética do humano (compaixão pela terra)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 91.

<sup>334</sup> BOFF, 2003. p. 89.

<sup>335</sup> RÜCKERT, 2016, p. 44.

<sup>336</sup> BOFF, 2003, p. 35.

<sup>337</sup> RÜCKERT, 2016, p. 44.



Rosa, vivemos a partir do cuidado que recebemos e, por outro lado, promovemos vida através do cuidado que dispensamos a outrem.<sup>338</sup>

Martins enfatiza que, tanto a família, como a pessoa com Autismo, necessita de cuidado. Não simplesmente um “ato”, mas uma verdadeira atitude cuidadora, que na grande maioria dos casos demandará tempo, paciência, fé, esperança, amor... Por isso entendemos que o aconselhamento pastoral pode ser uma ferramenta extremamente útil neste processo.<sup>339</sup> Mas, de que formas estas famílias poderão ser cuidadas? Ou, em que áreas precisam de cuidado?

### 3.5.2 O cuidado espiritual

Martins faz um estudo<sup>340</sup> baseado no livro Jó para trabalhar o tema do Aconselhamento Pastoral e sublinha primeiramente o aspecto espiritual. Ele apresenta Jó em sua dor e sofrimento e compara os amigos de Jó (3 inicialmente e depois um quarto que chega mais tarde) como conselheiros. Jó estava vivendo um momento muito doloroso na sua vida, pois havia perdido seus dez filhos que morreram repentina e tragicamente. Ele também perdera suas posses, seus empregados, e por fim sua saúde. Estava debilitado e, até mesmo sua esposa o incentivara a abandonar sua fé em Deus e morrer, tal era o horror da situação. Seus amigos vieram de longe e começaram a aconselhá-lo. Comparando os conselhos dos amigos de Jó, Martins destaca 4 elementos que são importantes para este processo de aconselhamento com pessoas que estão passando por crises, luto, dor e sofrimento intenso: 1. Silenciar; 2. Ouvir; 3. Falar; 4. Restaurar.

Silenciar é a arte da compaixão conforme Martins. O primeiro momento do conselheiro com a pessoa que está passando por uma situação dolorosa é de se colocar ao lado da pessoa e simplesmente compadecer-se. Foi isto que os amigos de Jó fizeram quando chegaram. Eles ficaram 7 dias com Jó sem falar nada. Silenciaram-se! A palavra compaixão vem de uma raiz latina que significa “sofrer com”. Na língua grega a palavra traz a ideia de “mostrar misericórdia, compadecer-se, usar de misericórdia”<sup>341</sup>. Para Nouwen, mostrar compaixão significa compartilhar a “paixão”, o sofrimento do outro. Compaixão compreendida desta forma exige mais de nós do que um mero impulso de piedade ou uma palavra de simpatia. Viver com

---

<sup>338</sup> SATHER-ROSA, 2004, p. 35.

<sup>339</sup> MARTINS, 2015, p. 76.

<sup>340</sup> MARTINS, 2015, p. 135-150.

<sup>341</sup> TAYLOR, 1986, p. 71.

compaixão significa entrar nos momentos sombrios do outro<sup>342</sup>. O processo de silenciar no momento do sofrimento alheio envolve este ato de compadecer-se. Na Bíblia Jesus se compadeceu em vários momentos. É interessante observar que os textos trazem justamente esta ideia de ficar sem proferir palavras, simplesmente se colocar ao lado dos sofredores e chorar<sup>343</sup>. Conforme Rückert, perante a dor das pessoas (enfermas, enlutadas, com sofrimentos intensos), é preciso aprender a silenciar, pois há dores que requerem tempo e espaço para o silêncio. É tão significativo saber acompanhar silenciosamente alguém, cuja dor ultrapassou a capacidade de suportar.<sup>344</sup>

Ouvir é a arte da paciência. Depois que os amigos de Jó chegam, eles ficam em silêncio por sete dias – silenciaram-se. Então eles passam a ouvir aquilo que Jó tinha para falar e expressar naquele momento. Pacientemente eles escutam-no. Não somente o aconselhamento trabalha e aponta para a necessidade de ouvir cuidadosamente aquilo que o sofredor está vivendo, mas outras ciências também fazem uso desta ferramenta essencial no acompanhamento a pessoas em sofrimento. O ouvir neste processo é mais que simplesmente fazer uso do aparelho auditivo, é conseguir ouvir a alma da pessoa, o que está no mais íntimo do ser humano. Para isto é preciso estar atento e realmente voltado para aquela pessoa envolvida no sofrimento. Martins cita Müller que afirma,

não é somente ouvir palavras, mas é ler os gestos, ouvir as entrelinhas, escutar o que a pessoa deixa de dizer. Sentir a entonação da voz, a melodia, os acentos da fala. Ouvir sentimentos envolvidos em palavras. Manter um contato visual agradável com a pessoa, com uma expressão receptiva, e tentar perceber todas as mensagens que o rosto e o corpo dela nos querem transmitir.<sup>345</sup>

Depois de silenciar e ouvir, os amigos de Jó passam a falar. Falar é a arte da sabedoria. Os amigos conselheiros de Jó começaram a ter problemas quando se puseram a falar. A fala deles não foi prudente, sensata, edificante, sábia. Pelo contrário, foi desalentadora e acusativa. Faltou-lhes sabedoria. Eles passaram a questionar Jó, como se ele fosse o causador de todos os males que estava passando. Pelo que eles falaram, percebe-se que eram adeptos da chamada teologia da retribuição, que entende que o sofrimento é consequência de algum mal cometido pela pessoa. No entanto, não era nada disso. Um dos ensinamentos que se aprende com o livro

---

<sup>342</sup> NOUWEN, 2002, p. 63.

<sup>343</sup> Um desses exemplos pode ser encontrado no Evangelho de João capítulo 11. Jesus recebeu a notícia de que seu amigo Lázaro estava enfermo. Ele se demora para ir até Lázaro. Quando chega à casa de Marta e Maria, irmãs de Lázaro, constata que seu amigo já estava morto há 4 dias. O evangelho diz que neste momento Jesus se comoveu e chorou. Depois foi até o túmulo e ressuscitou Lázaro.

<sup>344</sup> RÜCKERT, 2016, p. 74.

<sup>345</sup> MÜLLER, Iára. *Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiência*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 43, apud MARTINS, Marcelo. *Autismo: Ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, p. 99.

de Jó é que não se deve acusar o sofredor de ser responsável pelo que lhe acontece como castigo por algum pecado que cometeu ou, como se faz na atualidade em alguns contextos religiosos, acusá-lo de não ter fé suficiente para ser curado ou obter a bênção. Por isso o uso correto e preciso da fala é essencial no aconselhamento. O escritor de Provérbios, Salomão, afirma que “o homem se alegra em responder bem, e quão boa é a palavra dita a seu tempo!” E, “a morte e a vida estão no poder da língua; e aquele que a ama comerá do seu fruto.”<sup>346</sup>

Por fim, nesse processo de ajuda espiritual é importante a prática da restauração por meio da solidariedade. Rückert afirma que, carecemos de uma espiritualidade que nos faça ligar e religar todas as coisas. Faz-se realmente necessário resgatarmos em nós o sentimento profundo de pertença, familiaridade, solidariedade, cuidado, hospitalidade, tolerância. Só assim daremos sentido à nossa breve peregrinação por esta terra.<sup>347</sup> O livro de Jó termina com a restauração da vida de Jó. Sua saúde foi restaurada, sua família também (teve mais dez filhos), seus bens foram restaurados. O texto bíblico diz,

O Senhor, pois, virou o cativo de Jó, quando este orava pelos seus amigos; e o Senhor deu a Jó o dobro do que antes possuía. Então vieram ter com ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa; condoeram-se dele, e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado; e cada um deles lhe deu uma peça de dinheiro e um pendente de ouro.<sup>348</sup>

Duas coisas são destacadas nesta etapa para a restauração de Jó: a ação de Deus e a solidariedade das pessoas ao seu redor, pode-se dizer, dos seus irmãos e amigos (Jó 42.10,11). Neste aspecto, ressalta-se a importância da solidariedade para o fortalecimento espiritual na vida de uma pessoa e de uma família, e o bem que isto faz para ajudar a restaurar vidas. Jó recebeu ajuda dos seus irmãos e amigos e, foi assim que iniciou um processo de reconstrução em todas as áreas. Tempos depois Jó teria mais dez filhos, conseguiu se reerguer financeiramente, sua saúde foi restaurada. Entretanto, mais importante que todas estas coisas foi a restauração e transformação na vida de Jó pós tudo aquilo que passou. O próprio Jó chega a dizer: “eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42.5). A transformação espiritual na vida de Jó refletia em todas as áreas de sua vida. Por isso, o Aconselhamento Pastoral valoriza esta área. Ela é de suma importância na vida de toda pessoa.

---

<sup>346</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Pv 15.23.

<sup>347</sup> RÜCKERT, 2016, p. 46.

<sup>348</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Jó 42.10,11.

### 3.5.3 O cuidado eclesial

A igreja desempenha um papel fundamental nas relações humanas. As comparações bíblicas apontam para isto, por exemplo, a igreja é comparada a um corpo (1 Co 12), a uma família (Ef 2.19). É dessa forma que ela pode ser um elemento capaz de trazer sustentação para famílias que muitas vezes estão fragilizadas. Martins aponta para a necessidade de a igreja ser uma comunidade cuidadora. E tratando especificamente de famílias de pessoas com Autismo ele sugere que ela deve caminhar na direção de passos práticos e reais para atendê-las: 1. Acolher as pessoas e superar os preconceitos; 2. Cuidar de quem cuida; 3. Ajudar a família a partir de suas necessidades; 4. Desenvolver trabalhos de acompanhamento e visitação; 5. Estabelecer redes de apoio e; 6. Trazer informação para toda a comunidade. Observando estas iniciativas destacam-se aqui três aspectos que sustentam este “cuidado” que a igreja pode oferecer.

#### 3.5.3.1 Comunidade que acolhe

A igreja, conforme apresentada pelo apóstolo Paulo no capítulo 12 da sua Primeira Epístola aos Coríntios, é composta por diferentes membros, mas todos de igual importância, ainda que tendo funções diferentes. Isto indica que a diversidade está presente no contexto e na vida eclesial. Esta diversidade passa por gênero, raça, cor, idade, etc. Pode-se afirmar que ela é a comunidade que acolhe. No entanto, percebe-se que com relação às pessoas com deficiência ainda há muito preconceito, discriminação e isolamento destas pessoas. Alguns autores têm chamado estas pessoas de “comunidade do silêncio”. Rogério Sávio Link cita em seu texto Norberto E. Rasch, este afirma sobre a exclusão das pessoas com deficiência que, essas pessoas fazem parte da “comunidade do silêncio”, pois a comunidade, em geral, não quer enfrentar o problema, não quer encarar esse lado considerado débil, fraco<sup>349</sup>. Para ele, a comunidade do silêncio seria objeto apenas do silêncio. Esse tipo de atitude e a negação de falar sobre o problema acabam por levar ainda mais as pessoas com deficiência para essa comunidade do silêncio.<sup>350</sup> Prova disto são os poucos trabalhos em igrejas que tenham em foco pessoas com

---

<sup>349</sup> LINK, Rogério Sávio. *Igrejas, pessoas com deficiência e bioética: Por onde andar?* In: COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, p. 116.

<sup>350</sup> LINK, 2010, p. 116.

deficiência, ou no mínimo, proporcionem condições adequadas e estruturadas para estas pessoas participarem não somente das programações, mas do dia a dia das igrejas. Conforme Darke, o mais triste é que, mesmo dentro das igrejas, as crianças portadoras de deficiência continuam sendo excluídas. Se as crianças em geral são marginalizadas, as portadoras de deficiência são invisíveis; poucas vêm às igrejas por falta de acessibilidade, mas o que é mais grave: por falta de boas atitudes dos líderes e das congregações.<sup>351</sup> Para Darke, isso não ocorre de maneira intencional, mas por falta de educação e capacitação sobre o tema. As próprias igrejas não são acessíveis na arquitetura, nem na atitude.<sup>352</sup> Em relação as crianças portadoras de deficiência, são muito poucas as iniciativas da igreja para atendê-las, ignorando assim um grupo muito numeroso e necessitado.<sup>353</sup>

Para Nouwen, encontros de cura e comunhão profunda com outros provêm de pessoas que têm experimentado, pelo menos, um gostinho do amor oferecendo amor ao outro, sem manipulação ou sutilezas.<sup>354</sup> Comunidade, então, não pode originar-se do isolamento, mas começa quando a pessoa reconhece que é amada e vai ao encontro do outro, fazendo-o amado também.<sup>355</sup> Esta é a vitória da Cruz. O amor é mais forte que a morte, e a comunidade é o lugar onde deixamos que o mundo perceba que há alguma coisa com que se regozijar nessa nova vida de companheirismo, alguma coisa extasiante, isto é: deixar o lugar estático da morte e declarar que os seres humanos não têm o que temer.<sup>356</sup> Jesus disse aos seus discípulos, “nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13.35).

Ressaltam-se duas coisas para que possa haver um acolhimento mais concreto no contexto eclesial: a informação e a convivência. Link salienta que, seria necessário, portanto, falar abertamente sobre esse tema nas comunidades, nos seminários e faculdades de teologia. As igrejas deveriam dar mais espaços e publicar documentos nos quais se posicionem e encorajem as comunidades a serem mais inclusivas<sup>357</sup>. Ele afirma que isto já tem acontecido em maior ou menor proporção. E conclui, dificilmente hoje em dia alguma pessoa teria coragem de reagir contra uma atitude de inclusão das pessoas com deficiência. Muitas autoridades e instituições políticas nacionais e internacionais têm defendido essa bandeira. Mas, para que

---

<sup>351</sup> DARKE, 2010, p. 13.

<sup>352</sup> DARKE, 2010, p. 13.

<sup>353</sup> DARKE, 2010, p. 13.

<sup>354</sup> NOUWEN, 2002, p. 79.

<sup>355</sup> NOUWEN, 2002, p. 80.

<sup>356</sup> NOUWEN, 2002, p. 81.

<sup>357</sup> LINK, 2010, p. 116.

possa haver uma mudança substancial, é preciso haver convivência.<sup>358</sup> A convivência depois do estranhamento e da repulsa inicial causados pelo preconceito, libertada da pena e da compaixão meramente piedosa, ajuda a estabelecer um relacionamento de iguais. Nesse sentido, o papel das igrejas, dos seminários e das comunidades é propiciar espaços onde essa convivência possa acontecer, nos quais a sanação seja propiciada.<sup>359</sup>

Para Dutra este é um processo de acolhimento que também pode ser chamado de inclusivo na igreja. Segundo este autor:

O que não é inclusão: 1. Despejar, sem preparação ou infraestrutura, alunos com deficiência em salas de aula, encontros catequéticos e ambientes comunitários; 2. Ignorar as necessidades individuais e decidir sobre colocação escolar e técnicas pedagógicas baseando-se numa visão mais ou menos estereotipada das deficiências; 3. Expor desnecessariamente alunos a riscos e perigos de vida e saúde; 4. Planejar e agir sem levar em conta a família, a opinião, e a participação dos pais; 5. Limitar oportunidades inclusivas somente a atividades profissionais e, mesmo assim, com métodos e técnicas restritivas e ultrapassados; 6. Limitar a inclusão apenas a aspectos passivos, presença física sem participação ativa, pessoal. Assim, a inclusão, espiritualmente é: Colocar em prática, em relação à pessoa com deficiência, o amor ensinado por Deus; Viver na prática a Universalidade da Igreja, sem distinção ou discriminação; Ver Cristo na pessoa com deficiência.<sup>360</sup> Inclusão é viver de fé.<sup>361</sup>

### 3.5.3.2 Comunidade que se solidariza

O livro de Jó mostra que a teologia prática é o eco do grito do sofredor. A teologia prática deve-se preocupar com o Aconselhamento Pastoral para que ele não seja um discurso abstrato, mas solidariedade, compadecimento, inserção. Porque as situações drásticas da vida, o silêncio reverente ao mistério de Deus é mais loquaz que muitas palavras e faz muito mais sentido na vida de um sofredor<sup>362</sup>. Quando o Aconselhamento Pastoral se resume a convencer o sofredor que suas angústias são consequências do pecado, da culpa ou da falta de fé, significa que o conselheiro está mais preocupado em fazer apologia de uma suposta doutrina cristã que em solidarizar-se com o sofredor.

O mistério do sofrimento, um dos aspectos mais impressionantes da realidade, deve ser considerado na prática do Aconselhamento Pastoral sem a preocupação de se oferecer uma

<sup>358</sup> LINK, 2010, p. 116.

<sup>359</sup> LINK, 2010, p. 117.

<sup>360</sup> DUTRA, 2005, p. 18.

<sup>361</sup> DUTRA, 2005, p. 18.

<sup>362</sup> Cf. RAHNER, Karl. *L'Homme à l'écoute du verbe: fondements d'une philosophie de la religion*. Paris: Mame, 1968. p. 69-89 e 131-149. In: ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos Teológicos / São Leopoldo / Vol. 56. N. 2. / p. 327 / jul./dez 2016.

resposta ao sofredor, mas antes de tudo como exercício de solidariedade por parte de quem aconselha. O aconselhamento deverá envolver oração pelo sofredor para que se mantenha fiel a Deus naquele momento difícil; sem acusações, e sim com palavras de consolo que brotem da compaixão e não de resposta abstratas preestabelecidas. Devemos aprender com o livro de Jó que o papel de quem aconselha não é explicar o sofrimento ou dar-lhe uma solução, mas favorecer uma experiência com o amor de um Deus rico em compaixão.<sup>363</sup>

A solidariedade é percebida na compaixão. A raiz da palavra compaixão no latim significa “sofrer com” (já observado). Portanto, mostrar compaixão significa compartilhar a “paixão”, o sofrimento do outro. Compaixão compreendida desta forma exige mais de nós do que um mero impulso de piedade ou uma palavra de simpatia. Viver com compaixão significa entrar nos momentos mais críticos e escuros do outro. É penetrar em lugares de dor, é não recuar ou desviar os olhos quando alguém agoniza. Significa permanecer onde pessoas sofrem. Compaixão impede-nos de dar explicações fáceis e ligeiras quando a tragédia ocorre na vida de alguém que conhecemos ou amamos.<sup>364</sup> A piedade cristã descarta a ideia de uma divindade indiferente às vicissitudes de sua criatura. A compaixão, que é uma perfeição das mais nobres no ser humano, deve existir em Deus. A compaixão não é uma falha de poder, nada impede que a compaixão possa coexistir com a bem-aventurança eterna.<sup>365</sup>

Assim a comunidade quando olha com compaixão, se solidariza e cuida. Conforme Walsh, a continuidade do cuidado e o tratamento estruturado na comunidade são fundamentalmente importantes no curso prolongado de doenças graves<sup>366</sup>.

### 3.5.3.3 Comunidade que cura

O autor Rolando M. Ávila sustenta que, não é a cura da deficiência o que as igrejas hão de anunciar e prometer às pessoas que nasceram com ela ou adquiriram em algum momento da vida, seja invocando de forma mágica o poder de Deus ou apelando ao auxílio da ciência como um dom do Senhor a serviço das necessidades humanas.<sup>367</sup> Pois, segundo ele, independentemente do fato de que muitas novas terapias genéticas e biotecnológicas possam

---

<sup>363</sup> ANDRADE, 2016, p. 327.

<sup>364</sup> NOUWEN, 2002, p. 83.

<sup>365</sup> ANDRADE, 2016, p. 322.

<sup>366</sup> WALSH, 2005, p. 224.

<sup>367</sup> ÁVILA, 2010, p. 134-137

ser – e de fato são – eficazes na prevenção ou inclusive em reverter certos tipos de deficiências, não acredita que seja a solução definitiva, muito menos para a realidade da deficiência. Para Ávila, as pessoas portadoras de deficiência não deveriam ter grandes ilusões nesse sentido. Ao contrário, as igrejas são chamadas a dar testemunho ao mundo através do “ministério da cura”, que implica, acima de tudo, uma nova maneira de ser e fazer igreja<sup>368</sup>. Trata-se de deixar definitivamente para trás as velhas estruturas e inaugurar novas comunidades caracterizadas por:

**Ser comunidades de acolhida e inclusão**, superando assim o paradigma da integração, em que somente as pessoas portadoras de deficiência “mais capacitadas” alcançam a inserção e cuja “ética da igualdade” valoriza única e exclusivamente o que as pessoas têm de semelhanças, o que permite a hierarquização das condições humanas e cria a categoria do “diferente”. A inclusão, pelo contrário, ao assumir um compromisso e uma responsabilidade não apenas com as pessoas portadoras de deficiência, mas também com todas as outras minorias excluídas, acarreta profundas transformações tanto de ordem estrutural como no que diz respeito à consciência social. **Ser comunidades abertas à diversidade**, nas quais se viva o sentido de igreja com um “corpo formado por muitas partes”, conforme a concepção paulina (1 Co 12.12-26), reconhecendo a necessidade da interdependência como uma condição *sine qua non* para a própria existência da fé. Nelas, as pessoas portadoras de deficiência gozam de igualdade de oportunidades para a participação, pois a “ética da diversidade” apoia-se na certeza de que a humanidade encontra infinitas formas de se manifestar, e essa realidade não admite a comparação entre diferentes condições humanas nem privilegia uma delas em detrimento de outras. **Ser comunidades em que se promove e defende a vida**, averiguando as raízes profundas do que significa ser pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus e, portanto, dignas e merecedoras de todo o respeito.<sup>369</sup>

Para Dutra, a comunidade precisa se acostumar a ver pessoas que, do púlpito leem a Bíblia em Braile, pessoas que comunicam a mensagem do evangelho em língua de sinais, pessoas que na condição de leitores têm a autonomia de chegar em sua cadeira de rodas até o microfone (adaptável à sua altura) graças a alguma solução para os tradicionais degraus do presbitério.<sup>370</sup> Portanto, a “cura” (lembrar que de “cura” no latim vem a palavra cuidado) está numa atitude cuidadora contraponto a atitude preconceituosa, errada, limitada, e que cria barreiras para com o diferente.

Outro aspecto importante que a igreja precisa “curar” – cuidar – é no sentido de, ao invés de jogar mais culpa sobre as famílias, trazer para elas a manifestação da graça e a misericórdia de Deus e humana. As famílias que têm filhos com Autismo sofrem e lutam muito com o problema da culpa. Já foi observado que no passado até mesmo o psiquiatra Kanner tinha um pensamento que lançou a culpa sobre os pais, mas hoje, isto já é claro no sentido que não há esta relação. No entanto, especialmente os pais travam muitas vezes este conflito. A igreja

<sup>368</sup> ÁVILA, 2010, p. 134-137.

<sup>369</sup> ÁVILA, 2010, p. 136.

<sup>370</sup> DUTRA, 2005, p. 30.



também no passado lançava culpa sobre eles – e ainda em muitos casos, infelizmente, continua com a mesma postura. Por isso há a necessidade do aconselhamento trabalhar este aspecto. Primeiro, mostrando pela própria Escritura Sagrada que esta visão que põe culpa sobre as famílias é incorreta. Textos como Êxodo 4.10,11 em que Deus diz, “Quem deu boca ao homem? Quem o fez surdo ou mudo? Quem lhe concede vista ou o torna cego? Não sou eu, o Senhor?”, podem ser explorados e refletidos para mostrar que há muitas coisas que estão além do nosso entendimento e compreensão. Dessa forma é importante destacar que a deficiência não tem a ver com punição, pecado, maldição, falta de fé. Outro texto importantíssimo e esclarecedor está em João 9.1-13, em que Jesus cura um cego de nascença. Naquela ocasião Jesus é enfático. Depois de ser questionado por seus discípulos sobre quem havia pecado, se eram os pais ou a própria pessoa com deficiência visual, ele responde: “Nem ele pecou, nem seus pais; mais foi para que se manifestem nele as obras de Deus”. De quem era a culpa da cegueira (deficiência) daquele homem em João 9? Nem dos pais e nem da própria pessoa com deficiência visual, disse Jesus. Aquilo acontecera como parte do sofrimento do mundo presente e, no caso daquele homem, sua deficiência iria manifestar a glória de Deus.

Os males e os sofrimentos – especificamente deficiências e doenças - são frutos de uma infinidade de fatores, os mais complexos e variados, dos quais a nossa visão limitada não vislumbra senão uma pequenina parte. É necessário refletir este tema nas igrejas afirmando que, conforme, João 9, deficiência não é fruto do pecado da pessoa diretamente e nem castigo de Deus. Os problemas (físicos, emocionais, espirituais), o pecado, a doença, a deficiência, as imperfeições, as fraquezas, as dores, a corrupção do corpo, a morte, é consequência do pecado que adentrou a raça humana como um todo. Para Dunn:

Insistir na ideia de que Cristo fez expiação por nossas enfermidades demonstra falta de entendimento, tanto sobre a expiação como sobre as enfermidades. Cristo morreu pelo nosso pecado, não pelas doenças. Doença não é pecado, de modo que não precisa de expiação; é um dos muitos resultados do pecado. Além das enfermidades, houve outras consequências da Queda – o homem tem de trabalhar e viver do suor do seu rosto, a mulher tem de lutar e sentir dores no parto, para mencionar apenas somente algumas. Mesmo assim, nunca ouvi ninguém proclamar a expiação desses elementos e até onde sei eles permanecem conosco. Mesmo quando o Antigo Testamento fala sobre Deus curando enfermidades, nunca diz que Deus perdoa as enfermidades; doença não precisa de perdão, nem de expiação, pois não se trata de pecado.<sup>371</sup>

---

<sup>371</sup> DUNN, 1999, p. 145.

### 3.5.4 O cuidado familiar

A família em si precisará de um cuidado especial, pois, como já observado e constatado, terá uma tarefa árdua pela frente. Segundo Gottfried Brakemeier “a tarefa tem dimensões individuais e sociais. Pois a acolhida de um filho ou de uma filha deficiente pressupõe a disposição de pais e familiares para carregar fardos e para renunciar a facilidades – eventualmente para desta forma também descobrir bênção em suas vidas”.<sup>372</sup> Isto acarretará tempo, cuidado, atenção, gastos, o que irá trazer fortes impactos sobre esta família (já observados). Todas estas coisas trarão uma demanda maior de cuidado. Contudo, o que muitas vezes acontece é o oposto: há um afastamento da parte de muitas pessoas destas famílias. Por diversos motivos. Então, o que se percebe é que no momento mais crítico, em boa parte dos casos, estas famílias acabam carregando sozinhas esta situação e tendo que lidar com todas as lutas que advém, de maneira solitária. Há um grito silencioso para serem cuidadas. Como não obtém esta ajuda mais próxima, estas famílias acabam encontrando “grupos” que enfrentam a mesma situação e ali podem obter um pouco de conforto e alento. De certa forma isto é bom! No entanto, alerta para o fato da carência e importância de se ter um olhar mais perspicaz e cuidadoso para estas famílias por parte daqueles que estão mais próximos, da comunidade e da sociedade em geral.

Müller destaca que, “a chegada da deficiência, em qualquer idade, acarreta na família várias reações como: incredulidade, culpa, questionamentos relativos à fé. Até a aceitação do fato, dos novos limites é um tempo longo, doloroso, tomado por dúvidas, medos, sentimentos de culpas, horror do futuro”.<sup>373</sup> Para Buscaglia “na maioria das vezes, a determinada altura, os pais serão forçados a encarar seus verdadeiros sentimentos em relação a si próprios, à família, ao filho deficiente e à deficiência”.<sup>374</sup> Podem ocorrer também momentos de oscilação, isto é, há momentos em que os pais reagem de maneira muito equilibrada e realista (especialmente quando veem algum avanço do filho), e em outros momentos sentem-se muito fragilizados e desanimados com a situação<sup>375</sup>. Por todas estas coisas, o cuidado familiar se torna imprescindível e necessário. Sem cuidado e apoio sustentados para o cuidado familiar, muitos

<sup>372</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Diagnóstico pré-natal e aconselhamento*. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Org.). *Prática cristã: novos rumos*. São Leopoldo: IEPG, Sinodal, 1999, p. 95, *apud* MARTINS, 2015, p.61.

<sup>373</sup> MÜLLER, 1999, *apud* MARTINS, Marcelo. *Autismo: Ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, p. 62.

<sup>374</sup> BUSCAGLIA, 1993, p. 110, *apud* MARTINS, Marcelo. *Autismo: Ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, p. 65.

<sup>375</sup> MARTINS, 2015, p. 65.

indivíduos tornam-se isolados, com sua condição tristemente deteriorada e com os vínculos familiares irremediavelmente fragilizados.<sup>376</sup>

Em muitos casos a solidez da família acaba ruindo, pois, os estresses são tão altos que o casal acaba sucumbindo e a família se desfaz. Conforme Rosemary Shakespeare, foram apurados índices de divórcio e de separação mais elevados que os normais, mas verifica-se usualmente que a criança não foi a única causa<sup>377</sup>. E prossegue, esses casamentos já estavam em perigo e a criança deficiente provocou a tensão extra que precipitou o colapso. Quando as famílias permanecem unidas, os pais já estavam casados há pelo menos cinco anos e a criança tinha sido planejada e desejada.<sup>378</sup>

Quando há uma boa sintonia e harmonia do casal, isto facilita para ambos e também para os demais filhos (quando houver). Müller afirma que, “a atitude do pai e da mãe em relação à criança com deficiência é determinante, pois os irmãos adotam, em grande parte, a atitude deles: de aceitação ou rejeição, de vergonha ou abertura para encarar o assunto”.<sup>379</sup> Schneider-Harpprecht afirma que, “se eles mostram que amam o seu filho mesmo com a deficiência, ajudam os outros da família a desenvolverem um relacionamento positivo com ele. Se eles transmitem rejeição, também provocam reações de rejeições nos outros”.<sup>380</sup>

Destarte, o cuidado familiar passa pela compreensão de cada pessoa da família em dois aspectos: cuidar de si e cuidar do próximo. Ambos caminharão juntos, pois, um nutrirá o outro. Leo Buscaglia traz uma alerta importante nesta questão:

Cuidem de seu filho e de suas necessidades especiais, busquem ajuda e orientação, mas cuidem de vocês também. Fiquem atentos às necessidades de seu marido e de sua mulher e dos outros membros da família. Mais do que de qualquer coisa, seu filho excepcional se beneficiará da integridade do grupo familiar. Vocês perguntaram em que podem ajudar. Bem, essa é uma questão em que podem contribuir muito. Na realidade só vocês podem fazê-lo!<sup>381</sup>

Além do cuidado específico das pessoas que constituem a família (pais, irmãos, parentes ou cuidadores), outros fatores que são essenciais e contribuem para um bom ambiente e estrutura familiar: o convívio da família; a vida social; uma cooperação entre os membros da

<sup>376</sup> WALSH, 2005, p. 224.

<sup>377</sup> SHAKESPEARE, Rosemary. *Psicologia do Deficiente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 74.

<sup>378</sup> SHAKESPEARE, 1977, p. 74.

<sup>379</sup> MÜLLER, 1999. p. 26, apud MARTINS, Marcelo. *Autismo: Ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, p. 68.

<sup>380</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT & STRECK, 1996, p. 126, apud MARTINS, Marcelo. *Autismo: Ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, p. 68.

<sup>381</sup> BUSCAGLIA, 1993. p. 159.

família para não sobrecarregar uma única pessoa (normalmente os maiores cuidados recaem sobre a mãe); a vida comunitária e espiritual de cada membro da família.

### 3.5.5 O cuidado governamental e social

Amy Wolf, mãe de uma pessoa com Autismo, ao tratar do aspecto governamental e social afirmou que, “uma boa medida de uma sociedade é como ela cuida dos doentes”. Nas últimas décadas, a medicina americana reconheceu a necessidade de incluir os pais como parceiros no tratamento dos filhos. Isto é essencialmente relevante para as crianças com perturbações do neurodesenvolvimento. Além disso, a intervenção política dos grupos de pais tornou-os importantes colaboradores dos profissionais de saúde na eliminação do estigma atribuído a estas perturbações, na garantia do acesso aos serviços apropriados e na obtenção de financiamentos<sup>382</sup>. O Aconselhamento Pastoral também tem um papel importante neste sentido. Ele pode colaborar e participar deste debate junto as entidades governamentais competentes e responsáveis para uma ação mais inclusiva e ampla com relação às pessoas com deficiência. A voz da igreja, da teologia prática, do Aconselhamento Pastoral pode ressoar de forma mais contundente, visto que em certo sentido eles absorvem o clamor daqueles que sofrem. Portanto, tem condições de fazer conhecido o “grito” daqueles que não são ouvidos. Pode ainda colaborar para promover ações que são pertinentes e pertencentes a toda a sociedade. Serão destacados, dentro deste aspecto, duas questões importantes com relação ao cuidado governamental e social:

#### 3.5.5.1 Inclusão

Conforme Dutra, a inclusão é a inserção total e plena da pessoa com deficiência (e outros segmentos socialmente excluídos) na vida social, como membro ativo da sociedade. Algo que deve acontecer nas áreas de educação, trabalho, transporte, vida doméstica, religião, esporte, lazer e recreação... E prossegue, a inclusão é um esforço bilateral, ou seja, os interessados diretos e a comunidade trabalham juntos, usando todos os recursos possíveis e de forma convergente ao ideal comum.<sup>383</sup> Historicamente houve um avanço na questão da inclusão, isto

---

<sup>382</sup> FERNANDES, 2010, p. 53.

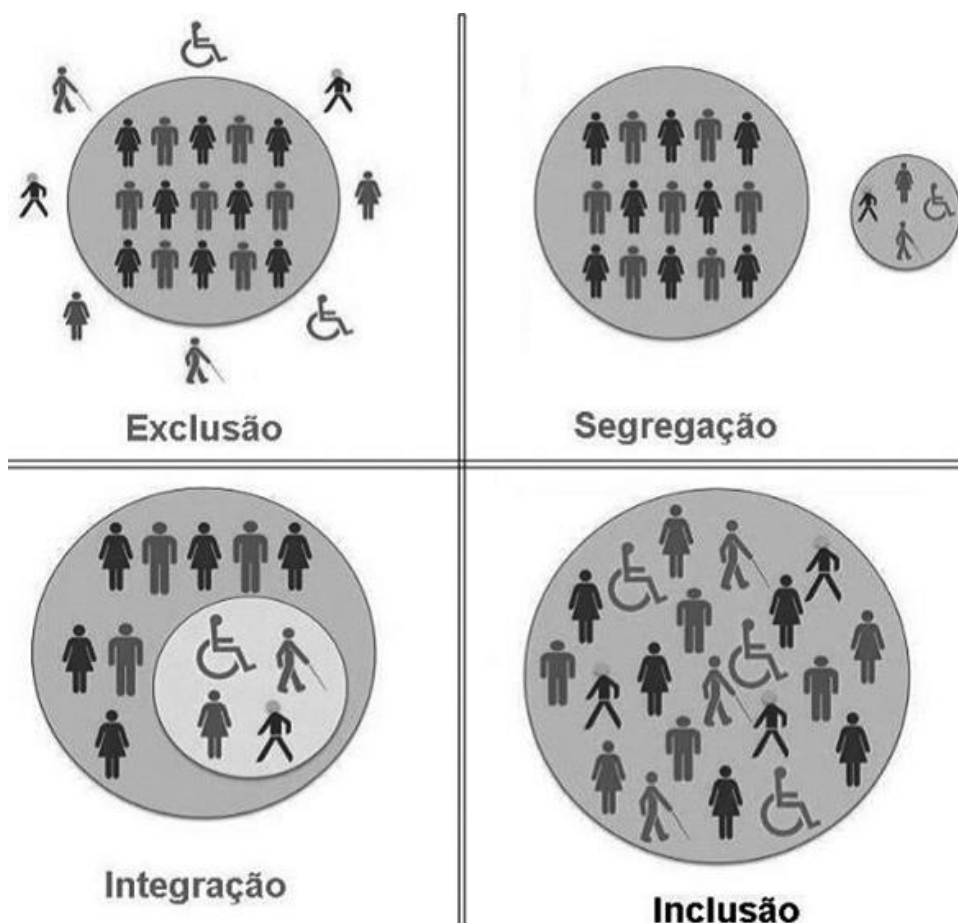
<sup>383</sup> DUTRA, 2005, p. 17.

não quer dizer seja um problema resolvido, pelo contrário ainda há muito para ser alcançado e transposto.

Na sequência há um resumo de certas práticas sociais em relação a pessoas com deficiências ordenadas cronologicamente em relação à história da humanidade e o seu avanço:

**EXCLUSÃO** (desde a Antiguidade): Como consta até da Sagrada Bíblia, no tempo de Jesus a sociedade excluía os doentes de hanseníase (chamado então leprosos). Jesus veio revolucionar, aceitando-os e tocando-os, para pasmo geral. **SEGREGAÇÃO** (vários séculos, até meados da década de 1940): criação e predomínio de instituições que isolavam as pessoas com deficiência. **ESPECIALIZAÇÃO PROFISSIONAL** (décadas de 1940 a 1960): apresentação de modelo de tratamento da pessoa como centro de um processo multiprofissional. **INTEGRAÇÃO** (década de 1980): processo de preparação da pessoa com deficiência para torna-la aceitável pela sociedade. **INCLUSÃO** (a partir de 1990): processo em que todas as partes são chamadas a participar do ideal comum visando atender a todos os direitos e deveres da pessoa com deficiência. O critério é a rejeição zero: ninguém pode ser rejeitado. A inclusão é para todos.<sup>384</sup>

A figura<sup>385</sup> na sequência exemplifica graficamente estes termos.



**FIGURA 1:** Exemplificado os termos, exclusão, segregação, integração e inclusão graficamente.

<sup>384</sup> DUTRA, 2005, p. 36.

<sup>385</sup> FONTE: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/97742254387397073/>>. Acesso em 13 de junho de 2017.

A inclusão não é um elemento a ser levado em consideração em nossas relações. A inclusão é uma maneira de entender o mundo de mãos dadas com a vida. A vida não exclui nada e é maior certeza. Por isso há que cuidá-la até a “devoção”. Se amarmos a vida, seremos inclusivos, a partir da própria inclusão original que gozamos nessa casa que habitamos juntos. Para Valenciano, a inclusão é abrigo e aconchego na própria ternura do abraço e do agasalhar-nos. É sentir-nos amadas e amados e amar, deixando assim transparecer o mais divino que há em nós para o outro, nossa imagem e semelhança...<sup>386</sup>

#### 2.5.5.2 Direitos

Conforme a constituição brasileira, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...”<sup>387</sup> Com relação a pessoas com Autismo a lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Chamada de Lei Berenice Piana, prevê a participação da comunidade na formulação das políticas públicas voltadas para os autistas, além da sua implantação, acompanhamento e avaliação. Com a lei, fica assegurado o acesso a ações e serviços de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, a nutrição adequada e a terapia nutricional, os medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento. Da mesma forma, a pessoa com Autismo terá assegurado o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, à moradia, ao mercado de trabalho e a previdência e assistência social (**VER ANEXO IV**, Lei Berenice Piana na íntegra). Há de se frisar que existem outros direitos que estão sendo conseguidos pelas pessoas com Autismo.

No aspecto educacional, o plano do Ministério da Educação, o PNE 2011-2020: Metas e Estratégias, prevê na Meta 4:

Universalizar, para a população de quatro a dezessete anos, o atendimento escolar aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente, na rede regular de ensino, garantindo o atendimento educacional especializado em classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou

---

<sup>386</sup> VALENCIANO, 2010, p. 110.

<sup>387</sup> Constituição Federal Brasileira de 1988. ART. 5º, Título II: Dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo I: Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos.

comunitários, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível sua integração nas classes comuns.<sup>388</sup>

### 3.5.6 A reciprocidade do cuidado

A tendência natural diante de um quadro de vulnerabilidade humana mais acentuada é acentuarem-se as exigências sobre aqueles que cuidam. Por causa disso, os cuidadores acabam tendo um desgaste diante das exigências que recaem sobre eles, e muitas vezes, isto pode acarretar até problemas físicos, emocionais, psicológicos. Há inclusive trabalhos hoje em dia que enfocam e pesquisam esta temática: “cuidando de cuidadores”. Por outro lado, existem também os “ganhos” nesta troca de cuidado, isto é, quando alguém se dedica ao cuidado de alguém, nesta atitude de doação, a pessoa que cuida poderá também estar, de certa forma, sendo cuidada por aquele a quem cuida. O verdadeiro cuidado nesse sentido é mútuo.

Tomando por base o exemplo já citado de Henry Nouwen, pode-se observar que ao cuidar de Adam, ele também foi impactado em sua vida e enriquecido em diversas áreas. Conforme Nouwen desde que teve contato direto com Adam, os papéis estavam sendo trocados. Ele afirma, “Adam estava tornando-se meu professor, levando-me pela mão, caminhando comigo em minha confusão através do deserto da minha vida”.<sup>389</sup> Era como se Adam continuasse a puxar-me de volta para a terra, para o chão do ser, para a fonte da vida.<sup>390</sup> Adam e os demais membros do núcleo anunciavam a boa nova. Adam continuou a lembrar a lembrarmos de que a beleza de cuidar de alguém não está só em dar, mas também em receber.<sup>391</sup> E ressalta, ele continuava a nos “dizer” que cuidar é tanto dar quanto receber, tanto agradecer quanto pedir, tanto afirma-lo em sua capacidade de dar quanto buscar autoafirmação. Cuidar de Adam era permitir que ele cuidasse de nós como cuidávamos dele.<sup>392</sup>

O que é comunidade? O que é cuidado? O que é amor? O que é a vida? E quem sou eu, quem somos nós, quem é Deus? Indaga Nouwen, Adam estava totalmente vivo para mim e iluminou todas essas questões.<sup>393</sup> E prossegue, “do meu coração, eu pude oferecer-lhe alguns

<sup>388</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *PNE 2011-2020: Metas e Estratégias*. Disponível em: [http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas\\_tecnicas\\_pne\\_2011\\_2020.pdf](http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf). p. 22. Acesso em: 22 de outubro de 2016.

<sup>389</sup> NOUWEN, 2000, p. 45.

<sup>390</sup> NOUWEN, 2000, p. 45.

<sup>391</sup> NOUWEN, 2000, p. 55.

<sup>392</sup> NOUWEN, 2000, p. 55.

<sup>393</sup> NOUWEN, 2000, p. 55.

dos cuidados de que precisava de verdade e, do seu coração, ele me abençoou com uma dádiva pura e duradoura de si mesmo”.<sup>394</sup>

Adam deixou de ser um estranho para mim. Tornou-se um amigo e um companheiro de confiança, explicando-me por meio da sua presença o que eu deveria ter sabido: que eu estava encontrando nele aquilo que mais desejava na vida – amor, amizade, comunidade e um profundo senso de pertença. Seu ser muito carinhoso comunicava-se comigo nos momentos em que passávamos juntos, e ele começou a educar-me sobre o amor de uma forma profunda.<sup>395</sup>

Segundo o autor, Adam, que nunca dissera uma palavra, tornou-se aos poucos uma verdadeira fonte de palavras para exprimir sua mais profunda fé cristã, vivendo na virada do segundo milênio. “Ele, que fora tão vulnerável, tornou-se um poderoso apoio para ajudar-me a anunciar a riqueza de Cristo”.<sup>396</sup> Nouwen indaga, Adam era muito incomum? Era um anjo especial? De forma alguma. Era uma pessoa entre muitas outras, mas eu tinha um relacionamento com ele, e ele tornou-se especial para mim. Eu o amava, e nosso relacionamento foi um dos mais significativos da minha vida.<sup>397</sup> Na verdade, tomando conta de Adam, vim a conhecer mais sobre Deus.<sup>398</sup>

Nouwen sintetiza tudo o que Adam lhe trouxe com as seguintes palavras,

Eu não conseguia desgrudar os olhos do rosto dele. Pensava: “Eis o homem que mais do que qualquer outro ligou-me com meu eu interior, minha comunidade e meu Deus. Eis o homem de quem me pediram que cuidasse, mas que me recebeu em sua vida e em seu coração de uma forma incrivelmente profunda. Sim, eu cuidei dele durante meu primeiro ano em Daybreak e cheguei a amá-lo muito, mas ele foi uma dádiva incalculável para mim. Eis aqui meu conselheiro, meu professor e meu guia, que nunca pôde dizer-me uma palavra, mas que me ensinou mais do que qualquer livro, professor ou guia espiritual. Eis Adam, meu amigo, meu amigo muito amado, a pessoa mais vulnerável que eu conheci e ao mesmo tempo a mais poderosa...”<sup>399</sup>

E prossegue,

Foi por causa de Adam que a Arca tornou-se minha comunidade e Daybreak, meu lar – por tê-lo seguro em meus braços e tocado em total pureza e liberdade. Adam deu-me uma sensação de pertença. Ele enraizou na verdade de meu ser físico, ancorou-me na minha comunidade e deu-me uma profunda experiência da presença de Deus em nossa vida juntos. Se não tivesse tocado Adam, não sei onde eu estaria hoje. Aqueles quatorze primeiros meses em Daybreak, lavando, alimentando ou apenas sentando com Adam, deram-me o lar pelo qual eu ansiava; não apenas um lar com pessoas, mas um lar em meu próprio corpo, no corpo da comunidade, no corpo da Igreja e, sim, no corpo de Deus.<sup>400</sup>

<sup>394</sup> NOUWEN, 2000, p. 48.

<sup>395</sup> NOUWEN, 2000, p. 46.

<sup>396</sup> NOUWEN, 2000, p. 12.

<sup>397</sup> NOUWEN, 2000, p. 11.

<sup>398</sup> NOUWEN, 2000, p. 11.

<sup>399</sup> NOUWEN, 2000, p. 95.

<sup>400</sup> NOUWEN, 2000, p. 118.



Com este mesmo enfoque – cuidar e ser cuidado -, destacam-se mais três exemplos. O primeiro é o de Bill. Seu filho com Autismo se chamava Chris. Depois do falecimento de sua esposa ele disse as seguintes palavras: “Nosso casamento mudou por completo no dia em que Chris foi diagnosticado [...] Se Chris nunca trabalhar ou casar, que importa? Deixe Chris ser Chris. Ele nos ensinou tudo. Ensinou-nos a lidar com ele; como ele aprendia; a deixa-lo viver sua vida”.<sup>401</sup> O segundo é o de Sue (a mãe de uma pessoa com Autismo). Ela disse: “Acho que aprendemos muito com Ben (filho com Autismo), aprendemos a ler as pessoas, a tentar perceber o que elas pensam ou sentem e não conseguem articular. A tratá-las como seres humanos mesmo que suas ideias e sentimentos sejam confusos. O que fazer para que você se sinta seguro, amado, bem? Aprendi como isso funciona por ter Ben.”<sup>402</sup> O terceiro é o de Kate Movius, mãe de um autista. Ela escreveu: “Ainda não produziram um momento ‘eureka!’ para Aidan (filho), ninguém revelou uma criança ideal por baixo do Autismo. Eu é que fui revelada, reconstruída, e recebi um novo modo não simplesmente de ver Aidan como ele é, mas de ver a mim mesma”.

403

Em muitos casos, o Autismo é considerado grave, severo – segundo os critérios do DSM-5, “exigindo apoio muito substancial”. Nestes casos, muitas pessoas com Autismo são chamadas de não-verbais, pois, têm muita dificuldade com a fala (em alguns casos não falam absolutamente nada). Então, o que eles poderiam nos dizer, se pudessem? Quais seriam suas palavras à nós? Se queremos cuidar e ser cuidados é necessário ouvi-los. Chadarevian nos dá uma boa dica, “é provável que nos sintamos perante o autista como ele perante nós; nós não podemos entender seu mundo na mesma medida que ele não entende o nosso”.<sup>404</sup> A autora, mãe de um menino com Autismo, escreveu em seu livro um texto retratando o que seria os pedidos de uma criança com Autismo. Isto ajuda a cuidar como também ser cuidado. Na sequência o texto na íntegra.

### **O que nos pediria um autista?**<sup>405</sup>

1. Ajude-me a compreender. Organiza meu mundo e facilita-me a antecipar o que vai acontecer. Dá-me ordem, estrutura e não caos.

---

<sup>401</sup> SOLOMON, 2013, p. 341.

<sup>402</sup> SOLOMON, 2013, p. 296.

<sup>403</sup> SOLOMON, 2013, p. 336.

<sup>404</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 20, apud MARTINS, Marcelo. *Autismo: ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, p. 69.

<sup>405</sup> CHADAREVIAN, 2009, p. 20.

2. Não te angusties comigo, porque me angustio. Respeita meu ritmo. Sempre poderás relacionar-te comigo se compreendes minhas necessidades e meu modo especial de entender a realidade. Não te deprima, o normal é que eu progrida e me desenvolva cada vez mais.
3. Não fale demasiado, nem muito depressa. As palavras são “ar” que não pesam para ti, mas podem ser uma carga muito pesada para mim. Muitas vezes não são a melhor maneira de se relacionar comigo.
4. Como outras crianças, como outros adultos, necessito compartilhar o prazer e gosto de fazer as coisas bem, embora nem sempre consiga. Faça-me saber, de algum modo, quando tenho feito as coisas certas e ajuda-me a não cometer erros. Quando tenho muitas falhas acontece o mesmo que a ti: irrita-me e acabo me negando a fazer as coisas.
5. Necessito de mais ordem do que você necessita, maior previsibilidade no ambiente do que você. Temos que negociar meus rituais para conviver.
6. Eu acho difícil compreender o sentido de muitas coisas que me pedem que eu faça. Ajuda-me a entendê-las. Trata de pedir coisas que podem ter um sentido concreto e decifra-as para mim. Não me deixes entediado ou inativo.
7. Não me invadas excessivamente. Às vezes, as pessoas são muito imprevisíveis, muito barulhentas, muito estimulantes. Respeita as distâncias que preciso, mas não me deixe só.
8. O que faço não é contra ti. Quando faço birra ou me bato, se destruo algo ou me movimento em excesso, quando é difícil para eu atender ou fazer o que pedes, não estou tentando te fazer dano. Como tenho problema de intenção, não me atribua má intenção!
9. Meu desenvolvimento não é absurdo, embora não seja fácil de entender. Ele tem sua própria lógica e muitas das condutas que chamam “alteradas” são formas de enfrentar o mundo a partir da minha forma especial de ser e perceber. Faça um esforço para me compreender.
10. As outras pessoas são muito complicadas. Meu mundo não é complexo e fechado, mas simples. Embora pareça estranho o que te digo, meu mundo é assim aberto, sem mentiras, ingenuamente exposto aos outros, que se torna difícil penetrar nele. Não vivo em uma “fortaleza vazia”, mas em uma planície tão aberta que pode parecer inacessível. Tenho muito menos complicações que as pessoas que vocês consideram normais.
11. Não me peças sempre as mesmas coisas, nem exijas as mesmas rotinas. Não tens que fazer-te autista para ajudar-me. O autista sou eu, não você!

12. Não sou somente autista. Também sou uma criança, um adolescente ou um adulto. Compartilho muitas coisas das crianças, adolescentes ou adultos que chamais “normais”. Gosto de jogar e divertir-me, quero os meus pais e as pessoas próximas, me sinto satisfeito quando faço as coisas bem. É mais o que compartilhamos do que o que nos separa.
13. Vale à pena viver comigo. Posso dar-te tanta satisfação como outras pessoas, ainda que não sejam as mesmas. Pode chegar um momento em tua vida que eu, que sou autista, seja tua maior e melhor companhia.
14. Não me agridas quimicamente. Se te dizem que tenho que tomar uma medicação, procura que seja revisado periodicamente por um especialista.
15. Nem meus pais nem eu temos culpa do que passa comigo. Tampouco têm os profissionais que me ajudam. Não serve de nada que culpeis uns aos outros. Às vezes, minhas reações e condutas podem ser difíceis de compreender ou afrontar, mas não é por culpa de nada. A ideia de “culpa” não produz mais que sofrimento em relação ao meu problema.
16. Não me peças constantemente coisas acima do que sou capaz de fazer. Mas peça-me o que posso fazer. Dá-me ajuda para ser mais autônomo, para compreender melhor, mas não me dê ajuda demais.
17. Não tens que mudar completamente tua vida pelo feito de viver com uma pessoa autista. A mim não me serve de nada que tu estejas mal, que te feches e te deprimas. Necessito estabilidade e bem-estar emocional ao meu redor para estar melhor. Não penses que teu casamento tem a culpa do que se passa comigo.
18. Ajuda-me com naturalidade, sem convertê-lo numa obsessão. Para poder ajudar-me, tens que ter teus momentos em que repousas ou te dedicas as tuas próprias atividades. Aproxima-te de mim, mas não te sintas como submetido a um peso insuportável. Em minha vida, tenho momentos maus, mas posso estar cada vez melhor.
19. Aceita-me como sou. Não condicione tua aceitação em que eu deixe de ser autista. Sê otimista sem fazer “novelas”. Minha situação, normalmente melhora, ainda que por hora não tenha cura.
20. Ainda que seja difícil comunicar-me ou não compreenda as sutilezas sociais, tenho inclusive algumas janelas em comparação com os dizem “normais”. Custa-me comunicar, mas não sei enganar. Não compreendo as sutilezas sociais, mas tampouco participo das intenções ou sentimentos perigosos tão frequentes na vida social. Minha vida pode ser satisfatória se é simples, ordenada e tranquila. Se não me pede

constantemente e, somente aquilo que me mais custa. Ser autista é um modo de ser, ainda que não seja “normal”. Minha vida como autista pode ser tão feliz e satisfatória como a tua “normal”. Em nossas vidas, podemos chegar a encontrar e compartilhar muitas experiências. (Tradução nossa)

### 3.6 Considerações finais

O Aconselhamento Pastoral tem diante si enormes desafios. Este que foi apresentado é mais um. No entanto, sabe-se que muitas situações na vida, inclusive aquelas de sofrimento intenso, se multiplicam e surgem de maneiras que podem não ser exatamente iguais umas às outras, mas que carregam uma similaridade muito grande. Por esta razão há muitas outras situações, problemas, deficiências, enfermidades, que ainda que não sejam idênticas ao Autismo, traz consigo os mesmos, ou desafios parecidos.

Com relação a famílias de pessoas com Autismo, o Aconselhamento Pastoral pode ser um instrumento extremamente importante na ajuda e no fortalecimento dessas famílias, como foi apresentado. A poimênica tem um papel fundamental que envolve, desde, acolher, confortar, consolar, curar (cuidar), solidarizar, orientar e conduzir pessoas para um relacionamento mais próximo a Deus. O Aconselhamento Pastoral contribui muito quando traz as informações corretas sobre deficiência e compreende a vulnerabilidade humana, mas também não se esquece de apontar a dignidade que todo ser humano possui. O conselheiro e o cuidado são agentes que atuam para exercer diretamente esta ação da graça e da compaixão que fazem parte da poimênica. É uma ação que pode ser desenvolvida por todos aqueles que estejam aptos e prontos para exercer um ministério de ajuda, desde que estejam movidos e pavimentados pelo caminho da sabedoria, da palavra de Deus, da oração, da dependência de Deus e do amor àqueles que sofrem. O cuidado mais específico das famílias que têm filhos com Autismo começa pelo cuidado espiritual. Estas famílias necessitam de pessoas que se compadeçam, que saibam silenciar-se diante da situação, ouvi-las, e trazer palavras que as edifiquem, com todo o cuidado e desejo de encorajá-las. O cuidado espiritual conduz ao cuidado eclesial que necessita ter uma visão de família, corpo, para acolher, solidarizar e ajudar na “cura” destas famílias. No entanto, o cuidado não fica restrito a estas duas esferas, mas estende-se ao cuidado familiar destas famílias. O Aconselhamento Pastoral pode colaborar para que estas famílias cuidem da pessoa com Autismo, mas não esqueçam o cuidado consigo mesmas, pois não poderão

desenvolver sua responsabilidade se descuidarem disto. O cuidado governamental e social abrange as demais áreas que envolvem a vida destas famílias e, conseqüentemente afetam toda a vida familiar. Elas certamente precisarão de auxílio em diversas áreas – saúde, educação, socialização, leis, entre outras. Por fim, não se pode esquecer que toda pessoa que cuida também é cuidada. Há uma reciprocidade no cuidar. Doa-se de si e se recebe daquele a quem é dado. Em alguns casos, quem mais são cuidados não são aqueles que primariamente precisariam de cuidados, mas aqueles que se doaram para cuidar.

Chega-se à seguinte conclusão até este ponto: famílias que têm filhos com Autismo enfrentam diversos problemas dolorosos em suas vidas - pode-se chamar em muitos casos de “sofrimento intenso”. Estas famílias necessitam de ajuda, aconselhamento, cuidado. O Aconselhamento Pastoral pode ser este instrumento útil, pois têm os recursos para agir em prol das famílias diante deste quadro. No entanto, surge novamente alguns questionamentos: A Teologia tem algo mais específico a dizer sobre tais situações? Como a Teologia tem tratado e trabalhado com questões como esta? Diante do sofrimento humano, o que encontramos na Teologia de subsídios que norteiam estas situações? Diante destas perguntas, surge a hipótese de que a Teologia da Cruz tem algo a dizer para estas famílias. Mas o quê? No próximo capítulo será apresentada esta Teologia, pois, pressupõe-se que ela traga elementos para uma reflexão e contribuições que podem ser exploradas e aprofundadas para ajudar juntamente com o Aconselhamento Pastoral em situações como a que foi apresentada no primeiro capítulo.

## 4 O SOFRIMENTO HUMANO E A TEOLOGIA DA CRUZ

### 4.1 Considerações iniciais

Depois de conhecer sobre o que é Autismo e, seu impacto sobre as famílias no primeiro capítulo, seguido por uma averiguação a respeito da ajuda e o auxílio que o Aconselhamento Pastoral pode dar para estas famílias, foca-se agora a pesquisa na Teologia da Cruz. Pressupõe-se que a Teologia da Cruz pode ser uma boa base vinda da Teologia para dar um suporte para o Aconselhamento Pastoral desempenhar a sua função no auxílio às famílias que têm filhos com Autismo. Não se questiona o fato do Aconselhamento Pastoral ser um instrumento que dá um suporte para agir em tais casos (já observado). Entretanto, pressupõe-se que a Teologia da Cruz pode contribuir neste apoio e fortalecimento a famílias trazendo elementos que podem ajudar neste processo. O propósito então deste capítulo é verificar se a Teologia da Cruz pode fornecer subsídios para auxiliar famílias que estão passando por sofrimentos, tendo em mente o problema do Autismo e suas implicações para as famílias.

Inicialmente será trabalhado o sofrimento humano, não de forma exaustiva, mas como elemento necessário para perceber a realidade da dor para, a partir daí, apontar o caminho da Teologia da Cruz. Depois de tratar do sofrimento humano será focada a cruz. Ela é parte integrante e fundamental para um entendimento mais amplo da chamada Teologia da Cruz. O cristianismo aponta para o caminho da cruz. O Senhor Jesus Cristo trilhou este caminho e, ali pôde triunfar vitoriosamente, ainda que, tendo que passar por todo o sofrimento que passou. Assim, nos trouxe em primeiro lugar salvação, mas também nos deixou um exemplo a ser trilhado, seguido e experimentado. Por isso, Jesus é o centro desta teologia. Em seguida, Paulo é apontado como maior propagador da Teologia da Cruz, e então, chega-se em Martinho Lutero e a Teologia da Cruz. O reformador – como também ficou conhecido -, por sua vez, cunhou sua vida debaixo da Teologia da Cruz. Seus escritos e sua vida evidenciam isto. Por isso, haverá um aprofundamento maior na vida do reformador, especificamente relacionado ao tema proposto e pertinente à pesquisa. Adentra-se, então, naquilo que pode ser chamado de “os pontos centrais da Teologia da Cruz” – Deus abscondito, a vida pela fé e a vida sob a cruz. A Teologia da Cruz não se esgota nestes pontos, mas percebe-se que esta Teologia acaba girando em torno deste centro e, a partir deles surge todas as demais ramificações. Caminhando para o

final do capítulo será destacada a Teologia da Cruz em meio ao sofrimento humano, e a esperança que ela pode trazer para aqueles que sofrem.

A chamada “Teologia da Cruz” nos remete a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo. Ali está o embrião desta Teologia. A mensagem da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus foi anunciada pelos profetas vetero-testamentários<sup>406</sup> e cumprida no Gólgota<sup>407</sup>, assim tornou-se e, é a base do evangelho – as boas novas – no cristianismo. Os apóstolos de Jesus Cristo e, de maneira especial o apóstolo Paulo, foi quem mais enfatizou a importância e a necessidade de tornar imprescindível a mensagem da cruz. Escrevendo sua primeira carta aos Coríntios ele disse, “porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”<sup>408</sup>. Entretanto, é com Martinho Lutero que a expressão *Theologia Crucis* vai ganhar maior notoriedade. A Teologia da Cruz de Lutero, para muitos intérpretes do reformador<sup>409</sup>, não é meramente uma doutrina evangélica entre outras, mas a principal chave hermenêutica para a orientação teológica de Lutero. Esta Teologia reafirma a convicção de Lutero de que o que faz um teólogo é viver, ou melhor, viver e ser condenado, e não entender, ler ou especular<sup>410</sup>. Para Daiane Ernest, a Teologia da Cruz dirá que Deus se revela na cruz, na abscondicidade e na fé, sendo que a imagem de um Deus que não pode permitir ao ser humano a contemplação direta da sua face, abre para Lutero a possibilidade de refletir a abscondicidade de Deus<sup>411</sup>. Para o teólogo Vítor Westhelle,

A teologia da cruz não é um discurso nem uma doutrina. É um modo de vida que vivenciamos. É uma história que, se contada verdadeiramente, corteja o perigo, mas também passa para uma solidariedade esperançosa, a solidariedade das pessoas que são comovidas pela dor de Deus em meio a este mundo ou pela dor do mundo em meio a Deus.<sup>412</sup>

Christine Helmer salienta que, *a Theologia Crucis* convida o teólogo/a para uma forma de vida evangélica que moldará e remoldará continuamente a orientação da pessoa crente para com o pensamento e a prática cristãos.<sup>413</sup> Martinho Lutero costumava afirmar, “o teólogo da cruz diz as coisas como elas são”. Segundo Alister E. McGrath<sup>414</sup>, estudos recentes mostram

<sup>406</sup> Ver textos: Is 9; Is 53; Sl 22-24.

<sup>407</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Mt 27.32-44.

<sup>408</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 1 Co 2.2.

<sup>409</sup> Doravante a expressão “Reformador” passa a se referir a Martinho Lutero.

<sup>410</sup> OSeI, v. 1, p. 42; LW, 31, 44 (quanto à tese 4).

<sup>411</sup> ERNEST, Daiane. *Sofrimento em Lutero*. 2007, p. 17. (T 547). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia.

<sup>412</sup> WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008, p. 13.

<sup>413</sup> HELMER, Christine (Ed.). *Lutero – Um teólogo para os tempos modernos*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2013, p. 257.

<sup>414</sup> Alister E. McGrath é historiador e teólogo nascido em Belfast, Irlanda do Norte. Professor da Oxford University, ocupa a cadeira de Teologia, Ministério e Educação na University of London. Escreveu vários livros, incluindo A Vida de João Calvino, Manual do Semeador (com Michael Green), Origens Intelectuais da Reforma e Teologia Histórica, publicados no Brasil pela Editora Cultura Cristã.

que a teologia (especialmente no aspecto da Teologia da Cruz) de Martinho Lutero tinha um compromisso mais com uma visão prática e afetiva da teologia, uma teologia pastoral, mais preocupada com a promoção e sustentação de uma existência cristã autêntica do que com um raciocínio conceitual e puramente abstrato voltado para um público acadêmico. McGrath afirma:

Essa *teologia* não é uma doutrina abstrata de Deus, mas uma teologia prática da vida cristã, moldada segundo a vida e morte de Cristo, que favorece a humildade, a fé e o amor ao próximo. Ela é um meio fundamentalmente antiespeculativo, antiteórico de conceber e moldar a vida cristã, que envolve a “centralização normativa” da vida na cruz de Cristo. A *teologia crucis* de Lutero se posiciona firmemente dentro dessa tradição, embora se estenda além dela.<sup>415</sup>

#### 4.2 O sofrimento humano

Charles Haddon Spurgeon, teólogo e pregador renomado do século XIX dizia, “eu preferiria não sofrer; todavia, se posso te (Deus) honrar mais por meio do sofrimento, então, que o sofrer seja a minha porção.”<sup>416</sup> Grande parte dos questionamentos que surgem no decorrer da vida humana normalmente têm suas raízes na dor, no sofrimento, nas tragédias, nos males que se presencia neste mundo. Muitas pessoas têm dificuldade de conciliar o amor de Deus (ou a existência de Deus) com situações, por vezes, tão tristes, desesperadoras, trágicas e caóticas. Na história da humanidade encontram-se exemplos e mais exemplos concretos que demonstram que o ser humano não está isento das intempéries e agruras da vida. Basta olhar ao redor.

Jesus Cristo próximo da sua morte disse aos seus discípulos, “no mundo passareis – passais - por aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”<sup>417</sup>. Estas palavras expressam com clareza, a certeza de que a vida sempre será composta de momentos que poderão trazer dor

---

<sup>415</sup> MCGRATH, Alister E. *Lutero e a Teologia da Cruz: a ruptura teológica de Martinho Lutero*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014, p. 14.

<sup>416</sup> Frase de Charles Haddon Spurgeon, referido como C. H. Spurgeon (Kelvedon, Essex, 19 de junho de 1834 — Menton, 31 de janeiro de 1892), foi um pregador batista calvinista britânico. Converteu-se ao cristianismo em 6 de janeiro de 1850, aos quinze anos de idade. Aos dezesseis, pregou seu primeiro sermão; no ano seguinte tornou-se pastor de uma igreja batista em Waterbeach, Condado de Cambridgeshire (Inglaterra). Em 1854, Spurgeon, então com vinte anos, foi chamado para ser pastor da capela batista de New Park Street, Londres, que mais tarde viria a chamar-se Tabernáculo Metropolitano, transferindo-se para novo prédio. Desde o início do ministério, seu talento para a exposição dos textos bíblicos foi considerado extraordinário. Sua excelência na pregação das Escrituras Bíblicas lhe renderam o título de O Príncipe dos Pregadores e O Último dos Puritanos. Disponível em: <https://www.projetospurgeon.com.br/quem-foi-spurgeon/quem-foi-charles-haddon-spurgeon/>. Acesso em 5 de fevereiro de 2016.

<sup>417</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, João 16.33.



e sofrimento. Jesus usou a expressão “aflições” para descrever isto. Ele mesmo é o maior exemplo no cristianismo de uma pessoa que desde a manjedoura ao Gólgota passou por tantos sofrimentos: dilemas, perseguições, privações, aflições, dores, desprezo, violência, pode-se dizer, “cruzes”, até chegar à maior de todas as cruzes: sua morte no Calvário. O escritor de Hebreus chega a dizer que, “embora sendo Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu”<sup>418</sup>. Constata-se pelos evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) que, o maior sofrimento de Jesus foi nos últimos dias de sua vida, quando enfrentou todo o processo de tortura (física, emocional, social, política e espiritual) que culminou na sua morte na cruz do Calvário.

Sendo assim, o momento mais “crucial” para a história do cristianismo foi a crucificação de Jesus Cristo no Gólgota. A Bíblia descreve que nos momentos de grande angústia e dor na cruz, Jesus já crucificado disse, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”<sup>419</sup> Esta pergunta é muito parecida (conforme pode-se perceber nos relatos) com algumas das indagações vistas no primeiro capítulo. Sentir-se desamparado, só, frágil, impotente, sem respostas para certas perguntas parece ser uma das marcas do frágil e vulnerável coração do ser humano nos momentos críticos da vida. Até mesmo Jesus Cristo passou por isto, sentiu-se assim e expressou isto abertamente em sua oração a Deus o Pai. Não obstante, por mais dolorosos que possam ser certos acontecimentos, eles vão além do entendimento e compreensão humana.

Se na visão humana parecem horrendos, na visão cristã, é ali que se pode conhecer mais a graça, a ação, e a intervenção de Deus. Para C. S. Lewis, “Deus sussurra no nosso prazer e fala à nossa consciência, mas grita em nossa dor; ela é o seu megafone para acordar um mundo surdo”<sup>420</sup>. A percepção e entendimento do ser humano são limitados, finitos, com relação a este mundo, à vida, à ciência, à Deus. Consequentemente, da mesma forma que os discípulos de Jesus – Pedro, João, Tiago e os demais - ao verem a crucificação de Jesus Cristo ficaram tristes, sem rumo, duvidosos e confusos, o ser humano normalmente tende a caminhar na mesma direção, ante a fatos dolorosos e sem explicação na sua vida, e ao seu redor.

Por outro lado, conforme os escritos bíblicos, Deus é cuidadoso<sup>421</sup>, amoroso<sup>422</sup>, gracioso<sup>423</sup>, e compreende até mesmo estes sentimentos e oscilações do coração humano – pois

<sup>418</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Hb 5.8.

<sup>419</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Lc 27.46.

<sup>420</sup> LEWIS, C. S. *O Problema do sofrimento*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 81.

<sup>421</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Pd 5.7

<sup>422</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Jo 4.8

<sup>423</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Jo 1.15

Ele, na pessoa de Jesus Cristo, também passou por semelhantes situações e ainda até mesmo piores - e não deixa de agir em qualquer que seja a desventura humana. Esta é uma visão, de forma bem resumida, da teologia cristã sobre este assunto. A promessa que Jesus deixou para os seus discípulos depois da ressurreição, antes de ir para o céu foi, “eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”<sup>424</sup>. Ou seja, estaria com eles por meio da terceira pessoa da trindade, o Espírito Santo<sup>425</sup>, quaisquer que fossem as circunstâncias que vivessem. Entretanto, a percepção da presença de Deus (através de seu Espírito Santo) nem sempre é lembrada, vivenciada ou crida, até mesmo por aqueles que afirmam ser cristãos. A sensação que o ser humano tem é muitas vezes o oposto: o desamparo. Ele se sente em muitas ocasiões de sua vida desamparado por Deus. Assim como pôde ser observado da vida das famílias com filhos com Autismo.

#### 4.2.1 O sofrimento humano e o desamparo de Deus

O sofrimento permeia todos os cantos da Terra. Ele afeta toda a humanidade, toda a criação. Ele é motivo de debates, discussões, de livros, de teses e intermináveis inquietações. Já foi no passado, no presente e o será no futuro a razão para enormes controvérsias, diferentes opiniões e tentativas de encontrar suas causas. Geram infindáveis questionamentos, perturbações e angústias para o ser humano. E, ainda uma sensação enorme de desamparo. No cristianismo, pode-se constatar isto em Jesus Cristo.

É bem verdade que em proporções diferentes, mas de alguma forma, em algum tempo da vida, todo ser humano passará por algum tipo de sofrimento - físico, psíquico, social, emocional, espiritual. Boa parte deste sofrimento é fruto do ser humano mesmo, entretanto ainda assim há muito sofrimento sem explicação humana. Na visão de C. S. Lewis pode ser expresso assim:

Tentei mostrar em um capítulo anterior que a possibilidade do sofrimento é inerente à existência de um mundo em que se acham as almas. Quando se tornam perversas, as almas decerto usam essa possibilidade para ferir umas às outras. E isso, talvez, seja o motivo de *quatro quintos* do sofrimento humano. Foi o ser humano, e não Deus, que produziu torturas, acoites, prisões, escravidão, armas, baionetas e bombas. É pela avareza e pela estupidez humana, e não pela sovinice da natureza, que temos pobreza e

---

<sup>424</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Mt 28.20.

<sup>425</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, At 1.8.

exploração do trabalho. Não obstante, *continua a existir muito sofrimento* que não pode ser atribuído a nós.<sup>426</sup> (Grifo nosso)

Lewis chama a atenção para o fato que o sofrimento insiste em que o vejamos mais próximo, com uma lente de aumento mais forte, pois, há muitos questionamentos relacionados a este tema que são enigmáticos e misteriosos, especialmente aqueles não produzidos pela ação diretamente humana. Se tomarmos por base o cálculo de Lewis, a maior parte do sofrimento (80%) tem relação com a ação direta do ser humano. Mas, há pelo menos 20% que ficam pendentes, sem explicação alguma (normalmente são estes que geram mais debates e questionamentos). Quando relacionados a alguma ação ou reação humana, pode-se ter uma compreensão melhor para o problema do sofrimento, isto não quer dizer que seja mais fácil. E quando não há aparentemente nenhuma ação ou reação do ser humano vinculado ao sofrimento que a pessoa está passando? Ernest destaca que não é apenas o sofrimento que traz a dor, mas a falta de explicação e de respostas frente a essa situação se torna ainda mais angustiante<sup>427</sup>. Para Erhard S. Gerstenberg, tendo-se respostas ou não para tais indagações, pode-se afirmar que é em meio ao sofrimento e à dor que surge, com mais intensidade, a pergunta pelo sentido da vida e de Deus<sup>428</sup>, que se preocupa com a nossa existência enquanto seres humanos<sup>429</sup>.

Três situações reais serão apresentadas a seguir como forma de apalparmos um pouco um universo tão escuro e ao mesmo tempo evidente. Já foi destacado as histórias e exemplos de famílias que têm filhos com Autismo e, pôde-se notar o quanto de aflições estas famílias enfrentam. Porém, as próximas histórias serão de outras situações como forma de perceber o quão amplo e complexo é esta temática. Estas histórias que serão narradas estão presentes em todo mundo e podem ser facilmente identificadas cotidianamente. Elas retratam um pouco o vasto universo do sofrimento humano e, as inquietações provindas da falta de respostas imediatas para realidades tão dramáticas e desesperadoras.

Primeira história, citada por Peter Kreeft:

Minha amiga de 27 anos não consegue erguer os braços sequer para coçar o nariz. Ela não consegue mover nada além de seus olhos, boca e cabeça... mais ou menos. Já faz dois anos que ela começou a andar se apoiando nas paredes. Depois de certo tempo, tinha de levantar as pernas com as mãos de forma a posiciona-las corretamente dentro do carro, um TransAm preto metálico que ela adorava. Depois vieram as muletas, mas sua mão direita atrofiou-se e a obrigou a usar um carrinho para andar. Pouco tempo depois, ela já não conseguia mais controlar o carrinho e sua mão ficou inutilizada. Começou a usar uma cadeira de rodas; o carrinho foi para a despensa. Depois sua outra

<sup>426</sup> LEWIS, 2006, p. 101.

<sup>427</sup> ERNEST, 2007, p. 14.

<sup>428</sup> GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. São Leopoldo: Sinodal, 1979, p. 18.

<sup>429</sup> GERSTENBERGER; SCHRAGE, 1979, p. 25.

mão começou a falhar, e depois todo o seu corpo ficou paralisado; ela ficou presa a uma cama. Não consigo lembrar quanto tempo esse processo durou, provavelmente porque não quero lembrar, mas parece que Elaine levou nove meses para ir de mal a pior, até chegar ao inferno. Finalmente os médicos desistiram e diagnosticaram um quadro de esclerose múltipla. Eu, sua família, e colegas de trabalho vimos nossa amiga – uma jovem adorável, vibrante, generosa – transformar-se em um amontoado de carne totalmente alheio a seu controle, desejo ou vontade. No início eu chorava com frequência, e sonhos em que ela aparecia andando e conversando com as pessoas – a velha Elaine – constantemente assombravam minhas noites. Meu tormento se devia ao *porquê* de sua condição: porque ela tem de sofrer tanto?<sup>430</sup>

### Segunda história:

Nunca vou me esquecer de quando li sobre o garoto da bolha de plástico. Acho que ele era filho único. Ele tinha uma doença rara (como as doenças raras costumam ser comuns!) que exigia que passasse toda a vida dentro de uma bolha de plástico. Qualquer contato, um simples germe, poderia mata-lo. Toda comunicação, diversão, educação, tudo se fazia através da bolha. Finalmente, ele ia morrer. Já que estava condenado, de toda forma, pediu que o deixassem tocar a mão de seu pai, que o amava e tinha ficado a seu lado por toda a vida. Que amor e dor incomensuráveis contidos em um toque de mãos! Eu me pergunto: será que aquele toque foi cortante como o aço, ou macio e aconchegante como um útero?<sup>431</sup>

Terceira história: O rabino Harold Kushner teve um filho único, Aaron. Seu filho tinha uma doença rara – envelhecia precocemente, parecia-se com um homem velho quando ainda era adolescente, e morreu ainda jovem. O próprio rabino nos conta seu drama,

Eu acreditava que estava seguindo os desígnios de Deus e realizando sua obra. Como isso poderia estar acontecendo com a minha família? Se Deus existia, e se ele fosse um pouco justo, sem falar em carinhoso e tolerante, como poderia estar fazendo isso comigo? E mesmo que eu pudesse me convencer de que merecia tal castigo, devido a algum pecado de negligência ou orgulho de que não tivesse consciência, por que motivo Aaron tinha de sofrer?<sup>432</sup>

Para o escritor Peter Kreeft, “nós, cristãos, somos pessoas razoavelmente comuns, sujeitas aos mesmos sentimentos, fracassos e perdas que os descrentes experimentam. Um deles é a indignação contra Deus quando as coisas não saem como planejamos, quando a vida começa a nos pregar peças”.<sup>433</sup> Somos todos como pequenas crianças (não há adultos entre nós!), e ficamos enraivecidos quando as coisas vão mal – mais cedo ou mais tarde, todos passamos por isso. “Às vezes é uma raiva desmedida, outras vezes é uma depressão embotada, ou desespero. Os psicólogos chamam esses estados de resposta ativa-agressiva e passiva-regressiva”<sup>434</sup>. Ele sintetiza estes sentimentos com a seguinte reflexão, “mas, a menos que sejamos bonecos, vegetais ou computadores, passamos por fases ruins em nossas vidas nas quais simplesmente

<sup>430</sup> KREEFT, Peter. *Buscar sentido no sofrimento*. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 15.

<sup>431</sup> KREEFT, 1995, p. 15.

<sup>432</sup> KREEFT, 1995, p. 16.

<sup>433</sup> KREEFT, 1995, p. 16.

<sup>434</sup> KREEFT, 1995, p. 25.

não podemos dizer a Deus, do fundo do coração, ‘Eu te amo’ ou ‘Seja feita a tua vontade’”<sup>435</sup>. Tem-se a sensação de estar desamparados por Deus. Um imenso dilema!

#### 4.2.2 O dilema que o sofrimento humano traz

Agostinho de Hipona<sup>436</sup> já se questionava sobre este dilema. Porém seu questionamento vem de uma perspectiva contrária, “se existe Deus, por que há o mal? Mas, se Deus não existisse, por que haveria o bem?” Percebe-se o incômodo pelo problema do mal, ao mesmo tempo uma outra perspectiva pode ser detectada na sua indagação: se existe algum significado na vida, então deve haver um significado no sofrimento, pois o sofrimento é uma parte integrante da vida humana. Conforme João Miguel Mohana, o sofrimento é como uma cachoeira, que pode tragar o homem, mas pode ser útil ao homem, contanto que o homem saiba aproveitá-la. O sofrimento tem formado muitas vidas grandes, muitos espíritos robustos, inclusive os santos e gênios<sup>437</sup>. Para ele tudo passa pela compreensão que se tem do sofrimento e da dor humana. Para isto ele propôs, na sua visão, uma “escala em relação à dor” – esta escala é limitada, não é exaustiva. Ele faz uma tentativa de descrever como existem várias visões diferentes em relação ao sofrimento:

O materialista – não suporta a dor senão obrigado. Se ela é forte demais e se prolonga muito, ele acaba tudo com um tiro na cabeça.

O pragmático – procura livrar-se dela, por todos os meios. Se ela demora, fustigando, arranhando a alma, ele se queixa, fraqueja...arqueia.

Os espiritualistas – diferem do modo de reação segundo pertençam a esta ou àquela corrente ideológica.

O estóico – submete-se como um morto.

O budista – aceita-a com tristeza.

O cristão – encara-a com coragem, e sobretudo com confiança, sendo que muitos até com alegria.<sup>438</sup>

<sup>435</sup> KREEFT, 1995, p. 26.

<sup>436</sup> Santo Agostinho, como é chamado, nasceu em Tagasta, hoje Souk-Aras, no dia 13 de novembro de 354. Seu pai era pagão, convertendo-se ao cristianismo pouco antes de morrer. Sua mãe foi Santa Mônica. Estudou em Tagasta, Madaura e Cartago e foi Bispo de Hipona. Foi professor de retórica em Roma e Milão, onde se fez batizar em 387, após ouvir os sermões de Santo Ambrósio. Foi nomeado bispo aos 42 anos, tendo morrido em 28 de agosto de 430, aos 76 incompletos. Agostinho exerceu uma atração incrível sobre seus contemporâneos. Seu símbolo é um coração em chamas e o olhar voltado para as alturas.

<sup>437</sup> MOHANA, João Miguel. *Sofrer e amar*. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1980, p. 18.

<sup>438</sup> MOHANA, 1980, p. 36.

Trata-se de algumas visões das compreensões que existem frente ao problema do sofrimento, na perspectiva de Mohana. Contudo, ajuda inicialmente perceber diferentes formas de enxergar o dilema existente. O sofrimento é tão patente, porém, muitas vezes disfarçado, camuflado. O vizinho, o melhor amigo, o médico, o mecânico, todos possuem mágoas profundas e abafadas que ninguém chega a tomar conhecimento, da mesma forma que eles não conhecerão as das outras pessoas. As pessoas sofrem fisicamente – com diversos tipos de doenças e deficiências; sofrem emocionalmente – com angústias e dúvidas constantes em sua alma; sofrem espiritualmente – no anseio de buscar respostas e conforto para seus anseios no presente e no porvir. Kreeft destaca que todos, pelo mundo afora, estão sofrendo. E, se você não se apercebe disso, é porque ou é bastante ingênuo e acredita na aparência das pessoas, ou tem a pele tão resistente que não se magoa, nem sente a mágoa das outras pessoas em sua volta<sup>439</sup>.

No entanto, o maior problema não é este. Segundo Kreeft, “esse é o problema; não apenas o sofrimento, mas o escândalo que é sofrer em um universo criado e comandado por Deus”<sup>440</sup>. Como conciliar isto? Para muitas pessoas, quando isto acontece, a fuga parece ser o caminho mais rápido, viável, atrativo e que se apresenta para ser seguido. É a rota traçada e preferida por muita gente.

#### 4.2.2.1 O caminho da fuga

Diante de tantas situações que causam e trazem sofrimentos para o ser humano, a fuga parece um caminho plausível e viável. Esta fuga se dá de diversas formas – medo, isolamento, vícios, distanciamento da situação, morte. Vamos nos ater aqui no contexto religioso e eclesial. No aspecto religioso uma expressão fortemente usada e veiculada por Igrejas Neopentecostais no Brasil (mas também já utilizada por várias denominações evangélicas) e que soa inicialmente como bálsamo para a mente e o coração do ser humano é: Pare de sofrer<sup>441</sup>! Esta expressão sintetiza o anseio do coração humano, não somente no aspecto físico, mas em todas as áreas da vida. É confortador e encorajador este pensamento, num primeiro momento, entretanto, quando visto mais de perto trata-se de uma tentativa de fuga. Primeiro, por sua

---

<sup>439</sup> KREEFT, 1995, p. 20.

<sup>440</sup> KREEFT, 1995, p. 27.

<sup>441</sup> Esta expressão é recorrente no contexto da IURD - Igreja Universal do Reino de Deus, mas não é restrito a esta igreja, muitas outras igrejas têm utilizado esta terminologia.

irrealidade pela própria condição humana – um ser caído por causa do pecado e que sofre as consequências desta queda<sup>442</sup>. Segundo, por desprezar tudo aquilo que o sofrimento pode trazer para a própria pessoa que passa por ele, e também para o próximo, por mais doloroso que seja.

O “pare de sofrer!”, apesar de atrativo e chamativo para o angustiado e sofrido coração humano, na verdade é simplesmente um paliativo que não trata de fato da ferida no interior do ser humano. Trata-se de um jargão, uma frase de efeito, muito bem elaborada e convidativa que simplesmente funciona como uma fuga da realidade e promessa de vitória em qualquer situação da vida humana. Negar o sofrimento humano – fuga - pode equiparar-se com o negar a morte. Não há como evita-los, todavia, há sim maneiras de compreendê-los e, dessa forma trabalhá-los na vida humana para um viver mais coerente, autêntico, crescente e real. Percebe-se que o ser humano moderno não está preparado para sofrer. Os membros de muitas igrejas, através da chamada “Teologia da Prosperidade”, têm aderido fortemente a filosofia enganosa do “não sofrimento”. O resultado é que quando o iludido sofre o infortúnio, perde a fé em Deus, desaba, e além de ser “culpado” pelo fato de não possuir fé suficiente para reverter tal quadro de derrota, ainda precisa lidar com o infortúnio da dor sem ter aonde se apegar. Para Dunn, é assustador ver até que ponto algumas pessoas chegam nesta questão (Teologia da Prosperidade). Em vez do cristianismo do Novo Testamento, praticam algo que parece mais com religião vodu, com crenças baseadas em superstição, essas, sim, podendo ser os verdadeiros canais demoníacos na vida pessoal ou na família.<sup>443</sup> Ele também afirma que:

A distorcida ênfase atual na saúde e na riqueza é pagã, não cristã. J. I. Packer define isso como a “religião vida mansa”. A finalidade da religião vida mansa e do mundo é a mesma, apenas os métodos são diferentes: o mundo busca prosperidade por meio do engodo e da trapaça; o cristão, por meio da fé e da oração. A religião da prosperidade permite que o cristão se junte ao mundo em sua busca carnal, de consciência limpa, e em nome de Deus.<sup>444</sup>

Pode-se afirmar então que, muitas pessoas acabam trilhando o caminho da fuga via religião. Espremidos pelo sofrimento tentam se refugiar na religiosidade e caem num outro tipo de fuga. De acordo com Gene Edward Veith Junior, por isso repercute em diversos contextos que os cristãos contemporâneos não possuem uma teologia do sofrimento. O ser humano quer evitar o sofrimento a todo custo. Mesmo assim, ele vem, e nós não sabemos o que fazer com

---

<sup>442</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Rm 5.12.

<sup>443</sup> DUNN, 1999, p. 43.

<sup>444</sup> DUNN, 1999, p. 43.

ele ou qual é o seu significado.<sup>445</sup> Kreeft destaca dois problemas sérios com relação ao sofrimento humano:

Existem dois problemas que perduram. Primeiro, por que precisamos desse tratamento doloroso? Por que o bem físico deve ser sacrificado para alcançarmos o bem espiritual? Por que não podemos obter sabedoria e virtude sem sofrimento? A resposta cristã para essas perguntas é que somos criaturas caídas, em um estado inatural, não no estado natural. O pecado nos fez estúpidos; assim, só conseguiremos aprender do jeito mais duro. É um argumento que não pode ser provado, mas que se encaixa nos fatos. O segundo problema mais difícil, que perdura até mesmo se o princípio das coisas primárias e secundárias for empregado, é o da distribuição do sofrimento. Pessoas que aparentemente não precisam dele (pessoas boas como Jó) e aquelas que aparentemente não o podem usar (como os casos do começo do livro) passam pelo sofrimento. A dor angustia tanto quanto suaviza.<sup>446</sup>

#### 4.2.2.2 O caminho da sensatez

A fuga consiste na trajetória que muitas optam e por meio de variadas possibilidades (inclusive o religioso). Contudo, há outros caminhos que podem ser percorridos. Segundo Mohana, o sofrimento nos torna “humanos” – divinizando-nos -, ao passo que a ausência completa dele nos desumaniza, - banalizando-nos.<sup>447</sup> Dificilmente alguém dirá que o sofrimento seja bom em si. Não! Conforme Mohana, o sofrimento é bom pelo que nos traz. E, no meio de tudo que nos traz, traz Aquele (Deus) que é tudo para nós. Se não o temos, ficamos com Ele. E se o temos, Ele se torna mais nosso, se aproxima mais de nós, aproximando-nos mais dele.<sup>448</sup> Conforme Walther von Loewenich, para Lutero o objetivo do sofrimento é desdobrar a fé e torna-la forte.<sup>449</sup>

O sofrimento quando aceito e compreendido da perspectiva correta pode nos aproximar do que é eterno, pode nos tornar melhores e transformar nossas afeições, a nossa vontade, os nossos sentimentos. Este é um dos entendimentos que passa pela compreensão cristã. De acordo com Mohana sofrimento nos ensina a extrair paz da dor, tirar experiência da queda, deduzir o bem do mal, tirar brilhantes de cascalhos, divisar estrelas na escuridão da noite.<sup>450</sup> Para o

<sup>445</sup> VEITH JUNIOR, Gene Edward. *Espiritualidade da Cruz: a vida cristã sob a cruz de Cristo*. Porto Alegre: Editora Concordia, 2015, p. 63.

<sup>446</sup> KREEFT, 1995, p. 86.

<sup>447</sup> MOHANA, 1980, p. 30.

<sup>448</sup> MOHANA, 1980, p. 28.

<sup>449</sup> LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987. 1987, p. 117-119.

<sup>450</sup> LOEWENICH, 1987, p. 20.



missionário James Hudson Taylor, “aprender o que Deus quer nos ensinar no meio da dificuldade é mais importante do que sair dela”<sup>451</sup>.

Segundo Mohana, o sofrimento destrói todas as nossas hipocrisias, arranca todas as máscaras, boicota todos os embustes. O sofrimento é responsável pelos santos, pelos gênios, pelas grandes vidas. Beethoven foi obra do sofrimento. Santo Agostinho foi obra do sofrimento.<sup>452</sup> Bizet, Haendel, foram obras do sofrimento. Edison, Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Franklin, Thomas Jackson, Léon Bloy, Madame Curie, Pierre Curie, Chopin, Schubert, Hellen Keller, José do Egito, Gema Galgani – todos esses fazem parte de uma das inúmeras galerias do museu do sofrimento<sup>453</sup>. Elisabeth Leseur<sup>454</sup> ressalta que o sofrimento aceito nos aproxima do que é eterno, nos torna melhores e transforma nossas afeições, a nossa vontade, os nossos sentimentos, sem despi-los do que tem de melhor sob o ponto de vista humano. Seu esposo, Félix Leseur, segue na mesma linha de pensamento ao dizer que, no domínio espiritual nada de grande se faz que não tenha por base o sofrimento. Já Musset<sup>455</sup> afirma que, o homem é um aprendiz, a dor o Mestre, e nada se conhece bem quando não se sofreu. Winston Churchill<sup>456</sup> nutria verdadeira admiração pelos homens que encaram o sofrimento com coragem e alegria. Tanto que costumava dizer que gostava “daqueles que lutam com um sorriso nos lábios. Se o passado foi amargo, tiravam o chapéu para ele, cumprimentando-o, despedindo-se; e para o futuro tiravam a camisa, como que querendo enfrenta-lo de peito nu”<sup>457</sup>.

Dr. Carton, chefe de uma escola de medicina chamada naturista, aponto o seguinte caminho em relação ao sofrimento:

Em vez de nos revoltarmos, devemos encarar o sofrimento sob seu aspecto educativo. Em primeiro lugar, quem nunca passou por uma dor não sabe o que é a vida, portanto é inexperiente e só pode ser infeliz. Em segundo lugar, estimula para fazer melhor, aperfeiçoa e protege contra erros futuros. Em terceiro lugar, obriga a refletir, a ser profundo, a investigar as causas, a corrigir os impulsivos para que tenham domínio de

---

<sup>451</sup> Frase de James Hudson Taylor. Foi um missionário Cristão Protestante Inglês que trabalhou na China. Ele fundou uma missão que enviou mais de 800 missionários para China.

<sup>452</sup> MOHANA, 1980, p. 41.

<sup>453</sup> MOHANA, 1980, p. 41.

<sup>454</sup> (1866 – 1914, França, Paris). Era uma grande cristã que viveu por volta de 1900. Era uma francesa culta e fervorosa, amiga das artes, das letras, da filosofia, etc, casada com um homem culto e destacado na sociedade francesa; mas ateu, que não acompanhava a fé de Elizabeth. Era o famoso Sr. Marie –Albert Leseur.

<sup>455</sup> Alfred Louis Charles de Musset (Paris, 11 de Dezembro de 1810 — Paris, 2 de Maio de 1857) foi um poeta, novelista e dramaturgo francês do século XIX, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como o Romantismo.

<sup>456</sup> Frase de Winston Leonard Spencer- Churchill. Foi um estadista britânico. Primeiro-ministro por duas vezes.

<sup>457</sup> MOHANA, 1980, p. 80.

si. Enfim – o prazer sem freio leva para a degenerescência material e fatalmente degrada a vida.<sup>458</sup>

#### 4.2.3 O sofrimento humano: mistério

A tendência humana diante do sofrimento é o reducionismo. Mohana alerta para este perigo, ele destaca que o lugar comum é dizer, “este mal tem como causa este erro”. No entanto, os males são frutos de uma infinidade de fatores os mais complexos e variados, dos quais a nossa visão limitada não vislumbra senão uma pequenina parte.<sup>459</sup> Há mais coisas no sofrimento do que aquilo que os olhos veem.<sup>460</sup> Para Dunn, o livro e a história de Jó nas Escrituras remetem a isto. Onde o visível e o invisível copulam, concebe uma criança chamada mistério.<sup>461</sup>

A lição de Jó<sup>462</sup> diz que o sofrimento é mistério. No entendimento filosófico mistério refere-se ao ver, contemplar, intuir; é a percepção, da mente na lógica tradicional. Gabriel Marcel apontou a distinção entre mistério e problema. Ele define mistério como “um problema que abusa de suas premissas”, isto é, uma questão cujo objeto é o próprio questionador, uma questão da qual não podemos nos desgrudar, porque nela estamos sempre pessoalmente envolvidos. Apaixonar-se, por exemplo, é um mistério. Chegar a Marte é um problema. Segundo Valdinei Ferreira, mistério não é algo que não pode ou não possa ser compreendido, mistério não é algo que não possa ser entendido, tão pouco mistério não é algo irracional, algo contraditório ou mesmo algo ilógico.<sup>463</sup> E prossegue, “mistério não é algo desprovido de significado, destituído de sentido. Mistério é na perspectiva bíblica: algo que por ter um significado tão rico, que por ter tanto significado não pode nunca ser esgotado pelos seres humanos”.<sup>464</sup>

No livro de Jó podemos vislumbrar um pouco desta questão do sofrimento como mistério. Deus tem seus bons motivos para que coisas ruins aconteçam a pessoas que são

---

<sup>458</sup> MOHANA, 1980, p. 81.

<sup>459</sup> MOHANA, 1980, p. 22.

<sup>460</sup> DUNN, 1999, p. 23.

<sup>461</sup> DUNN, 1999, p. 157.

<sup>462</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002. Jó, personagem principal do livro bíblico de Jó. Ele era um homem rico, tinha uma família grande e saudável, possuía muitos amigos, tratava-se de uma pessoa íntegra, honesta, temente a Deus. No entanto, em pouco tempo perdeu seus bens, seus filhos morreram e sua saúde foi atingida. Até mesmo seus amigos o acusaram de estar vivendo em pecado. O livro então narra todo o sofrimento e os dilemas decorrentes deste sofrimento que Jó teve de enfrentar, porém, no final Deus muda a sorte de Jó. Ele é restabelecido na sua saúde, na sua família, e nos seus bens, contudo e principalmente, Jó passa a ter uma outra percepção do sofrimento para sua vida.

<sup>463</sup> FERREIRA, Valdinei. *Perguntas de Jó*. 2. ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2016, p. 84.

<sup>464</sup> FERREIRA, 2016, p. 84.

consideradas boas. Mas ele não diz a Jó, que não consegue descobrir nada. Aqui, o obscuro é subjetivo, não objetivo. Aqui, nossas mentes estão no escuro, mas Deus é luz. No outro tipo de mistério, o existencialista, a realidade em si é obscura e nossas mentes dão o padrão que julga a realidade deficiente, falhando no que precisamos, isto é, explicações humanamente satisfatórias. No mistério existencialista, nós somos a luz e a realidade é o obscuro. No mistério das Escrituras, a realidade é a luz e nós estamos no escuro. “De fato, estamos no escuro precisamente porque realidade é luz, muita luz. Assim como Agostinho e Tomás de Aquino gostavam de repetir, somos como morcegos ou corujas: enxergamos bem as sombras, mas não o Sol. Pelo excesso de luz, o Sol nos cega”.<sup>465</sup>

O livro de Jó torna-se um paradigma desta questão do mistério do sofrimento, pois, apesar de ter sofrido tanto e por fim ter sido restaurado, restabelecido em sua saúde, família, bens, amigos, moral, perdura em nossas mentes dúvidas quanto ao propósito de tudo quanto sobreveio a Jó. A esposa e os amigos de Jó passaram a vê-lo através da enfermidade. Mesmo as pessoas mais íntimas não conseguiam enxergar além das feridas dele. Ele não era mais uma pessoa – era um objeto de observação e diagnóstico, tanto físico como espiritual.<sup>466</sup> Contudo, talvez as próprias palavras de Jó, sugerem direção: “então respondeu Jó ao Senhor: Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado... Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia”<sup>467</sup>.

A Bíblia está repleta de exemplos de homens e mulheres excelentes que sofreram (Jó, José do Egito, Mefibosete, Daniel, Jeremias, Estevão, Paulo, quase todos os apóstolos, etc.). O maior deles é Jesus Cristo. Por isso, Dunn afirma que, não podemos esperar que a graça de Deus faça por nós o que não fez por Cristo – isentar-nos do mal, do sofrimento e da morte.<sup>468</sup> Isso não quer dizer, de maneira alguma, que teremos de sofrer como Jesus sofreu, muito menos que o sofrimento é uma espécie de ato meritório ou pagamento pelos pecados. Jesus fez tudo aquilo pelo ser humano, conforme a Bíblia. Isso significa, outrossim, que a vida espiritual tem a ver com o sofrimento, derrota e fraqueza – não simplesmente com a experiência da “glória”, como gostaríamos.<sup>469</sup> Entretanto, tudo o que está relacionado ao sofrimento tem-se um propósito maior. Ultrapassa o entendimento humano, e talvez, a melhor palavra que defina isto é “mistério”, conforme apontado por Valdinei. Mas, como então vislumbrar no meio do

---

<sup>465</sup> KREEFT, 1986, p. 87.

<sup>466</sup> DUNN, 1999, p. 34.

<sup>467</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Jó 42.1,2.

<sup>468</sup> DUNN, 1999, p. 188.

<sup>469</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 60.

sofrimento humano algo que possa ajudar pessoas que sofrem? O conhecimento da Teologia da Cruz pode ser um caminho que dê uma perspectiva melhor.

#### 4.3 A cruz de Cristo

Diante do fato palpável e estabelecido do sofrimento humano, a Teologia da Cruz aponta para uma direção: a cruz de Cristo. Doravante, este é o caminho que será trilhado. Há uma tendência no ser humano de querer abandonar a cruz como foco, por causa da sua sofreguidão. Todavia, o cristianismo se centraliza exatamente aí. Até mesmo no contexto cristão, muitos focam suas buscas na vida de Jesus, no seu exemplo, e em seus ensinamentos. Outros focalizam unicamente na ressurreição como fonte de vida, entretanto passam muito superficialmente pelo Gólgota<sup>470</sup>. Não obstante, ainda que a vida, os ensinamentos, e a ressurreição de Jesus sejam (e de fato o são) imprescindíveis para o cristianismo e os cristãos – de forma alguma pode se negar isto -, o foco e ponto central do cristianismo é este: tudo converge para a cruz de Cristo!

Mas, o que era a cruz e conseqüentemente a morte por crucificação? A morte por crucificação é uma pena muito antiga. Conforme Rodrigues, não é possível localizar com precisão o seu aparecimento na história. Entretanto, é no mundo romano que ela se torna conhecida da história mundial. Ali, a cruz desponta, em primeiro lugar, como pena para escravos fugitivos.<sup>471</sup> Posteriormente veio a ser usada também em pena para rebeldes políticos.<sup>472</sup> Além da crueldade, chama atenção que a cruz não podia ser aceita pela estética romana. Ela era a pena do não-ser, pois, para o cidadão romano – devido a tamanha vergonha que a cruz representava – ela não podia ser humanamente suportada, sendo reservada ao universo das coisas (rés), ao qual pertenciam os escravos e as escravas.<sup>473</sup> Joachim Jeremias afirma que, para os homens da Antiguidade, a cruz não era só a quintessência das torturas mais horrorosas, mas também o cúmulo da vergonha (Ver Hb 12.2); além disto, para a sensibilidade Judaica, esta pena de morte, desconhecida em Israel, era tida, sob a influência de Dt 21.23,

<sup>470</sup> O “lugar da caveira” (Gólgota em hebraico, Calvário em latim, Kranion em grego), fora dos muros da cidade santa – Jerusalém.

<sup>471</sup> RODRIGUES, Marcos Antonio. *A cruz na história da teologia (um estudo introdutório)*. São Leopoldo, 1992, p. 07, (T 289) – Escola Superior de Teologia.

<sup>472</sup> WEBER, Hans-Ruedi. *Kreuz. Überlieferung und Deutung der Kreuzigung Jesu im neutestamentlichen Kulturraum*. Stuttgart, Berlin, Kreuz-verlag, 1975. p. 15-26.

<sup>473</sup> RODRIGUES, 1992, p. 09.

como um sinal visível da maldição divina.<sup>474</sup> Os gregos e os romanos se apossaram da crucificação que, aparentemente, fora inventada pelos “bárbaros” que viviam à margem do mundo conhecido. É ela, com toda a probabilidade, o método mais cruel de execução jamais praticado, pois deliberadamente atrasa a morte até que a máxima tortura seja afligida. De acordo com John Stott, antes de morrer, a vítima podia sofrer durante dias. Ao adotarem a crucificação, os romanos a reservaram para assassinos, rebeldes, ladrões, contanto que também fossem escravos, estrangeiros ou pessoas sem posição legal ou social.<sup>475</sup> Se os romanos viam com horror a crucificação, da mesma forma viam-na os judeus, embora por motivos diferentes. Os judeus não faziam distinção entre o “madeiro” e a “cruz”, entre o enforcamento e a crucificação. Eles, portanto, automaticamente aplicavam aos criminosos crucificados a terrível declaração da lei de que “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”.<sup>476</sup> Para o teólogo e pastor John Stott, o fato de a cruz se tornar um símbolo cristão, e que os cristãos, teimosamente, se recusaram, apesar do ridículo, a descartá-lo em favor de alguma coisa menos ofensiva, só pode ter uma explicação: Significa que a centralidade da cruz teve origem na mente do próprio Jesus.<sup>477</sup>

No entendimento cristão, é na cruz que se vê a maior expressão do amor de Deus pela humanidade. Nas palavras do apóstolo Pedro, “pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos”<sup>478</sup>. Para o cristianismo é na cruz que está a graça, a bondade, a misericórdia, a justiça, o perdão, o amor de Deus manifestado e provado pelo ser humano. O apóstolo Paulo escreveu em sua carta aos Romanos, “mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós sendo nós ainda pecadores”<sup>479</sup>.

A cruz então é um dos maiores paradoxos da fé cristã. Ao mesmo tempo em que ela é a maior tragédia de todos os tempos, é também, a mais gloriosa vitória. A partir da cruz resulta uma inversão de todos os valores. No Cristo crucificado estão o princípio da teologia cristã e o caminho para um genuíno conhecimento de Deus. Lienhard citando Lutero salienta que, “de modo que agora não basta nem adianta alguém conhecer a Deus em glória e majestade, caso não o conheça no rebaixamento e na vergonha da cruz, lugar que Ele mesmo escolheu revelar-

---

<sup>474</sup> JEREMIAS, Joachim. *A mensagem central do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 55.

<sup>475</sup> STOTT, John. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Editora vida, 1991, p. 17.

<sup>476</sup> STOTT, 1991, p. 18.

<sup>477</sup> STOTT, 1991, p. 19.

<sup>478</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Pd. 3.18.

<sup>479</sup> A BÍBLIA SAGRADA, Rm. 5.8.

se. E aí nos surpreendemos quando percebemos que é justamente este o lugar que Deus escolhe para se revelar: a cruz de Cristo”<sup>480</sup>. Conforme Zwemer,

Se a cruz de Cristo for alguma coisa para mente, certamente será tudo –a realidade mais profunda e o mistério mais sublime. A pessoa chega a perceber que literalmente toda a riqueza e glória do evangelho tem aí o seu centro. A cruz é o pivô, como também o centro do pensamento do Novo Testamento. É o marco exclusivo da fé cristã, o símbolo do Cristianismo e sua estrela polar.<sup>481</sup>

Desde os ebionitas<sup>482</sup> do século 1, passando pelos arianos até uma parte da teologia liberal moderna... a crucificação, por mais real e escandalosa que fosse, marcou o fim trágico de um homem.<sup>483</sup> A outra opção, representada pelo docetismo e gnosticismo cristão dos primórdios, encontra seus adeptos pós-iluministas em várias tradições relevantes na teologia. Ela enfatiza a ressurreição como afirmação da força da vida, descartando ou enfraquecendo as implicações do escândalo da cruz.<sup>484</sup> De acordo com Westhelle, na era constantiniana (mas não antes), o símbolo da cruz tinha sido amplamente aceito como a principal representação figurativa da fé cristã, começando na época de Teodósio I, no último quarto do século 4.<sup>485</sup> Foi Constantino, o primeiro imperador a professar a fé cristã, quem acrescentou ímpeto ao uso do símbolo da cruz. Segundo Stott, pois (segundo Eusébio) nas vésperas da Batalha da Ponte Mílvia, a qual lhe deu supremacia no Ocidente (321-323 a.D.), ele viu uma cruz iluminada no céu, acompanhada das palavras *in hoc signo vinces* (“vence por este sinal”). Imediatamente ele a adotou como seu emblema e mandou blasoná-la nos estandartes de seu exército.<sup>486</sup>

Stott, ao falar de Justino Mártir, nos dá a dimensão da importância e relevância da cruz para os cristãos nos primeiros séculos da era cristã:

Justino Mártir, apologista cristão do segundo século, confessava que para onde quer que olhava, via a cruz. Não se atravessa o mar nem se ara a terra sem ela, escreve ele, referindo-se ao mastro e à verga do navio, à lâmina e ao jugo do arado. Escavadores e mecânicos não trabalham sem ferramentas em forma de cruz, uma possível alusão à pá e seu cabo, além disso “a forma humana difere dos animais irracionais somente no fato de ser ereta e ter os braços estendidos”. E, se o tronco e os braços da forma humana proclamam a cruz, assim o fazem o nariz e as sobrancelhas. Imaginoso? Sim, completamente, e, contudo, estou disposto a perdoar a essas fantasias que glorificam a cruz.<sup>487</sup>

---

<sup>480</sup> LIENHARD, 1998, p. 293.

<sup>481</sup> ZWEMER, Samuel E. 1867-1952. Trabalhou na Arábia, e foi redator do Mundo Muçulmano durante quarenta anos, e que às vezes é chamado de “o apóstolo do islamismo”.

<sup>482</sup> Os ebionitas formavam uma seita judaico-cristã dos primórdios que recebeu seu nome da autodescrição dos primeiros séculos de Jesus como “os pobres”, *ebion* em hebraico.

<sup>483</sup> WESTHELLE, 2008, p. 21.

<sup>484</sup> WESTHELLE, 2008, p. 22.

<sup>485</sup> WESTHELLE, 2008, p. 25.

<sup>486</sup> STOTT, 1991, p. 17.

<sup>487</sup> STOTT, 1991, p. 38.

Fazendo um pulo na história chegamos na reforma protestante. Em “*Uma meditação sobre a paixão de Cristo*”, de 1519, Lutero reflete sobre o uso e abuso do símbolo da cruz na piedade popular e teológica. Conforme Westhelle, o reformador conclui com desprezo, “nós transformamos a essência em aparência, pintamos nossas meditações sobre a paixão de Cristo em paredes e as transformamos em letras”.<sup>488</sup> Segundo Walter Altmann, a cruz de Cristo, para Lutero, não significa derrota, mas vitória sobre o princípio da contradição. Na cruz de Cristo se confluem lutas que têm dimensões profundas: lutas históricas e universais, conflito entre mal e justiça, benção e maldição, morte e vida<sup>489</sup>.

A doutrina da cruz, questão central na teologia de Lutero, é determinante no conceito de fé<sup>490</sup>. Segundo Lutero, “Deus quis ser reconhecido a partir dos sofrimentos”<sup>491</sup>. Deus estava na morte agindo em favor da vida. Daí resulta que contemplar o sofrimento de Cristo implica ao cristão aceitar a sua própria cruz, sendo Cristo um dom antes de ser exemplo, sendo Ele quem nos salva, e não o nosso sofrimento<sup>492</sup>. Stott afirma, “portanto, é seguro dizer que não há cristianismo sem a cruz. Se a cruz não for o centro da nossa religião, a nossa religião não é a de Jesus”<sup>493</sup>. Para Lutero, quem não é um “*crucianus*” (crucificado) não é um “*cristianus*” (cristão)<sup>494</sup>. De acordo com o reformador, esta é a mensagem da cruz: a admissão de uma derrota que é o próprio portão que leva à vitória.<sup>495</sup>

Roberto Hofmeister Pich ressalta que, “porque no centro da vida de Cristo se encontra a cruz, a vida do cristão é discipulado de sofrimento”.<sup>496</sup> Segundo Martin N. Dreher, a cruz é a lei sob a qual se encontram a revelação de Deus bem como a vida do cristão e da igreja. Vida cristã e vida da igreja só existem sob a forma da cruz, caso contrário não são vida no discipulado de Jesus<sup>497</sup>. Para Boff, a Igreja e a teologia devem, ao invés de tentarem encontrar sua identidade nos dogmas e nas instituições, procurá-la na cruz, pois ali reside o critério último da

---

<sup>488</sup> WESTHELLE, 2008, p. 28.

<sup>489</sup> ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação – Releitura em Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994, p. 32.

<sup>490</sup> LOEWENICH, 1987, p. 111.

<sup>491</sup> LUTERO, Martinho. *O Debate de Heidelberg*. In: Obras Seleccionadas: *Os Primórdios. Escritos de 1517 a 1519*. v. 1, 2 ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004, p. 49.

<sup>492</sup> LIENHARD, 1998, p. 294.

<sup>493</sup> STOTT, 1991, p.59.

<sup>494</sup> WA 43, 617, apud, LUTERO, Martinho. *O Debate de Heidelberg*. In: Obras Seleccionadas: *Os Primórdios. Escritos de 1517 a 1519*. v. 1, 2 ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004, p. 46.

<sup>495</sup> Frase de Martinho Lutero, apud WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008, 2008, p. 55.

<sup>496</sup> PICH, Roberto Hofmeister. *O debate de Heidelberg e a teologia da cruz de Lutero*. 1991, p. 26. Trabalho de conclusão de curso, São Leopoldo, RS.

<sup>497</sup> DREHER, Martin N. *A teologia crucis de Lutero e o tema da teologia da libertação*. In: Estudos teológicos. v. 28, 1988, p. 138.

Igreja e do cristão<sup>498</sup>. Conforme Stott, se a cruz pode ser chamada de “tragédia”, foi uma tragédia que ilumina todas as outras.<sup>499</sup> Marlon Ronald Fluck destaca que, “a partir da cruz de Cristo é que todas as coisas devem ser compreendidas e avaliadas”.<sup>500</sup>

A cruz é, portanto, o centro, o foco, a prova do amor mais sublime que existe, na visão cristã. Amor que triunfa sobre o ódio, sobre o pecado, sobre a “desgraça”. Prova deste amor que triunfa está estampado e cravado em um dos locais mais antigos, cujas ruínas foram preservadas. Para nossa surpresa hoje, no Coliseu, bem no anfiteatro onde milhares de cristãos foram sacrificados por esporte, existe uma enorme cruz – um testemunho silencioso da vitória do amor de Cristo manifestado e provado numa cruz sobre a brutalidade do mundo antigo.



**FIGURA 1: Cruz no Coliseu.**<Imagem Disponível em: <https://mydestinationanywhere.com/2016/04/17/coliseu-de-roma-como-chegar-como-visitar/>>

Stott traz à tona a seguinte reflexão sobre a cruz de Jesus:

Como é que os cristãos podem encarar tal ridículo sem mudar de posição? Por que nos apegamos à velha e rude cruz, e insistimos em sua centralidade, recusando-nos a deixar

<sup>498</sup> BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – paixão do mundo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 134.

<sup>499</sup> STOTT, 1991, p. 191.

<sup>500</sup> FLUCK, Marlon Ronald. *A obra do Espírito Santo em Lutero, a partir de seu escrito “De servo arbitrio”*. 1984, p. 40. Dissertação de Mestrado, São Leopoldo, RS.



que ela seja empurrada para a periferia de nossa mensagem? Por que devemos proclamar o que é escandaloso, e gloriarmo-nos no que é vergonhoso? A resposta jaz na simples palavra “integridade”. A integridade cristã consiste parcialmente numa resolução de desmascarar as caricaturas, mas principalmente na lealdade pessoal a Jesus, em cuja mente a cruz salvadora ocupava o centro. Deveras, todos os leitores que se aproximaram, sem preconceito, das Escrituras, parecem ter chegado à mesma conclusão.<sup>501</sup>

#### 4.4 Jesus e a Teologia da Cruz

A cruz é o instrumento e o símbolo. Mas, de fato aquele que foi ali crucificado é quem a tornou tão representativa e simbólica. O apóstolo Paulo afirma que, “Jesus Cristo é o centro de todas as coisas. Tudo converge nele, tanto as celestiais como as terrenas”<sup>502</sup>. Não poderia ser diferente com relação e especialmente à Teologia da Cruz. Tudo se origina nele e gira em torno dele – Jesus Cristo. Conforme o mesmo apóstolo, “pois dele, por ele e para ele são todas as coisas”<sup>503</sup>. Para Helmer, a realidade de Deus não se encontra em um âmbito invisível além dos sentidos humanos, mas na evidência de um Cristo sofredor e crucificado.<sup>504</sup> De acordo com Forsyth, Cristo é para nós (cristãos) o que o é a cruz. Tudo o que Cristo foi no céu ou na terra foi colocado no que ele fez aí... Cristo, repito, é para nós justamente o que a cruz o é. A pessoa não pode compreender a Cristo até que compreenda a sua cruz<sup>505</sup>. Na teologia histórica cristã a morte de Cristo é o ponto central da história; para aí todas as estradas do passado convergem; e daí saem todas as estradas do futuro.<sup>506</sup>

Segundo Pich, todas as imagens de Jesus, confessadas em torno de qualquer lugar, deverão ser medidas por aquilo que Cristo fez. É primaz a importância de se examinar o que Cristo ensinou e realizou, para que se possa questionar o que se vive e se diz acerca de qualquer confissão de fé<sup>507</sup>. Lutero afirma que, reconhecemos a Deus *per passiones et crucem* (pela paixão e pela cruz, ou: pelos sofrimentos e pela cruz), isto é, Deus só pode ser encontrado na cruz e no sofrimento (WA I, 362, 28s.)<sup>508</sup>. O reformador pensa aqui, inicialmente, nos sofrimentos de Cristo e em sua cruz; depois, porém, também nos sofrimentos e na cruz do

<sup>501</sup> STOTT, 1991, p. 36.

<sup>502</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Ef. 1.10.

<sup>503</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002. Rm. 11.36.

<sup>504</sup> HELMER, 2013, p. 259.

<sup>505</sup> FORSYTH, P. T. *A Crucialidade da Cruz*. 1909, apud STOTT, John. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Editora vida, 1991, p. 37.

<sup>506</sup> Frase avulsa de Stephen Neill Charles (1900-1984). Foi um missionário anglicano escocês, bispo e estudioso. Ele era proficiente em várias línguas, incluindo grego, latim e Tamil.

<sup>507</sup> PICH, 1991, p. 40.

<sup>508</sup> LUTERO, 2004, p. 52.

cristão. Ambos estão relacionados. “A cruz de Cristo não é qualquer cruz, mas é a cruz de Deus neste mundo”.<sup>509</sup> Por este motivo Pich ressalta que, “permanece à cristologia latino-americana a tarefa de resgatar o potencial transformador (ou mesmo revolucionário) das imagens de Jesus; por um lado, na solidariedade absoluta de Jesus com os que sofrem; por outro lado, no senhorio pleno de Jesus, acima de toda e qualquer manifestação de poder opressivo e dominante”<sup>510</sup>.

Destarte, pode-se afirmar que no centro da Teologia da Cruz está Jesus. Se ele for tirado do centro desta teologia ela não ficará de pé, tudo ruirá. No entendimento cristão, é no Cristo crucificado e ressurreto é que estão a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus. Para Philip S. Watson, Deus em Cristo entrou numa tal viva e íntima união com a humanidade que se sujeitou às mesmas condições, à mesma tirania debaixo de que sofre o homem. Pode-se dizer que se tornou um homem mais verdadeiro do que qualquer outro homem, porque sofreu mais profundamente que qualquer um deles<sup>511</sup>.

Jesus é o centro e, o foco da Teologia da Cruz. É através dele que Deus se revelou de maneira mais clara para a humanidade – a teologia sistemática entende isto como a revelação máxima de Deus para a humanidade. Na cruz contempla-se desde o imensurável amor de Deus à sua infinita graça e perdão para o ser humano. O próprio Jesus Cristo no evangelho de João, quando indagado por Filipe sobre Deus o Pai respondeu: “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: mostra-nos o Pai?”<sup>512</sup> Em Cristo, e essencialmente na cruz, Deus se desvendou de uma forma mais nítida, ainda que aparentemente obscura, para a humanidade. Stott faz menção de como a cruz tornou-se símbolo para os cristãos, mas principalmente como o enfoque dela era Jesus Cristo. Ele afirma:

Mas, pelo contrário, o símbolo escolhido foi uma simples cruz. Seus dois braços já simbolizavam, desde a remota antiguidade, os eixos entre o céu e a terra. Mas a escolha dos cristãos possuía uma explicação mais específica. Desejavam comemorar, como centro da compreensão o que tinham de Jesus, não o seu nascimento nem a sua juventude, nem o seu ensino nem o seu serviço, nem a sua ressurreição nem o seu reino, nem a dádiva do Espírito, mas a sua morte e a sua crucificação.<sup>513</sup>

A pintura “A sombra da morte” de Holman Hunt (ver na sequência) aponta para pelo menos duas coisas: Primeiro, Jesus Cristo veio ciente e pronto para a cruz. Ele veio para dar a

<sup>509</sup> HEIMANN, Leopoldo (Org.). *Lutero, o teólogo*. Canoas: Ulbra, 2004. p. 23.

<sup>510</sup> PICH, 1991, p. 38.

<sup>511</sup> WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus: uma interpretação da teologia de Martinho Lutero*. Canoas: Editora Ulbra, 2005, p. 174.

<sup>512</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Jo 14.9.

<sup>513</sup> STOTT, 1991, p. 15.

sua vida em resgate de muitos<sup>514</sup>, conforme o evangelho de Marcos; segundo, ele é o centro da cruz, da Teologia da Cruz. A pintura tenta retratar justamente estes aspectos.



**FIGURA 2: Quadro “A sombra da Morte”.** Pintura de Willian Holman Hunt, líder da Irmandade Rafaelita. Ele passou os anos 1870 a 1873 na Terra Santa, onde pintou “A sombra da morte” em Jerusalém, no telhado da sua casa. O quadro representa o interior da carpintaria de Nazaré. Jesus, nu até à cintura, está em pé ao lado de um cavalete de madeira sobre o qual colocou a serra. Seus olhos estão erguidos ao céu, e seu olhar é de dor ou de êxtase, ou de ambas as coisas. O sol da tarde, entrando pela porta aberta, lança, na parede atrás dele, uma sombra negra em forma de cruz. A prateleira de ferramentas tem a aparência de uma trave horizontal sobre a qual suas mãos foram crucificadas. As próprias ferramentas lembram os fatídicos pregos e martelo. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/aronmacedo/6941692381>

#### 4.5 Paulo e a Teologia da Cruz

O apóstolo Paulo, para muitos o maior missionário e propagador do evangelho de Jesus Cristo, entendeu e assimilou muito bem a mensagem, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Ele não achou ser anomalia alguma definir o seu evangelho como a “mensagem da cruz”, seu ministério como a “pregação do Cristo crucificado”. Ele ousadamente declarou que, embora a cruz parecesse loucura ou “pedra de tropeço” aos que confiam em si mesmos, era de fato a

<sup>514</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Mc 10.45.

própria essência da sabedoria e do poder de Deus.<sup>515</sup> Saulo<sup>516</sup>, que era um judeu extremamente zeloso dos preceitos e leis judaicas, tornou-se um radical perseguidor dos cristãos. No livro bíblico de Atos dos apóstolos, no capítulo 9, encontra-se o relato da sua conversão ao cristianismo. Em pouco tempo Saulo, que passou a ser chamado de Paulo depois da sua conversão, passou a sofrer perseguições e mais perseguições por causa do evangelho de Jesus Cristo. Conforme Leonhard Goppelt, Paulo tornou-se o grande missionário que levou a mensagem de Jesus Cristo em sua época aos gentios – povos que não pertenciam ao povo judeu. Ele quebrou os limites de seu mundo, pregando, ao contrário de sua própria formação e cultura, um Deus crucificado, a cruz como o centro da mensagem cristã<sup>517</sup>.

Exatamente no centro de sua mensagem estava a cruz de Cristo – pode-se dizer a Teologia da Cruz. Escrevendo sua primeira carta aos Coríntios ele afirma, “nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura”<sup>518</sup>. E prossegue, “porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado”<sup>519</sup>. Ao escrever sua epístola aos Gálatas ele diz, “mas longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo”<sup>520</sup>. João Marcos, autor do evangelho de Marcos, e Paulo se inserem nestas tradições para expressar a cruz de Cristo como a boa notícia de Deus. Isto significava que Deus, em primeiro lugar, se solidarizava até as últimas consequências, experimentando a realidade da condição humana. Mais que isto, a cruz de Cristo significava o sim de Deus para o escravo, para o rebelde político, para aqueles que são considerados não-ser. Paulo traz esta mensagem como Palavra da Cruz. De acordo com Rodrigues, a Palavra da Cruz é Evangelho, para Paulo, na medida em que ela significa a superação de todas as leis que impedem a aproximação solidária e gratuita de Deus àqueles que são privados de dignidade humana<sup>521</sup>. “A ‘palavra da cruz’ foi, portanto, a característica que decididamente afastou o protocristianismo do sincretismo no mundo religioso de então.”<sup>522</sup>

<sup>515</sup> STOTT, 1991, p. 29.

<sup>516</sup> Saulo era o nome de Paulo antes da sua conversão, a qual se deu na estrada para Damasco. Foi naquela ocasião que Saulo, um perseguidor dos cristãos, depois da aparição de Jesus Cristo para ele, tornou-se um perseguido por causa do evangelho. Esta narrativa está registrada em Atos dos Apóstolos capítulo 9.

<sup>517</sup> GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Vol. II: *Pluralidade e unidade do testemunho apostólico a respeito de Cristo*. São Leopoldo, Petrópolis; Editora Sinodal, Vozes, 1982, p. 362.

<sup>518</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Co. 1.23.

<sup>519</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Co. 2.2.

<sup>520</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Gl. 6.14.

<sup>521</sup> RODRIGUES, 1992, p. 21.

<sup>522</sup> HOLL, Karl. *Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte*. I, Luther, 2. e 3. ed., Tübingen, 1923, apud LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987, p. 08.

Para Loewenich, Paulo é o pai da Teologia da Cruz de Lutero<sup>523</sup>. Conforme o mesmo autor, todo pensamento de Paulo é dominado pela ideia da cruz, é Teologia da Cruz<sup>524</sup>. Paulo espalhou esta mensagem da cruz, do Cristo crucificado, da Teologia da Cruz. Certamente o impacto do encontro que ele teve com o Cristo ressurreto deve ter transformado seu pensamento, sua vida, sua conduta, seus objetivos, seus anseios, de tal maneira que se tornou um “embaixador<sup>525</sup>” (expressão que ele mesmo usa) de Jesus Cristo por onde quer que ia. De acordo com Paul Althaus, Paulo foi o preceptor de Lutero na compreensão da cruz como padrão válido para o conhecimento de Deus e para a compreensão de si mesmo<sup>526</sup>. Althaus também destaca ainda que, “é indispensavelmente necessário adicionar que nessa Teologia da Cruz, Lutero segue a linha de Paulo. Ele dá nova força e novo poder à afirmação de Paulo em 1 Co 1.18ss e em 2 Coríntios a respeito do caminho no qual a vida de Deus atua na morte e sua força em desamparo”<sup>527</sup>. Pode-se desta forma afirmar que Paulo não somente foi um divulgador da mensagem da cruz através da sua vida na sua época por onde quer que fosse<sup>528</sup>, mas também um propagador através dos seus escritos que influenciaram e influenciam muitas pessoas, dentre elas, Martinho Lutero.

#### 4.6 Martinho Lutero e a Teologia da Cruz

Martinho Lutero foi quem trouxe novamente à tona e pôs em destaque a Teologia da Cruz. Ainda que sua vida e obra tenham ficado muito marcados pela chamada “justificação pela fé”, a Teologia da Cruz estava no centro de tudo isto, como se observará na sequência.

---

<sup>523</sup> LOEWENICH, 1987, p. 19.

<sup>524</sup> LOEWENICH, 1987, p. 09.

<sup>525</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 2 Co 5.20.

<sup>526</sup> ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. KUCHENBECKER, Horst Reinhold (Trad.). Canoas: Editora Ulbra; Porto Alegre: Editora Concórdia, 2008, p. 48.

<sup>527</sup> ALTHAUS, 2008, p. 48.

<sup>528</sup> Paulo usou sua vida para pregar o evangelho. O livro de Atos dos Apóstolos registra suas viagens missionárias. A narrativa bíblica registra 3 viagens missionárias que ele fez e mais a sua ida até Roma estando já preso. Em todos estes lugares foi um arauto do evangelho de Jesus Cristo.

#### 4.6.1 Martinho Lutero

Martinho Lutero, o segundo de sete filhos, nasceu a 10 de novembro de 1483 em Eisleben, Alemanha, e faleceu na mesma cidade, em 18 de fevereiro de 1546, filho e neto de camponeses.<sup>529</sup> Casou-se aos 42 anos com Catarina von Bora, com quem teve seis filhos: João, Elisabeta, Madalena, Martin, Paulo e Margarrete. Destes, Elisabeta e Madalena morreram em tenra idade. A esposa faleceu em 1552. Foi um pai severo, mas ao mesmo tempo amigo dos seus filhos. Seu pai trabalhava nas minas de cobre e sua mãe era sincera e devota. A base de sua religião foi rígida, ensinando um Deus rígido e vingativo. Aos treze anos seu pai o mandou para a escola franciscana onde se apresentava frequentemente no confessionário e esmolava para conseguir sua subsistência. Formou-se em direito na Universidade de Erfurt em 1505. Comemorando a formatura anunciou que iria para um monastério. Em setembro do mesmo ano, Lutero ingressou na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, normalmente chamada de “Ordem Agostiniana”. Como frade (*frater*) agostiniano, Lutero permanecia ligado à sua Ordem enquanto estava livre para seguir seu chamado no mundo secular (relatos populares do ministério de Lutero muitas vezes se referem a ele como um “monge”, o que é um erro: monges estão ligados a um lugar específico: frades, a uma ordem específica).<sup>530</sup> Como parte de sua disciplina, Lutero era obrigado a dar início a sérios estudos teológicos sob a supervisão de superiores. Além disso, durante todo o período tratado por este estudo, Lutero permaneceu um membro da Ordem Agostiniana, e a afirmação definitiva da *Theologia Crucis* de 1518 se deu em uma disputa conduzida por Lutero diante de membros dessa mesma ordem.<sup>531</sup> Aos vinte e dois anos apresentou-se ao convento dos agostinianos. Aos vinte e cinco foi nomeado para a cadeira de filosofia em Wittenberg. Em 1512 obteve seu doutorado em Teologia. Entre os anos de 1514 e 1516, Lutero entendeu a justificação pela fé em Romanos 1.16-17. Em um período de esgotamento espiritual, inclusive o próprio, a percepção da justificação pela fé escoou balsamicamente sobre Lutero. Aos trinta e três anos, em 31 de outubro de 1517, fixou à porta da Igreja do Castelo em Wittenberg, suas 95 teses. Entre os meses de abril e maio de 1518, em Heidelberg, Lutero contrapôs seus paradoxos teológicos como Teologia da Cruz (*theologia crucis*) à Teologia da Glória (*theologia gloriae*). Conhecia bem o grego, hebraico e latim. Era um grande músico. Durante o tempo em que ficou preso no castelo de Wartburg, de maio de

---

<sup>529</sup> LIENHARD, 1998, p. 31.

<sup>530</sup> MCGRATH, 2014, p. 58.

<sup>531</sup> MCGRATH, 2014, p. 58.

1521 a março e 1522 completou a tradução do Novo Testamento grego para o alemão. Em 1530, reuniu-se a Dieta de Augsburg, onde Melancton apresentou a Confissão de Augsburg que Lutero elaborara a Dieta. Esta Dieta, posteriormente foi transformada no Credo oficial da Igreja Luterana. Para uma melhor visualização da vida de Lutero, uma breve cronologia de sua trajetória:

- 1483 – Em 10 de Novembro, em Eisleben, na Alemanha Central, nasce Lutero;
- 1488 – Começa a estudar na Escola Municipal de Mansfeld;
- 1497 – Passa pela escola latina de Magdeburgo;
- 1498 – Estuda humanidades em Eisenach (gramática, retórica e dialética);
- 1501 – Matricula-se em Artes Liberais (geometria, aritmética, música e astronomia) na Universidade de Erfurt;
- 1505 – Inicia o curso no convento dos agostinianos em Erfurt;
- 1507 – É ordenado diácono e, posteriormente sacerdote; empreende estudos de teologia; realiza a primeira missa.
- 1508 – Torna-se professor de Filosofia Moral na Universidade de Wittemberg;
- 1509 – Conclui Teologia e regressa a Erfurt como professor de Teologia Dogmática;
- 1510 – Viaja para Roma e se desencanta com a secularização do clero;
- 1511 – Volta para Wittemberg e inicia seu doutorado em teologia;
- 1512 – Obtém o título de doutor em Teologia e torna-se professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Wittemberg;
- 1513-1518 – Curso sobre os Salmos, as epístolas aos Romanos, aos Gálatas, aos Hebreus;
- 1517 – Escreve as 95 teses contra o abuso das indulgências e as envia ao arcebispo Alberto de Mogúncia, comissário dos indultos e ao bispo diocesano Jerônimo Schulz, de Brandemburgo;
- 1518 – O debate de Heidelberg em 26 de abril; é atacado por Priérias; é convocado a Roma; faz um apelo a um concílio geral.
- 1519 – O debate de Leipzig entre Lutero e Eck;
- 1520 – 1. Os grandes escritos reformadores: Das boas obras; À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão; Do cativoiro babilônico da Igreja; Tratado acerca da liberdade cristã; 2. Queima a bula papal e o direito canônico;
- 1521 – É excomungado pelo papa Leão X, perde seus direitos de cidadania; Lutero na dieta de Worms; traduz o Novo Testamento para o alemão. Lutero no Wartburgo.

- 1522 – Publicação da tradução do Novo Testamento feita por Lutero;
- 1525 – Deixa o refúgio de Warttburgo e volta para Wittenberg;
- 1525 – Casa-se com a ex-feira, Catarina von Bora, de 26 anos;
- 1527 – Controvérsias com Zwínglio. Efermidade, depressões de Lutero;
- 1529 – Conversação de Marburgo. Catecismos de Lutero;
- 1530 – Dieta de Augsburgo em que é apresentada (25 de junho) a Confissão de Augsburgo;
- 1534 – Conclui a tradução da Bíblia toda;
- 1536 – Concórdia de Wittenberg;
- 1543 – Publicação do comentário sobre o Gênesis;
- 1546 – Morre em Eisleben no dia 18 de fevereiro.

#### 4.6.2 A Teologia da Glória x Teologia da Cruz

Lutero assumiu a Teologia da Cruz de Paulo, “*cruz sola est nostra teologia*”<sup>532</sup> (“Somente a cruz é a nossa teologia”), dizia o reformador. Conforme Dreher, o apóstolo dos gentios obtivera a partir da cruz de Jesus uma compreensão totalmente nova a respeito de Deus. Conhecimento de Deus e palavra da cruz estão intimamente relacionados na visão de Paulo<sup>533</sup>. O reformador traduziu essa descoberta de Paulo, no século XVI, para seus contemporâneos, fazendo dela a chave hermenêutica de sua teologia<sup>534</sup>. Em contrapartida, Martinho Lutero se deparou em seu tempo com a chamada “teologia da glória”. Mas, afinal, qual a visão que apresentava esta chamada teologia da glória que tanto o incomodou e o levou a combatê-la?

A teologia natural e metafísica especulativa se esforçaram em apreender e conhecer Deus a partir das obras da criação, na mesma categoria que as obras de justiça moralista<sup>535</sup>. A teologia da glória recebe este nome porque pretende ver Deus como é, em sua própria glória, sem ter em conta a distância enorme que separa o ser humano de Deus. Gerhard Ebeling, descreve que, a teologia da glória é a intenção da teologia escolástica, baseada na filosofia aristotélica, que procura o reconhecimento pela razão.<sup>536</sup> Para Justo Gonzalez, o que a teologia

<sup>532</sup> LUTERO, 2004, p. 302.

<sup>533</sup> DREHER, 1988, p. 138.

<sup>534</sup> DREHER, 1988, p. 139.

<sup>535</sup> PICH, 1991, p. 20.

<sup>536</sup> EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero – uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 180-184.



da glória faz no final das contas é pretender ver Deus naquelas coisas que os humanos consideram mais valiosas. Porém tudo isso não é mais do que fazer Deus à imagem e pretender que Deus seja como o homem deseja que ele seja<sup>537</sup>. Conforme Althaus,

A teologia natural e metafísica especulativa que busca conhecer Deus nas obras da criação está na mesma categoria da justiça pelas obras, dos moralistas. Ambos são caminhos nos quais a pessoa se exalta a si mesma no nível de Deus. Esses dois levam as pessoas ao orgulho, ou à expressão de tal orgulho. Ambos servem para inflar o ego da pessoa. Ambos usam o mesmo padrão para Deus e para o relacionamento da pessoa com Deus: glória e poder. Nessa conexão, Lutero fala não somente da glória de Deus, mas também do amor da pessoa para a glória e o louvor de suas próprias obras.<sup>538</sup>

O teólogo da glória, portanto, opta pela glória, pelo poder, pela sabedoria, pelo bem aparente. Não compreende Deus como aquele que está oculto nos sofrimentos. Lutero, por sua vez, entende que os seres humanos, por terem abusado de um possível conhecimento de Deus a partir das coisas criadas (obras de Deus na criação), só podem conhecer Deus no Cristo crucificado (o mesmo acontecendo com a teologia)<sup>539</sup>. Conforme Veith Junior, Lutero chamava esse tipo de espiritualidade de auto engrandecimento, centrada no sucesso e no poder da “teologia da glória”. Para este autor, é claro, a atração dela é compreensível. Naturalmente, queremos o sucesso, as vitórias e a felicidade.<sup>540</sup> Seremos atraídos a qualquer religião que nos prometa tais coisas. Desejamos respostas completas e compreensíveis, evidências de poder espiritual tangíveis, todas transmitidas por uma instituição marcante, bem gerida e eficaz. Ao invés disso, Deus nos concede a cruz.<sup>541</sup> A essência de Deus não pode ser simplesmente apreendida das obras da criação. Conhecimento de Deus precisa abrir-se nos na cruz de Cristo. Porém, justamente ali nada vemos de Deus, inicialmente<sup>542</sup>.

Por outro lado, a compreensão da teologia da cruz dirá que o Deus manifesto nas obras da criação precisou se apresentar como Deus abscondito para que ocorresse a verdadeira revelação. ‘Abscondito no sofrimento’. Todavia, também a partir disso ocorre o processo inverso, processo que é completamente surpreendente ao entendimento humano: no ocultar-se de Deus, precisamente, vêm à luz as *visibilia Dei: humanitas, infirmitas, stultitia* (visibilidade de Deus: humanidade, fraqueza, loucura). Na abscondicidade Deus se torna visível querendo ser reconhecido unicamente na baixeza e na vergonha da cruz.<sup>543</sup> Deus, portanto, apresentou a si mesmo ocultando a sua glória sob a fraqueza da cruz; ou seja, de maneira indireta, em função

<sup>537</sup> GONZALES, Justo. *A Era dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 67.

<sup>538</sup> ALTHAUS, 2008, p. 43.

<sup>539</sup> PICH, 1991, p. 08.

<sup>540</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 59.

<sup>541</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 58.

<sup>542</sup> LOEWENICH, 1987, p. 21.

<sup>543</sup> LOEWENICH, 1987, p. 16.

de salvar o ser humano. Deus escolheu outro modo para se revelar a si mesmo.<sup>544</sup> É por esta razão que a cruz é um dos paradoxos cristão. As coisas visíveis de Deus estão no sofrimento da cruz. A maneira correta de entender Deus é olhar para cruz e não para a grandeza do universo ou das coisas criadas, pois a cruz lembra ao ser humano que é inimigo de Deus e que Deus amou os seus inimigos em Cristo. Para Pich, “a teologia da cruz se opõe ao conhecimento de Deus que os pagãos acreditam obter (Rm 1.20). O teólogo da cruz fala do Deus *crucifixus* (crucificado) e *absconditus* (abscôndito)”<sup>545</sup>. Falando sobre o livro “O Deus crucificado” de Jürgen Moltmann, Leonardo Boff diz,

A teologia da cruz crucifica o cristão. Ela questiona todos os nossos modelos, nossas representações sobre o homem, sobre Deus, sobre a sociedade. Ela obriga o cristão a possuir uma identidade que não pode ser projetada num modelo político, religioso e de um futuro imanente na história. Ela destrói tudo isso e deixa o homem nu, como o Crucificado na cruz.<sup>546</sup>

No entendimento de Lutero, a cruz precisa ter a liberdade de determinar sua própria estrutura conceitual. A Teologia começa ao pé da cruz; ela não começa em algum lugar qualquer para, então, integrar a cruz às suas categorias predeterminadas. Mais importante ainda: a teologia da glória procede priorizando o racional – aquilo com o que a mente humana sabe lidar. Enquanto uma teologia da glória depende da capacidade humana de *entender*, a Teologia da Cruz depende da capacidade humana de *perceber* – de observar o que está acontecendo e de refletir sobre seu significado mais profundo, embora não possa compreendê-lo completamente. Uma Teologia da cruz dá prioridade àquilo que é vivenciado. De acordo com Pich, como Lutero expressou em seu ditado famoso: “Apenas a experiência faz um teólogo”. Enquanto a Teologia da glória deixa o ser humano em posição contemplativa, estando o ser cristão preso a categorias formais, a Teologia da Cruz é ciência prática.<sup>547</sup>

Martinho Lutero continuou fazendo uma diferença entre uma Teologia da Glória e uma Teologia da Cruz. Seu argumento é que um teólogo da glória observa o que foi compreendido. Um teólogo da cruz, no entanto, “compreende o que foi visto” (*conspecta intelligit*)<sup>548</sup>. Conforme Pich, para o reformador qualquer outro caminho que tentasse definir Deus não a partir da cruz de Cristo estaria tendendo mais para a idolatria do que para a verdadeira contemplação de Deus.<sup>549</sup> Uma vez que se compreende, se é impulsionado a um viver pela fé.

---

<sup>544</sup> LOEWENICH, 1987, p. 15.

<sup>545</sup> LOEWENICH, 1987, p. 13.

<sup>546</sup> BOFF, 1978, p. 130.

<sup>547</sup> PICH, 1991, p. 25.

<sup>548</sup> MCGRATH, 2014, p. 214.

<sup>549</sup> RODRIGUES, 1992, p. 28.

Para Heimann, a teologia da cruz é antes ciência prática. Enquanto a Teologia da Glória deixa o ser humano em uma posição contemplativa, a teologia da cruz arranca-o dessa posição e lança-o na decisão da fé<sup>550</sup>. Pich também ratifica este pensamento ao afirmar que, a Teologia da Cruz não sobrevive como fruto de considerações teóricas. É teologia prática. Ocupa-se com uma cristologia ‘a partir de baixo’, pois Deus assim se manifestou em Cristo por meio de tudo aquilo que é ‘baixo’<sup>551</sup>. Na compreensão de Lutero, o teólogo da glória vê Deus em toda parte, por outro lado o teólogo da cruz vê no sacrifício de Cristo a verdadeira sabedoria e conhecimento de Deus.

A Teologia da Glória leva a pessoa a estar diante de Deus e disputar com ele numa barganha à base de suas próprias façanhas do cumprimento da lei, das obras, enquanto que a Teologia da Cruz vê a pessoa como alguém que foi chamado a trilhar o caminho da cruz, como Cristo. Althaus ratifica, “a cruz destrói a autoconfiança na pessoa, assim que agora, em vez de fazer algo próprio, ela permite a Deus fazer tudo nela. Tal pessoa foi guiada da atividade moral para ser puramente receptiva.”<sup>552</sup> Segundo Heimann, é por isso que ele (Lutero) convoca seus contemporâneos a voltarem as costas à Filosofia, voltando-se para o crucificado. “Adeus à *theologia gloriae*! Pois a filosofia escolástica corrompe o ser humano, motiva-o a fugir a cruz de Cristo e anima-o a ser autossuficiente (WA, 5, 107)<sup>553</sup>. Caso se quiser filosofia, esta deve ser *philosophia sacra*.<sup>554</sup> No debate de Heidelberg de 1518, as teses 21 e 22 de Lutero afirmavam: O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são; A sabedoria que enxerga as coisas invisíveis de Deus, compreendendo-as a partir das obras, se envaidece, fica cega e endurecida por completo”<sup>555</sup>.

#### 4.6.3 O debate de Heidelberg

O debate de Heidelberg marca de maneira clara as manifestações fundamentais de Martinho Lutero. Entre os meses de abril e maio de 1518, em Heidelberg, Lutero contrapôs seus paradoxos teológicos como Teologia da Cruz (*theologia crucis*) à teologia da glória (*theologia gloriae*), isto é, à teologia eclesial dominante. Travou-se a discussão da indulgência.

---

<sup>550</sup> HEIMANN, 2004, p. 27.

<sup>551</sup> PICH, 1991, p. 34.

<sup>552</sup> ALTHAUS, 2008, p. 43.

<sup>553</sup> LUTERO, 2004. p. 305.

<sup>554</sup> HEIMANN, 2004, p. 26.

<sup>555</sup> LUTERO, 2004, p. 39.

Lutero foi quem presidiu o capítulo de abertura da Ordem Agostiniana. Tal disputa se travara em torno de teses que o reformador elencara a convite de seu colega, Johannes von Staupitz. Na exposição das teses emergiram os temas principais da *theologia crucis* de Lutero. Além disso, ele teve a oportunidade de expor seu pensamento central. Foi um marco na trajetória de Lutero. Isso se evidencia por um detalhe na maneira como assinou a carta dirigida a Jorge Espalatino, amigo seu que era humanista. No final da carta ele assina como *Martinus Eleutherius*. Até então assinara seu sobrenome como Luder. A partir desse momento é o *Eleutherius*, o liberto.

Para este debate Lutero formulou 40 teses – 28 teológicas e 12 filosóficas (**VER ANEXO V**). Nas teológicas, Lutero descarta a possibilidade de o ser humano tornar-se justo pela guarda da lei, pelas obras ou pelo livre-arbítrio. Somente está apto a conseguir a graça de Cristo quem desesperar de si mesmo e colocar sua confiança totalmente em Cristo (teses 16-18). Nas teses 19-22 é que está exposta a base mais clara da Teologia da Cruz. Para Dreher, essas teses (19 e 20) reproduzem a teologia da cruz de Lutero. Tal Teologia nada mais é do que outra expressão da doutrina da justificação: Cristo salva o pecador condenado, não o justo. Deus não pode ser encontrado no ser humano, mas apenas na cruz de seu Filho.<sup>556</sup> Tão somente a Teologia da Cruz vê a realidade e diz as coisas como elas são (21); qualquer outra sabedoria “se envaidece, fica cega, e endurecida por completo” (tese 22)<sup>557</sup>. Martinho Lutero contrastou a Teologia da Cruz com a teologia oficial, diante de uma igreja que se tornara segura e saciada. Como exemplo dessa realidade, para financiar o seu projeto mais extravagante, a basílica de São Pedro em Roma (incluindo a Capela Sistina), Leão X (1475-1521), eleito papa em 1513, resgatou a prática de cobrar indulgências, o que, de alguma maneira, precipitou a Reforma Protestante. Em Heidelberg, Lutero entendeu e expôs que a igreja medieval seguia o caminho da glória ao invés do caminho da cruz.

Com efeito, a partir da disputa de Heidelberg, encontramos a Teologia da Cruz erguida ao nível de um programa teológico.<sup>558</sup> O surgimento da celebrada Teologia da Cruz de Lutero, no decorrer dos anos de 1509 a 1519, deve ser entendido como um aspecto da compreensão mutável de Lutero sobre como a humanidade pode encontrar aceitação aos olhos de um Deus santo e justo.<sup>559</sup> Para Mcgrath, é, portanto, evidente que um estudo do desenvolvimento da doutrina da justificação de Lutero durante o período crucial de 1509 a 1519, que culminou na

<sup>556</sup> DREHER, Martin N. *História do Povo Luterano*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005, p. 22.

<sup>557</sup> DREHER, 2005, p. 22.

<sup>558</sup> PICH, 1991, p. 12.

<sup>559</sup> MCGRATH, 2014, p. 16.

formulação da *theologia crucis*, é de enorme interesse tanto para historiadores como para teólogos.<sup>560</sup>No entanto, ao lado dessas reflexões sobre a natureza da justiça divina e sobre como um Deus justo pode aceitar e amar a humanidade pecaminosa surge um segundo aspecto distintivo do pensamento inicial de Lutero. A celebrada Teologia da Cruz de Lutero é produto do mesmo processo de reflexão que levou Lutero à sua doutrina da justificação. Os dois assuntos se encontram entrelaçados em seus escritos iniciais e podem de certa forma, ser vistos como os dois lados de uma única questão – ou seja, de como a humanidade deve viver pela fé no vale das sombras do pecado e da dúvida.<sup>561</sup>

O perigo em potencial que a Teologia da Cruz vê na sua antítese é que a teologia da glória levará o ser humano a alguma forma de justiça pelas obras, à tendência de se fazer uma barganha com Deus com base em realizações pessoais. Por outro lado, a Teologia da Cruz repudia firmemente as realizações do próprio ser humano e deixa Deus fazer tudo para efetivar e preservar a sua salvação. Na doutrina de Martinho Lutero, a graça da justificação pela fé está rigorosamente orientada pelo Cristo crucificado, isto é, Teologia da Cruz.

#### 4.6.4 A Teologia da Cruz na vida de Lutero

De acordo com Mcgrath o fato de a Teologia da Cruz ser, no mais profundo de seu ser, uma teologia prática, podemos observar na vida do próprio Lutero. Justamente por causa da teologia da cruz sua vida é vida em face da morte.<sup>562</sup>Martinho Lutero ao enfatizar a Teologia da Cruz como ponto chave e central da sua Teologia, viveu também na prática – como todo ser humano e cristão – a realidade de, em diversos momentos da sua vida, passar por diversos sofrimentos. Certamente a sua Teologia era colocada em xeque. No entanto, percebe-se que aquilo que Lutero ensinava e acreditava fazia todo sentido na sua vida. Pode-se afirmar que a Teologia da Cruz foi de grande suporte para Lutero nos momentos mais críticos e turbulentos que viveu. Segundo Loewenich, na Teologia da Cruz, o sofrimento tem a finalidade de desenvolver a fé e de dar-lhe forças. Pelo fato de sofrermos com Cristo, nos tornamos conformes com ele. A exemplo de Cristo, “despimo-nos da forma de Deus” e vestimos “a forma de servo”.<sup>563</sup> Sofrimento e fé estão intimamente ligados. No sofrimento, Deus vem ao nosso

---

<sup>560</sup> MCGRATH, 2014, p. 40.

<sup>561</sup> MCGRATH, 2014, p. 22.

<sup>562</sup> MACGRTH, 2014, p. 28.

<sup>563</sup> LOEWENICH, 1987, p. 122.

encontro. É por isso que Lutero também pode falar do sofrimento como um meio de santificação, através do qual o ser humano é santificado para o serviço de Deus (WA 6,248,16ss).<sup>564</sup>

Há dois momentos na vida de Lutero que nos servem de exemplo dentre os diversos sofrimentos da vida do reformador. Foram vários momentos que enfrentou o sofrimento durante sua vida, especialmente àqueles relacionados à sua vida eclesiástica, no entanto, tomar-se-á aqui algo de ordem pessoal, familiar. O primeiro, talvez um dos mais dolorosos da vida de Lutero foi quando perdeu sua filha Madalena de 13 anos. Sabe-se que a morte de um ente querido é sempre um momento muito dolorido na vida de qualquer pessoa. Mais difícil ainda é quando se perde um filho/a numa idade muito tenra. Lutero passou por tal situação. Na sequência estão as suas palavras ao seu amigo Justo Jonas, na data de 23 de setembro de 1542, descrevendo aquilo que lhe trouxe consolo para um momento tão doloroso:

Creio que ficaste sabendo que minha querida filha Madalena renasceu para o reino eterno de Cristo. Eu e minha esposa nada mais deveríamos fazer senão agradecer com alegria por um passamento tão feliz e um final tão bem-aventurado, através do qual ela escapou do poder da carne, do mundo, dos turcos e do diabo. Mesmo assim, o poder do amor natural é tão grande, que nós não o podemos fazer sem soluçar e gemer o coração, sim, nem mesmo sem grande mortificação. Pois os olhares, palavras e gestos da filha obediente e respeitosa ao extremo, quando viveu e quando morreu, se prendem ao fundo de nossos corações, de maneira que nem mesmo a morte de Cristo pode retirar esse pesar como deveria. E o que é a morte de todos em comparação com a de Cristo? Por isso, agradeça a Deus em nosso lugar. Pois ele realmente fez uma grande obra em nós e glorificou sobremaneira nosso corpo. Ela tinha – como sabes – um caráter suave e amável, sendo querida para todos nós. Louvado seja o Senhor Jesus Cristo, que a chamou, escolheu e glorificou. Tomara que eu, todos os meus e todos os nossos tenhamos por sorte uma morte assim. É o único que peço a Deus, ao Pai de todo consolo e de toda misericórdia.<sup>565</sup>

Martinho Lutero reconhece que não foi fácil enfrentar todos os sofrimentos (de maneira específica o que acabara de passar), mas sempre se mostrou consolado por saber da presença de Deus ao seu lado, “confiando firmemente no auxílio e na vitória de Deus”<sup>566</sup>. Ainda que, não conseguindo compreender tudo naqueles momentos. Nota-se como ele encontrou refúgio em Jesus Cristo. A Palavra de Deus foi imprescindível neste processo na sua vida. Ele mesmo frisou, “nem remédio, nem consolo algum me teriam ajudado, se Cristo não tivesse vindo e não tivesse aberto a Bíblia e se tornado assim por meio de sua Palavra meu conselho e meu consolo”<sup>567</sup>. Ele também destacou a maneira graciosa que Deus o ajudou em momentos de

<sup>564</sup> HEIMANN, 2004, p. 28.

<sup>565</sup> WA Br 10, 149, 20-34 (3794), apud JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 92.

<sup>566</sup> ERNEST, 2007, p. 28.

<sup>567</sup> GREINER, Albert. *Lutero – Ensaio Biográfico*. São Leopoldo: Sinodal, 1969, p. 34.

tormentos, através da vida de pessoas que lhe ajudaram a viver “sob a cruz”. Destaca-se dentre essas pessoas o Dr. Staupitz. Lutero afirma, “se o Dr. Staupitz, ou antes, Deus, por intermédio do Dr. Staupitz, não me tivesse ajudado a sair ileso das tentações, eu me teria afogado nelas e me encontraria no fundo do inferno”<sup>568</sup>.

O segundo momento está relacionado aos seus últimos anos de vida. Conforme Helmar Junghans, Lutero não viveu um final de vida sossegado. Enfermidade, sofrimento, ameaça ao anúncio evangélico e até ao próprio cristianismo por meio de cétricos e turcos determinaram seus últimos anos.<sup>569</sup> No entanto, por mais intensos que fossem as adversidades enfrentadas, ele as tratava de uma perspectiva que condizia com sua Teologia, ou pode-se dizer, sua Teologia fazia sentido na hora da dor. Em 30 de março de 1544, expondo acerca do seu estado de saúde à princesa Sibila, do Eleitorado da Saxônia, afirmou, “conosco as coisas, graças a Deus, andam bem e melhor do que mereceríamos da parte de Deus”<sup>570</sup>. Para Lutero, essa expressão não era simplesmente um jargão piedoso. Para Junghans “o que mais impressiona, porém, é como ele se posicionou frente a esses desafios. Ele não reclamou e não desanimou, mas assumiu a luta em meio à qual se sentiu jogado. E travou essa luta confiando no auxílio e na vitória de Deus”<sup>571</sup>. Todos estes elementos elencados foram fornecendo recursos para Lutero ir vivenciando a abscondicidade de Deus, o andar por fé e o viver sob a cruz em meio aos sofrimentos. Tais situações na sua vida o levaram a tratar o sofrimento com as seguintes palavras:

E então é necessário que se permaneça firme e se conforme a ele, como eu disse acima, ou seja: Que se saiba que temos que sofrer, para que assim assumamos forma igual a Cristo, nem podendo ser diferente; cada um tem que ter a sua cruz e sofrimento. Quando a gente sabe disso, ela fica tanto mais amena e suportável, e a gente pode consolar-se, dizendo assim: Tudo bem, se quero ser cristão, também tenho que vestir a camiseta, o caro Cristo não dá outro uniforme em sua corte. Sofrer é preciso.<sup>572</sup>

Ao final da sua vida, um dia antes de sua própria morte, Lutero afirmou estar convicto de permanecer eternamente com Deus, nada sendo capaz de tirá-lo de suas mãos<sup>573</sup>. Conforme Junghans, Deus reservou a Lutero o que ele, após a morte de sua filha Madalena, havia desejado a si mesmo. Na presença de seus filhos Martinho e Paulo e no círculo de seus amigos, Lutero adormeceu pacífica e mansamente no dia 18 de fevereiro, pelas 3 horas da manhã, depois de

<sup>568</sup>DREHER, Arno. *Martim Lutero – o intérprete do Evangelho*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 13.

<sup>569</sup>JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 96.

<sup>570</sup>WA Br 10, 548, 9s (3978), apud JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 92.

<sup>571</sup>JUNGHANS, 2001, p. 96.

<sup>572</sup>LUTERO, Martinho. *Pelo Evangelho de Cristo* (Obras selecionadas de momentos decisivos da reforma). São Leopoldo: Editora Sinodal; Concórdia Editora Ltda, 1984, p. 299.

<sup>573</sup>JUNGHANS, 2001, p. 94s.

confessar sua fé em Cristo e pronunciar um claro “sim” a favor de sua doutrina e pregação.<sup>574</sup> Eis a sua última oração:

Ó, meu amado Pai celeste, Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A ti, Deus de todo consolo, agradeço por teres me revelado teu amado Filho Jesus Cristo, em quem creio, a quem preguei e confessei, a quem amei e louvei, a quem o repugnante papa e todos os ímpios ridicularizam, perseguem e caluniam. Peço-te, meu Senhor Jesus Cristo, coloca minha alminha<sup>575</sup> sob tuas ordens. Pai Celeste, se já agora eu tiver que abandonar esse corpo e ser arrebatado desta vida, então sei com certeza que posso permanecer eternamente contigo e ninguém me arranca de tuas mãos.<sup>576</sup>

#### 4.7 O enfoque central da Teologia da Cruz

As duas teses que são o cerne da chamada teologia da cruz são: Tese 19. Não se pode designar condignamente de teólogo quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por intermédio daquelas que estão feitas; Tese 20. Mas sim quem compreende as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz”.<sup>577</sup> Conforme Loewenich, desde o período inicial de sua teologia, Lutero a chamou de Teologia da Cruz. Cruz não como mero objeto da teologia, mas como a marca de toda a Teologia de Lutero.<sup>578</sup> A Teologia da Cruz não constitui um capítulo da teologia de Lutero, mas é uma e a sua própria maneira de fazer Teologia.<sup>579</sup> Para Loewenich, o resultado deste estudo é para nós uma prova indireta de que a Teologia da Cruz não constitui o pré-estágio pré-reformatório da Teologia de Lutero propriamente dita, mas que deve ser considerada, antes, como marca de todo o pensamento teológico de Lutero.<sup>580</sup> Ele destaca que:

Em contrapartida defendemos a seguinte tese: *A teologia da cruz é princípio de toda a teologia de Lutero; ela não pode ser limitada a um período particular de sua teologia.* Pelo contrário, como também no caso de Paulo, essa fórmula apresenta uma característica de todo o seu pensamento teológico.<sup>581</sup>

Para Lutero a cruz não é mero objeto de teologia, e sim a marca de toda teologia. Ela não só faz parte da doutrina da satisfação vicária, mas constitui momento integral de todo conhecimento cristão. Teologia da cruz não é *capítulo de teologia*, mas é determinada *maneira de fazer teologia*. A cruz de Cristo ali é importante não só para a

<sup>574</sup> WA 54, 492, 9-12. 20-23, apud JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 95.

<sup>575</sup> [Seelchen] quer dizer: “Quão pobre criatura sou eu em comparação contigo, ó grande, infinita, eterna Majestade”.

<sup>576</sup> WA 54, 491, 21-30, apud JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 95.

<sup>577</sup> LUTERO, 2004, p. 39.

<sup>578</sup> LOEWENICH, 1987, p. 14.

<sup>579</sup> PICH, 1991, p. 11.

<sup>580</sup> LOEWENICH, 1987, p. 168.

<sup>581</sup> LOEWENICH, 1987, p. 11.



busca de redenção e certeza da salvação, e sim é o centro da perspectiva de todos os enunciados teológicos.<sup>582</sup>

McGrath contribui com o pensamento de Loewenich:

Lutero tende a usar a expressão “teologia da cruz” para designar não uma teologia sistemática que articula o significado da cruz, mas um modo de “ver” o mundo, de fazer teologia e viver a vida cristã que reconhece as profundas ambiguidades da fé. Ela rejeita qualquer tentativa de objetivar a revelação de Deus e exige, sobretudo, um retorno constante para sua origem e base de revigoração e renovação. A contemplação da paixão de Cristo é vista como fonte da verdadeira compreensão da natureza das coisas.<sup>583</sup> [...]

No entanto, a teologia da cruz de Lutero não é nem uma teologia da expiação nem aquilo que Berndt Hamm chama de *Frömmigkeitstheologie*. É uma forma de teologia tanto cognitiva como afetiva que esclarece os aspectos existenciais e perceptivos da fé, usando a cruz de Cristo como paradigma supremo da autorrevelação divina e enfatizando a maneira e como ela desafia o juízo humano natural sobre Deus, a revelação e a justificação. Fé e dúvida, justiça e pecado são apresentados como correlações intrínsecas à identidade do *totus homo*. Em outras palavras: a humanidade existe sob tais condições que o crente não pode ser senão pecador e justo, uma pessoa que crê e duvida ao mesmo tempo – pois esta é a realidade dada. Isso pode ser teologicamente confuso e existencialmente desesperador – mas é assim que as coisas são.<sup>584</sup>

A Teologia da Cruz permanece como princípio de toda a teologia de Lutero, não podendo ser limitada por qualquer período particular<sup>585</sup>. Tomando por base os escritos de Lutero, e, com o respaldo de diversos autores, pode-se afirmar que o pensamento, a vida e a obra dele estão permeados, por todos os lados de Teologia da Cruz.

Stott afirma, “a *theologia crucis* de Lutero, portanto, não é apenas um capítulo da Teologia, mas a assinatura-chave de toda a teologia cristã. Teologia alguma é genuinamente cristã se não surgir da cruz e não se focalizar nela”<sup>586</sup>. Para Althaus, a teologia de Lutero da cruz significa que a cruz oculta Deus, e isso marca o fim de toda a especulação a respeito de Deus por parte da razão autoconfiante. A cruz é o símbolo do julgamento sobre a pessoa, e isso marca o fim de toda a realização da comunhão com Deus por parte do ser humano moralista e autoconfiante. E conclui, a cruz torna-se disponível somente por experiência, mais acuradamente: somente no sofrimento de Deus, preparado por Ele para mim por e com Cristo.<sup>587</sup>

Surge então a pergunta: Quais são, portanto, os temas constituintes desta chamada “Teologia da Cruz” de Lutero? Sendo que Lutero não fez uma teologia sistemática, ou formulou um tratado dogmático sobre a Teologia da Cruz, o que se pode fazer é buscar os traços mais

<sup>582</sup> LOEWENICH, 1987, p. 14.

<sup>583</sup> MCGRATH, 2014, p. 207.

<sup>584</sup> MCGRATH, 2014, p. 209.

<sup>585</sup> PICH, 1991, p. 12.

<sup>586</sup> STOTT, 1991, p. 195.

<sup>587</sup> ALTHAUS, 2008, p.44.

gerais desta Teologia que são perceptíveis. Conforme Loewenich, os pontos relacionados na sequência seriam os traços gerais do programa de Lutero para uma Teologia da Cruz:

1. Teologia da cruz na qualidade de teologia da revelação está em rigorosa oposição à especulação; 2. Revelação de Deus é revelação indireta, velada; 3. Revelação de Deus por isso não é reconhecida nas “obras”, mas nos “sofrimentos”, onde se deve observar o duplo sentido desses termos; 4. Este conhecimento de Deus que está velado em sua revelação, é assunto de fé; 5. A natureza do conhecimento de Deus reflete-se na ideia prática de sofrimento da teologia da cruz.<sup>588</sup>

Com expressões parecidas, McGrath destaca praticamente estes cinco temas mencionados por Loewenich como os principais traços da Teologia da Cruz:

1. A *teologia crucis* é uma teologia da revelação que se contrapõe nitidamente à especulação; 2. Essa revelação de Deus deve ser compreendida como indireta e oculta; 3. A autorrevelação de Deus deve ser buscada primeiramente nos sofrimentos e na cruz de Cristo, não na atividade moral humana ou nas estruturas da ordem criada; 4. O conhecimento desse Deus oculto em sua revelação é, portanto, uma questão de fé. Apenas a fé reconhece a revelação velada das *posteriora Dei* como revelação *de Deus*; 5. Deus é conhecido principalmente pelo sofrimento.<sup>589</sup>

Baseados nestes temas e nestes traços, chega-se a três aspectos que são marcantes e se destacam para a compreensão da Teologia da Cruz. Pode-se dizer que são os pontos-chaves que permeiam a Teologia da Cruz de Lutero. Resume-se em três aspectos: 1. A doutrina de Lutero a respeito do Deus abscondito; 2. A doutrina de Lutero a respeito da fé; 3. A vida sob a Cruz.

#### 4.7.1 Deus se revela na abscondicidade

O profeta Isaías escreveu, “verdadeiramente, tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador.”<sup>590</sup> Conforme o apóstolo Paulo, mesmo Deus se manifestando em suas obras, os seres humanos não o adoraram<sup>591</sup>. Por conta disso Deus tomou outro caminho (desconhecido pelo ser humano, mas conforme as Escrituras, planejado desde a eternidade passada<sup>592</sup>) para se lhes revelar: a cruz. A cruz então passa a ser a revelação máxima (não plena) de Deus para o ser humano. No entanto, isto contraria o pensamento e raciocínio humano. Como um Deus poderoso, criador, sustentador de todas as coisas, pode ser encontrado preso a um madeiro entre dois saltadores? Foge da lógica humana este entendimento. Talvez seja esta uma das razões

<sup>588</sup> LOEWENICH, 1987, p. 19.

<sup>589</sup> MCGRATH, 2014, p. 210.

<sup>590</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Is 45.15.

<sup>591</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Rm 1.20.

<sup>592</sup> Conforme o texto bíblico de 1 Pd 1.19-21 o plano de Deus com relação a vinda de Cristo a este mundo, e seu sacrifício na cruz do Calvário, havia sido planejado antes da fundação do mundo.

para que a cruz seja tão repugnada e vista como loucura, escândalo. O título do livro do teólogo e escritor Vítor Westhelle, “*o Deus escandaloso*”, nos dá uma dimensão desse pensamento de como pensar na cruz e tudo que a envolve. É algo que “escandaliza”. Dreher faz a seguinte indagação, “na cruz, a princípio, nada se pode ver de Deus. No máximo a cruz nos pode dizer: Deus está oculto. No máximo ela nos leva a perguntar: “Onde estás, Deus?!”<sup>593</sup>

A ideia do Deus abscondito está extremamente entrelaçada à Teologia da Cruz. Para Loewenich, a Teologia da Cruz é a teologia da revelação, pois é aí, na cruz que Deus, de fato se dá a conhecer<sup>594</sup>. Parece estranho, mas é exatamente este o pensamento do reformador. Lutero insiste em que a Teologia precisa aprender a discernir e acomodar a lógica do “Deus crucificado e oculto”, em vez de começar por pontos de partida racionais ou pressuposições seculares aleatórias. Para Loewenich, a cruz de Cristo deixa claro que, para o ser humano não há conhecimento direto de Deus. O pensamento cristão precisa estacar diante do fato da cruz.<sup>595</sup> Ele afirma que Deus age sob forma contrária, ‘abscondito no sofrimento’, e sua ajuda nos permanece invisível e jamais chegaremos a conhecê-lo de outra forma que não pela cruz de Cristo<sup>596</sup>. Deus se revela de forma velada; a sabedoria de Deus se apresenta às pessoas humanas como tolice; a força de Deus vem a se consumir na fraqueza; a glória de Deus pode ser contemplada na humildade; a vida de Deus se torna poderosa na morte de seu Filho.<sup>597</sup> Por isso o Deus manifesto torna-se Deus abscondito para que ocorra revelação de Deus. Deus se torna “abscondito no sofrimento”. Ao ocultar-se Deus, vêm à luz as “coisas visíveis de Deus: humanidade, fraqueza, estupidez (loucura) - Tese 20 do debate de Heidelberg. Deus, portanto, se tornou visível ao ocultar-se, e somente neste ocultamento é que ele se torna visível<sup>598</sup>.

Conforme Loewenich, o reformador afirmava que, o Deus abscondito não é outro senão o Deus revelado. Deus é abscondito em função da revelação. Revelação somente é possível em ocultamento, o Deus revelado precisa, como tal, ser abscondito<sup>599</sup>. Esta revelação oculta é necessária porque o ser humano não teria condições de suportar tal revelação direta do Criador, pelo menos por ora, então Deus se “esconde” na cruz. Este ocultar-se é ambíguo: ao mesmo tempo que ele se oculta (por que o próprio ser humano não poder suportar tal revelação direta), é ali que ele se revela. Esta revelação se dá, então, de forma velada. Por isso, Lutero irá insistir

---

<sup>593</sup> DREHER, 1988, p. 139.

<sup>594</sup> LOEWENICH, 1987, p. 08.

<sup>595</sup> LOEWENICH, 1987, p. 21.

<sup>596</sup> LOEWENICH, 1987, p. 23s.

<sup>597</sup> LOEWENICH, 1987, p. 08.

<sup>598</sup> LOEWENICH, 1987, p. 23.

<sup>599</sup> LOEWENICH, 1987, p. 24.

na questão da fé, pois só é possível “enxergar” este Deus oculto com os olhos e na perspectiva da fé, e não através da razão, moral, ou obras humanas.

Dessa forma, pode-se dizer, com efeito, que Deus é mais profundamente oculto no Cristo crucificado do que na sua criação, porque o ser humano, de qualquer maneira, conecta mais facilmente a divindade com o poder e a justiça do que com a humilhação e sofrimento na cruz. São tais detalhes que Lutero tem em mente quando diz que a divindade está oculta na humanidade de Cristo<sup>600</sup>. De acordo com Helmer:

O Deus revelado é o Deus que está oculto (*absconditus*) na cruz de Cristo. A realidade de Deus se revela justamente em seu ocultamento, sob a forma de seu oposto (*abscondita sub contrariis*). Como observou Lutero em uma prédica proferida em 24 de fevereiro de 1517: “O ser humano oculta o que é seu para escondê-lo, mas Deus esconde o que é seu a fim de revelá-lo.”<sup>601</sup>

Sendo assim, também a vida em abscondicidade do cristão se apresenta como vida no Espírito, permanecendo a ambivalência contraditória de expressões: realidade e abscondicidade.<sup>602</sup> Lutero oferece uma visão de como o cristão deve existir no escuro deserto de um mundo caído e como pode lidar com a profunda ansiedade da incerteza existencial e metafísica.<sup>603</sup>

A nossa cruz, ensinava o reformador, nunca é de escolha própria, auto imposta. Qualquer que sejam as cruces que escolhemos para nós mesmos, elas dificilmente terão algum efeito, uma vez que as desejamos e que elas estão de acordo com a nossa vontade.<sup>604</sup> Em vez disso, carregar a cruz tem a ver precisamente com o sofrimento que não escolhemos para nós mesmos, as provações e as dificuldades que são impostas sobre nós de fora, sobre as quais não temos qualquer espécie de controle.<sup>605</sup>

Para Lutero toda a verdadeira teologia ele a chama de “sabedoria da cruz”. (WA 5,42,45; LW 14,305,309). Isso significa que a Teologia da Cruz de Cristo é o padrão pelo qual todo o conhecimento teológico é medido, quer da realidade de Deus, de sua graça, de sua salvação, da vida cristã ou da igreja de Cristo.<sup>606</sup> A cruz significa que todas essas realidades são ocultas. A cruz oculta o próprio Deus, pois ela não revela o Deus poderoso, mas desamparado. Conforme o reformador, o poder de Deus aparece não direta, mas paradoxalmente sob desamparo e

---

<sup>600</sup> WATSON, 2005, p. 140.

<sup>601</sup> HELMER, 2013, p. 259.

<sup>602</sup> PICH, 1991, p. 24.

<sup>603</sup> MCGRATH, 2014, p. 208.

<sup>604</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 64.

<sup>605</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 64.

<sup>606</sup> ALTHAUS, 2008, p. 46.

humilhação. Assim a graça de Deus está escondida sob sua ira e seus dons e benefícios estão “escondidos sob a cruz” ou, em outras palavras, sob “sofrimento e desgraça”.<sup>607</sup>

#### 4.7.2 O Deus oculto e a fé

De acordo com Loewenich, quando temos os caminhos de Deus de forma por demais visíveis diante de nós, não há necessidade de fé, não se chega a crer.<sup>608</sup> Para Lutero, a fé não é mais uma virtude teológica entre outras, mas o próprio coração da teologia. Ele entendia esta fé como confiança, como união com Cristo e como apego à palavra. A fé real é não apenas que eu creia que aquilo que se diz sobre Deus é verdade, mas é depositar toda a minha confiança nele, me aventurar e arriscar a relacionar-me com ele, crendo, para além de qualquer dúvida, que aquilo que ele será para comigo ou fará comigo será exatamente o que [as Escrituras] dizem<sup>609</sup>. Para Veith Junior, de momento, deve ser lembrado que embora Deus esteja oculto, isto é, não possa ser visto ou sentido, ele está genuinamente presente nas cruces que carregamos – uma presença real aprendida pela fé.<sup>610</sup> No entendimento de Lutero somente esse tipo de confiança é uma fé viva que faz de alguém uma pessoa cristã. Para Helmer, o Deus que se revela mediante o ocultamento da cruz só pode ser conhecido através da fé<sup>611</sup>. A verdadeira fé viva penetra no coração e cria amor e esperança nele.<sup>612</sup> Helmer afirma que:

Como a verdadeira natureza de Deus sempre e somente se revela sob o oposto de Deus, a fé não pode se fiar nas evidências da razão, natureza ou experiência para obter certeza. Lutero gostava especialmente da definição de fé que se encontra na Epístola aos Hebreus (11.1): “A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”(…) A própria fé é submetida ao crisol de sofrimento e morte à medida que o crente/teólogo procura seguir o Cristo sofredor e crucificado. Assim, a fé compartilha os sofrimentos do Crucificado à medida que a pessoa crente luta para seguir um discipulado fiel.<sup>613</sup>

Então, a fé é a via de acesso ao divino amor e graça revelados em Jesus Cristo. O ser humano pensa encontrar a Deus por meio da razão ou da lei, mas estas levam à presunção e ao desespero. Razão e lei são os dois sustentáculos a suportarem a estrutura da Teologia da Glória

<sup>607</sup> ALTHAUS, 2008, p. 46.

<sup>608</sup> LOEWENICH, 1987, p. 112.

<sup>609</sup> LW. Luther's Works – American Edition – Ed. Jaroslav Pelikan and Helmut T. Lehmann. St. Louis, Mo: Concordia Publishing House; Minneapolis: Fortress Press, 2002, 55v.

<sup>610</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 66.

<sup>611</sup> HELMER, 2013, p. 259.

<sup>612</sup> STOLT, Birgit. *A fé do “coração” de Lutero – experiência, emoção e razão*. In: HELMER, Christine (Ed.). *Lutero – Um teólogo para tempos modernos*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2013, p. 160.

<sup>613</sup> HELMER, 2013, p. 259.

– oposta à Teologia da Cruz. A fé em Cristo é que cria a justiça das obras, pois as obras realizadas a partir da fé não são de quem as realiza, mas são de Deus (Tese 25, das 40 teses de Lutero). A lei é eterna acusação do que deve ser feito, mas, pela fé, toda lei é rompida através de Cristo, que se torna nosso pela fé.<sup>614</sup> Assim a cruz está em contato com a fé. Deus age pela cruz para criar espaço ou, antes, o vazio, para que a fé se apegue unicamente à palavra. Ao mesmo tempo, fica assim destruída a sabedoria humana que pensa poder conhecer Deus por suas próprias forças. É aniquilado o esforço daquele ser humano que pretende chegar a Deus por suas obras ou por sua razão.<sup>615</sup> Portanto, o teólogo da cruz vive uma vida da humildade da fé (*humilitas fidei*), uma fé nascida tanto da humildade quanto da confiança, gratidão e da graça<sup>616</sup>. Loewenich expõe o que Lutero compreendeu:

O pecado está em que, com sua maneira superior, o ser humano afastou-se das coisas “invisíveis” para as coisas “visíveis”. Corrompeu-se assim a capacidade que o intelecto tem de conhecer coisas transensoriais. Ela só pode ser restaurada pela graça. Com isto Lutero rompe uma segunda vez e num ponto decisivo o esquema neoplatônico. “Intelecto das coisas invisíveis” somente é possível onde houver a fé. A fé, entretanto, aponta para a graça. Na medida em que o intelecto está ligado à fé, ele se desloca da esfera puramente ontológica para uma esfera religiosa.<sup>617</sup>

Martinho Lutero influenciado pelo neoplatonismo compreendia uma distinção entre dois mundos: o invisível e o visível. O invisível que envolvia as coisas espirituais, compreensíveis e interiores, vinculadas e relacionadas diretamente com o “intelecto” humano. O visível que tratava de coisas corpóreas, sensíveis e exteriores, vinculadas e relacionadas diretamente com o corpo, a matéria. No entendimento do reformador a fé capacita o intelecto para a sua atuação propriamente dita como “intelecto das coisas invisíveis”. “Assim sendo, entender a respeito de Cristo é ter conhecimento das coisas invisíveis nele, as quais não há em nenhum outro ser humano”. A cognição das “coisas invisíveis” depende da cognição da pessoa de Cristo. Para tanto a fé como ouvir precede o conhecer como ver. O apóstolo Paulo na sua carta aos Romanos já havia escrito, “a fé vem pelo ouvir e ouvir da palavra de Cristo”<sup>618</sup>. Por isso, a fé é também ao mesmo tempo meio de cognição - pela fé entende-se. O escritor bíblico da carta aos Hebreus faz uso deste argumento quando diz, “pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem”<sup>619</sup>. Loewenich destaca que: “Vimos, porém, que o neoplatonismo foi rompido no ponto crucial.

<sup>614</sup> PICH, 1991, p. 09.

<sup>615</sup> LIENHARD, 1998, p. 291.

<sup>616</sup> HELMER, 2013, p. 260.

<sup>617</sup> LOEWENICH, 1987, p. 55.

<sup>618</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Rm 10.17.

<sup>619</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Hb 11.3.

Não é o intelecto em si, mas apenas “o intelecto da fé” que chega à verdadeira cognição de Deus[...] O conceito “intelecto de fé” pertence ao complexo da Teologia da Cruz”<sup>620</sup>.

Assim como Deus não pode ser reconhecido empiricamente ou pelos poderes da razão humana na figura humana de Jesus, mas é reconhecido apenas pela fé, a razão humana se irrita e é confundida pela *iustitia, sapientia e virtus* (justiça, sabedoria e poder) reveladas na cruz de Cristo. Para Mcgrath, apenas quando somos totalmente humilhados, aprendemos a reconhecer a futilidade dos nossos próprios poderes da razão em assuntos de fé e, assim, nos voltamos para a cruz de Cristo.<sup>621</sup> Quando temos os caminhos de Deus de forma por demais visíveis diante de nós, não há necessidade de fé, não se chega a crer. Por isso a fé tem relação mais íntima com o sofrimento do que com as obras. Se tomarmos a sério o conceito de Deus e o conceito de fé da teologia da cruz, surge para nós a exigência de uma teologia da cruz.<sup>622</sup>

Martinho Lutero afirma que a ênfase na questão da fé “não está na fuga das aflições, mas no refúgio nas aflições, não na mudança da situação, mas na mudança do relacionamento com a situação, não no efeito salvador, mas na certeza frente a um efeito ainda pendente e ausente”<sup>623</sup>. A fé consiste em confiar em Deus e obedecer à sua voz, deixando-se conduzir em todos os momentos.<sup>624</sup> Mesmo que, exteriormente, pareça que o reino de Cristo está abandonado, interiormente aí reina a paz, e a vitória é adquirida pela fé (WA 20, 566, 26-8). “A fé permanece firme e se adentra contra a morte que devora todo o mundo. Ela triunfa sobre esta e engole essa insaciável devoradora da vida (WA 17, II, 105, 24-6).<sup>625</sup> Para o reformador, a necessidade da experiência para a fé verdadeira pressupõe que o pensar está vinculado à experiência na situação concreta. O sentimento da mente está intimamente ligado ao corpo na experiência concreta. O resultado dessa interconexão entre ambos é um conhecimento profundamente sentido em nosso ser mais íntimo... Bengt Hoffman sublinhou que, para Lutero, “o componente de sentimento da fé não significava sentimentalismo [...] O sentimento na fé era, antes, uma experiência da presença consoladora de Deus”<sup>626</sup>. Mas essa experiência podia, por sua vez, suscitar fortes emoções. Todavia por ser a sabedoria da cruz, somente Deus conhece o caminho dos justos. Isso está oculto aos justos, porque sua mão direita dirige-nos

---

<sup>620</sup> LOEWENICH, 1987, p. 62.

<sup>621</sup> MCGRATH, 2014, p. 215.

<sup>622</sup> LOEWENICH, 1987, p. 112.

<sup>623</sup> EBELING, 1998, p. 38.

<sup>624</sup> LIENHARD, 1998. p. 52.

<sup>625</sup> LOEWENICH, 1987, p. 53.

<sup>626</sup> HOFFMAN, Bengt R. *Luther and the mystics: a re-examination of Luther's spiritual experience and his relationship to the mystics*. Minneapolis: Augsburg, 1976, p. 219.

num caminho tão maravilhoso, que não é o caminho do sentimento ou da razão, mas somente da fé, que é apta a enxergar mesmo na escuridão e vê o invisível (WA 5,45; LW 14,309). Segundo Althaus, todas as pessoas, inclusive os cristãos, sofrem antes que possa acontecer o milagre da fé. A pessoa que crê, precisa repetidamente passar por essa experiência para essa fé que reconhece a realidade da graça, verdade e fidelidade do Deus oculto no contrário.<sup>627</sup>

#### 4.7.3 A vida sob a cruz

E agora José?<sup>628</sup> O que fazer? Para onde? Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, escreveu o poema, intitulado “José”. Nele Drummond apresenta José perante os dilemas da vida, as vicissitudes encontradas no caminho, as “cruzes”, e lhe pergunta: agora, o que fazer José? É assim que o poeta constrói o seu discurso, sua poesia. Por fim, ele termina com o seguinte questionamento para José: “sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja a galope, você marcha, José! José, para onde?” Uma pergunta intrigante, mas muito reflexiva. Se (conjectura), fosse feita a seguinte experiência: Drummond fosse conduzido a um diálogo com Cristo e ele pudesse fazer esta mesma pergunta, qual seria a resposta??? Se Jesus respondesse à pergunta do poeta, o que ele diria? Olhando para o NT e para a Teologia da Cruz, não é difícil de imaginá-lo respondendo: “Tome a sua cruz e siga-me<sup>629</sup>José”.

A doutrina da cruz que determinou decisivamente o conceito de Deus e de fé, só é compreendida numa vida sob a cruz.<sup>630</sup> Conforme Loewenich, ‘cruz’ e ‘sofrimentos’ representam em primeiro plano o sofrimento e a cruz de Cristo. Ao mesmo tempo, porém, Lutero pensa na cruz do cristão. A cruz de Cristo e a cruz do cristão são por ele vistas em conjunto.<sup>631</sup> De acordo com Heimann, somente podemos compreender a *theologia crucis* em uma vida sob a cruz. A cruz de Cristo não pode ser pensada sem a cruz do cristão. Somente no sofrimento é que se pode compreender a cruz de Cristo<sup>632</sup>. Mas, afinal, o que é vida sob a cruz? A vida sob a cruz não quer dizer, como de maneira recorrente se pensa ou imagina, uma vida que carrega um “peso”. Para Lutero, a vida sob a cruz assume um outro aspecto: mortificação

<sup>627</sup> ALTHAUS, 2008, p. 47.

<sup>628</sup> Expressão usada pelo poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade em um dos seus poemas mais conhecidos e reconhecidos, “José”. **VER ANEXO VI**, o poema na sua íntegra.

<sup>629</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Lc 9.23.

<sup>630</sup> LOEWENICH, 1987, p. 111.

<sup>631</sup> LOEWENICH, 1987, p. 17.

<sup>632</sup> HEIMANN, 2004, p. 28.



do eu. Como disse Bonhoeffer: ‘Quando Cristo chama uma pessoa, ele a chama para vir e morrer’. Nossa cruz, portanto, não é um marido irritadiço ou uma esposa rancorosa. É, antes, o símbolo da morte do eu”.<sup>633</sup> Jesus mesmo havia assinalado isto ao afirmar que, “na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto”<sup>634</sup>. Isto ele disse referindo-se primeiramente a ele mesmo. Para Granfield, “negar-se a si mesmo é... voltar-se da idolatria da centralidade do eu”.<sup>635</sup> Tomar a cruz não significa carregar um peso, mas autodoação cotidiana em amor. A vida sob a cruz pode ser traduzida por discipulado em sofrimento, ou ainda por uma vida em amor, que se doa, abnegada. É o amor colocado em prática até nos momentos mais dolorosos. Luther entende este pensamento de Lutero da seguinte forma:

Devemos viver, falar, agir, sofrer e morrer, diz ele (Lutero), cada um no amor e serviço a favor de outros e mesmo a favor dos inimigos, o marido por sua mulher e filhos, a mulher por seu marido, os filhos por seus pais, os empregados por seus patrões, os patrões por seus empregados, os governantes por seus súditos e os súditos por seus governantes, assim que a mão, a boca, o olho, o pé, sim, o coração e a mente de um seja também do outro – isso é que significam obras verdadeiramente cristãs e naturalmente boas.<sup>636</sup>

Se nosso amor fosse o que deveria ser, diz Lutero, transbordaria de um coração puro em direção a todos os homens, tanto amigos quanto inimigos, igual ao amor de nosso Pai celestial, que faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos.<sup>637</sup> Não devemos reservar o nosso amor para aqueles que estão bem-intencionados para conosco, ou de quem colhemos algum benefício ou prazer. Pois, agir dessa maneira é típico do amor-próprio que nada faz de livre vontade, mas procura em tudo a sua própria vantagem e não a do próximo. Sob a cruz, o cristão compreende o que o mundo jamais compreenderia: a cruz é realidade especial, contudo, apenas para os que assumem a vida no Espírito, assumem a própria cruz.<sup>638</sup> Dessa forma, Loewenich enfatiza que, a doutrina da cruz que determinou decisivamente o conceito de Deus e de fé, só é compreendido numa vida sob a cruz.<sup>639</sup> Ele faz a seguinte pergunta: Que significa isto: carregar a cruz de Cristo? E cita a resposta de Lutero: “A cruz de Cristo outra coisa não é do que abandonar tudo e agarrar-se somente a Cristo pela fé do coração, ou seja: abandonar tudo e crer – isso é carregar a cruz de Cristo”.<sup>640</sup>

<sup>633</sup> STOTT, 1991, p. 254.

<sup>634</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Jo 12.24.

<sup>635</sup> GRANFIELD, C.E.B. *The Gospel According to St Mark*. Cambridge Greek New Testament Comentary series (CUP, 1959) apud STOTT, John. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Editora vida, 1991, p. 254.

<sup>636</sup> LUTHER, Werke. *Kritische Gesamtausgabe*. Weimar, 1883. V. 1.

<sup>637</sup> WATSON, 2005. p. 147

<sup>638</sup> PICH, 1991, p. 24.

<sup>639</sup> LOEWENICH, 1987, p. 111.

<sup>640</sup> LOEWENICH, 1987, p. 111.

Lutero abandonou a figura da *imitatio Christi* (imitação de Cristo) desenvolvida na Idade Média. É impossível imitá-lo! Mais radical do que a *imitatio Christi* é a substituição pela *Conformitas cum Christo* (conformação com Cristo).<sup>641</sup> Essa conformação passa por uma vida em amor, uma vida sob a cruz. Justamente como consequência dessa cruz na história, discipulado de sofrimento é eminentemente questão teológica. Carregar a cruz não é nada de “especial”, mas sinal da ligação com Cristo e sinal da ligação de Cristo com o cristão<sup>642</sup>. Para ele, tornar-nos conformes com Cristo outra coisa não significa do que experimentar o fato da cruz também em nossa vida. Somos pessoas conformes com Cristo quando a cruz não permanece apenas um fato histórico, mas quando ela está erigida em meio à nossa vida<sup>643</sup>. E, alerta, “assim cada cristão precisa se dispor, para que a cruz não seja excluída da sua vida”.<sup>644</sup>

O reformador fez uso de um exemplo que ilustra bem seu pensamento:

Nenhuma árvore produz fruto para si mesma, mas dá seus frutos a outros, nenhuma criatura, na verdade, vive para si mesma, ou serve a si mesma, exceto o homem e o diabo. O sol não brilha para si mesmo, a água não flui para si mesma, etc. Assim cada criatura observa a lei do amor e todo o seu ser está na lei do Senhor.<sup>645</sup>

Para Martinho Lutero, até mesmo os membros do corpo humano não servem a si mesmos. Apenas a índole da mente é perversa... buscando em todas as coisas, mesmo no próprio Deus, as coisas do seu próprio interesse. Então, a vida sob a cruz se expressa por meio deste amor colocado em prática – fruto de alguém que confiou no Deus abscondido, pela fé o enxergou e agora serve não a si mesmo, mas a Deus e ao próximo. Para Dreher, no mundo, o cristão que se encontra no discipulado do sofrimento, encontra-se sob a cruz. Ele não precisa procurá-la<sup>646</sup>. Veith Junior destaca:

Primeiro, deve ser enfatizado que a teologia da cruz, enquanto fala do significado espiritual do sofrimento, de maneira alguma defende que o sofrimento é uma maneira de iluminação espiritual.... A nossa cruz, Lutero ensinava, nunca é de escolha própria, auto imposta. Quaisquer que sejam as cruces que escolhemos para nós mesmos, elas dificilmente terão algum efeito, uma vez que as desejamos e que elas estão de acordo com a nossa vontade. Em vez disso, carregar a cruz tem a ver precisamente com o sofrimento que não escolhemos para nós mesmos, as provações e as dificuldades que são impostas sobre nós de fora, sobre as quais não temos qualquer espécie de controle.<sup>647</sup>

De acordo com Loewenich, ao carregarmos nossa cruz, não fazemos com isso nada de especial, mas simplesmente demonstramos que estamos em comunhão com Cristo.<sup>648</sup> Contudo,

<sup>641</sup> PICH, 1991, p. 27.

<sup>642</sup> DREHER, 1988, p. 145.

<sup>643</sup> LOEWENICH, 1987, p. 122.

<sup>644</sup> LUTERO, 1984, p. 299.

<sup>645</sup> DREHER, 1988, p. 145.

<sup>646</sup> DREHER, 1988, p. 145.

<sup>647</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 64.

<sup>648</sup> LOEWENICH, 1987, p. 118.

Lienhard lembra que: “daí resulta que contemplar o sofrimento de Cristo implica ao cristão aceitar a sua própria cruz, sendo Cristo um dom antes de ser exemplo, sendo Ele quem nos salva, e não o nosso sofrimento”.<sup>649</sup>

A tendência humana é querer afastar-se da cruz, repudia-la, rejeita-la, e num contexto pós-moderno inundado de pensamentos e ideologias que pintam a vida com valores extremamente hedonistas, materialistas, individualistas e supérfluos, torna-se um pensamento “escandaloso” viver sob a cruz. Dreher aponta algo fundamental quanto a isso, “a cruz de Cristo não é qualquer cruz, mas é a cruz de Deus neste nosso mundo<sup>650</sup>. E viver sob a cruz, é viver uma vida em amor. Destaca-se finalmente que, é interessante perceber que é dessa cruz (e viver sob) que Lutero encontrou a coragem necessária para viver pela fé no Deus abscondito e, a força e sabedoria para reformar a Igreja do seu tempo.

#### 4.8 A Teologia da Cruz e o sofrimento humano

A cruz de Cristo e a cruz do cristão formam uma unidade<sup>651</sup>. O sentido da cruz não se revela ao pensar contemplativo, mas apenas à experiência sofredora. O teólogo da cruz não está posicionado como espectador em relação à cruz de Cristo, mas ele próprio é envolvido neste acontecimento. Ele sabe que Deus só pode ser encontrado na cruz e no sofrimento. Segundo Heimann, também o seu poder se revela na fraqueza, seu auxílio fica oculto aos seres humanos, de maneira que pensam ter sido abandonados por Deus justamente quando ele mais próximo deles se encontra.<sup>652</sup> Esse Deus tem um caráter completamente antiespeculativo. De fato, isto é trilhar pela Teologia da Cruz!

Para Boff, “um Deus que não sofre não nos pode libertar. O problema reside, entretanto, em como entender o sofrimento de Deus. Como falar sobre ele?”<sup>653</sup> O fato de Jesus Cristo ter passado por tantos sofrimentos enquanto aqui esteve na sua humanidade, faz com que ele saiba o que é sofrer por experiência. O fato dele ser Divino, faz com que possa socorrer aqueles que sofrem. Lutero fala da cruz como consolo, pois perante os sofrimentos de Cristo e de toda a sua dor, os nossos sofrimentos não são nada. Isso para nós deve servir como consolo, por saber que

---

<sup>649</sup> LIENHARD, 1998, p. 294.

<sup>650</sup> DREHER, 1988, p. 139.

<sup>651</sup> LOEWENICH, 1987, p. 111.

<sup>652</sup> HEIMANN, 2004, p. 34.

<sup>653</sup> BOFF, 1978, p. 138.

Deus faz o que quer e onde quer e ama e se preocupa conosco, agindo de forma ilimitada quando e onde lhe apraz<sup>654</sup>. Da atitude de Jesus que confiou e não deixou de esperar, e de sua atitude frente a sua própria morte, aparentemente fracasso e derrota, podemos tirar força para enfrentarmos os nossos sofrimentos e as dificuldades de nossos tempos.<sup>655</sup> De acordo com Constante Brovotto, sendo extremamente necessário saber desvendar e anunciar a força contida na Paixão de Jesus, a fim de que ela continue sendo força para os fracos, alento para os desiludidos, e esperança para todos os que sofrem, pois é ali, na cruz de Cristo que devemos buscar forças para suportar e enfrentar o sofrimento.<sup>656</sup> Emanam dele, no entanto, ele não os pode guardar para si nem os aplicar a si mesmo. Durante sua vida da paixão não aconteceram milagres: ele morreu na cruz abandonado por Deus e pelo ser humano. Ou será que este é o maior milagre, ou seja, a cura total?<sup>657</sup> Para Dietrich Bonhoeffer, foi assim que os evangelhos o entenderam. Consequentemente, Jesus não cura somente através de seu ‘poder’ e de sua ‘autoridade’, mas também por meio de seu sofrimento e sua impotência.<sup>658</sup> Naquele sentido mais amplo da salvação como superação da morte e como ressurreição para a vida eterna, as pessoas não são saradas pelos milagres de Jesus, mas por meio de suas chagas, ou seja, são aceitas no indestrutível amor de Deus.

As narrativas dos evangelhos estão recheadas de exemplos do cuidado que Jesus concedeu a tantas pessoas que o buscaram. Não somente concedeu socorro aos que foram até ele, mas também consolou, e auxiliou outros que nem mesmo o procuraram. A vida de Jesus - seu ministério, suas obras, seus milagres - giraram em torno de ir ao encontro daqueles que mais sofriam. As palavras de Jesus Cristo, “os são não precisam de médico, mas sim os que estão doentes”<sup>659</sup>, e “eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento”<sup>660</sup>, ecoam pelos séculos da história humana. Stott reflete muito bem sobre a atitude de Jesus em “prestar socorro àqueles que estão em sofrimento”,

Temos de considerar a atitude de Jesus para com as pessoas. Ele não desprezou a ninguém e a ninguém rejeitou. Pelo contrário, fez tudo o que podia para honrar àqueles a quem o mundo desonrava, e aceitar àqueles a quem o mundo abandonava. Ele foi cortês com as mulheres em público. Convidou os pequenos que fossem a ele. Ele proferiu palavras de esperança aos samaritanos e aos gentios. Ele permitiu que leprosos se aproximassem e que uma meretriz o ungissem e lhe beijasse os pés. Ele fez amizades com os rejeitados da sociedade, e ministrou aos pobres e aos famintos. Em todo esse

<sup>654</sup> EBELING, 1988, p. 207.

<sup>655</sup> ERNEST, 2007. p. 21.

<sup>656</sup> BROVETTO, Constante [et. al.]. *A Cruz – Teologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 102.

<sup>657</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Is 53.4,5.

<sup>658</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra; São Leopoldo: Sinodal, 1980, p. 173.

<sup>659</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Mt 9.12.

<sup>660</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Lc 5.32.

diversificado ministério brilha o respeito compassivo que ele tinha para com os seres humanos. Ele reconheceu o valor dos homens e os amou, e, amando-os, aumentou-lhes ainda mais o valor.<sup>661</sup>

A Teologia da Cruz pode oferecer o suporte e o cuidado que o sofredor pode ter para trilhar pelas vicissitudes da vida. Quando observados de perto o enfoque central da Teologia da Cruz, vislumbra-se no Deus abscondito, na vida pela fé e na vida sob a cruz, alento, ajuda, consolo, solidariedade, compaixão, encarnação, e também esperança.

#### 4.9 A Teologia da Cruz: esperança para os que sofrem

O escritor Kreeft discorrendo sobre o sofrimento humano diz, “o mesmo se dá com o sofrimento. As aparências são tudo? A esperança diz que não. As aparências são apenas a fachada, a epiderme, a superfície, sob a qual se encontram nós mais profundos.”<sup>662</sup> Uma vida sem esperança simplesmente não consegue sobreviver muito, e isso se aplica tanto a um indivíduo quanto a uma civilização; e, quando acabar, ela irá, como disse T. S. Eliot, “não com estrondo, mas com choradeira”.<sup>663</sup> Conforme Lienhard, assim a teologia e a espiritualidade da cruz estão voltadas em direção ao futuro e orientando a existência cristã em direção a esperança.<sup>664</sup> Segundo Lutero, “ora, lá onde está e permanece a palavra de Cristo, a vitória e o reino de Cristo permanecem” (WA 19, 401, 8-416; 427, 17-20).<sup>665</sup> Kreeft compara o sofrimento com a dor do nascimento. Para ele, sofrimento é, assim, dor do nascimento. Além do sofrimento há o prazer do novo nascimento. Isso é a palavra esperança. O mesmo autor reafirma, “eu não pude provar que tal visão é verdadeira. Mas também ninguém provou que ela é falsa. Somos perfeitamente livres para ter esperança, para escolher a vida”<sup>666</sup>.

Lutero ao sublinhar o sofrimento de Cristo e dos cristãos, evocou também a vitória de Deus. Cristo triunfa no sofrimento (WA 17, II, 243, 11-2). Deus revela-se pela ressurreição. O Cristo terreno é, certamente, desprezado pelo mundo, mas acima da manjedoura cantam os anjos.<sup>667</sup> Para Lienhard, eis o eixo central para a compreensão da cruz de Cristo como boa-nova em meio ao sofrimento: “crer por meio da fé que Deus está comigo me dando forças e

---

<sup>661</sup> STOTT, 1991, p. 256.

<sup>662</sup> KREEFT, 1995, p. 79.

<sup>663</sup> KREEFT, 1995, p. 79.

<sup>664</sup> LIENHARD, 1998, p. 295

<sup>665</sup> LUTERO, 2004, p. 294.

<sup>666</sup> KREEFT, 1995, p. 80.

<sup>667</sup> LIENHARD, 1998, p. 294.

carregando-me em meu sofrimento e dor, animando-me a lutar contra esses sentimentos, na certeza de que a dor é algo passageiro e que quando vier a plenitude do Reino já não haverá dor, nem sofrimentos, mas novidade de vida”<sup>668</sup>. Certo é que, a partir da Teologia da Cruz de Lutero, a cruz não significa derrota e impotência, mas é sinal de poder justamente no abdicar do poder normalmente concebível, tornando-se Cristo poderoso naquilo que é aparentemente fraqueza.<sup>669</sup> Deus vem para dentro de nossa realidade e se torna parte dela, introduzindo a misericórdia na luta por sobrevivência.<sup>670</sup> Por isso Altmann afirma, “nada de resignação derrotista, mas sim, de padecimento solidário e vitorioso”<sup>671</sup>. Lutero, de maneira muito clara salienta que olhos de Deus olham para as profundezas e não para as alturas, “pois como ele é o Supremo e nada há acima dele, ele não pode olhar acima de si, também não pode olhar para os lados, pois ninguém lhe é igual. Necessariamente tem que olhar para dentro de si e para abaixo de si, e quanto mais fundo alguém estiver abaixo dele, tanto melhor ele o verá.”<sup>672</sup> E prossegue, onde, porém, se experimenta como é tal Deus, que olha para as profundezas e somente auxilia aos pobres, desprezados, miseráveis, desditosos, abandonados e àqueles que nada são aí ele se torna tão amável, aí o coração transborda de alegria, salta e pula de grande prazer, por ter sido gerado em Deus.<sup>673</sup>

A fé em Cristo, não apaga automaticamente a presença do sofrimento. O apóstolo Paulo se opôs com firmeza a toda noção da vida cristã livre de sofrimento. Muito pelo contrário, para Paulo o sofrimento era um dos sinais do verdadeiro ministério evangelístico e do verdadeiro discipulado. Como filhos de Deus, participar dos sofrimentos de Cristo se traduz na participação da futura glória - esperança. O enfoque na glória futura resgata o sofrimento da falta de sentido no presente. Como reação ao sofrimento, Paulo convoca o crente a viver cheio de esperança alegre – a esperança da glória de Deus<sup>674</sup>. Uma vida de esperança em resposta ao sofrimento desencadeia um processo de perseverança e transformação do caráter conduzido pelo Espírito<sup>675</sup>. O cristão deve alegrar-se no sofrimento e resistir a toda tentação de ceder a uma vida de resignação. Com isso receberá consolo divino especial.<sup>676</sup> Dreher pergunta: Qual, porém, o significado de tais sofrimentos no discipulado? [...] Na Teologia da cruz, porém, o

---

<sup>668</sup> ERNEST, 2007, p. 25.

<sup>669</sup> KREEFT, 1995, p. 39.

<sup>670</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *Os culpados da morte de Jesus: aspectos de uma teologia da cruz*. Estudos Teológicos, Vol./No. 30/3, 1990, p. 219.

<sup>671</sup> ALTMANN, 1994, p. 34.

<sup>672</sup> HEIMANN, 2004, p. 29.

<sup>673</sup> HEIMANN, 2004, p. 29.

<sup>674</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Rm 5.2.

<sup>675</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Rm 5.3-5.

<sup>676</sup> DOCKERY, David S. *Manual Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 721.

sofrimento tem a finalidade de desenvolver a fé e de dar-lhe forças. Sofrimento e fé estão intimamente ligados. No sofrimento Deus vem ao nosso encontro.<sup>677</sup> É por isso que Lutero também pode falar do sofrimento como meio de santificação, através do qual o ser humano é santificado para o serviço de Deus<sup>678</sup>. Dunn reitera que,

Jesus era o Cordeiro que foi morto por nosso pecado antes da fundação do mundo. Antes que houvesse um Jardim do Éden, já havia uma colina chamada Calvário; antes que houvesse uma árvore da vida, havia a cruz de Cristo; antes que houvesse pecado, havia o Salvador. Para nós, isso deve significar que, seja o que for que nos aconteça nesse mundo, jamais devemos questionar o amor de Deus por nós – mesmo quando ele nos diz “não”.<sup>679</sup>

Para Martinho Lutero, cada cristão deve conformar-se de maneira tal que esteja certo de que esse sofrimento é para o seu bem, que também Cristo, tendo dado a sua palavra para isto, não só quer nos ajudar a carregar o sofrimento, mas também o mudará para o bem<sup>680</sup>. Portanto, nossa atitude diante do sofrimento deve ser esta: Dirigirmos nossa atenção maior para as promessas de que nossa cruz e provação deverão ser mudadas para o bem, como jamais teríamos desejado ou sequer pensado.<sup>681</sup> Conforme Veith Junior, na ressurreição dos mortos e na Vida Eterna no Céu, é claro que não haverá mais cruces, Deus será claramente manifestado em todas as coisas, e então será o tempo da glória. Mas, por enquanto, a vida do cristão está oculta com Cristo.<sup>682</sup>

Jürgen Moltmann afirma, o amor não tira ninguém da dor do tempo, antes toma sobre si a dor daquilo que é temporal. A esperança prontifica-se a carregar a “cruz do presente”. Ela pode suportar a morte e esperar pelo inesperado.<sup>683</sup> A vida cresce em plenitude através da espera e, frequentemente, do sofrimento.<sup>684</sup> Ter esperança não quer dizer evitar ou ser capaz de ignorar o sofrimento. Na verdade, a esperança nascida da fé amadurece e purifica-se através de dificuldades. A surpresa que experimentamos na esperança não é aquela em que, inesperadamente, as coisas terminam sendo melhores do que esperávamos. Porque, mesmo quando nada muda, podemos continuar nutrindo uma viva esperança. Para Nouwen, o fundamento de nossa esperança é aquele que é mais forte do que a vida e os nossos sofrimentos. A fé faz-nos chegar à presença sustentadora e curativa de Deus. Uma pessoa em dificuldade

---

<sup>677</sup> DREHER, 1988, p. 144.

<sup>678</sup> WA 6,248, 16ss, apud, LUTERO, Martinho. O Debate de Heidelberg. In: Obras Seleccionadas: Os Primórdios. Escritos de 1517 a 1519. v. 1,2 ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004, p. 49.

<sup>679</sup> DUNN, 1999, p. 190.

<sup>680</sup> LUTERO, 1984, p. 300.

<sup>681</sup> LUTERO, 1984, p. 301.

<sup>682</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 66.

<sup>683</sup> MOLTMANN, 1997, p. 48.

<sup>684</sup> NOUWEN, 2002, p. 56.

pode confiar, baseada na crença de que algo mais é possível. Confiar é levar em conta a esperança.<sup>685</sup> A esperança faz-nos ver a mão de Deus guiando, não só nos momentos tranquilos e agradáveis, mas também nas sombras do desapontamento e da escuridão.<sup>686</sup> Conforme Rückert, esperança em Deus significa confiar em quem pode nos iluminar em meio à escuridão do túnel, saciar a nossa sede em meio à aridez do deserto, acalmar as ondas e as águas em meio ao nosso mar agitado, ajudar-nos a respirar em meio ao fôlego curto, acolher-nos, com amor e cuidado, na nossa última travessia.<sup>687</sup>

#### 4.10 Considerações finais

A Teologia da Cruz é inequivocamente inquietante, porque a graça libertadora de Deus supera todas as leis humanas, manifestando-se no Cristo crucificado que se solidariza com o mundo, com as pessoas frágeis e pecadoras. A Teologia da Cruz revela o conflito que existe no mundo e evidencia que, em última análise, o ser humano sempre quer seguir a promessa da serpente: *Eritis sicut Deus!* (Sereis como Deus!). É por isso que, para o teólogo da cruz, vale: *theologus crucis dicit id, quod est* (o teólogo da cruz diz as coisas como elas são). Na cruz de Cristo, o esvaziamento de Deus chegou a seu ponto culminante.<sup>688</sup> Refletir sobre este tema é mergulhar na essência do cristianismo. As implicações que surgem a partir desta perspectiva conduzem a uma vida humilde, dependente e movida por solidariedade. Humildade, pois o conhecimento que se obtém de Deus não procede dos esforços humanos – morais, racionais, sacrificiais, etc., mas procede de um Deus misericordioso e gracioso que se desvenda no lugar menos esperado para o ser humano. Dependência em um viver contínuo pela fé. Fé que é dádiva de Deus e que tem nele o seu total foco. E por fim, solidariedade, porque a vida sob a cruz é cheia de alteridade e vazia de si mesma, mas cheia da graça, da fé e do amor que procede do Cristo ressurreto. Uma vida frutífera e abundante.

O percurso feito até aqui procurou inicialmente apontar a questão visível e tangível do sofrimento humano. Este levou-nos à cruz de Jesus Cristo. Passando por Jesus Cristo – o centro da Teologia da Cruz -, de Paulo – o seu maior divulgador-, e de uma forma mais específica

---

<sup>685</sup> NOUWEN, 2002, p. 51.

<sup>686</sup> NOUWEN, 2002, p. 59.

<sup>687</sup> RÜCKERT, 2016, p. 81.

<sup>688</sup> HEIMANN, 2004, p. 27.



através de Martinho Lutero – aquele que deixou em sua Teologia este legado. Há, não somente a necessidade de prosseguir aprofundando o conhecimento desta temática, mas também trazê-los para nossos contextos e realidades tão carentes e necessitadas da mensagem da cruz. Afinal, a Teologia da Cruz tem por alvo justamente se colocar e proporcionar a todos os *crucianus* (cristãos) que vivam identificados com o crucificado. E aí sobressai as palavras de Jürgen Moltmann, “hoje a teologia da cruz significa, levar a sério a teologia da Reforma em suas exigências crítico-reformadoras, fazendo com que elas ultrapassem a mera crítica da Igreja convertendo-as em crítica da sociedade. O que significa a lembrança do Deus crucificado em uma sociedade oficialmente otimista que caminha por cima de muitos cadáveres”<sup>689</sup>. Destarte, a Teologia da Cruz é uma teoria crítico-libertadora de Deus e do ser humano, pois liberta o cristão e Deus da definição imposta por dogmas e instituições, devolvendo-os ao acontecimento central e fundante de sua fé: a cruz de Cristo. Mas também porque ela constitui a base de toda abertura de horizontes ocorridos na Igreja e na sociedade<sup>690</sup>.

A glória de Deus é ampliada quando se pensa, reflete e fala-se sobre ele em termos de crucificação. Somente ele é grande o suficiente para ganhar perdendo. Somente ele é amoroso o suficiente para amar o que não pode ser amado. Somente ele é eterno o suficiente para ser tragado pelo tempo e pela morte e ainda sobreviver para contar como foi. O ensino da cruz significa que tudo o que é dito sobre Deus na adoração e na proclamação deveria ser moldado pelo vocabulário da cruz. Deus jamais desperdiça uma dor! Na verdade, é muito provável que o maior ministério de uma pessoa surja de sua maior dor. Quem poderia ministrar melhor aos pais de uma criança com uma síndrome do que outro casal que tenha um filho padecendo da mesma deficiência? Quem poderia ajudar melhor na recuperação de um alcoólatra do que alguém que tenha combatido esse problema e tenha achado a liberdade? Conforme Paulo, Deus intencionalmente permite que você passe por experiências árduas, a fim de capacitá-lo a ministrar a outras pessoas (II Co 1.3-5).

O sofrimento sempre trouxe e haverá de trazer uma série de perguntas sem respostas. Todavia, ainda que não seja possível – pelo menos aqui neste mundo – obter todas as razões e explicações para esta questão (talvez nem no futuro!), a Teologia da Cruz aponta que é possível diante da realidade apresentada, trilhar um caminho no qual se possa obter ao máximo tudo que o sofrimento traz. Seguir no caminho da cruz de Cristo é uma proposta desafiadora, e para

---

<sup>689</sup> RODRIGUES, 1992, p.39.

<sup>690</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Der Gekreuzigte Gott: Das Kreuz Christi als Grund und Kritik christlicher Theologie*. 5ª Ed. München: Keiser-verlag, 1987, p. 08, apud, RODRIGUES, Marcos Antonio. *A cruz na história da teologia* (um estudo introdutório). São Leopoldo, 1992, p. 40.

muitas pessoas nada atrativa. Mas, ao mesmo tempo cheia de esperança, pois não é um caminhar sozinho. Conforme a Bíblia é confortante, pois, Jesus Cristo promete estar sempre, todos os dias ao lado daqueles que sofrem, “eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”<sup>691</sup>. É cheia de esperança.

Depois de conhecer um pouco mais de perto a Teologia da Cruz, novas perguntas afloram: É possível fazer uma junção do Aconselhamento Pastoral à Teologia da Cruz para auxiliar famílias que têm filhos com Autismo? Os subsídios desta Teologia que foram apontados poderiam ser melhor explorados com esta finalidade? No próximo capítulo serão relacionados e entrelaçados Aconselhamento Pastoral e a Teologia da Cruz, com o propósito de vislumbrar uma perspectiva que possa contribuir mais na ajuda, no fortalecimento e no auxílio a famílias que têm filhos com Autismo.

---

<sup>691</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Mt 28.19.

## **5 O ACONSELHAMENTO PASTORAL A FAMÍLIAS DE PESSOAS COM AUTISMO: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA TEOLOGIA DA CRUZ**

### **5.1 Considerações iniciais**

Depois de fazer uma jornada por um caminho enigmático chamado Autismo e, ter passado pelo Aconselhamento Pastoral e a Teologia da Cruz, chega-se ao último percurso desta tese. O propósito deste capítulo não é trazer nenhuma fórmula, manual, ou qualquer outro instrumento semelhante a estes, pelo contrário, é refletir e tentar vislumbrar aquilo que a Teologia da Cruz e o Aconselhamento Pastoral, podem, agora juntos, trazer de contribuição para as famílias que tenham filhos com Autismo.

Como já mencionado em outro momento desta tese, o recorte que se fez especificamente a respeito do Aconselhamento Pastoral e da Teologia da Cruz teve como alvo buscar na Teologia - por meio da Teologia da Cruz - e na prática - por meio do Aconselhamento Pastoral - subsídios que possam ser trazidos à tona como forma de auxílio e base para desenvolver ajuda a famílias. Parte-se aqui desta pressuposição. Outras visões e outros recortes poderiam ser feitos, todavia, este não foi o intento deste trabalho, ainda que em determinados momentos tendo lançado mão de outras fontes e áreas dos saberes para averiguação e enriquecimento de conteúdo, como é pertinente na pesquisa.

O intuito deste capítulo é fazer a junção do Aconselhamento Pastoral à Teologia da Cruz com o propósito de auxiliar as famílias que tem filhos dentro do TEA. O propósito é poder aproximar os elementos do Aconselhamento Pastoral aos elementos principais da Teologia da Cruz, tendo como alvo as dificuldades já apontadas pelas constatações feitas com as famílias, a fim de refletir naquilo que pode ser trazido de contribuição e ajuda.

Este capítulo começara tratando da Teologia da Cruz como base para o Aconselhamento Pastoral. Na sequência será apresentada uma perspectiva de como o Aconselhamento pode juntamente com a Teologia da Cruz oferecer ajuda a famílias de pessoas com Autismo. Os tópicos para isto tratarão da: Abscondicidade de Deus: Ele está nos vales mais escuros; a vida pela fé: “o justo viverá pela fé”; a vida sob a cruz: a vida em amor; esperança: virtude que permanece; e por fim, no horizonte da cruz: a ressurreição. Em seguida será discorrido sobre a Teologia da Cruz e os seus frutos: resiliência; felicidade; cura; a conformação com Cristo e ver a Deus pela perspectiva da cruz.

Conforme Andrade, o Aconselhamento Pastoral é um convite para que todo sofredor saia da órbita de seus problemas, descentralize de suas angústias e faça aquela abertura *kenótica* que possibilita o encontro com o Deus compassivo revelado no mistério de Cristo. [...] <sup>692</sup> Por outro lado, uma teologia que não está do lado dos sofredores é forjada artificialmente, é um artefato, um ídolo que não nos leva a Deus. É semelhante à teologia dos amigos de Jó, que no final do livro necessitaram retratar-se porque não falaram corretamente sobre Deus (Jó 42.7-9) <sup>693</sup>. Uma junção mais efetiva e aproximada dos dois pode trazer mais auxílio e vida para os que passam por intensos sofrimentos.

## 5.2 A Teologia da Cruz como uma base para o Aconselhamento Pastoral

A Teologia certamente pode contribuir mais com o Aconselhamento Pastoral, e vice e versa, parte-se dessa pressuposição nesse ponto. Aliás, são duas coisas que, nesta pesquisa estão no mesmo trilho. O Aconselhamento Pastoral tem suas raízes mais profundas na Teologia, esta, por sua vez, nutre-se das Escrituras Sagradas para se manter de pé. É de lá que vem a seiva que sustém e mantém a árvore que continua a florescer da Teologia. Sendo assim, a proposta de tomar como uma base a Teologia para desenvolver o Aconselhamento Pastoral acaba sendo algo natural, pode-se dizer “lógico”, para o conteúdo que está sendo desenvolvido.

O que pode parecer algo novo (para alguns) é pensar em Aconselhamento Pastoral fundamentado especificamente na Teologia da Cruz, porém, não é. A poimênica quando observada desde o seu início teve sua base nas Escrituras Sagradas – a própria expressão “poimênica” é oriunda das Escrituras -, que por sua vez, tem o seu centro na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, ou seja, na Teologia da Cruz. Lutero já dizia que, “se tiras Cristo das Escrituras, que encontrarás nelas ainda?” <sup>694</sup>. Daniel S. Schipani nos lembra que o Aconselhamento Pastoral, “que atua dentro da sabedoria à luz de Deus, é visto, praticado e ensinado de forma pastoral e como forma singular do processo recreativo guiado pelo Espírito; contextualizado eclesiologicamente; centrado em Jesus Cristo como a sabedoria de Deus, ancorado nas Escrituras e orientado para o reino de Deus” <sup>695</sup>. Portanto, de certa forma, não há nada de novo em fazer este movimento inclinado e respaldado na Teologia da Cruz. Talvez, a

<sup>692</sup> ANDRADE, 2016, p. 328.

<sup>693</sup> ANDRADE, 2016, p. 328.

<sup>694</sup> LUTERO, 2004, p. 184.

<sup>695</sup> SCHIPANI, Daniel S. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003, p. 06.

novidade esteja em trabalhar especificamente uma temática tão atual como Autismo, e com famílias que têm filhos com Autismo, enfocando subsídios vindos especificamente da Teologia da Cruz para juntamente com o Aconselhamento Pastoral prestar uma ajuda melhor.

Uma das grandes percas da Teologia é quando ela fica restrita aos contextos teóricos e acadêmicos e se distancia da realidade, e na história houveram alguns momentos que isto aconteceu. O inverso também é verdadeiro. A ortodoxia precisa caminhar junto com a ortopraxia, e vice-versa. De igual forma, a práxis corre um grande perigo quando não tem fundamento seguro, uma base consistente, um alicerce. Ou seja, se estabelece em terrenos movediços e arenosos. Eis a razão porque tantos movimentos e fenômenos não se sustentam, ou quando se sustentam causam um enorme dano ao ser humano, por serem frágeis, volúveis, manipuladores e inconsistentes. Este é um dos motivos pelos quais estes dois elementos anteriormente mencionados necessitam estar no mesmo trilho. A imagem do trilho remete a firmeza, segurança, estabilidade, direção, pois uma das partes do trilho não permitirá que a outra vá por caminhos fora daquilo que é o local firme e direcionado para o lugar correto. Um mantém o outro no caminho reto e seguro, e o trilho os mantém centrados. Para Andrade isto é muito claro. Ela afirma que a Teologia só poderá oferecer uma reflexão consistente para a prática do Aconselhamento Pastoral se estiver voltada para os fundamentos de si mesma, a saber, de uma leitura acurada das Sagradas Escrituras, onde se mostra de modo privilegiado, a relação entre Deus e o ser humano.<sup>696</sup> Este é o ponto que envolve o olhar sobre a Teologia. É a partir dela, que tem sua fonte primária nas Escrituras, que o Aconselhamento Pastoral vai buscar se nutrir para trabalhar o relacionamento entre Deus e o ser humano. Porém, Andrade vai além, e destaca que, “se quiser fazer sentido para os sofredores de hoje, a reflexão teológica deve ter, igualmente, um olhar atento direcionado ao contexto atual”.<sup>697</sup>

Ao observar a situação das famílias que têm filhos com Autismo nota-se facilmente os diversos problemas que elas enfrentam e lutam (observados nesta pesquisa no cp. 1 através dos relatos e das constatações). A Teologia da Cruz, de certa forma, pode trazer elementos para servir de norte para as famílias (ou cuidadores) firmarem-se e seguirem nos revoltos mares que navegam. Elementos que podem, não somente ajudar na área espiritual, mas em várias outras áreas da vida que envolve a famílias: social, familiar, educacional, moral, ética, religiosa, etc. O fato do Aconselhamento Pastoral basear-se na teologia não quer dizer que a sua abrangência fique restrita ao aspecto eclesiológico ou da espiritualidade, até porque, a própria espiritualidade

---

<sup>696</sup>ANDRADE, 2016, p. 323.

<sup>697</sup>ANDRADE, 2016, p. 323.

está diretamente ligada aos diversos contextos da vida cotidiana. Conforme o dicionário Brasileiro de Teologia, espiritualidade é a expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito Santo. Ela inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão. Trata-se, portanto, da vivência da fé sob as condições da vida cotidiana, abrangendo as dimensões individual, familiar, comunitária e social<sup>698</sup>.

### 5.3 O Aconselhamento Pastoral sob a Teologia da Cruz

Toda a Teologia da Cruz está atrelada ao sofrimento divino e humano. Consequentemente, as pessoas que sofrem poderão encontrar nela um refúgio para a sua alma. Pretende-se agora de uma forma mais específica destacar alguns aspectos da Teologia da Cruz já vistos até aqui e, relaciona-los com o Aconselhamento Pastoral às constatações percebidas no primeiro capítulo desta tese. Serão destacados neste ponto cinco elementos da Teologia da Cruz, sendo que, três deles foram chamados no capítulo três de: “ a teologia da cruz e seu enfoque central” – Deus se revela na abscondicidade; o Deus oculto e a fé; a vida sob a cruz. Os outros dois elementos também estão vinculados diretamente a Teologia da Cruz: esperança que permanece, e ressurreição. Pretende-se elencar cada um destes elementos, e perceber como eles, ao lado do Aconselhamento Pastoral, podem contribuir para ajudar em relação aos problemas detectados do primeiro capítulo.

#### 5.3.1 Deus se revela na abscondicidade: Ele está nos vales mais escuros

Pode-se denominar de “vales escuros” as situações que afetam a família de uma pessoa com Autismo. Diante do quadro constatado e diagnosticado de Autismo, as famílias passam por momentos de questionamentos, dúvidas, crises, medos, angústias... afinal, aonde encontrarão solução para aquilo que aparentemente não têm respostas palpáveis (medicina, científica e espiritual)? É tudo confuso, escuro, sem resposta, sem saída. É o que se nota em

---

<sup>698</sup> FILHO, Fernando Bortolletto (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p.387. “O termo espiritualidade remonta ao adjetivo latino *spiritualis*, tradução do grego *pneumatikós* (I Cor 2.14-3.3), designando o ser humano (*homo spiritualis*) inspirado e determinado pelo Espírito de Deus. O conceito moderno de espiritualidade tem sua origem na palavra francesa *spiritualité*, que, desde XVII, no âmbito da teologia das ordens religiosas católicas francesas, é termo técnico para a relação pessoal com Deus e a vivência da fé.”

relação às famílias. O sofrimento causa esta sensação – escuridão, nebulosidade, vazio, medo, angústia, desamparo -, especialmente quando ele tende a perdurar! Quando existe o sofrimento, muitas vezes fica-se no escuro quanto à razão dele. Keller afirma que, nosso sofrimento pode nos parecer tão sem sentido quanto o sofrimento de Jesus para os discípulos. Contudo, a cruz prova que Deus pode estar trabalhando em nossa vida, mesmo quando parece não haver sentido ou razão para o que está acontecendo.<sup>699</sup> As famílias estão vivenciando estes momentos sombrios, porém, a Teologia da Cruz convida para tentar vê-los de outra forma.

Nem sempre é possível conhecer as causas do sofrimento. A Teologia não terá como sua principal preocupação dar uma explicação para o sofrimento, para a dor e para o mal que atinge as pessoas, em especial aquele tipo de sofrimento e dor que não estão atrelados a nenhuma ação direta humana (há, sem dúvida, uma série de sofrimentos que possuem respostas e têm na própria ação do ser humano, ou falta de ação a suas causas. O ponto específico aqui é em relação a sofrimentos que não tem essas relações). Assim como o livro de Jó não traz essa resposta. Para Andrade,

a reflexão teológica estará, antes de tudo, empenhada em motivar aqueles que ministram o Aconselhamento Pastoral, para que sejam ministros da misericórdia em favor dos crucificados deste mundo, que os ajudem a readquirir a esperança e a se manter fiéis mesmo em situações de sofrimento, encontrando na *kénosis* divina e na *theosis* humana o sentido que transcende a existência.<sup>700</sup>

Conforme Veith Junior, a Teologia da Cruz não oferece uma resposta superficial para o sofrimento, uma nova teodiceia que oferece uma explicação do porquê de Deus permitir que coisas ruins aconteçam. Para Lutero, lutar com o porquê está na essência da provação. Lutero chega a se referir à tribulação como um lutar com Deus.<sup>701</sup>

Quando famílias estão diante do quadro diagnosticado e constatado de Autismo de seus filhos, o Aconselhamento Pastoral - por meio do conselheiro (a) ou conselheiros e seus recursos – pode contribuir colocando-se, primeiramente, ao lado destas famílias. É o momento para saber silenciar e mostrar compaixão. Saber ouvir com paciência sem a pressa de emitir bulas prontas para a solução do problema. É o momento para a comunidade (igreja) acolher com todo amor a família nesta fase de angústia que parece estrangular a pessoa. A comunidade se constitui visivelmente como parte indispensável para este processo, pois, é ela que trará o senso de pertença, acolhimento, solidariedade, cura. A Teologia da Cruz pode ser fundamental para

<sup>699</sup> KELLER, 2014, p. 240.

<sup>700</sup> ANDRADE, 2016, p. 326.

<sup>701</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 64.

prestar assistência, fortalecer e auxiliar a família no ministério que o Aconselhamento Pastoral exerce. Talvez, a pergunta seja, de que forma? Como?

Na Teologia da Cruz, um dos aspectos centrais aponta para a ocultabilidade (abscondicidade) de Deus. Assim como Moisés tentou ver Deus, mas somente pôde ter um vislumbre da majestade de Deus pelas “costas”, assim também quando se olha para a cruz o que se constata é a presença do Deus abscondito, isto é, o Deus que se esconde, entretanto, ao mesmo tempo se revela. Esconder-se não quer dizer estar ausente. De certa forma, é exatamente isto que a abscondicidade de Deus trata, isto é, ele está oculto, porém muito presente. Oculto porque a forma como se revelou não é como o ser humano gostaria de enxergá-lo – em glória e majestade. Como pode se enxergar Deus numa cruz? Parece algo inconcebível, escandaloso, para o ser humano, pois não é fácil olhar a cruz, muito menos enxergar Deus ali. No entanto, é exatamente na cruz que se deu a maior expressão da revelação de Deus e seu amor pelo ser humano.

Muitas famílias diante da constatação que seu filho tem Autismo passam por um processo de culpa, de negação, ou não aceitação da realidade. Elas estão no meio da escuridão, do turbilhão. Travam uma grande luta no seu interior, em muitos casos com questionamentos relativos a Deus. Neste momento pode se destacar a abscondicidade de Deus. Por mais difícil que seja perceber a Deus neste momento e, como ele está agindo, a abscondicidade de Deus aponta justamente para o oposto: a total presença de Deus. No meio da escuridão, da nebulosidade, não se pode enxergar, mas pode-se ouvir a voz de Deus e, é dessa forma que se pode aproximar do Deus oculto. Portanto, o aconselhamento pode ajudar não somente silenciando e ouvindo a família, mas cooperando para que ela ao invés de querer enxergar todas as coisas naquele momento, possa também refletir, silenciar, ouvir, ciente de que a aparente ausência de Deus não significa seu abandono, pelo contrário, a presença Dele pode ser ainda mais real. No exercício do cuidado espiritual da família, o Aconselhamento Pastoral pode lançar mão deste elemento para trabalhar estes dilemas do coração das pessoas, e ajuda-las a perceber que a abscondicidade de Deus convida a todos a ter outra atitude perante o sofrimento, a dor. Se a tendência humana é querer negar, se culpar, questionar, não aceitar, fugir... o Deus abscondito convida a olhar para sofrimento com uma outra perspectiva. Há uma outra alternativa, conforme apontada na pesquisa: o caminho que as pessoas podem tomar, é o caminho da sensatez, do crescimento, da confiança que, apesar de não compreender todas as coisas (pois muitas são misteriosas, e mistério aqui no sentido de “ser algo que tem um



significado tão rico, que por ter tanto significado não pode nunca ser esgotado pelos seres humanos”), Cristo se faz presente em todos os momentos ao lado daqueles que sofrem.

Há muitos tipos de sofrimento que requerem a não aceitação (violência, injustiça, opressão, etc.), entretanto, em casos de deficiência, para que haja avanços e progressos é necessário primeiro a aceitação do fato. Para Luiz Carlos Dutra,

É bom lembrar que aceitar de Deus é mais importante que entender o processo. Trabalhando o processo de aceitação, a pessoa com deficiência ou a família e amigos podem passar pelas fases a seguir, como descritas por Elisabeth Kübler-Ross (1969): Choque; Negação, como se não acontecera; Raiva, pela situação vivida; Barganha, tentando um acerto de contas com Deus ou com a realidade; Depressão; e finalmente, Aceitação. Tais fases acontecem, não necessariamente todas ou nessa ordem. Não acontecem somente em caso de morte ou luto, mas em qualquer situação de crise ou trauma.<sup>702</sup>

Nouwen ressalta que, “terei menor tendência a negar meu sofrimento quando aprender que Deus o usa para moldar-me e atrair-me para mais perto de si. Deixarei de ver minhas dores como interrupções dos meus planos e serei mais capaz de vê-las como meios de Deus fazer-me pronto a recebê-lo. Deixarei Cristo viver junto às minhas dores e perturbações”.<sup>703</sup> O sofrimento convida-nos a depositar nossas feridas em mãos maiores. Em Cristo, vemos Deus sofrendo por nós. E Ele chama-nos a compartilhar os sofrimentos do amor de Deus por um mundo ferido. Para o mesmo autor, das dores pequenas às mais esmagadoras de nossa vida, todas estão intimamente ligadas às maiores dores de Cristo. Nossos pesares diários estão ancorados em um pesar maior, portanto numa maior esperança. Nada, absolutamente, em nossa vida foge do domínio do juízo e da misericórdia de Deus.<sup>704</sup> Se nos voltarmos para Deus, sem nos rebelarmos contra nossa ferida, estaremos permitindo que Ele a transforme em bem ainda maior. E deixaremos que outros se unam a nós e descubram isso conosco.<sup>705</sup> Conforme Andrade, em seu comentário ao Salmo 54 (da versão latina, equivalente ao Salmo 55 da edição hebraica), Santo Agostinho afirma que a “sã reação do sofrimento está mais próxima da imortalidade do que o embotamento de um sujeito insensível”<sup>706</sup>.

<sup>702</sup> DUTRA, Luiz Carlos. *Pastoral da inclusão: pessoas com deficiência na comunidade cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 46.

<sup>703</sup> NOUWEN, 2002, p. 09.

<sup>704</sup> NOUWEN, 2002, p. 10.

<sup>705</sup> NOUWEN, 2002, p. 14.

<sup>706</sup> AUGUSTINE, Saint. *Exposition of the Psalms 51-72*. Part III / 17. Translation and notes by Maria Boulding, OSB. New York: New City Press, 2001. p. 60, apud ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos Teológicos / São Leopoldo / Vol. 56. N. 2. / p. 325 / jul./dez 2016.

Olhar para cruz – tudo aquilo que ela envolve – é difícil enxergar e perceber onde está Deus, num primeiro momento. Aparentemente ele parece ausente, distante, pois o sofrimento é muito forte, horrendo e real. Entretanto, em todo tempo Deus estava exatamente ali. Ainda que o próprio Jesus teve a sensação de estar desamparado quando exclamou “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?”<sup>707</sup> Nota-se que esta sensação se repete na vida das famílias perante um quadro de Autismo. Para elas parece que Deus as abandonou. Perante a cruz, muitas vezes, é difícil aceitar a situação. Tal o horror da Cruz! Não obstante, é especificamente no Calvário que se encontra Deus. É ali que se encontra a graça, a bondade, o amor, a misericórdia, a compaixão, a solidariedade, o perdão de Deus para a humanidade. Keller faz as seguintes indagações, “qual foi o momento de maior glória de Jesus? Onde Jesus deu maior demonstração da glória da justiça de Deus? E onde ele revelou de forma mais profunda a glória do amor de Deus? Na cruz”.<sup>708</sup> As famílias que estão vivenciando um momento solitário, de dor, desamparo, sentem-se como se Deus as estivesse “deixado, desamparado”, são seres humanos. Por outro lado, por mais difícil que seja, é ali que a presença de Deus pode ser encontrada, percebida, resgatada. A Teologia da Cruz vai direcionar e lembrar a presença do Deus abscondito nas mais difíceis situações que o ser humano passa.

Sendo assim, a vida oculta em Cristo está ligada completamente ao Deus oculto. Paulo diz, “porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória “ (Cl 3.3-4). Nouwen, depois de alguns anos, chegou à seguinte conclusão a respeito do que aprendeu com as pessoas que cuidavam de filhos com deficiência: “ajudaram-me a ver que o caminho através do sofrimento não é negá-lo, mas a viver integralmente no meio dele. Elas indagavam-se sobre como transformar o sofrimento numa oportunidade, em vez de vivê-lo como uma demorada interrupção na vida delas”<sup>709</sup>. E prossegue, “parece paradoxal, mas a cura e dança começam com uma visão honesta daquilo que nos causa dor”<sup>710</sup>. Quando se enfrenta a situação de dor é que se pode entrar numa nova maneira de viver. Nouwen destaca,

A nossa palavra para paciência deriva do antigo radical *patior*, que significa sofrer. Aprender a paciência é não nos rebelarmos contra cada adversidade, porque, quando insistimos em esconder nossas dores com “Hosanas” fáceis, corremos o risco de perder nossa paciência. Quando a frivolidade do caminho fácil desgastar-se, é bem provável que nos tornemos amargurados e cínicos, ou violentos e agressivos. Em lugar de tudo isso, Cristo convida-nos a permanecer em contato com os muitos sofrimentos de cada

<sup>707</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Mc 15.34.

<sup>708</sup> KELLER, 2014, p. 173.

<sup>709</sup> NOUWEN, 2002, p. 04.

<sup>710</sup> NOUWEN, 2002, p. 05.

dia e a experimentar o começo da esperança e da nova vida, justamente aí onde vivemos, no meio das feridas, dores, falência.<sup>711</sup>

A vida oculta está entrelaçada ao Deus abscondito. Às vezes, leva tempo para perceber o lado positivo e construtivo do plano de Deus. Pois tanto o cuidador, como aquele que é cuidado - pessoas com Autismo ou pessoas com deficiência – mergulham na ocultabilidade de Deus. Para Veith Junior, por mais que tentemos, compreensivelmente evita-las, as provações são parte inevitável da vida das pessoas. A Teologia da Cruz ensina como elas também desempenham um papel importante na vida da fé.<sup>712</sup> O exemplo de Cristo, porém, constrange o fiel a aceitar a cruz em sua vida, não a escolhê-la para si mesma, mas a aceitá-la se lhe for imposta.<sup>713</sup> De acordo com Dreher, também o seu poder se revela na fraqueza, seu auxílio fica oculto aos seres humanos, de maneira que pensam terem sido abandonados por Deus, justamente quando ele mais próximo deles se encontra. Esse Deus tem um caráter completamente antiespeculativo.<sup>714</sup>

O Aconselhamento Pastoral pode lançar mão deste aspecto da Teologia da Cruz, para trabalhar e encorajar a famílias perante os quadros mais críticos que venham apresentar-se, pois, o Deus abscondito, conforme a Teologia da Cruz estará presente, ciente, e ao lado de todos os que sofrem.

### 5.3.2 A vida pela fé: “o justo viverá pela fé”

Na sua carta aos Gálatas, Paulo escreveu: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.”<sup>715</sup> O apóstolo afirma pelo menos três coisas: 1. Estava crucificado com Cristo; 2. Cristo vivia na vida dele; 3. Esta vida era pela fé no Filho de Deus. Todavia o que é fé e viver pela fé? Lutero gostava da definição da carta aos Hebreus 11.1: “Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”. A definição da língua grega para fé (*πιστις*) é, “confiança em outro, crédito, fidelidade, o que causa a fé, o que garante a fé, fiança, garantia, juramento, pacto, crença,

<sup>711</sup> NOUWEN, 2002, p. 09.

<sup>712</sup> VEITH JUNIOR, 2015, p. 64.

<sup>713</sup> LIENHARD, 1998, p. 294.

<sup>714</sup> DREHER, 1988, p. 141.

<sup>715</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Gl 2.20.

prova”<sup>716</sup>, este é o sentido do substantivo. Os reformadores frisaram esse conceito, afirmando que a fé não é apenas *fides* (crença), mas também *fiducia* (confiança). Na Escrituras Sagradas, ter fé ou crer envolve tanto a confiança como entrega de vida. De várias maneiras o objeto da fé é descrito como Deus (Rm 4.24; 1 Pd 1.21), Cristo (Rm 3.22,26), as promessas de Deus (Rm 4.20), o caráter de Jesus como Messias e Salvador (1 Jo 5.1) a realidade da ressurreição (Rm 10.9), o evangelho (Mc 1.15) e o testemunho dos apóstolos (2 Ts 1.10).

Para Packer, a vida de fé não é vivida em leitos macios, mas nos campos de batalha.<sup>717</sup> Não é fácil viver pela fé, especialmente diante do sofrimento seja a dor, a doença, a deficiência, a maldade, a violência. Uma pessoa que vive pela fé aprenderá não somente a crença, mas a confiar, sabendo que o resultado dessa confiança é entregue nas mãos daquele sobre quem a confiança é depositada. De acordo com Nouwen, o segredo para entender o sofrimento é deixar de rebelar-nos contra os inconvenientes e as dores da vida<sup>718</sup>. É viver pela fé! A Teologia da Cruz convida as pessoas a caminharem pela fé.

Para Lutero a vida pela fé foi a chave para compreender primeiramente a salvação. Quando se deparou com o versículo da carta aos Romanos, “visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: o justo viverá pela fé”<sup>719</sup>, foi impactado, transformado. Lutero mesmo descreve esse momento com as seguintes palavras:

Meditava dia e noite nessas palavras até que enfim, pela Graça de Deus, prestei atenção no contexto: “a justiça de Deus é revelada, como está escrito: o justo viverá da fé”. Comecei a perceber que neste verso a justiça de Deus é aquele que o justo vive como presente de Deus, isso é pela fé. Comecei também a perceber que a justiça de Deus é revelada através do Evangelho, sendo essa de forma passiva. Na qual um Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: o justo viverá pela fé. De uma só vez me senti que havia nascido de novo e entrado pelas portas do paraíso. Imediatamente enxerguei as Escrituras de um modo totalmente diferente. Na minha mente Voltei as Escrituras e notei que existiam outras expressões com a mesma analogia, a saber; a obra de Deus, feita em nós; o poder de Deus, que nos torna poderosos, a sabedoria de Deus, que nos faz sábios; a força de Deus, a salvação de Deus, a glória de Deus. Então, exalei de forma doce a expressão, a justiça de Deus, com muito mais amor do que antes havia gritado em ódio. [WA 54, 186, 3-13]”<sup>720</sup>

Nesse sentido ter fé é vir a Cristo; fé significa deixar-se cair nos braços abertos do Senhor. Dessa forma, a fé liga um homem a Cristo, de tal modo que ele se torna um homem “em” Cristo. Em Cristo, por meio de Cristo e por causa de tudo que Cristo é e fez, os crentes têm uma perfeita salvação<sup>721</sup>. Contudo, esse foi somente o início da caminhada do reformador

<sup>716</sup> PEREIRA, 1969, p. 460.

<sup>717</sup> PACKER, J. I. *Vocábulos de Deus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2002, p. 123.

<sup>718</sup> NOUWEN, 2002, p. 11.

<sup>719</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Rm 1.17.

<sup>720</sup> LIENHARD, 1998, p. 331-332.

<sup>721</sup> PACKER, 2002, p. 121.

“pela fé”. A vida pela fé torna-se diária, constante e desafiadora. Lutero compreendeu e aplicou muito bem à sua própria vida este princípio. Já foi visto como ele mesmo passou por momentos de intenso sofrimento, porém, pôde caminhar pela fé.

As famílias que têm filhos dentro do espectro do Autismo também terão uma caminhada cotidiana árdua, dura, pois muitos são os desafios, as inseguranças. A vida pela fé poderá ser outro elemento que as ajudará a trabalhar estas questões. A fé auxilia nesse processo de confiança diária tanto em Deus, como nas batalhas que travarão consigo mesmas, e com as carências que cada família terá – emocional, social, psicológica. Também pode colaborar para que elas não entrem numa “espiral descendente” nas suas vidas, se culpando por algo que não tem culpa – biologicamente, emocionalmente, espiritualmente. Como já observado, a maioria dos profissionais e autores não trabalha mais com ideias como da “mãe geladeira” e “pai intelectual”, em que a culpa era colocada nos pais (ou ideias semelhantes), ou seja, espera-se que não se caia mais neste equívoco. Da mesma forma, a igreja que, outrora, com uma Teologia equivocada que lançou sobre estas famílias uma carga maior, pesada e injusta, pode fazer o processo inverso, com uma ênfase na Teologia da Cruz. Pode trazer graça, compaixão e misericórdia para as famílias e seus filhos, ajudando-os a voltarem seus pensamentos para o Deus abscondido e, dessa forma, caminharem para frente, pela fé perante todos os desafios. A igreja ajuda neste aspecto quando faz a devida interpretação dos textos bíblicos, e traz consolo com textos bíblicos, como por exemplo, João 9 já mencionado nesta tese, e ao invés de lançar culpa sobre as famílias, tira-lhes a culpa e conduz para uma vida de fé. A fé aponta para o alto (Deus) e para frente.

Por meio do Aconselhamento Pastoral a família pode continuar recebendo a devida assistência tendo pessoas para serem prontas para ouvir, com atenção e carinho. O conselheiro (ou conselheiros, ou a comunidade) com todo o “cuidado”, depois de cientificar-se dos conflitos que aquelas pessoas estão passando, se colocará ao lado para ajudar e apontar sabiamente, de forma solidária, entre outras coisas, para viver pela fé.

Este caminho de fé, que em primeiro plano se refere ao relacionamento daquelas pessoas com Deus, vai muito além disso. Conforme o apóstolo Paulo, o justo viverá da fé. Pois, a verdadeira vida pela fé não está restrita a um único momento, ou momentos de religiosidade estritamente a um local específico (templo, igreja, sinagoga, ou outro local), mas a uma vida diária num relacionamento com Deus que se expressa em atitudes, obras. O escritor bíblico

Tiago diz, “ assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”<sup>722</sup>. O texto bíblico de Mateus 25.35, expressa a fala de Jesus:

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? Ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

Jesus está mostrando como a fé dessas pessoas (justos) se concretizava em atos e atitudes de ajuda àqueles que mais precisavam – famintos, sedentos, estrangeiros, desamparados, presos, doentes. Segundo o próprio Jesus, no final de tudo estavam fazendo tudo aquilo para Cristo. A fé em Deus, a religião, deve estar a serviço da vida e do amor, do reino de Deus, e isso significa ação, estímulo, esforço, trabalho, treinamento e pensamento<sup>723</sup>. Conforme Rolando Benenzon,

Se a crença religiosa enaltece um sentimento para contribuir para um maior esforço no treinamento e terapêutica de uma criança autista, a fé é válida, porém, se esse sentimento religioso serve para negar a necessidade do esforço, para adormecer todas as energias humanas que há para dar ao treinamento dessas crianças, deixando nas mãos de Deus o desenvolvimento evolutivo ou involutivo desse ser, creio que se está violando a fé e o sentimento religioso perde o mérito.<sup>724</sup>

Lutero escreveu:

“A fé é viva, poderosa em suas operações, valente e forte, sempre realizando, sempre frutificando; de modo que é impossível que aquele que é dotado de fé não produza sempre boas obras...pois é sua natureza”. O que salva é a fé somente; mas a fé que salva nunca estará sozinha, pois está sempre atuando “pelo amor” (Gl 5.6), tornando-se um inigualável poder dinâmico na vida do crente.<sup>725</sup>

Destarte, a fé, então, não é estática, não fará com que as famílias fiquem inertes, numa visão fatalista da vida e dos acontecimentos. Pelo contrário, a fé pode conduzi-las para batalhar e muito em prol de seus filhos e de uma sociedade mais justa, mais verdadeira, sem preconceitos e mais humana. A Bíblia no seu capítulo chamado por muitos “o capítulo da fé, ou os heróis da fé”<sup>726</sup>, lista por nome 14 exemplos de homens e mulheres que viveram pela fé e, outros juízes, reis e profetas que não são mencionados os nomes. Nota-se que estes homens e mulheres realizaram por suas vidas grandes “façanhas”, entretanto, muitos deles enfrentaram todo tipo de dificuldades, incertezas, inseguranças, medos, angústias, perseguições, dúvidas,

<sup>722</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Tg 1.17.

<sup>723</sup> BENENZON, Rolando O. *O autismo, a família, a instituição e a musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1987, p. 328.

<sup>724</sup> BENENZON, 1987, p. 328.

<sup>725</sup> PACKER, 2002, p. 122.

<sup>726</sup> A BÍBLIA SAGRADA, Hebreus 11.

questionamentos e muitos até mesmo a morte. Todavia, todos tiveram uma mesma coisa em comum: viveram pela fé! Sendo assim, afirma-se que este tipo de fé não levará a um fatalismo, mas conduz a uma resolução firme de confiança para enfrentar todas as adversidades.

De acordo com o Dicionário Webster, “fatalismo é a aceitação de cada evento como inevitável”. Essa visão é bem mais comum do que se imagina. Albert Nolan escreve em *Jesus Before Christianity*: “Fatalismo é a atitude predominante na maioria das pessoas, na maior parte do tempo. Ele é expresso em frases como: ‘Nada pode ser feito a respeito disso’; ‘Não se pode mudar o mundo’; ‘Você tem que ser prático e realista’; ‘É preciso aceitar a realidade’”<sup>727</sup>. E prossegue, uma pessoa fatalista diz: “De que adianta? No final, vamos perder. Somos vítimas do destino”. Essa atitude leva-nos, facilmente, ao ressentimento, à amargura, à desesperança, ao desespero.<sup>728</sup> O fatalismo pode levar-nos à depressão, desespero e, até, ao suicídio.<sup>729</sup> A fé é o oposto. Segundo Nouwen, mas fé é muito diferente de fatalismo. É o seu extremo oposto. Antes de ser uma manifestação de resignação passiva, a fé conduz-nos a uma disposição cheia de esperança.

É essa perspectiva que a Teologia da Cruz propõe para um caminhar pela fé. Como visto, a fé não é garantia de que aquela situação será totalmente mudada, “curada”, mas aponta o fato que aqueles que estão (todos) envolvidos nela podem ser transformados e, conseqüentemente, ajudarem na transformação das pessoas ao seu redor. Nesse sentido poderá existir verdadeira cura num sentido muito mais amplo. Dunn exemplifica isto dizendo, “alguém me disse: ‘Você não tem fé suficiente para ser curado’. Este, porém, não era o meu problema. Meu problema era que não possuía fé suficiente para permanecer doente, se era assim que as coisas deviam ser.”<sup>730</sup> Dunn ressalta que, muitas pessoas se perguntam: “Por que eu?” Nunca se deve atribuir a deficiência aos próprios erros, quando é mera conjectura e não há fatos comprobatórios. Mesmo se houvesse, se há reabilitação, em religião também há perdão e reconciliação válidos para todos nós. A fé supera o negativo e qualquer negativismo.<sup>731</sup>

Curar, aliviar a dor, a angústia, ser companheiro durante o sofrimento, ajudar a restaurar um sentido de vida, tudo isso é para Jesus uma forma de amar. Deve-se aprender com ele. Os

---

<sup>727</sup> NOUWEN, 2002, p. 47.

<sup>728</sup> NOUWEN, 2002, p. 47.

<sup>729</sup> NOUWEN, 2002, p. 47.

<sup>730</sup> DUNN, 1999, p. 21.

<sup>731</sup> DUTRA, 2005, p. 45.

Evangelhos testemunham que Jesus veio infundir esperança no contexto do sofrimento (Jo 16.33) e colocá-lo numa perspectiva de fé (Jo 9.3).<sup>732</sup> Para Andrade:

Cabe àqueles que exercem o pastoreio nas igrejas ou às pessoas que tenham alguma função de aconselhar grupos, indivíduos ou famílias a difícil tarefa de mostrar para quem vivencia um sofrimento inevitável que, mesmo não sendo possível encontrar uma solução para suas dores, a vida e a fé merecem uma chance, pois, apesar de tudo, ainda há um sentido que transcende a experiência humana em sua totalidade.<sup>733</sup>

Outro aspecto apontado pelo Aconselhamento Pastoral e que corrobora para um viver por fé é o apoio da comunidade. As crises e sua resolução dependem de uma combinação de variáveis entre as quais se encontram tanto a intensidade do acontecimento como os recursos pessoais, familiares e comunitários. Para Maldonado, isto significa que uma pessoa flexível, de fé, segura de si mesma, que conta com uma rede de apoio em sua igreja e sua comunidade estará melhor equipada para enfrentar as crises. E destaca também que, por outro lado, as pessoas cujos recursos pessoais e comunitários são escassos estão mais propensas a entrar em crise ou viver constantemente à beira delas.<sup>734</sup> A comunidade desempenha papel fundamental quando acolhe e se solidariza com as famílias. Isto se dá por meio da inclusão em seu seio de pessoas com deficiência de diversas formas: por meio de atitudes sem preconceito; redes de apoio para as pessoas com deficiência e trabalhos de acompanhamento para as famílias; disseminação de informações dentro e fora da comunidade; uma visão clara da vulnerabilidade e dignidade humana; etc. Isto pode colaborar para trazer “cura” para todos envolvidos. Cura para aqueles que estão padecendo e passando pelo sofrimento, e cura para toda a comunidade, pois, transforma aquela atitude muitas vezes preconceituosa, discriminatória, que cria barreiras, em oportunidades para crescimento de todos.

Portanto, a vida pela fé, conforme a Teologia da Cruz ajuda não somente no enfrentamento da família perante a situação, seja ela qual for, mas todos aqueles que também se “aproximam da cruz”. Para Moltmann, a fé cristã, que venceu o mundo no passado, precisa, acima de tudo, aprender a vencer a suas próprias formas secularizadas. Ela só será capaz de fazer isso quando derrubar os deuses do Ocidente cristão e se lembrar, de maneira revolucionária e reformadora, do “Deus crucificado”.<sup>735</sup>

---

<sup>732</sup> RÜCKERT, 2016, p. 86.

<sup>733</sup> ANDRADE, 2016, p. 322.

<sup>734</sup> MALDONADO, Jorge E. *Intervenção em crises*. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008, p. 160.

<sup>735</sup> MOLTSMANN, 2014, p. 20.



### 4.3.3 A vida sob a cruz: vivendo na perspectiva do amor

A vida sob a cruz, pode ser chamada de discipulado em sofrimento. Conforme a Teologia da Cruz, viver sob a cruz é viver na perspectiva do amor. É vida abnegada, que se doa, que se entrega, que se compartilha, que se sacrifica, que “nega-se a si mesmo”. Keller chama este amor de um sacrifício substitutivo. “Todo amor verdadeiro, que transforma vidas, é um sacrifício substitutivo.”<sup>736</sup> Para ele, Deus criou o mundo em um instante, e foi um belo processo. Mas ele o recriou na cruz, e foi um processo horrendo. As coisas são dessa forma. O amor que realmente transforma e redime sempre é um sacrifício substitutivo.<sup>737</sup> Keller está falando primeiramente do amor de Cristo, entretanto, em um segundo momento aplica-se a toda pessoa que ama com este amor.

Há pelo menos três palavras na língua grega (koiné) para amor<sup>738</sup>, mas uma delas, *ἀγάπη*, fala deste amor virtuoso que não é egoísta, interesseiro, autocentrado, mas é o amor que se doa, que se sacrifica, é o amor descrito na Bíblia como o amor de Deus. É este amor também que o apóstolo João incentiva a ser praticado na vida diária, “filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade”, (1 Jo 3.18). O apóstolo Paulo apresenta algumas características deste amor: o amor é paciente, é benigno: o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.<sup>739</sup> O amor que o apóstolo menciona é muito diferente do tipo de “amor” que se propaga no contexto atual. O amor mencionado por Paulo é sacrificial, doador, abnegado, não tem como foco uma vida ensimesmada, mas outrocentrada. Conforme Moltmann:

Quando começamos a viver na fé e na esperança das possibilidades e promessas desse Deus, abre-se diante de nós toda a plenitude da vida enquanto histórica, a qual assim pode ser amada. Somente no horizonte desse Deus se torna possível um amor que é mais do que *filia*, amor ao existente e ao igual, mas *agápe*, amor para com o não-existente, amor para com o desigual, com o indigno, sem valor, perdido, transitório e

<sup>736</sup> KELLER, 2014, p. 170.

<sup>737</sup> KELLER, 2014, p. 171.

<sup>738</sup> Aquilo que conhecemos como sendo “amor” se diferencia em Gr. com várias expressões. *Phileo* é a palavra que comumente se emprega, e indica uma atração geral para com uma pessoa ou coisa. Em primeiro plano fica o significado de amor para com os parentes e amigos, mas a área inteira da afeição também se inclui com deuses, homens e coisas como objetos possíveis. *Philia*, destarte, denota “amizade”, “devoção”, “favor”; e *philos* é um “parente” ou “amigo”. Por contraste, *eros* é o “amor” que deseja ter ou tomar posse [...] No NT, porém, *agapao* e o subs. *ágape* tomaram um significado especial, sendo que se empregam para falar do amor de Deus ou modo de vida que nele se baseia.

<sup>739</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Co 13.4-8.

morto; um amor que é capaz de tomar sobre si o que há de aniquilador na dor e na alienação de si mesmo, porque tira a sua força da esperança na *creatio ex nihilo*.<sup>740</sup>

A vida sob a cruz aponta para isto: tira o foco de si mesmo (negue-se a si mesmo) e está pronta a doar-se (tome a sua cruz e siga-me). Este amor é extremamente necessário para a humanidade em geral, e de maneira específica para a família que tem um filho com uma deficiência. Se não houver esta perspectiva, o outro pode se tornar um “problema”, um “peso”, e daí, infelizmente, em muitos casos tirar-lhe a vida passa a ser uma possibilidade – como foi identificado pela pesquisa. Este viver em altruísmo, com alteridade, passa a ser o viver diário de muitos pais e familiares de pessoas com Autismo. As demandas, os cuidados, a atenção, o carinho e outras coisas necessárias e constantes na vida destas famílias, irão impulsioná-los a andar nesta direção, ou então, poderão correr o perigo de sucumbir.

Vivenciar essa perspectiva do amor pode tornar os desafios cotidianos das famílias não menos trabalhosos e cansativos, entretanto, com outro propósito. As demandas de cuidados causam desgastes naqueles que cuidam, porém com a perspectiva do amor, eles podem se renovar e prosseguir ante aos desafios constantes e duradouros que possuem. Para Moltmann, fé e amor são, por isso, atos atemporais que nos arrancam do tempo porque nos tornam inteiramente “presentes”.<sup>741</sup>

A vida autocentrada é o oposto daquilo que a vida sob a cruz propõe – vida “outrocentrada”. Remete-se aqui ao exemplo também da própria Trindade. A Trindade é completamente diferente disso. Em vez de termos pessoas centradas em si mesmas, o Pai, o Filho e o Espírito caracterizam-se em sua essência por um amor que se doa pelo outro. Nenhuma pessoa da Trindade insiste para que as demais girem em torno dela. Antes, de forma voluntária, cada uma delas envolve e gira em torno das demais.<sup>742</sup> Para Keller, se este mundo foi criado por um Deus triúno, relacionamentos de amor são a essência da vida.<sup>743</sup> E continua:

Por outro lado, se Deus existe, mas é unipessoal, houve um tempo em que Deus não era amor. Antes que Deus criasse o mundo, quando havia apenas uma pessoa divina, não havia a quem amar, pois o amor só pode existir em um relacionamento. Se um Deus unipessoal tivesse criado o mundo e os que nele habitam, tal Deus em essência não seria amor. Seria poder e grandeza, possivelmente, mas não amor. No entanto, se por toda a eternidade, sem que tenha havido início ou fim, a realidade suprema é uma comunhão de pessoas que conhecem e amam umas às outras, então a realidade suprema tem a ver com relacionamentos em amor.<sup>744</sup>

<sup>740</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 48.

<sup>741</sup> MOLTSMANN, Jurgén. *Teologia da esperança*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997, p. 46.

<sup>742</sup> KELLER, 2014, p. 27.

<sup>743</sup> KELLER, 2014, p. 28.

<sup>744</sup> KELLER, 2014, p. 28.

Andrade afirma que, por causa da comunhão indissolúvel entre Jesus e o Pai, é que a *kénosis*<sup>745</sup> diz algo a respeito de Deus em si mesmo como amor, como descentramento de si em direção ao outro. A *kénosis* revela a verdadeira intimidade do ser de Deus, uma comunidade de amor.<sup>746</sup> E continua, a *kénosis* de Jesus torna acessível o mistério antes escondido em Deus. Assim, por meio da vida *kenótica* de Jesus se revela que o esvaziamento tem suas raízes no Pai que se doa ao Filho e no Filho que se entrega sem reservas nas mãos do Pai.<sup>747</sup>

O Aconselhamento Pastoral, por meio desta perspectiva do amor, pode trazer alento, forças e direção para a família. Sabe-se que a vulnerabilidade está presente na vida de uma pessoa com Autismo, mas percebe-se que não é somente a pessoa com deficiência que tem estas vulnerabilidades, a própria família está fragilizada. O conselheiro pode ser útil tanto no aspecto de orientações por meio do seu falar, como pelo seu próprio exemplo de amor e cuidado. O amor (*αγαπη*) tem relação com o esvaziamento de si mesmo e o engajamento na vida do outro. Assim, o Aconselhamento Pastoral, por meio de seus instrumentos e do aconselhador (es), pode se tornar para a família a fagulha que tanto precisam para acender na vida deles o amor que necessitam constantemente. Isto tem a ver com a *kenosis* e a encarnação de Jesus. Tanto o conselheiro como a família podem fazer este movimento de *kenosis* e encarnação diante da situação.

Para Jon Sobrino, este enfoque dado à encarnação como afirmação de uma realidade coloca em destaque a solidariedade de Deus. Antes da cruz está a encarnação de Deus, sem a encarnação não é possível compreender a cruz.<sup>748</sup> O fato de Jesus ter morrido não é apenas uma decisão de Deus, independente da história, mas é consequência de uma decisão muito mais fundamental: a de encarnar-se numa situação. O fundamental então não é só a cruz, como final de uma vida, mas a aceitação que Jesus faz da situação”.<sup>749</sup> Por outro lado, o próprio Cristo morre como um Deus abandonado. Sua morte expressa a radicalidade da solidariedade de Deus. A cruz não revela Deus em sua majestade, mas em sua impotência, em seu contrário. Nas palavras de Moltmann: ‘É exatamente esta terceira dimensão da morte de Jesus, na qual ele morre abandonado por Deus, que a Teologia da Cruz precisa retomar e repensar até as suas últimas consequências’.<sup>750</sup>

<sup>745</sup> A palavra grega, *kenosis*, significa esvaziamento. No contexto bíblico é usada para referir-se ao fato de Jesus Cristo ter deixado o céu, se esvaziado da sua glória e ter vindo a este mundo.

<sup>746</sup> ANDRADE, 2016, p. 325

<sup>747</sup> ANDRADE, 2016, p. 325.

<sup>748</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 224 (431 p.) 1983, p.226.

<sup>749</sup> SOBRINO, 1983, p. 226.

<sup>750</sup> RODRIGUES, 1992, p. 41.

Havendo a *kenósis* (esvaziamento) e a encarnação (adentrar aquela situação) haverá a “cura” para diversos problemas. A cura também, conforme visto, pode ser interpretada como “cuidado”, e está entrelaçada a esta vida sob a cruz. Para que haja cuidado há necessidade de um doar contínuo. Da mesma forma, o amor é esta atitude sacrificial de doação contínua. De certa forma as duas virtudes, cuidado e amor, somam-se. Pode-se dizer que “quem ama cuida e quem cuida ama”.

Além dos desafios constantes, diários, duradouros que as famílias enfrentarão o medo também é outro problema. Medo do futuro; medo de não saber agir ou o que fazer diante de uma nova situação; medos e mais medos... Entretanto, o convite de Cristo acena para sair da casa do medo, e se mudar para a casa do amor: deixar para trás a possessividade, e trocá-la por um lugar de liberdade. Nouwen afirma que, o Verbo se fez carne e armou a sua tenda entre nós, para que Deus pudesse viver entre nós na casa do amor. E Jesus nos disse que Ele iria para o Pai, para preparar uma casa para nós; e assim podermos fazer nele o nosso lar, assim como Ele faz o seu lar em nós.<sup>751</sup> À medida que fixarmos nossos olhos diretamente naquele que diz “não temas”, poderemos, lentamente, abrir mão dos nossos medos.<sup>752</sup> O apóstolo João em sua primeira carta resume isto: “No amor não existe medo; antes o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor” (1 Jo 4.18). Este é um caminho que pode ajudar a trabalhar e vencer o medo.

Sendo assim, pode-se dizer que esta vida sob a cruz, vida em amor tem muito para contribuir com famílias lidam cotidianamente com filhos com Autismo. Nouwen diz que Adam só podia viver completamente se formássemos uma comunidade amorosa à sua volta. Seu grande ensinamento para nós foi: “Só posso viver se vocês me rodearem de amor e se vocês amarem uns aos outros. De outra forma, minha vida não tem sentido e transformo-me num peso”.<sup>753</sup> Talvez por isso, C.S. Lewis afirma: viver o amor de Deus de modo verdadeiro, não ilusório, é, portanto, vivê-lo na forma de nossa rendição à Sua exigência, nossa conformidade ao Seu desejo. Vivê-lo de modo oposto, é por assim dizer, uma violação à gramática do ser.<sup>754</sup>

---

<sup>751</sup> NOUWEN, 2002, p. 32.

<sup>752</sup> NOUWEN, 2002, p. 32.

<sup>753</sup> NOUWEN, 2000, p. 83.

<sup>754</sup> LEWIS, 2006, p. 61.

### 5.3.4 Esperança: virtude que permanece

Ainda que não esteja presente no que foi denominado de “aspectos centrais da Teologia da Cruz”, a esperança está atrelada a esta Teologia, por isso está relacionada juntamente com estes tópicos. O mesmo acontece com a ressurreição que será, na sequência, abordada. De acordo com as constatações apresentadas no capítulo primeiro, a angústia, a incerteza, a desesperança, a depressão, são alguns dos impactos na vida das famílias. Elas passam por momentos avassaladores. Eis uma das razões de uma busca intensa pela cura para seus filhos, pois, perante o quadro desconhecido bate muitas vezes o desespero. Isto torna estas famílias fragilizadas e susceptíveis até mesmo a procurar tudo aquilo que se apresenta como solução. O ditado popular com tom otimista “a esperança é a última que morre”, que se apresenta como conforto, no final das contas é desesperador, pois, declara que no final a esperança morre. A esperança carece de uma base firme e segura para se apoiar, doutra forma ela pode se tornar um problema a mais.

O vocábulo grego para esperança é *ἐλπις*. Significa esperança, expectativa confiante, alguma coisa ansiada<sup>755</sup>. No Antigo Testamento, esperança estava associada a duas ideias: a primeira, esperar, ter expectativa, e a segunda, confiar. A Bíblia é um livro de esperança por excelência. Na realidade, Deus é a própria personificação da esperança de Israel, tanto individual como coletivamente (Ver, Jer. 17.13; Sal. 71.5). Esperança é algo ligado diretamente ao caráter de Deus. O Senhor não é apenas a fonte de esperança, ele mesmo é a “esperança de Israel”. Por isso, no pensamento judaico, esperança não é uma ideia, mas uma Pessoa. O salmista Davi expressou isto da seguinte forma, eu, Senhor, que espero? Tu és a minha esperança<sup>756</sup>. Na visão cristã, esperança é a expectativa certa de um futuro favorável, um futuro que está sob o controle de Deus, que “age em todas as coisas para o bem daqueles que amam a Deus”<sup>757</sup>. Para Paulo a esperança transcende este mundo presente, ele afirma que, se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens<sup>758</sup>.

Segundo Moltmann, “o Deus da esperança”: isso é inusitado. Em nenhum outro lugar, no mundo das religiões, Deus está vinculado com as esperanças humanas de futuro. Por todos

---

<sup>755</sup> GINGRICH, 1984, p. 71.

<sup>756</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Sl 39.7.

<sup>757</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Rm 8.38.

<sup>758</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Co 15.19.

é conhecido o Deus que está no céu, que de eternidade a eternidade sempre tem sido o mesmo.<sup>759</sup> E prossegue, todavia, um Deus da esperança que está adiante de nós e caminha à nossa frente existe somente na Bíblia. Um Deus que não somente esteve aqui entre nós, que está e estará, mas também que vem (Ap. 1.4). Aqui se trata do Deus que, desde o futuro, vem ao nosso encontro. Isto é algo novo!<sup>760</sup>

No século XX o tema esperança foi novamente realçado e destacado especialmente pela obra do teólogo Jürgen Moltmann, em *“Teologia da Esperança”*. Nela Moltmann mergulha profundamente neste tema e traz à tona elementos essenciais para a compreensão e uma vida em esperança. Para Moltmann, em todo o NT, a esperança cristã se dirige para o ainda não visível, o “esperar contra a esperança” que julga o visível e experimentável como uma realidade abandonada por Deus a ser superada. A contradição, em meio à qual a esperança coloca o ser humano frente à realidade de si mesmo e do mundo, é a contradição entre a ressurreição e a cruz<sup>761</sup>. Para ele, a fé une o ser humano a Cristo, a esperança abre essa fé para o vasto futuro de Cristo. Por isso, a esperança “é a companheira inseparável” da fé<sup>762</sup>. Moltmann cita Calvino ao discorrer sobre este seu pensamento:

Se faltar a esperança, por mais que falemos da fé de forma genial e eloquente, podemos estar certos de que não temos nenhuma! A esperança nada mais é do que a espera das coisas que, conforme a convicção da fé, foram por Deus realmente prometidas. Assim, a fé está convencida de que Deus é veraz; e a esperança espera que ele, a seu tempo, revele sua verdade; a fé tem certeza de que ele é nosso Pai, e a esperança espera que ele sempre se mostrará como tal a nós; a fé está persuadida de que nos é dada a vida eterna, a esperança espera que ela um dia nos será manifestada; a fé é o fundamento sobre o qual descansa a esperança, e a esperança alimenta e sustenta a fé. Ninguém pode esperar qualquer coisa de Deus, se antes não crer em suas promessas; mas, ao mesmo tempo, nossa fraca fé, para não desfalecer pelo cansaço, deve ser sustentada e conservada, a fim de que pacientemente esperemos e aguardemos. A esperança renova e vivifica a fé sempre de novo e cuida para que sempre de novo se levante mais forte; para perseverar até o fim (CALVINO, *Institutio*, III 2, 42).<sup>763</sup>

A esperança é capaz de nutrir e produzir aquilo que é essencial para a pessoa enfrentar com resiliência e coragem os mais diversos reveses que na vida pode-se encontrar. Isto faz com que a pessoa diante de uma situação humanamente inexplicável e deplorável, possa tomar a atitude de batalhar e lutar por aquela e naquela situação, ao invés de fugir. A fuga geralmente está atrelada a falta de esperança. Para Moltmann, crer significa transpor, com esperança

<sup>759</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Vida, esperança e justiça; um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008, p. 48-49, apud BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 46-48.

<sup>760</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 46-48.

<sup>761</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 33.

<sup>762</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 35.

<sup>763</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 36.

antecipadora, os limites que foram rompidos pela ressurreição do crucificado. Se tivermos isso em mente, a fé nada tem a ver com a fuga do mundo, resignação e desistência<sup>764</sup>. Por outro lado, a falta de esperança, isto é, a desesperança conforme Moltmann pode tomar dois caminhos: presunção ou desespero. A presunção é uma antecipação inoportuna, arbitrária, do cumprimento daquilo que se espera de Deus; o desespero é a antecipação inoportuna, arbitrária, do não-cumprimento do que se espera de Deus<sup>765</sup>. A dor do desespero consiste precisamente em haver uma esperança, mas o caminho para o cumprimento da mesma estar fechado. Assim, a esperança suscitada se levanta contra aquele que espera e o consome<sup>766</sup>. E conclui:

O desespero de toda esperança nem mesmo precisa apresentar uma face desesperada. Ele pode ser a simples e silenciosa ausência de sentido, de perspectiva, de futuro, de ideal. Pode ter o rosto da sorridente renúncia: *bonjour tristesse* [bom dia, tristeza]! O que resta é um certo sorriso depois de se ter percorrido a gama das possibilidades e nada ter encontrado que possa dar ocasião à esperança. O que sobra é o *taedium vitae*, uma vida que ainda se suporta por pouco tempo.<sup>767</sup>

O Aconselhamento Pastoral trabalha com a esperança em todo tempo. As famílias que têm filhos com Autismo anseiam por esperança. No aconselhamento a esperança começa desde o momento em que se coloca ao lado da pessoa, ouve-se com cuidado, perpassa a fala do aconselhador, aliás, quando há sabedoria no falar vidas se enchem de esperança. Esta esperança se materializa na solidariedade, no acolhimento, na restauração daquelas pessoas. As famílias estão sofrendo não sabendo o que tem pela frente, pois desconhecem o futuro e tudo é uma incógnita. Mas, a esperança que vem do Deus que esteve crucificado lembra que ele está ali presente, junto na caminhada. Traz consolo e fortalecimento! O ministério da consolação é, pois, o ministério da vida; é o ministério de transmitir vida e de lutar contra a morte e os seus sinais. Para Carlos José Hernandez, consolar é lançar fora a morte que procura apoderar-se do próximo. Consolar é atender àquele que tem medo, angústia, depressão, apatia, vícios, ao que chora, ao que sente dor, frustração ou desespero. Consolar é levar vida<sup>768</sup>. De acordo com Moltmann:

Se o Cristo crucificado tem um futuro, existe, por certo algo novo que podemos esperar. A esperança cristã não pode frustrar o ser humano no presente porque ela é a verdadeira felicidade do presente. Ela provoca o ser humano a viver intensamente a sua vida. Sua vida se projeta para o futuro do mundo, que se realiza juntamente com o futuro de Cristo. Não, a esperança não vem de predições positivas sobre a situação do mundo, tampouco a fé. A esperança também não depende dos altos-e-baixos da nossa vida diária. Antes, a esperança tem a ver com Deus. Temos esperança e gozo em nossa fé porque cremos que, embora o mundo em que vivemos jaz envolto em trevas, Deus triunfou sobre este

<sup>764</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 35.

<sup>765</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 38.

<sup>766</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 39.

<sup>767</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 39.

<sup>768</sup> HERNÁNDEZ, Carlos José. *O lugar do sagrado na terapia*. São Paulo: Nascente/CPPC, 1986, p. 24.

mundo. Jesus disse: “No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16.33). Seguimos alguém que não está limitado nem derrotado pelos sofrimentos do mundo.<sup>769</sup>

Daí, advém a esperança que pode dar um novo poder para viver, nova força. Nouwen diz, “encontramos uma forma, mesmo na tristeza, na doença e até na morte, de jamais esquecer como de ter esperança.”<sup>770</sup> Conforme Moltmann, essa espera futura, colocada pela escatologia cristã como a parusia, arranca-nos do tempo e nos arremessa rumo à eternidade. Quando isto acontece o ser humano começa a viver em harmonia já no seu presente, sua contemporaneidade se transforma em eternidade. E sintetiza dizendo:

Tudo aquilo que foi prometido, através da esperança cristã, abre-se como realidade histórica. O escatológico penetra na história e a transforma. Nesse momento, o amor que é filia, converte-se em amor ágape; o que era desigual se torna igual; o que era distante se torna próximo. A esperança cristã chama a si aqueles que foram excluídos e abandonados, os fatigados e sobrecarregados, os rebaixados e atormentados, os famintos e moribundos, porque sabe que para esses existe a parusia e a realidade do Reino de Deus. “Pela esperança, o amor mede as possibilidades que lhe foram abertas na história. Pelo amor, a esperança tudo encaminha para as promessas de Deus”. Aqui não temos apenas a fé e a esperança, mas as três virtudes teológicas cristãs concomitantemente: fé, esperança e caridade.<sup>771</sup>

Moltmann ressalta ainda que, por outro lado, a esperança torna a vida agradável, pois, esperando, o ser humano pode aceitar todo o seu presente e encontrar prazer não só na alegria, mas também no sofrimento, e bem-estar não só na felicidade, mas também na dor.<sup>772</sup> Para ele, dessa forma, a esperança atravessa felicidade e dor, porque é capaz de ver um futuro também para o que passa, o que morre e o que está morto, futuro que está nas promessas de Deus. Por isso, se poderá dizer que viver sem esperança é como não viver mais.<sup>773</sup> Nesse sentido somente a esperança pode ser chamada de “realista”, porque somente ela toma a sério as possibilidades que impregnam tudo o que é real. Ela não toma as coisas na sua estática ou inércia, mas considera a forma como caminham, se movem e são mutáveis em suas possibilidades.<sup>774</sup> Assim, o desespero que pensa ter chegado ao fim, aparece como ilusório, pois nada ainda está no fim, mas tudo se acha repleto de possibilidades<sup>775</sup>. No meio da angústia que pessoas que têm filhos com Autismo tendem a viver, podem, por outro lado, se encherem de possibilidades, se fortalecerem e se apegarem a esta viva esperança. Não como mero discurso, mas como algo

<sup>769</sup> NOUWEN, 2002, p. 50.

<sup>770</sup> NOUWEN, 2002, p. 61.

<sup>771</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997, p. 33, apud KUZMA, Cesar Augusto. A esperança cristã na “teologia da esperança”: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança.

<sup>772</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 49.

<sup>773</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 49.

<sup>774</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 41.

<sup>775</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 41.



real e vívido. E dessa esperança que o Aconselhamento Pastoral lançara mão para contribuir com as famílias. A Teologia da Cruz, portanto torna a vida esperançosa com este entendimento.

A esperança é superior à angústia. “A angústia é a irmã natural e inevitável da esperança”<sup>776</sup>. A angústia – *anxietas* (latim) -, contrariamente, amarra a garganta de uma pessoa e sufoca-a. Este é o sentimento, a sensação que se constata por meio dos relatos das famílias. A esperança – *Spes* (latim) – pelo contrário, faz respirar livremente. A angústia faz ficar fraco, pequeno e feio. Na força da esperança, porém, ergue-se a cabeça e aprende-se a andar em pé. Têm-se angústia frente à prisão e à morte. A esperança, no entanto, quer vida e liberdade<sup>777</sup>. Enquanto a esperança não penetrar e modificar o pensamento e a ação do ser humano, ela continuará inútil e ineficaz. Por isso, a escatologia cristã deve tentar trazer a esperança para o pensamento do ser humano, e o pensamento, para a esperança da fé.<sup>778</sup>

Fernandes faz a seguinte afirmação: com uma intervenção precoce, é certamente possível ajudar os pais a sentirem mais esperança quanto ao futuro dos seus filhos.<sup>779</sup> E de fato, o quanto mais cedo se diagnosticar e entrar com intervenção, mais esperança para um desenvolvimento melhor para as pessoas com Autismo. Porém, pode-se ir muito além disto para trazer esperança para as famílias. A esperança pode ser concretizada na vida destas famílias de várias formas:

- Por meio de pessoas que são capazes de juntar-se a estas famílias nos momentos de crise e desespero e trazem conforto, se fazem presentes, ouvem e falam com prudência;
- Através de entidades sérias que prestam serviços competentes, mas principalmente entendem e respeitam a vulnerabilidade e a dignidade humana;
- Com uma parceria respeitosa e mútua da família e dos profissionais que acompanham a pessoa com Autismo e as famílias, numa busca conjunta para fazer o melhor para a pessoa com Autismo e também a família;
- Com ações governamentais que promovem a inclusão em todos os segmentos da sociedade, ouvindo principalmente a voz das pessoas com deficiência e suas famílias, e estabelecem leis e prezam pelos direitos das pessoas com Autismo (e das pessoas com deficiência);

---

<sup>776</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 54.

<sup>777</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 53.

<sup>778</sup> MOLTSMANN, 1997, p. 50.

<sup>779</sup> FERNANDES, 2010, p. 52.

- Por meio de igrejas que têm uma visão ampla do reino de Deus e acolhem, cuidam (curam) e se solidarizam com as famílias. Fazem do espaço comunitário um local inclusivo, informativo e promovem a convivência sem preconceito e sem lançar culpa sobre as famílias. É um ambiente composto de pessoas que promovem a graça, a compaixão e a misericórdia;
- E sem dúvida, por meio do próprio Deus da esperança, o qual por meio da cruz trouxe e pode trazer uma nova perspectiva de vida, mesmo em meio ao sofrimento.

Destarte, o Aconselhamento Pastoral, respaldado pela esperança que vem do Cristo Crucificado, que ressuscitou pode transbordar de esperança, apontado que nem mesmo a morte foi capaz de deter o Filho de Deus. Conforme Fernandez, “o paradoxo da expectativa (esperança) é que aqueles que creem no amanhã viverão melhor o hoje...”<sup>780</sup>

### 5.3.5 No horizonte da cruz: ressurreição

A Teologia da Cruz perpassa todo o sofrimento, não o ignora em momento algum, mas desencadeia-se na ressurreição. “Ele não está aqui, porque já ressuscitou como havia dito”<sup>781</sup>, foram as palavras do anjo às mulheres que foram ver o sepulcro aonde Jesus foi sepultado. Quanto a isso, Dutra afirma que a ressurreição é a base, o valor e a motivação da religião cristã. Cristo passou pela cruz. Conforme Dutra, a cruz purificadora, sem masoquismo, é a esperança da vitória. A vitória é a ressurreição que transforma e sublima corpo e alma. A ressurreição realiza nosso sonho de felicidade, de filho de Deus, para sempre.<sup>782</sup>

O teólogo da cruz envolve-se em uma teologia de esperança cruciforme e realista, sempre esperando o inesperado de um Deus cuja revelação está oculta em seu aparente oposto.<sup>783</sup> Para Paulo, “de fato Cristo ressuscitou e foi feito as primícias dos que dormem” (1 Cor 15.20). Na Teologia, a ressurreição de Cristo é a garantia da ressurreição daqueles que creem para a vida eterna. Ele levantou-se dos mortos como primícias de todos aqueles que um dia ouvirão de seus túmulos a voz de Deus e sairão. Paulo afirma que se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e vã a nossa fé. Se Cristo não ressuscitou ainda permanecemos nos nossos

<sup>780</sup> FERNANDES, 2010, p. 61.

<sup>781</sup> BÍBLIA SAGRADA, 2002, Mt 28.6.

<sup>782</sup> DUTRA, 2005, p. 12.

<sup>783</sup> HELMER, 2013, p. 261.

pecados e os que dormiram em Cristo pereceram. Se Cristo não ressuscitou somos falsas testemunhas de Deus e nossa esperança está fadada ao fracasso total.

Conforme Paulo (1 Co 15), haverá um corpo incorruptível, glorioso, espiritual e celestial, semelhante ao corpo de Cristo da sua glória no reino eterno dos céus. O corpo surrado pela doença, debilitado pelo peso dos anos, timbrado por fraquezas e deficiências se revestirá de uma beleza indescritível, de uma perfeição indizível e de uma glória inefável. Isto aponta para um dia em que todos aqueles que são de Cristo também serão vivificados. Keller destaca dois aspectos importantes quanto a ressurreição: A ressurreição significa que podemos olhar adiante, com esperança, para o dia em que nosso sofrimento terá um fim<sup>784</sup> [...] Vê-lo com aquelas marcas fazia com que se lembrassem do que Jesus fizera por eles – e que as cicatrizes que eles pensaram ter arruinado suas vidas, na verdade, tinham-nas salvado. A lembrança daquelas cicatrizes ajudaria muitos deles a enfrentar suas próprias crucificações.<sup>785</sup>

Segundo Keller, o primeiro aspecto nos remete ao futuro quando um dia o sofrimento, conforme os textos bíblicos terão fim. Isto se dará no reino eterno com Jesus Cristo. O segundo aspecto fala das marcas que ficam da crucificação. Elas permaneceram em Jesus mesmo depois de sua ressurreição. Isto ajudou muito os discípulos enfrentarem suas “crucificações”. De acordo com Moltmann, conforme havíamos constatado, a esperança da ressurreição não ilumina apenas o que está na frente, o futuro de Deus, enquanto ele propaga a manifestação do Espírito nas antecipações. Ele também lança luzes no que ficou para trás, no mistério do sofrimento e morte do Senhor exaltado<sup>786</sup>. E prossegue, assim como temos, nas aparições do Ressuscitado, a revelação do seu futuro em Deus e sua missão para o futuro de Deus, é igualmente preciso, retrospectivamente, ter revelado o significado da cruz e seu caminho até ela.<sup>787</sup>

Estes dois aspectos da ressurreição iluminam duas coisas fundamentais para famílias que têm filhos com Autismo e que tem a ver com as seguintes indagações: o que esperar do futuro? E o que fazer com o presente? O Aconselhamento Pastoral, tendo como fundamento a ressurreição de Jesus (Teologia da Cruz) pode trabalhar estas duas nuances. Quanto ao futuro pode lembra-los das promessas da ressurreição, da glorificação do corpo, da vida no reino com Cristo. Pode também apontar para o fato que todo e qualquer sofrimento, por mais doloroso e duradouro que seja um dia terá fim. Ele não permanece para sempre, é efêmero. Assim como a

---

<sup>784</sup> KELLER, 2014, p. 256.

<sup>785</sup> KELLER, 2014, p. 256.

<sup>786</sup> MOLTMANN, 2014, p. 231.

<sup>787</sup> MOLTMANN, 2014, p. 231.

vida aqui neste mundo é transitória, comparada a sombra, a neblina. João no seu livro do Apocalipse lembra que “Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor: por que já as primeiras coisas são passadas”<sup>788</sup>. Para Watson, é difícil porque pensamos que esse mundo caído é o único que teremos. É fácil sentir como se o dinheiro fosse a única riqueza que teremos, como se este corpo fosse o único que teremos. Contudo, se Cristo ressuscitou, então nosso futuro é muito mais brilhante, e muito mais certo do que isso.<sup>789</sup> C. S. Lewis ao falar desse aspecto vindouro da ressurreição e do céu aponta algo importante, “Deus, contudo, olhará para cada alma como o seu primeiro amor porque Ele é seu primeiro amor, e seu lugar no céu parecerá ser feito para você, e só para você, porque você foi feito para Ele – ponto por ponto, como a luva é feita para a mão”<sup>790</sup>.

O segundo aspecto envolve o presente. Quanto a isso, a Teologia da Cruz lembra que o Cristo crucificado e ressuscitado carrega as marcas de tudo quanto sofreu. As marcas indicam que a morte, o sofrimento, a crucificação, ficaram registrados para sempre. O Aconselhamento Pastoral pode lançar mão deste aspecto para lembrar que, aquilo o Salvador fez por eles, que estas marcas não arruinaram a vida do Cristo, mas trouxe salvação, cura. Sendo assim, aquilo que lhes acontece, por maiores que forem as cicatrizes que ficarem, pode trazer sanação, cura que pode transformá-los. As cicatrizes lembram e se tornam o motivo de alento para que todos os que passam pelo sofrimento saibam que Jesus também passou, mas venceu, triunfou, ressuscitou!

Para Stott, como pode alguém olhar para a cruz e ver somente a vergonha do que fizemos a Cristo, em vez da glória do que ele fez por nós? <sup>791</sup> Watson afirma que:

Finalmente, devemos observar que o auge da obra de Cristo, onde a derrota dos tiranos é selada irrevogavelmente, é atingido na Cruz e na Ressurreição. A Cruz e a ressurreição são para Lutero inseparavelmente uma coisa só. Toda a vez que fala de uma, o pensamento da outra é, com certeza, subentendida. Ele pode atribuir a vitória de Cristo à cruz, onde Cristo, diz ele, “realizou a sua maior obra e venceu o pecado, a morte, o mundo, o inferno, o diabo e todo o mal”. Ele também pode atribuí-la à ressurreição, dizendo que “ressuscitou novamente a fim de nos fazer justos e, ao fazê-lo, venceu a lei, o pecado, o inferno e todos os males”.

E prossegue:

Aqui, a batalha decisiva no conflito cósmico entre Deus e as forças do mal foi alcançada. O êxito final da guerra está certo, embora o fim ainda não tenha vindo. Cristo triunfará, porque ele triunfou e faz todos os crentes participantes de sua vitória. É, pois, para o Cristo crucificado e ressuscitado que Lutero quer que olhemos, se quisermos encontrar

<sup>788</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, Ap. 21.4.

<sup>789</sup> KELLER, 2014, p. 255.

<sup>790</sup> LEWIS, 2006, p. 165.

<sup>791</sup> STOTT, 1991, p. 88.

o conhecimento verdadeiro e salvador de Deus. “Essa imagem e espelho”, ele diz, “devemos ter continuamente à nossa frente e contemplá-la com um firme olhar da fé”. É esse o coração de sua teologia crucis, onde a Encarnação e a Expição, a Redenção e a Revelação são todas uma coisa só, e todas são a própria obra de Deus.<sup>792</sup>

Para Gourghes, sendo assim, apesar do sofrimento ser presente, a perspectiva não é: busquemos o sofrimento para imitar o Senhor. Mas antes: já que temos que sofrer, sofram os então como o Senhor; e, tendo que sofrer, nós sofremos com ele, com ele reinaremos.<sup>793</sup> Conforme Moltmann, retomar a teologia da cruz hoje significa evitar a parcialidade da tradição e compreender o Crucificado à luz e no contexto da sua ressurreição e consequentemente da liberdade e esperança.<sup>794</sup>

#### 5.4 A Teologia da Cruz e os seus frutos

Uma vida centrada na cruz então aponta para este viver pela fé no Deus abscondido que, consequentemente conduz a uma vida em amor a Deus e ao próximo, nutrida a cada dia por uma viva esperança no Deus da esperança, que se humilhou, foi até a cruz, morreu, foi sepultado, mas ressuscitou gloriosamente! Esta forma de enxergar a Teologia da Cruz pode dar certos subsídios que auxiliam o Aconselhamento Pastoral na sua missão. Estas vidas centradas na cruz são impactadas por tudo aquilo que Cristo fez ali, por isso podem produzir determinados frutos. O impacto do Autismo na vida das famílias pode trazer muitas dores, porém, o impacto da cruz pode trazer muitos frutos. Conforme o apóstolo Paulo: “Vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim”. Esse viver, embora tenha tido no caminho muitas lutas, aflições, provações, sofrimentos, trouxe para Paulo uma vida frutífera. Estes frutos não eram restritos e limitados a valores materiais, passageiros e superficiais. Eles foram construídos e forjados por algo muito mais valioso, precioso, e por isso tiveram um valor bem maior.

Conforme tem sido observado até aqui, todos aqueles que estão envolvidos na situação – a família, cuidadores, conselheiros, entre outros – se doarão e contribuirão muito, não obstante, serão impactados com as situações com as quais se deparam, ou seja, todos acabam doando-se altruisticamente, por outro lado, recebendo muito. É uma via de mão dupla. No caso específico desta tese, percebe-se que os frutos podem nascer e florescer em todos aqueles que entram verdadeiramente em contato com a pessoa com Autismo – pais, família, cuidadores -,

<sup>792</sup> WATSON, 2005, p. 185.

<sup>793</sup> GOURGHES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 77.

<sup>794</sup> MOLTMANN, 2014, p. 20.

ou outras pessoas que se envolvem – parentes, amigos, comunidade, conselheiro, entre outros. Nouwen contribui quando afirma, “só assim Adam e seus ajudantes cresceriam em reciprocidade e fecundidade. Só assim nosso cuidado com Adam não era um peso, mas privilégio, pois o cuidado dele conosco frutificava em nossas vidas.”<sup>795</sup>

Pretende-se agora destacar alguns dos frutos que podem florescer na vida de pessoas que, direcionam suas vidas com este enfoque dado até aqui.

#### 5.4.1 Resiliência

Conforme Carmem Lúcia Dias dos Santos Trindade a palavra resiliência ainda é bem pouca conhecida, usada formal ou informalmente até mesmo nos meios acadêmicos nas áreas de Psicologia, Sociologia, Educação ou Teologia.<sup>796</sup> A origem do conceito, de acordo com Rocca, situa-se com as psicólogas norte americanas Emmy Werner e Ruth Smith que, a partir de 1955, estudaram, ao longo de 32 anos, mais de quinhentos indivíduos de 0 a 2 anos, na ilha de Kauai (Hawaii). A maioria tinha padecido de pobreza extrema, sendo que uma terceira parte deles teve outros sofrimentos, como, a dissolução do vínculo parental, alcoolismo, abuso, estresse etc. Dessas duzentas crianças em situação de risco, contrariamente ao que se suporia, 34%, isto é, 72 casos não manifestavam perturbações como consequência dos fatores de risco e das situações traumáticas da vida.<sup>797</sup>

A resiliência convida a olhar positivamente para as pessoas que passaram por situações de risco e adversidades sérias para modificar as práticas educativas, o enfoque do trabalho social ou da área da saúde, do trabalho pastoral ou de orientação, começando por observar, identificar e melhor utilizar essa capacidade humana, naqueles que sofrem.<sup>798</sup> A resiliência não é uma técnica nem uma solução mágica. É um saber interdisciplinar, para o qual convergem diferentes áreas e setores: Ciências Sociais, Ciências da Saúde, Economia e Administração, entre outras, mas que deveria também ser pesquisada nas áreas do Direito e da Teologia Prática.<sup>799</sup> Há, no entanto, poucos autores que se detêm para descrever como a fé, a espiritualidade, ou a pertença a um grupo, comunidade ou instituição religiosa influenciam na hora da superação das

<sup>795</sup> NOUWEN, 2000, p. 55.

<sup>796</sup> TRINDADE, Carmem Lúcia Dias dos Santos. *A síndrome de Down e a resiliência: uma análise teológica*. São Leopoldo: Dissertação de Mestrado, Faculdades EST, 2014, p. 31.

<sup>797</sup> TRINDADE, 2014, p. 32.

<sup>798</sup> TRINDADE, 2014, p. 33.

<sup>799</sup> TRINDADE, 2014, p. 33.

dificuldades e sofrimentos dessas pessoas.<sup>800</sup> É verdade que há vários trabalhos nas áreas da Pedagogia, Psicologia, Saúde, entre outras, com menções ao assunto, contudo não se encontra – na literatura pesquisada – nenhum estudo relacionado especificamente ao campo pastoral.<sup>801</sup>

Entretanto, destaca-se nesta tese que a resiliência pode ser encontrada como fruto na vida de muitas famílias que têm filhos com deficiência – Autismo. Famílias que têm filhos com Autismo são diariamente colocadas à prova frente aos mais diversos desafios. Elas lutam com questionamentos internos, barreiras e pressões externas, nas mais variadas situações. Tudo isso pode levar a exaustão e perplexidade, se não houver uma perspectiva correta e os elementos necessários para o fortalecimento e o enfrentamento da família naquela situação. Por outro lado, quando há bons subsídios que norteiam estas famílias, a resiliência pode florescer. Conforme Walsh, “tanto a resiliência familiar quanto a resiliência comunitária podem ser alimentadas se nós, enquanto profissionais de ajuda atingirmos as pessoas com condições de incapacidade e suas famílias, respeitarmos a sua dignidade e trabalharmos para criar apoios ampliados viáveis, familiares e sociais.”<sup>802</sup> Ela reforça que, a lição daqui extraída é que nossos esforços para manter a resiliência devem ser baseados nas relações: precisamos sair das falsas expectativas de autoconfiança na vida *independente* para programas que estimulem o funcionamento e o espírito por intermédio da vida *interdependente*.<sup>803</sup>

De certa forma, o que Walsh aponta é para uma vida em amor. Pessoas que deixam de ser independentes para serem interdependentes, assim como é a Trindade – giram em torno do outro. A resiliência pode ser regada quando pessoas são respeitadas em sua dignidade, amadas, cuidadas e mecanismos de apoio são construídos para fortalecer estas famílias. Dessa forma, no solo “outrocentrado” – pautado pelo amor – a vida interdependente se sustenta, se edifica, se fortalece. Então, o fruto da resiliência pode surgir.

O exemplo a seguir aponta para alguém que aprendeu a resiliência perante um quadro de sofrimento do filho. Luiz Cruz Villalobos compôs esta canção no ano de 2003 por ocasião de um convite para falar sobre resiliência, justamente em meio a uma etapa crítica da doença de seu filho menor, Maximiliano, que faleceu em 2004.

---

<sup>800</sup> TRINDADE, 2014, p. 34.

<sup>801</sup> TRINDADE, 2014, p. 34.

<sup>802</sup> WALSH, 2005, p. 224.

<sup>803</sup> WALSH, 2005, p. 224.

Canção.<sup>804</sup>

Eu de qualquer modo continuarei

Se perder minhas mãos,

eu de qualquer modo continuarei.

Se perder meus olhos,

eu de qualquer modo continuarei.

Se perder meu peito,

se perder meu sangue,

eu de qualquer modo continuarei.

Ainda que não veja o sol,

eu de qualquer modo continuarei.

Ainda que o solo se mova,

eu de qualquer modo continuarei.

Ainda que a alma se inunde,

ainda que o céu se afaste,

eu de qualquer modo continuarei.

Porque tu me sustentas,

bom Deus.

Apesar de toda a chuva,

eu de qualquer modo continuarei.

Apesar de todo o cansaço,

eu de qualquer modo continuarei.

Apesar de todas as feridas,

apesar de todo o deserto,

eu de qualquer modo continuarei.

Porque tu me sustentas,

bom Deus.<sup>805</sup>

---

<sup>804</sup> VILLALOBOS, Luis Cruz. *Resiliência: uma novidade antiga*. In: SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008, p. 191.

<sup>805</sup> VILLALOBOS, 2008, p. 183-191.



### 5.4.2 Felicidade

De acordo com Kreeft, está aqui em discussão neste ponto muito mais que o uso de uma palavra - felicidade. Discute-se, para muitas pessoas, a mais importante questão do mundo, aquilo que dá significado à vida. Qual é a nossa finalidade? O que é felicidade?<sup>806</sup> Conforme Kreeft, “respondendo modernamente: sentir-se bem; respondendo à maneira dos antigos: ser bom. Sentir-se bem não é compatível com o sofrimento; ser bom é. Portanto, o fato de sofrer afeta-nos muito mais que os antigos.<sup>807</sup> Conforme a sabedoria dos antigos, ser feliz é ser bom! Sendo assim, por esta definição, Jó em seu monturo era feliz. Sócrates, condenado à morte era feliz. Hitler, gabando-se por ter conquistado a França, não era feliz. Felicidade não é uma jovem amável. Felicidade é bondade.<sup>808</sup>

Conforme Kreeft, segundo os padrões antigos, Deus deve ser bom deixando-nos sofrer, se é em benefício de uma finalidade maior da felicidade, perfeição de vida, caráter e alma.<sup>809</sup> Assim, para o pensamento antigo, sofrimento e crença em um Deus bom andam juntos, porque um bom Deus pode muito bem sacrificar nossa felicidade subjetiva em favor de nossa felicidade objetiva. Contudo, o pensamento moderno acha difícil tal distinção (entre felicidade subjetiva e objetiva); por isso, acha difícil acreditar em um bom Deus que nos deixa sofrer.<sup>810</sup>

Cloninger considera que “felicidade” é a expressão que traduz a compreensão coerente e lúcida do mundo; ou seja: a felicidade autêntica requer uma maneira coerente de viver.<sup>811</sup> Em uma pesquisa realizada em 2006 – “Felicidade: uma revisão” - conclui-se que a felicidade é um fenômeno predominantemente subjetivo, estando subordinada mais a traços de temperamento e postura perante a vida do que a fatores externamente determinados.<sup>812</sup>

Keller cita em seu livro um estudo feito em 7 de janeiro de 2007 e publicado pela revista New York Times publicou um artigo muito interessante, intitulado “Felicidade 101”. O artigo descrevia a psicologia positiva, um ramo da psicologia que busca adotar uma abordagem

---

<sup>806</sup> KREEFT, 1995, p. 74.

<sup>807</sup> KREEFT, 1995, p. 74.

<sup>808</sup> KREEFT, 1995, p. 74.

<sup>809</sup> KREEFT, 1995, p. 74.

<sup>810</sup> KREEFT, 1995, p. 75.

<sup>811</sup> Cloninger, C.R. - *Feeling good: the science of well-being*. Oxford University Press, New York, 2004, apud, FERRAZ. Renata Barbosa (et. alt.) *Felicidade: uma revisão Happiness: a review*. 2007. Rev. Psiq. Clín 34(5); 234-242.

<sup>812</sup> FERRAZ. Renata Barbosa (et. alt.). *Felicidade: uma revisão*. 2007. Rev. Psiq. Clín 34(5); 234-242. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34n5/a05v34n5.pdf>.

científica e empírica diante daquilo que faz as pessoas felizes. Estudiosos dessa área descobriram que, se a pessoa volta seu foco para fazer e possuir coisas que lhe dão prazer, isso não a levará a ser feliz, mas gerará o que um dos estudiosos chamou de “rotina hedonista”. A pessoa se tornará viciada em prazer e sua necessidade de coisas que lhe tragam prazer será cada vez maior: terá sempre que fazer mais e mais. Nunca se satisfará, nunca será realmente feliz. Segundo o artigo, pesquisas científicas mostraram que a melhor forma de ser mais feliz é, na verdade, praticando atos de abnegada bondade, é entregando-se em favor dos necessitados. O principal objetivo do pesquisador era demonstrar que “existem maneiras de viver que (segundo as pesquisas demonstram) levam a melhores resultados”. Alguns desses resultados são “relacionamentos íntimos e amor”, “bem-estar” e “sentido e propósito de vida”. O pesquisador apontou que uma vida abnegada de serviço ao próximo dá à pessoa um senso de sentido, de ser útil, de ter valor, de ter uma vida que importa.<sup>813</sup>

Nas Escrituras Sagradas a palavra usada para felicidade<sup>814</sup> é bem-aventurança. As bem-aventuranças (Mt 5), falam da nossa relação com Deus (felizes os humildes de espírito e os que choram), com o próximo (felizes os misericordiosos, os pacificadores e os perseguidos por causa da justiça), e com nós mesmos (felizes os mansos e os puros de coração). Elas estão relacionadas não há um lugar que se chega, mas à maneira como se vive. Foram relacionadas por Jesus ao que somos (perante Deus e nós mesmos) e a atitudes para com o próximo de amor, entrega, doação, abnegação. Portanto, para Jesus, a vida bem-aventurada - feliz - está vinculada a uma vida que se doa, que faz o bem, que ama de maneira altruísta. Eles se doam, sacrificam-se, fazem o bem.

Conforme os antigos, pesquisas recentes, e Jesus, pode-se dizer que, a felicidade está atrelada a uma vida coerente, a uma postura correta perante a vida, ser bom, e a uma vida de bondade abnegada de serviço ao próximo. Nesse sentido têm-se uma relação entre felicidade e uma vida pela fé, uma vida em amor e esperança. A vida pela fé pode resultar numa vida que produz boas obras, isto é, faz o bem. A vida em amor é abnegada, e pratica a bondade de forma altera e altruísta. A esperança tem uma postura correta perante a vida. Portanto, por meio desta compreensão, pode-se afirmar que a felicidade pode vir como fruto de uma vida centrada na cruz.

---

<sup>813</sup> KELLER, 2014, p. 176.

<sup>814</sup> TAYLOR, 1986, p. 130.

Dutra nos dá um belo exemplo prático de famílias que vivem dessa forma: “às vezes, permanece um mistério ao qual Deus tem direito. Mas Deus tem sempre a última palavra. Conheci pais que superaram os traumas e no final, além do grande afeto ao filho com deficiência, consideram-se felizes e abençoados. E não é caso raro.”<sup>815</sup> (Grifo nosso)

#### 5.4.4 Cura

No caso de pessoas com deficiência (em específico Autismo), na grande maioria dos casos, a cura não se dará no sentido literal, físico. A cura acontece num sentido muito mais amplo (como já tem sido observado pela pesquisa). Não é uma ação supostamente “milagreira”, pontual e enganosa. Mas é uma atitude provinda do amor e do cuidado que “cura” muitas feridas e aperfeiçoa vidas, almas e caráter. A busca pela cura que muitas famílias empreendem normalmente estava voltada especificamente ao físico, a saúde do corpo. A Teologia da Cruz aponta para uma cura muito maior: do coração, da alma, da atitude, do egoísmo, do hedonismo, do preconceito, de pessoas ensimesmadas, de valores que transcendem muito aqueles que pautam a sociedade atual – riqueza, levar vantagem, saúde, individualismo exacerbado. Nouwen diz que, “percebi que a cura começa quando tiramos nossa dor do isolamento diabólico e passamos a ver que, por mais que soframos, sofreremos em comunhão com toda a Humanidade, bem como toda a Criação de Deus. [...] Nossa pequena vida participa de algo muito maior.”<sup>816</sup> Para Dun, quanto mais eu aprecio a boa saúde e a transformo num requisito para ser feliz, mais torno-me escravo das instabilidades da vida e da imprevisibilidade do meu corpo. Se no processo de crescimento passei a acreditar que “prosperidade” é a norma do meu direito, sofrerei um impacto ao me chocar contra o muro da realidade.<sup>817</sup> E conclui, “levarei tempo para me recuperar desse ataque surpresa contra minhas crenças. Então, gradualmente começo a me recuperar, aprendendo que “prosperidade” não é pré-requisito para a verdadeira vida.”<sup>818</sup>

Em muitas áreas daqueles que se acham envolvidos numa situação com alguma pessoa com uma deficiência haverá “curas”. Ter uma compreensão que a vida aqui neste mundo é limitada, finita e as obras e os propósitos de Deus vão muito além da míope percepção dela ajuda a viver com outras perspectivas. De acordo com Noé, “a cura não necessariamente

---

<sup>815</sup> DUTRA, 2005, p. 45.

<sup>816</sup> NOUWEN, 2002, p. 04.

<sup>817</sup> DUNN, 1999, p. 37.

<sup>818</sup> DUNN, 1999, p. 37.

significa a eliminação da doença: cura pode ser o ganho de uma atitude nova, ou de outra perspectiva sobre determinada condição”.<sup>819</sup> Como diz Nouwen: “por meio de nossas próprias feridas, podemos nos tornar fonte de vida para o outro”.<sup>820</sup> Rodolfo Gaede Neto acentua que: nosso desafio será sempre puxar para cima, para fora do abismo as pessoas que precisam de resgate, de cura, de salvação. Mas, diante de pessoas cuja cura não é possível, aprendemos do Cristo da cruz a descer até o lugar onde eles e elas se encontram, para nos colocar ao seu lado em solidariedade. E finaliza dizendo: na diversidade, Deus traz a riqueza do mistério da vida, mostrando que todas as formas vitais têm significado. Esta se expressa na comunhão em Cristo, onde todos têm lugar e aceitação.<sup>821</sup>

A “cura” tem relação com cuidado que, se relaciona com o amor. Sendo assim, a cura como fruto pode surgir naquelas pessoas que cuidam e são cuidadas pelo exercício do amor. Ali acontece a “cura”. Como foi um dia lá na cruz, conforme a Teologia da Cruz. O amor de Deus foi manifestado e provado até o fim. E por suas feridas ele curou. “O castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados” (Isaías 53:5). O fruto foi a “cura”, não no aspecto físico, mas houve cura da alma. Houve perdão, salvação, cuidado, compaixão, graça, restauração, solidariedade, doação. Jesus Cristo cuidou de vidas, de pessoas, as quais amou, se doou, se entregou, se sacrificou por elas. O fruto da “cura” floresceu no jardim do cuidado e do amor.

O exemplo de Henri Nouwen cuidando de Adam retrata o que muitas famílias e cuidadores também experimentam. Este impacto é muitas vezes marcante e transformador. Uma pessoa com Autismo, ou uma pessoa com deficiência, pode fazer com que as pessoas enxerguem suas próprias deficiências, fraquezas e limitações. Nouwen reconhece que, tinha ido viver em comunidade e cuidar de Adam. Agora tinha de deixar Adam aos cuidados de outros e reconhecer suas próprias deficiências.<sup>822</sup> O fato de minhas deficiências serem menos visíveis do que as de Adam e seus colegas não as tornava menos reais.<sup>823</sup> Em retrospecto, vejo que Adam e meu relacionamento mudaram depois da minha volta. Por quatorze meses, ele foi meu professor e meu guia. Ele enraizou-me na comunidade de Daybreak, abriu meu coração para a dádiva da

---

<sup>819</sup> NOÉ, 2005. p. 17.

<sup>820</sup> NOUWEN, Henri J. M. *O sofrimento que cura: por meio de nossas próprias feridas, podemos nos tornar fonte de vida para o outro*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 52.

<sup>821</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. *Cura*. Texto avulso apresentado ao Conselho de Administração da EST em 25.09.2009.

<sup>822</sup> NOUWEN, 2000, p. 73.

<sup>823</sup> NOUWEN, 2000, p. 72.

vulnerabilidade e levou-me a confrontar meu próprio abismo.<sup>824</sup> Em sua total falta de poder, Adam era um instrumento puro do poder curador de Deus para Bruno, para Cathy e, mais do que todos, para mim.<sup>825</sup> Este, para mim, é o sentido do sofrimento de Adam: um chamado radical para aceitar a verdade de nossas vidas e para escolher dar nosso amor quando somos fortes e receber o amor de outros quando somos fracos, sempre com calma e generosidade.<sup>826</sup>

#### 5.4.4 A conformação com Cristo

O valor de qualquer jornada sempre pode ser medido pelas dificuldades ao longo do caminho e aonde se quer chegar. Quanto mais difícil a jornada, mais satisfatória será a chegada e o destino. A. W. Tozer diz, “tenho pensado na vida crucificada como uma jornada. Tem um começo, é claro, mas o fim nunca está deste lado da glória.”<sup>827</sup> A vida crucificada.....Para o cristão significa a morte absoluta do ego e o ressurgimento de Cristo em sua vida.<sup>828</sup> Conforme Snyder, Tozer ensinava enfaticamente que Cristo não morreu na cruz só para salvar as pessoas do inferno; antes, morreu para que todos possam tornar-se um com Cristo. O legado dos pais da igreja, dos reformadores, dos avivalistas, dos místicos cristãos, e dos hinistas ressoou sobre essa mesma mensagem.<sup>829</sup>

A vida vitoriosa, portanto, não é sinônimo de prosperidade material, física, mas conformidade com Cristo. Conforme Tozer, o que entendo por “vida crucificada” é uma vida inteiramente entregue ao Senhor, em absoluta humildade e obediência: um sacrifício agradável ao Senhor. A palavra “crucificada” leva-nos de volta ao que Cristo fez na cruz. (Gal. 2.20).<sup>830</sup> A vida crucificada é uma vida absolutamente dedicada a seguir Cristo Jesus. A ser mais parecido (conformado) com ele. A agir como ele. A amar como ele. Toda a essência da perfeição espiritual está relacionada a Jesus Cristo. Não a regras e regulamentos.<sup>831</sup>

Isto contrasta tremendamente com a “Teologia da Glória” de nosso tempo que tem uma nova roupagem, mas com os mesmos valores da época de Lutero, pautada por valores que não

---

<sup>824</sup> NOUWEN, 2000, p. 74.

<sup>825</sup> NOUWEN, 2000, p. 72.

<sup>826</sup> NOUWEN, 2000, p. 84.

<sup>827</sup> TOZER, A. W. *A vida crucificada*. Como viver uma experiência cristã mais profunda. Compilado e Editado por James L. Snyder. São Paulo: Editora Vida, 2013, p. 365.

<sup>828</sup> TOZER, 2013, p. 19.

<sup>829</sup> TOZER, 2013, p. 19.

<sup>830</sup> TOZER, 2013, p.12.

<sup>831</sup> TOZER, 2013, p. 12.

os de Jesus Cristo, do crucificado. Por isso, a Teologia da Cruz conduz a uma reflexão mais centrada na vida, em Deus, no próximo, e em valores como o amor, a fé, a esperança, a ressurreição. Na sequência, para exemplificar esta realidade, uma história verdadeira que caminhava para a infelicidade segundo os moldes do pensamento pós-moderno, mas que entendeu o real sentido da vida, de Deus, do amor, da esperança em meio a tamanho sofrimento:

Froidevaux, modesto operário suíço que em 1914 assentou praça na Legião Estrangeira, foi mandado num regimento para Saigon. Lá, devido a um ferimento no dedo, em pouco tempo viu-se vítima da gangrena e tiveram de lhe cortar sucessivamente cada articulação das mãos e dos pés. Cada pedaço de corpo que perdia tornava-o mais espiritual, e parece que encontrava jeito de, menos pesado, caminhar para Deus mais facilmente. Cada articulação perdida correspondia a um passo dado na direção de Deus. E o leitor sabe quantos passos deu nessa *via crucis*? Sessenta! Froidevaux fez sessenta operações. E depois de operado sessenta vezes não era nenhum revoltado, nenhum neurastênico, graças a Deus. Sim, gozava de uma alegria inefável – estava como feio tronco a que ficou reduzido, abraçado ao Pai encontrado, e com a cabeça, que não perdeu repousada no mesmo lugar onde o Salvador repousou a dele. Com os lábios purificados de tanto bendizer a Deus, deu um beijo na cruz. E com um braço postiço, com uma mão postiça prolongando o coração, escreveu uma das obras mais belas que se têm escrito sobre a dor.<sup>832</sup>

Ferreira afirma que, a graça não depende da existência do sofrimento, mas onde há o sofrimento você encontrará a graça de inúmeras maneiras.<sup>833</sup> O apóstolo Paulo tinha este pensamento de conformar-se a Cristo, pois ele diz, “porquanto os que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29). Martinho Lutero também aderiu isto, “Conformitas cum Christo” (conformação com Cristo). Parece que este é mais fruto que pode nascer de uma vida centrada na cruz.

#### 5.4.5. Ver a Deus pela perspectiva da cruz

Conforme Valentino, cada vez mais, vive-se em sociedades que colocam seus objetivos fundamentais nas áreas de conforto, em tornar a vida mais fácil. O estresse cotidiano não deixa espaço para olhar a dor, nem a própria, tampouco a alheia.<sup>834</sup> É preciso escondê-la a qualquer custo. Os critérios de felicidade além do narcisismo chegam até o hedonismo. São tantas coisas que nos distraem, que ocultam a Cruz!<sup>835</sup> Pois, a cruz parece estranha, escândalo, loucura! No

<sup>832</sup> MOHANA, 1980, p. 81.

<sup>833</sup> FERREIRA, 2106, p. 94.

<sup>834</sup> VALENTINO, 2010, p. 107.

<sup>835</sup> VALENTINO, 2010, p. 107.

entanto, é exatamente ali que Cristo veio, entregou-se e se revelou. Paulo diz que a “palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós que somos salvos é o poder de Deus”<sup>836</sup>.

O Deus abscondido se revela ao contrário. Ao chegar ao final do livro de Jó, o próprio Jó faz uma declaração surpreendente, “com os ouvidos eu ouvira falar de ti; mas agora te veem os meus olhos” (Jó 42.5). Jó está confessando que depois de tudo que passou tem uma nova visão do Senhor. Antes de ter passado por todas aquelas dores ele “ouvira” falar de Deus. Após tudo o que sofreu pôde enxergar a Deus. Ou seja, aquele Deus que ele ouvira falar e antes lhe parecia ter abandonado, era agora tão visível como nunca fora na sua vida. Observando atentamente a história de Jó e refletindo sobre a Teologia da Cruz é possível perceber algumas coisas que se assemelham e saltam aos olhos. Pode-se dizer que vários frutos que brotaram daquela árvore nascida no deserto pelo qual Jó passou. Dentre esses frutos, Jó passou a ver e conhecer a Deus de outra forma. Ainda que ele não tivesse (até aonde se sabe) nenhuma informação exata sobre a cruz, mas conseguiu perceber em todo o seu sofrimento a presença do Senhor. Pode-se dizer que “enxergou a Deus de outra forma”, ou “viu a Deus pela perspectiva da cruz”. Para perceber como Jó passou a ver Deus de outra forma, foi criada uma entrevista (criação nossa), meramente ilustrativa, como se pudesse ouvir dele mesmo o que aconteceu e, como ele passou a conhecer a Deus depois de toda aquela situação.

### **Entrevista com Jó**

*- Senhor Jó, como você pôde lidar inicialmente com a morte de seus 10 filhos, a perda de todos os seus bens e empregados, e também da sua saúde?*

Jó: De fato, não foi nada fácil, eu confesso. Foi difícil aceitar, no entanto me lembrei que “recebemos o bem de Deus e não receberíamos o mal?” (Jó 2.10). De certa forma isto me fez pensar e meditar muito. Eu não estava compreendendo tudo o que estava passando, especialmente pela falta de meus filhos. Foi muito difícil sepultá-los e lidar com o luto. Depois eu até questioneei por diversas vezes a Deus, fiz várias perguntas, cheguei até a conta-las, no total 77. No entanto, ao invés de me responder, Deus me fez perguntas e queria que eu respondesse. Porém, eu não sabia respondê-las. A condição era que se eu as respondesse ele também responderia as minhas. Daí, percebi que “falei do que não entendia; coisas que para mim eram demasiado maravilhosas, e que eu não conhecia.” (Jó 42:3). Entendi que Deus é

---

<sup>836</sup> A BÍBLIA SAGRADA, 2002, 1 Co 1.18.

Deus abscondito, isto é, ele se esconde, mas nunca se ausenta de mim, em nenhum momento. Posso ver muito claramente isto agora. De alguma forma sabia que ele estava ali me ajudando, animando, consolando, ainda que eu não o estivesse enxergando. E em meio a todas aquelas “desgraças” posso reconhecer hoje claramente sua presença e o quanto tudo aquilo me fez alguém diferente. Mudou a minha visão de Deus e da minha vida como um todo. Hoje o vejo de uma outra forma.

*- Jó, uma segunda pergunta: O que lhe ajudou depois daquele primeiro impacto?*

Jó: Foram várias coisas. Uma que mais me ajudou foi que procurei viver pela fé. Eu já era temente a Deus, vivia uma vida reta e justa e me desviava do mal. Mas, posso afirmar que nunca havia me aprofundado numa caminhada de fé como aquela. Eu conhecia a Deus de ouvir, mas depois de tudo aquilo que aconteceu comigo, os meus olhos o vêm (Jó 42.5), como disse anteriormente. Esta caminhada me fez olhar para o alto, para o meu Redentor e meu Deus. Sei que em vários momentos eu questionei diversas coisas que estavam acontecendo comigo, expressei minhas queixas ao Senhor, e até mesmo cheguei a desejar nem ter nascido. Mas, compreendo agora que estava me desabafando com Deus, eu só tinha Ele naquele momento. Pois, até minha esposa disse para eu amaldiçoa-lo e morrer. Entretanto, a repreendi, pois sabia que isto é loucura. Fui acusado de ter cometido algum pecado pelos meus amigos que vieram de longe, velhos amigos. Porém, não era verdade. Eu não fizera nada de pecaminoso contra Deus e nem contra os homens. Tive que lidar com a culpa, pois eles queriam me acusar de algo que eu não tinha feito. Estava quase acreditando neles, mas diante do Senhor sabia que não tinha culpa alguma, minha fé no Senhor ajudou a vencer mais esta batalha. Enfim, sem fé no Senhor posso afirmar que aqueles momentos seriam um caos maior do que estava vivendo, bem maior! A fé me ajudou muito também nos desafios diários que estava enfrentando: a falta dos filhos, a falta de dinheiro, a falta da saúde, a falta de bons amigos.

*- Caro Jó, existem outras coisas que lhe ajudaram naquela situação?*

Jó: Sim. Teve algumas coisas a mais que gostaria de mencionar. Creio que viver a vida pautada pelo amor me ajudou muito. Eu passei ter desafios diários, constantes, e sem muitas perspectivas pela frente. Sem filhos, sem dinheiro, sem saúde, com uma esposa “descrente”, foram lutas diárias e por um período longo. Nem me lembro quanto tempo, acho que estou envelhecendo! Mas, eu sabia o quanto o meu Deus me amava, isto eu lembrava bem! E havia aprendido que o amor é sacrificial, outrocenrado. Então, decidi confiar no Senhor, dia após dia. Enfrentei as dores, os lamentos, as angústias, as incertezas, as inseguranças. E por incrível



que possa parecer, foi tão bom para minha vida. Aprendi como é bom dar de si, doar-se. Tanto que depois quando Deus já estava restaurando minha vida em várias áreas não tive nenhuma dificuldade em orar por aqueles amigos que me acusaram injustamente (Jó 42.9). O amor nos torna paciente, tira o nosso foco do “eu”, deixa-nos esperançosos. Já que mencionei esperança, deixei-me dizer que esta foi outra coisa que me ajudou muito. Apesar de tudo o que estava acontecendo comigo minha esperança se renovava cada dia. Quando Deus começou a restaurar minha saúde, minha esposa começou a ter uma nova atitude, meus parentes que antes tinham se afastado se reaproximaram e juntamente com amigos me ajudaram financeiramente para o meu recomeço (Jó 42.11). Pude perceber o quanto valera a pena não ter sucumbido. Todas estas coisas fizeram com que eu fosse novamente vendo quantas coisas Deus estava fazendo e me reerguendo em todos os sentidos, porém, agora com uma nova percepção de quem era o Senhor e quem eu era. Foram novamente anos batalhando, e Deus me concedeu a alegria de ter mais filhos. Quando me dei conta já eram 10 novamente. E se eu lhe contar você não vai acreditar: eu ainda viveria mais 140 anos! Tive o privilégio de ver a minha quarta geração. E esta mesma história que hoje lhe conto pude repetir várias vezes para meus netos, bisnetos e trisnetos. Por fim, não posso me esquecer de dizer uma última coisa: “eu sei que o meu redentor vive e por fim se levantará sobre a terra” (Jó 19.25). De fato, eu não compreendo muito bem sobre a ressurreição, não tenho tantas informações assim. Mas, aquilo que aprendi me ajudou a entender que um dia desfrutarei do reino eterno do Senhor, e as marcas de tudo aquilo que passei sei que já tem me ajudado muito, e não somente a mim, mas muitas pessoas da minha família e amigos a enfrentarem também seus sofrimentos. Espero que ainda possa ajudar mais pessoas a verem a Deus de uma outra forma, pela perspectiva da cruz.

### 5.5 Considerações finais

Depois de juntar o Aconselhamento Pastoral e a Teologia da Cruz mirando a ajuda a famílias de pessoas com Autismo, é possível perceber nuances que caminham lado a lado e que tem muito a contribuir. A imagem do trilho (do início do capítulo) facilita para perceber a importância de cada um dos elementos fornecer seus subsídios, sem, contudo, perder a sua essência e propósito. O Aconselhamento Pastoral é imprescindível para desenvolver ações que tragam vida, consolo, ajuda, e direção em diversos momentos, fases e situações da vida. A Teologia da Cruz trabalha com elementos dos mais necessários para direcionar a ação poimênica: Deus abscondido, vida pela fé, vida em amor, esperança e ressurreição. Entrelaçá-los

certamente pode favorecer tanto a Teologia como a Práxis. Este capítulo se encerra chegando à conclusão que é possível fazer isto, como pode ser apontado. As famílias que têm pessoas com Autismo podem receber muita ajuda por meio da ação de ambos. Elas clamam por “socorro”, e visualiza-se uma possibilidade para auxiliá-las.

Ressalta-se ainda que, além de trazer essas contribuições valiosas para famílias, a Teologia da Cruz pode trazer frutos preciosos para as pessoas que cuidam: familiares, profissionais, cuidadores, etc. Estes frutos – resiliência, felicidade, cura, a conformação com Cristo e ver a Deus pela perspectiva da cruz - não são difíceis de se encontrar naqueles que se entregam frente a tais desafios.

## 6 CONCLUSÃO

Depois de uma jornada que passou por quatro capítulos, chega-se ao final desta tese e a algumas conclusões. Esta pesquisa e trabalho evidencia uma enorme necessidade por parte das famílias com filhos dentro do TEA, de acompanhamento e auxílio na área de Aconselhamento Pastoral e da Teologia da Cruz. Conforme averiguado pela tese, o Autismo ainda “é um mundo enigmático”. Grandes avanços têm acontecido, entretanto muitas “peças deste enorme quebra-cabeça” não se encaixam. As dificuldades aparecem começando pela grande dificuldade de sistematizar os próprios sintomas da síndrome. Perpassa outros diversos problemas: a dificuldade de fazer o diagnóstico; as várias possibilidades dentro da etiologia; os mais variados tipos de tratamento que estão ligados às perspectivas de compreensão do problema. Todas essas variáveis dão a indicação de como o Autismo ainda é um universo a ser explorado, sem de forma alguma desprezar os mais diversos avanços que têm acontecido, especialmente nos últimos anos. Evidencia-se também o forte impacto que famílias recebem quando têm um filho dentro deste espectro. Os seis relatos do primeiro capítulo servem de parâmetro para se ter uma noção mais palpável do que acontece com as famílias. As constatações apontam e especificam alguns dos problemas que arrefecem sobre as famílias. Alguns são mais “comuns” e “esperados”, como o medo, a crise, a incerteza, a busca pela cura, mas outros são muito chocantes e duros como o luto, a culpa, e tristemente o filicídio. Percebe-se com todos esses elementos o estado, a situação que ficam as famílias. Dessa forma, propomos que haja mais pesquisas para prosseguir no avanço do conhecimento do Autismo nas mais diversas áreas, não obstante, que possa haver um foco para as famílias. Elas sofrem um impactado muito acentuado, e em boa parte dos casos necessitam lidar com seus filhos sozinhas, sem ajuda de familiares, comunidades, e do governo nos mais diversos aspectos. Esta pesquisa focou alguns aspectos daquilo que elas passam e, constatou alguns dos problemas que diariamente precisam lidar, mas existem outros que necessitam também ser apontados e expostos para uma ajuda.

A pesquisa indica que o Aconselhamento Pastoral tem instrumentos que podem ser úteis neste processo de ajuda e fortalecimento para as famílias e, também, que a Teologia da Cruz possui elementos que podem colaborar para que as famílias possam ter um enfrentamento melhor da situação. O Aconselhamento Pastoral tem nas suas próprias raízes, e no decorrer dos anos, se tornado um referencial para ajudar pessoas e famílias que enfrentam os mais dolorosos tipos de sofrimento. Conforme constatado pela pesquisa, nos casos de famílias que têm filhos dentro do TEA, é extremamente importante para o Aconselhamento Pastoral ter uma

compreensão mais ampla da deficiência, bem como da vulnerabilidade e dignidade humana. De acordo com a pesquisa, o Aconselhamento Pastoral pode oferecer uma ajuda que atinge as diversas áreas que envolvem as famílias: o cuidado espiritual, o cuidado eclesial, o cuidado familiar e o cuidado governamental e social. Por meio do conselheiro (s) e com uma atitude cuidadora, o Aconselhamento Pastoral atinge o aspecto familiar, comunitário, social e de cidadania. Ou seja, tem instrumentos capazes e que podem trazer muito amparo e auxílio para as famílias e a pessoa com Autismo. Também pode-se perceber que cuidadores – sejam pais, familiares, profissionais, etc. – que se doam nas mais diversas e árduas tarefas, acabam também recebendo um retorno muito grande. Eles acabam recebendo aquilo que jamais imaginariam encontrar de outra forma. Suas vidas são impactadas em diversas áreas por aqueles a quem dispensam cuidado. Sendo assim, propomos que o Aconselhamento Pastoral continue desenvolvendo mais pesquisas direcionadas a situações e problemas como o que foi apresentado. Entendemos a necessidade de o Aconselhamento Pastoral avançar tanto na área da pesquisa como nas práticas. Com os instrumentos que ele dispõe, sua atuação pode ser muito mais efetiva e ajudadora para as famílias, as comunidades, as Faculdades, os Seminários, a sociedade nos mais diversos setores. O mundo está cada vez mais clamando e gritando com suas vozes de maneira altissonante o quanto carecem de socorro. Por isso, o Aconselhamento Pastoral tem diante de si um enorme desafio, mas também uma tremenda oportunidade para atender o clamor de tantos sofredores. Todavia, ressaltamos que, o cuidado que os conselheiros, os cuidadores, aqueles que se dedicam a esta tão nobre “função” doam, de certa forma traz consigo retornos. Todos os que se envolvem com o cuidado são impactados e “transformados” nestes relacionamentos que se inserem. Por isso, propomos que mais pesquisas sejam feitas visando este aspecto, a reciprocidade que existe no cuidar. Entendemos que as pessoas que são cuidadas, especialmente aqueles casos de sofrimento mais intenso, trazem consigo virtudes e ensinamentos que precisam ser buscados e apontados.

A pesquisa aponta também que a Teologia da Cruz tem em seu centro elementos que, bem norteados podem trazer subsídios para contribuir com o Aconselhamento Pastoral nesta função de ajuda a famílias. Na pesquisa foi apontado como o sofrimento humano mexe com toda a estrutura do ser humano. Ele causa uma sensação de desamparo, e desloca a pessoa para determinados caminhos. Este é sempre o perigo, mas também gera a oportunidade. O caminho da fuga parece ser o mais “fácil”, porém, o caminho do crescimento e da confiança em Deus diante dos “mistérios”, surge como o mais sensato. A Teologia da Cruz então aparece, desde a compreensão sobre o símbolo, passando por Jesus Cristo que é a razão maior e, em torno de

quem que gira esta Teologia, sendo divulgada pelo apóstolo Paulo e ganhando vulto com Martinho Lutero. Este não somente levantou a Teologia da Cruz como enfoque do que cria, como viveu na prática a própria Teologia que ensinava. Destacam-se então os elementos “cruciais” da Teologia da Cruz: a abscondicidade de Deus, a vida pela fé, e a vida sob a cruz. Ainda dentro deste assunto surge o elemento da esperança que está vinculada a Teologia da Cruz, e finalmente a ressurreição. Nesse sentido, propomos que, especialmente os teólogos (mas não somente eles), possam se dedicar a pesquisas direcionadas para situações como a apresentada. A Teologia tem muito a contribuir sobre essas questões relacionadas ao sofrimento humano. Infelizmente temos visto florescer pensamentos e teologias que têm uma conotação de exploração, interesseira, que faz da fé e da Teologia um meio para satisfação e lucro. Então, percebemos a necessidade de se fazer mais pesquisas com um teor sensato e direcionado para aquilo que de fato a Teologia se propõe. A Teologia da Cruz tem muito para contribuir, e pode ser importantíssima para fazer o contraponto dessas “Teologias da Glória” contextualizada. Mas, não somente a Teologia da Cruz, há muito subsídio dentro da Teologia que pode ser melhor explorado e aproveitado visando atender pessoas que padecem e buscam direcionamentos, tanto para seus questionamentos como para viver diante de suas dores.

No quarto capítulo então se pôde vislumbrar um pouco de como a junção do Aconselhamento Pastoral à Teologia da Cruz pode ser feita e aplicada. O Aconselhamento Pastoral tem trabalhado com diversos elementos da Teologia de forma geral, mas pode receber subsídios específicos da Teologia da Cruz que irão somar e contribuir mais ainda para uma ajuda e auxílio para famílias de pessoas com Autismo. Por meio do Deus abscondido é possível saber da real presença de Deus até nos vales mais escuros. A vida pela fé pode ajudar a família enfrentar com todas as forças o presente e o futuro. A vida em amor transbordará de graça, compaixão e altruísmo. A esperança e a ressurreição manterão acesas as expectativas de um presente que deixará marcas para toda a eternidade, marcas estas que trarão cura para todos aqueles que centram suas vidas na cruz. Percebeu-se que há enormes possibilidades e caminhos por meio do qual o entrelaçamento do Aconselhamento Pastoral e da Teologia da Cruz possa contribuir efetivamente com o auxílio para famílias. Diante de tudo que foi pesquisado, constatado e registrado, pode-se afirmar que o Aconselhamento Pastoral a famílias de pessoas com Autismo a partir da Teologia da Cruz é um caminho que pode auxiliar, fortalecer e ajudar muitas famílias. Destarte, propomos uma junção maior e mais específica destes dois instrumentos para cuidar de pessoas e famílias que vivem em acentuados sofrimentos. Percebe-se pela pesquisa como é possível fazer esta junção, e de maneira específica a partir da Teologia

da Cruz trazer elementos que são uma boa base, como observado. As comunidades podem aplicar isto para as realidades que vivenciam. Cada vez mais famílias de pessoas com Autismo estão buscando ajuda e auxílio nas igrejas diante de seus dilemas. Os elementos que a Teologia da Cruz tem (os que foram explorados – Deus abscondito, fé, amor, esperança, ressurreição), quando trazidos para perto das famílias tornam-se alento e fortalecimento para suas vidas e suas caminhadas. Os frutos são a consequência que poderão acontecer na vida destas famílias. Portanto, propomos que se intensifiquem mais pesquisas com este foco e as tornem práticas e vivenciadas.

(Falo agora em primeira pessoa.) Iniciei a tese relatando o que motivou todo este trabalho e pesquisa. Quero tomar a liberdade para encerrá-la da mesma forma. Nosso filho, Paulo, está agora com onze anos. Ele tem tido avanços em algumas áreas, outras não. Mas, Paulo tem nos ensinado muitas coisas, estamos aprendendo a cada dia juntos. Nós, como família, temos tido vários desafios – já passamos por alguns daqueles constatados, e outros virão-, contudo, temos aprendido a lidar com eles. E algumas coisas têm nos ajudado muito nesta caminhada, outras têm servido de desafios. Várias coisas nos auxiliam para poder prestar um melhor cuidado para o Paulo nas áreas que ele precisa de acompanhamento para seu melhor desenvolvimento. Entretanto, quero mencionar algumas que na nossa busca para as indagações que surgiram (e surgem) nos nossos pensamentos, nas nossas angústias, medos, incertezas, etc. tem nos auxiliado muito. São elas: ter a ciência e a consciência da presença de Deus em todos os momentos, embora muitas vezes não o percebamos; viver pela fé a cada manhã, dia após dia, pois nos fortalece a alma diante de quaisquer que forem os desafios; pautar a vida pelo amor, fazendo com que cuidar de Paulo não seja ou “peso”, mas um privilégio em poder servi-lo; nutrir-se da viva esperança, que renova as forças para cada dia e aponta para um futuro glorioso por meio da ressurreição. Talvez possa parecer um pouco de “fim de tese” a minha fala, mas não é. Minha esposa e nossos outros dois filhos são testemunhas deste fato. Temos sido muito agraciados por buscarmos centrar nossas vidas na cruz de Jesus. Lembro-me que o desejo de estudar, de ir atrás o conhecimento quando descobrimos o diagnóstico do Paulo, era tentando encontrar respostas para nossos questionamentos, aflições. Percebo que a cruz de Cristo (Teologia da Cruz) tem sido fundamental para consolar, acalmar, fortalecer e auxiliar os nossos corações, ampliando nosso desejo de ajudar outras pessoas e famílias que também passam pela mesma situação que a nossa. Encerro com a letra de um hino que expressa muito bem aquilo que nossa família vivencia.

### **Tapeceiro<sup>837</sup>**

Tapeceiro, grande artista,  
 Vai fazendo seu trabalho,  
 Incansável, paciente no seu tear.  
 Tapeceiro, não se engana,  
 Sabe o fim desde o começo,  
 Traça voltas, mil desvios sem perder o fio.

**Minha vida é obra de tapeçaria,  
 É tecida de cores, alegres e vivas,  
 Que fazem contraste no meio das cores  
 Nubladas e tristes,  
 Se você olha no avesso,  
 Nem imagina o desfecho  
 No fim das contas, tudo se explica,  
 Tudo se encaixa, tudo coopera para o bem.**

Quando se vê pelo lado certo,  
 Muda-se logo a expressão do rosto,  
 Obra de arte para a Honra e Glória do Tapeceiro.  
 Quando se vê pelo lado certo,  
 Todas as cores da minha vida,  
 Dignificam a Jesus Cristo, o Tapeceiro.

---

<sup>837</sup> MÁRCIUS, Stênio. *Tapeceiro*. Letra que pode ser obtida pelo site [www.lettras.terra.com.br/stenio-marcus](http://www.lettras.terra.com.br/stenio-marcus).





## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- ADAMS, Jay E. *Conselheiro Capaz*. São José dos Campos: Editora Fiel da missão evangélica literária, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Teologia do Aconselhamento Cristão – mais que redenção*. Eusébio: Editora Peregrino, 2016, p.456.
- ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. KUCHENBECKER, Horst Reinhold (Trad.). Canoas: Editora Ulbra; Porto Alegre: Editora Concórdia, 2008, 476 p.
- ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação – Releitura em Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994, 352 p.
- AMY, Marie Dominique. *Enfrentando o autismo: a criança autista, seus pais e sua relação terapêutica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 205 p.
- ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *A teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*. Estudos Teológicos / São Leopoldo / Vol. 56. N. 2. / p. 321-330 / jul./dez 2016.
- ASSUNPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista. *Conceito e classificação das síndromes autísticas*. In: *Autismo Infantil*. São Paulo: Memnon, 1995.
- BAPTISTA, Claudio R.; BOSA, Cleonice & Colaboradores. *Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, 178 p.
- BENENZON, Rolando O. *O autismo, a família, a instituição e a musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1987, 364 p.
- BIHR, Cleide. *A educação especial e o autismo infantil: um estudo de caso a partir de uma abordagem etnográfica*. São Leopoldo: 2003, 37 f. (Trabalho 490) – Escola Superior de Teologia.
- BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – paixão do mundo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978, 170 p.
- \_\_\_\_\_. *Saber cuidar – Ética do humano (compaixão pela terra)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1980. 207 p.

- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 7. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002. 196 p.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Os culpados da morte de Jesus: aspectos de uma Teologia da Cruz*. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 30/3, 1990, p. 206 a 223.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Diagnóstico pré-natal e aconselhamento*. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Org.). *Prática cristã: novos rumos*. São Leopoldo: IEPG, Sinodal: 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os culpados da morte de Jesus: aspectos de uma teologia da cruz*. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 30/3, 1990, p. 206-223.
- BROWN, Colin (Ed. Geral). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983, 812 p.
- BROVETTO, Constante [et. al.]. *A Cruz – Teologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1983, 102 p.
- BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Record, 1993, 415 p.
- CAMARGOS Jr., Walter et. al. *Transtornos invasivos do desenvolvimento*. Terceiro Milênio, Brasília: CORDE, 2005, 260 p.
- CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. *Autismo: Construções e desconstruções*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, 187 p.
- CHADAREVIAN, Adriana Yudit. *Torrentes de Vida: uma forma diferente de ser padres*. Uruguay: Montevideu. Editorial ACUPS, 2009, 47 p.
- CHAFER, Lewis S. *Teologia Sistemática*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Editora Hagnos, 2003, 780 p.
- CHAMPLIN, Russell N. *O novo testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo. Editora Hagnos, 2002.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, 427 p.
- COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004, 704 p.
- COLLOT, Noel Fernandez; MENESES, Alexandra; GIESE, Nilton (Orgs.). *Teologia e Deficiência*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010, 167 p.
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Uma igreja de todos para todos*. São Paulo: ASTE/Oikoumene, 2003.

- COUTINHO, Diana. *Compreendendo a Deficiência: as relações sociais e familiares*. Curitiba: Eirene do Brasil: Curso de terapia familiar sistêmica, 2005. (Monografia).
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 232.
- DETTMANN, Wantuil. *A família portadora de deficiência: um desafio para a prática pastoral*. São Leopoldo: T 463, 2001.
- DOCKERY, David S. (ed.). *Manual Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001, 930 p.
- DREHER, Martin N. *A theologia crucis de Lutero e o tema da teologia da libertação*. Estudos teológicos. v. 28, 1988, p. 137-152.
- \_\_\_\_\_. *História do Povo Luterano*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005, 79 p.
- \_\_\_\_\_. *Martim Lutero – o intérprete do Evangelho*. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983, 62 p.
- DSM-IV-TR. *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DSM-5. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014, 5ª Ed. [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento...et al.], 992 p.
- DUNN, Ron. *Por que Deus não me cura?* São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999, 228 p.
- DUTRA, Luiz Carlos. *Pastoral da inclusão: pessoas com deficiência na comunidade cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, 227 p.
- EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero – uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 224 p.
- ERNEST, Daiane. *Sofrimento em Lutero*. São Leopoldo: EST, 2007. (Trabalho 547).
- FERNANDES, Maria G. M. Almeida. *O estudo de uma família com uma criança autista*. Vila Real, 2010. 144 f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal.
- FERREIRA, Valdinei. *Perguntas de Jó*. 2. ed. São Paulo: Editora Reflexão, 2016, 96 p.
- FILHO, Fernando Bortolletto (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- FLUCK, Marlon Ronald. *A obra do Espírito Santo em Lutero, a partir de seu escrito “De servo arbítrio”*. São Leopoldo, Dissertação de Mestrado, 1984, 158 p.
- FREI, Anselmo Fracasso. *O que os olhos não veem*. Petrópolis: Vozes, 1996, 99 p.

- GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- GAUDERER, Christian. *Autismo e outros atrasos do desenvolvimento - guia prático para Pais e Profissionais*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1997, 358 p.
- GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, 212 p.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010, 176 p.
- GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do N.T. Grego/Português*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, Primeira Ed. 1984, 226 p.
- GONZALES, Justo. *A Era dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Vol. II: Pluralidade e unidade do testemunho apostólico a respeito de Cristo. São Leopoldo, Petrópolis; Editora Sinodal, Vozes, 1982.
- GOURGUES, Michel. *Jesus diante de sua paixão e morte*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GRANFIELD, C.E.B. *The Gospel According to St Mark*. Cambridge Greek New Testament Comentary series (CUP, 1959) apud STOTT, 1991.
- GREINER, Albert. *Lutero – Ensaio Biográfico*. São Leopoldo: Sinodal, 1969.
- GRZYBOWSKI, Carlos Tadeu. *O modelo sistêmico como referencial no cuidado pastoral familiar*. In: Via Teológica, Curitiba: Faculdade Batista Teológica do Paraná, n. 12 (dezembro de 2005).
- GROTBERG, Edith Henderson. *Introdução: Novas tendências em resiliência*. In: RESILIÊNCIA: Descobrimo as próprias fortalezas. MELILLO, Aldo & OJEDA, Filho, Elbio Nestor Suáres. (Org.) Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed 2005.
- JEREMIAS, Joachim. *A mensagem central do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1977, 149 p.
- JUNGHANS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 188 p.
- HEIMANN, Leopoldo (Org.). *Lutero o teólogo*. Canoas: Editora Ulbra, 2004, 167 p.
- HELMER, Christine (Ed.). *Lutero – Um teólogo para tempos modernos*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2013, 359 p.
- HERNÁNDEZ, Carlos José. *O lugar do sagrado na terapia*. São Paulo: Nascente/CPPC, 1986.
- HOCH, Lothar C.; NOÉ, Sidnei V. (Orgs.). *Comunidade Terapêutica – Cuidando do ser através de relações de ajuda*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- HOCH, Lothar Carlos. *Psicologia a serviço da libertação: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento*. Estudos Teológicos, Vol./No. 25/3, p. 249-270, 1985

HOCH, Lothar Carlos. “*As lágrimas têm sido o meu alimento*”. Desafios pastorais no trabalho com enlutados. In. HOCH, Lothar Carlos; HEIMMAN, Thomas (Org.). *Aconselhamento Pastoral e espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

HOEPFNER, Daniel. *Fundamentos bíblicos-teológicos da capelania hospitalar – Uma contribuição para o cuidado integral da pessoa*. São Leopoldo: PPG/EST, 2008. (Dissertação de Mestrado).

HOFFMAN, Bengt R. *Luther and the mystics: a re-examination of Luther's spiritual experience and his relationship to the mystics*. Minneapolis: Augsburg, 1976. 285 p.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1 ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INHAUSER, Marcos R. & MALDONADO, Jorge E. *Consolação e vida – para uma pastoral de consolação*. Quito: Imprensa do Colégio Dom Bosco, 1989.

KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact*. Disponível em: <https://simonsfoundation.s3.amazonaws.com/share/071207-leo-kanner-autistic-affective-contact.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2017.

KAPLAN, Harold I. *Transtornos Invasivos do desenvolvimento*. In: *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: 7. ed. Artes Médicas, 1997.

KELLER, Timothy. *A cruz do rei: a história do mundo na vida de Jesus*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2014, p. 263.

KENNEDY, D. James. *E se Jesus não tivesse nascido?* São Paulo: Editora Vida, 2003. 230 p.

KOHL, Manfred W.; BARRO, Carlos B. (Org.). *Aconselhamento Cristão Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006.

KREEFT, Peter. *Buscar sentido no sofrimento*. São Paulo: Edições Loyola, 1995, 191 p.

KUCHENBECKER, Klaus Ernesto. *O trabalho com pessoas surdas numa congregação de ouvintes*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 2006, 149 p.

LAMBERT, Heath. *Teologia do Aconselhamento Bíblico*. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2017, 363 p.

LANGSTON, Kelly. *Autism's Hidden Blessings - Discovering God's Promises for Autistic Children & Their Families*. Grand Rapids: Kregel Publication, 2009, 207 p.

LAURENT, Éric. *A batalha do autismo: Da clínica à política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2014, 224 p.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine (Organizadora). *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. 2ª Ed., Salvador: Ágalma, 1998, 151 p.

LEAR, Kathy. *Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA, Part I: Training Manual*. Toronto, Ontario – Canadá: 2. ed., 2004, p. 10. Disponível em

<http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2017.

LEBOYER, Marion. *Autismo Infantil: Fatos e Modelos*. São Paulo, Campinas: Editora Papirus, 1985, 192 p.

LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. São Paulo: Editora Vida, 2006, 175 p.

LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 409 p.

LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 86.

LOEWENICH, Walther von. *A teologia da cruz de Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1987. 183 p.

LOPES, Eliana Rodrigues Boralli. *Autismo: Trabalhando com a criança e com a família*. 2. ed. São Paulo: Edicon, 1997, 176 p.

LUCADO, Max. *Todo dia é um dia especial*. Descubra o que a vida tem de melhor aproveitando todas as oportunidades de seu dia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007, p. 143.

LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Vol.1. *Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519*. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Concórdia Editora, 2004. p. 469.

\_\_\_\_\_. *Pelo Evangelho de Cristo* (Obras seleccionadas de momentos decisivos da reforma). São Leopoldo: Editora Sinodal; Concórdia Editora Ltda. 1984, 338 p.

LUTHER, Werke. *Kritische Gesamtausgabe*. Weimar, 1883.

MACARTHUR Jr., John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico* – um guia básico de princípios e práticas de aconselhamento. São Paulo: Editora Hagnos, 2004, 440 p.

\_\_\_\_\_. *A morte de Jesus*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, 239 p.

MALDONADO, Jorge. *Crises e perdas na família* – consolando os que sofrem. Viçosa: Editora Ultimato, [s.l.], Eirene do Brasil, 2005, 103 p.

MARTINS, Marcelo. *Autismo: ajudando famílias*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, 199 p.

MARQUES, Carla E. *Perturbações do Espectro do Autismo. Ensaio de uma Intervenção Construtivista e Desenvolvimentista com Mães*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000, 283 p.

MCGRATH, Alister E. *Lutero e a Teologia da Cruz: a ruptura teológica de Martinho Lutero*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014, 250 p.

MELLO, Ana Maria S. R. *Autismo – Guia Prático*. 4. ed. São Paulo: AMA, Brasília, Corde, 2005, 104 p.

MOHANA, João Miguel. *Sofrer e amar*. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1980, 243 p.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2014, 432 p.

\_\_\_\_\_. *Teologia da esperança*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. *O caminho de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MÜLLER, Iára. *Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiência: experiência de um grupo na comunidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, 139 p.

NOÉ, Sidnei Vilmar. *Amar é cuidar – Dez boas razões para...* São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005, 99 p.

NOUWEN, J. M. Henri. *Transforma meu pranto em dança*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, 111 p.

\_\_\_\_\_. *O sofrimento que cura: por meio de nossas próprias feridas, podemos nos tornar fonte de vida para o outro*. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Adam, o amado de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2000, 119 p.

OLIVEIRA, Roseli M. K. *Cuidando de quem cuida - Um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

PACKER, J. I. *Vocábulos de Deus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2002, 195 p.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 4. ed. Porto: 1969, 743 p.

PICH, Roberto Hofmeister. *O debate de Heildelberg e a teologia da cruz de Lutero*. São Leopoldo: 1991. 56 p. (Trabalho de conclusão de curso).

PIERATT, Alan B. *O evangelho da prosperidade*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993. 231 p.

RIBAS, João Batista Cintra. *O que são pessoas deficientes*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RODRIGUES, Marcos Antônio. *A cruz na história da teologia (um estudo introdutório)*. São Leopoldo, 1992, 60 p (T 289) – Escola Superior de Teologia.

ROLDÁN, Alberto Fernando. *Bases bíblicas e teológicas para um aconselhamento transformador*. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Carlos B. (Orgs.). *Aconselhamento Cristão Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006, 272 p.

- ROSENBERG, Raymond. *A evolução do autismo no mundo e no Brasil*. In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Autismo. São Paulo, 2003.
- ROSSI, Luiz Henrique Solano. *A vocação terapêutica da igreja*, IN: KOHL, Manfred W. ; BARRO, Carlos B. (Org.). *Aconselhamento Cristão Transformador*. Londrina: Descoberta Editora Ltda, 2006.
- RÜCKERT, Maria Luiza. *Capelania hospitalar e ética do cuidado*. Viçosa: Ultimato, 2016, 143 p.
- SANTOS, Hugo N. (Editor). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008, 289 p.
- SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Aconselhamento Pastoral e Educação*. In: Estudos de Religião, n. 12. São Bernardo do Campo: Umesp, 1996.
- SCHIPANI, Daniel S. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003, 124 p.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, 344 p.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; HOCH, Lothar Carlos. *Fundamentos teológicos do aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, 92 p.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996, 169 p.
- \_\_\_\_\_. *Aconselhamento Pastoral da Família – uma proposta sistêmica*. In: Estudos Teológicos, São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- SCHWARTZMAN, José Salomão. *Autismo Infantil*. Brasília: Corde, 1994, 56 p.
- SIEGEL Bryna. *O Mundo da Criança com Autismo: “Compreender e tratar perturbações do espectro do autismo”*. Porto Editora LDA: Porto, 2008, 432 p.
- SHAKESPEARE, Rosemary. *Psicologia do Deficiente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, 165 p.
- SILVA, Otto Marques da. *A Epopéia Ignorada: A pessoa deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Cedas, 1986.
- SOARES, Esny Cerene. *Aconselhamento Pastoral: história e perspectivas contemporâneas – uma análise da influência dos métodos de Jay Adams, Gary Collins e Howard Clinebell sobre o aconselhamento pastoral brasileiro*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- SOLOMON, Andrew. *Longe da árvore: Pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2013, 1050 p.
- STEINER, Carlos Eduardo. *Aspectos Genéticos e Neurológicos do Autismo: Proposta de abordagem interdisciplinar na avaliação diagnóstica do autismo e distúrbios correlatos*. 1998, Campinas, 182 f. (Dissertação) - Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas, 1998.



STELZER, Fernando Gustavo. *Aspectos neurobiológicos do autismo*. São Leopoldo: Editora Oikos, Vol. 2, Cadernos Pandorgas, 2010.

STRECK, Valburga S. *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral: Uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 349, (Teses e Dissertações).

STOTT, John. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Editora vida, 1991, 359 p.

SUPLINO, Maryse. *Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. São Paulo: AMA, 2007, 73 p.

SWINDOLL, Charles R. Davi – *Um homem segundo o coração de Deus*. (Série heróis da Fé). São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1998.

TAYLOR, Willian Carey. *Introdução ao estudo do novo testamento grego: dicionário*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986, 247 p.

TERRA, D. João E. M. *Introdução ao livro de Jó*. São Paulo: Revista cultura bíblica, 2002, v.25, n. 103/104.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1984, 735 p.

TOZER, A. W. *A vida crucificada*. Como viver uma experiência cristã mais profunda. Compilado e Editado por James L. Snyder. São Paulo: Editora Vida, 2013, p. 467.

TRINDADE, Carmem Lúcia Dias dos Santos. *A síndrome de Down e a resiliência: uma análise teológica*. São Leopoldo: Dissertação de Mestrado, Faculdades EST, 2014, 71 p.

TURNER, Donald D. *A doutrina dos anjos e do homem*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1990, 308 p.

VASH, L. Carolyn. *Enfrentando a Deficiência: A manifestação – A Psicologia – A Reabilitação*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1988.

WALSH, Froma. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005, 314 p.

WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus: uma interpretação da teologia de Martinho Lutero*. Canoas: Editora Ulbra, 2005. 260 p.

VEITH JUNIOR, Gene Edward. *Espiritualidade da cruz: a vida cristã sob a cruz de Cristo*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2015, 136 p.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008, 183 p.

ZUGNO, Paulo Luiz. *Pequeno dicionário de radicais gregos*. Caxias do Sul: Educs, 1996, 169 p.



## ANEXO I

**CHILDHOOD AUTISM RATING SCALE (CARS)**

Schopler,E; Reichler,RJ; Renner,BR

<b>1 – Relacionamento inter-pessoal</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Sem evidencia de dificuldade ou anormalidade: o comportamento da criança é apropriado para a idade. Alguma timidez, inquietação ou prejuízo pode ser observado, mas não a um nível diferente (atípico) quando comparado com outra de mesma idade.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: A criança evita olhar o adulto nos olhos; evita o adulto; demonstra dificuldade quando é forçado a tal; é extremamente tímido; não é tão sociável com um adulto quanto uma criança normal de mesma idade; fica agarrada aos familiares de forma mais intensa que outras de mesma idade.
2,5	
3	Grau moderado: A criança as vezes demonstra isolamento. Há necessidade de esforço persistente para obter sua atenção. Há um contato mínimo por iniciativa da criança (o contato pode ser impessoal).
3,5	
4	Grau severo: A criança é isolada realmente, não se dando conta do que o adulto está fazendo; nunca responde as iniciativas do adulto ou inicia contato. Somente as tentativas muito intensas para obter sua atenção tem algum efeito positivo.
<b>2 – Imitação</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Apropriada: A criança imita sons, palavras e movimentos que são apropriados para seu nível de desenvolvimento.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: A criança imita comportamentos simples como bater palmas ou palavras isoladas na maior parte do tempo. As vezes reproduz uma imitação atrasada (após tempo de latência)
2,5	
3	Grau moderado: A criança só imita as vezes e mesmo assim precisa de considerável persistência e auxílio do adulto. Frequentemente reproduz uma imitação atrasada.
3,5	
4	Grau severo: A criança raramente ou mesmo nunca imita sons, palavras, ou movimentos mesmo com auxílio de adultos ou após período de latência.
<b>3 – Resposta emocional</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Resposta apropriada para a idade e situação: A resposta emocional (forma e quantidade) demonstra sintonia com a expressão facial, postura corporal e modos.
1,5	

2	Grau leve de anormalidade: A criança ocasionalmente demonstra alguma inadequação na forma e quantidade das reações emocionais. Às vezes as reações são não relacionadas a objetos ou acontecimentos do “entorno”.
2,5	
3	Grau moderado: Há presença definitiva de sinais inapropriados na forma e quantidade das respostas emocionais. As reações podem ser inibidas ou exageradas, mas também podem não estar relacionadas com a situação. A criança pode fazer caretas, rir ou ficar estática apesar de não estarem presentes fatos que possam estar causando tais reações.
3,5	
4	Grau severo: As respostas são raramente apropriadas as situações: quando há determinado tipo de humor é muito difícil modificá-lo mesmo que se mude a atividade. O contrário também é verdadeiro podendo haver enorme variedade de diferentes reações emocionais durante um curto espaço de tempo mesmo que não tenha sido acompanhado por nenhuma mudança no meio ambiente.
<b>4 – Expressão corporal</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	<b>Apropriada:</b> A criança se move com a mesma facilidade, agilidade e coordenação que outra da mesma idade.
1,5	
2	<b>Grau leve de anormalidade:</b> Algumas peculiaridades “menores” podem estar presentes como movimentos desajeitados, repetitivos, coordenação motora pobre, ou presença rara de movimentos não usuais descritos no próximo item.
2,5	
3	Grau moderado: Comportamentos que são claramente estranhos ou não usuais para outras crianças de mesma idade. Podem estar presente: peculiar postura de dedos e corpo, auto-agressão, balançar-se, rodar e contorcer-se, movimentos serpentiformes de dedos ou andar na ponta dos pés.
3,5	
4	<b>Grau severo:</b> Movimentos frequentes ou intensos (descritos acima) são sinais de comprometimento severo do uso do corpo. Estes comportamentos podem estar presentes apesar de um persistente trabalho de modificação comportamental assim como se manterem quando a criança está envolvida em atividades.
<b>5 – Uso do objeto</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Uso e interesse apropriado: A criança demonstra interesse adequado em brinquedos e outros objetos relativos a seu nível de desenvolvimento. Há uso funcional dos brinquedos.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: A criança apresenta menos interesse pelo brinquedo que a criança normal ou há um uso inapropriado para a idade (bater o brinquedo no chão ou colocá-lo na boca).
2,5	
3	Grau moderado: Há muito pouco interesse por brinquedos e objetos ou o uso é disfuncional. Pode haver um foco de interesse em uma parte insignificante do brinquedo, ficar fascinado com o reflexo de luz do objeto, ou eleger um excluindo todos os outros. Este comportamento pode ao menos ser parcialmente ou temporariamente modificável.

3,5	
4	Grau severo: A criança pode apresentar os sintomas descritos acima porém com uma intensidade e frequência maior. Há significativa dificuldade em distrair a criança quando está “ocupada” com estas atividades inadequadas e é extremamente difícil modificar o uso inadequado do uso dos objetos.
<b>6 – Adaptação a mudanças</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Idade apropriada na resposta: Apesar da criança notar e comentar sobre as mudanças de rotina, há uma aceitação sem grandes distúrbios.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: Quando o adulto tenta modificar algumas rotinas a criança continua com a mesma atividade ou no uso dos mesmos materiais, porém pode ficar facilmente “confusa” assim com aceitar a mudança. Ex: fica muito agitada quando é levada numa padaria diferente / o caminho para a escola é mudado, mas é acalmada facilmente.
2,5	
3	Grau moderado: Há resistência as mudanças da rotina. Há uma tentativa de persistir na atividade costumeira e é difícil acalmá-la; ficam raivosos ou tristes quando há modificação.
3,5	
4	Grau severo: Quando ocorrem mudanças a criança apresenta reações graves que são difíceis de serem eliminadas. Se são forçadas a modificarem a rotina podem ficar extremamente irritados/raivosos ou não cooperativos e talvez respondam com birras.
<b>7 – Uso do olhar</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Idade apropriada na resposta: O uso do olhar é normal para a idade. A visão é usada junto com os outros sentidos como a audição e tato, como forma de explorar os objetos.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: A criança precisa ser lembrada de vez em quando para olhar para os objetos. A criança pode estar mais interessada em olhar para espelhos e luzes que outras crianças da mesma idade, ou ficar olhando para o espaço de forma vaga. Pode haver evitação do olhar.
2,5	
3	Grau moderado: A criança precisa ser lembrada a olhar o que está fazendo. Podem ficar olhando para o espaço de forma vaga; evitação do olhar; olhar para objetos de modo peculiar; colocar objetos muito próximos aos olhos apesar de não terem déficit visual.
3,5	
4	Grau severo: Há uma persistência recusa em olhar para pessoas ou certos objetos e podem apresentar outras peculiaridades no uso do olhar em graus extremos como os descritos acima.
<b>8 – Uso da audição</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>

1	Idade apropriada na resposta: O uso da audição é normal para a idade. A audição é usada junto com os outros sentidos como a visão e tato.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: Pode haver falta de resposta a certos sons, assim como uma hiper-reação. As vezes a reação é atrasada, as vezes é necessário a repetição de um determinado som para “ativar” a atenção da criança. A criança pode apresentar uma resposta catastrófica a sons estranhos a ela.
2,5	
3	Grau moderado: A resposta aos sons podem variar: ignorá-lo das primeiras vezes, ficar assustado com sons de seu cotidiano, tampar os ouvidos.
3,5	
4	Grau severo: Há uma sub ou hiper-reatividade aos sons, de uma forma extremada, independentemente do tipo do som.
<b>9 – Uso do paladar, olfato e do tato</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Normal: A criança explora novos objetos de acordo com a idade geralmente através dos sentidos. O paladar e olfato são usados apropriadamente quando o objeto é percebido como comível. Quando há dor resultante de batida, queda, ou pequenos machucados a criança expressa seu desconforto, porém sem uma reação desmedida.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: A criança persiste no levar e manter objetos na boca, em discrepância de outras da mesma idade. Pode cheirar ou colocar na boca, de vez em quando, objetos não comestíveis. A criança pode ignorar ou reagir de forma exacerbada a um beliscão ou alguma dor leve que numa criança normal seria expressada de forma adequada (leve).
2,5	
3	Grau moderado: Pode haver um comportamento de grau moderado de tocar, cheirar, lambe objetos ou pessoas. Pode haver uma reação não usual a dor de grau moderado, assim como sub ou hiper-reação.
3,5	
4	Grau severo: Há um comportamento de cheirar, colocar na boca, ou pegar objetos – pela sensação em si – sem o objetivo de exploração do objeto. Pode haver uma completa falta de resposta a dor assim como uma hiper-reação a algo que é só levemente desconfortável.
<b>10 – Medo e nervosismo</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Normal: O comportamento é apropriado a situação e a idade da criança.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: De vez em quando a criança demonstra medo e nervosismo que é levemente inapropriado (para mais ou menos) quando comparado a outras de mesma idade.
2,5	
3	Grau moderado: A criança apresenta um pouco mais ou um pouco menos de medo que uma criança normal mesmo quando comparado a outra de menor idade colocada em situação idêntica. Pode ser difícil entender o que está causando o

	comportamento de medo apresentado, assim como é difícil confortá-la nessa situação.
3,5	
4	Grau severo: Há manutenção de medo mesmo após repetidas experiências de esperado bem-estar. Na consulta de avaliação a criança pode estar amedrontada sem razão aparente. É extremamente difícil acalmá-la. Pode também não apresentar medo/sentido de auto-conservação a cachorros não conhecidos, a riscos da rua e trânsito, como outras que as da mesma idade evitam.
<b>11 – Comunicação verbal</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Normal: A comunicação verbal é apropriada a situação e a idade da criança.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: A fala apresenta um atraso global. A maior parte da fala é significativa, porém pode estar presente ecolalia ou inversão pronominal em idade onde já não é normal sua presença. Algumas palavras peculiares e jargões podem estar presentes ocasionalmente.
2,5	
3	Grau moderado: A fala pode estar ausente. Quando presente a comunicação verbal pode ser uma mistura de fala significativa + fala peculiar como jargões; comerciais de TV; jogo de futebol; reportagem sobre o tempo + ecolalia + inversão pronominal. Quando há fala significativa podem estar presentes um excessivo questionamento e preocupação com tópicos específicos.
3,5	
4	Grau severo: Não há fala significativa; há grunhidos, gritos, sons que lembram animais ou até sons mais complexos que se aproximam da fala humana. A criança pode mostrar persistente e bizarro uso de conhecimento de algumas palavras ou frases.
<b>12 – Comunicação não-verbal</b>	
<b>Pontos</b>	<b>Sintomas</b>
1	Normal: A comunicação não-verbal é apropriada a situação e a idade da criança.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: O uso da comunicação não-verbal é imaturo, p.ex: a criança somente aponta/mostra sem precisão o que quer numa situação em que a criança normal de mesma idade aponta ou demonstra por gestos de forma mais significativa o que quer.
2,5	
3	Grau moderado: A criança é incapaz, geralmente, de expressar necessidades e desejos através de meios não-verbais, assim como é, geralmente, incapaz de compreender a comunicação não-verbal dos outros. Pegam na mão do adulto o levando ao objeto desejado, mas são incapazes de mostrar através de gestos o objeto desejado.
3,5	
4	Grau severo: Há somente uso de gestos bizarros e peculiares que não aparentam significado. Demonstrem não terem conhecimento do significado de gestos ou expressões faciais de terceiros.
<b>13 – Atividade</b>	

Pontos	Sintomas
1	Normal: A atividade é apropriada a situação e a idade da criança, quando comparada a outras.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: Pode haver uma leve inquietação ou alguma lentidão de movimentos. O grau de atividade interfere somente de forma leve na performance da criança. Geralmente é possível encorajar a manter um nível adequado de atividade.
2,5	
3	Grau moderado: A criança pode ser inquieta e ter dificuldade de ficar quieta. Pode aparentar ter uma quantidade infinita de energia e não querer/ter vontade de dormir a noite. Pode também ser letárgica e exigir grande esforço para modificação deste comportamento. Podem não gostar de jogos que requeiram atividade física e assim “passar” por preguiçosos.
3,5	
4	Grau severo: Há demonstração de níveis de atividade em seus extremos: hiper ou hipo, podendo também passar de uma para outra. É difícil o manejo desta criança. Quando há hiper-atividade ela está presente em todos os níveis do cotidiano, sendo necessário quase que um constante acompanhamento por parte de um adulto. Se a criança é letárgica é muito difícil motivá-la a alguma atividade.

#### 14 – Grau e consistência das respostas da inteligência

Pontos	Sintomas
1	Normal: A criança é inteligente como uma criança normal de sua idade não havendo nenhuma habilidade não-usual ou problema.
1,5	
2	Grau leve de anormalidade: A criança não é tão inteligente quanto uma criança de mesma idade e suas habilidades apresentam um atraso global em todas as áreas, de forma equitativa.
2,5	
3	Grau moderado: Em geral a criança não é tão inteligente quanto outra de mesma idade, entretanto há algumas áreas intelectivas que o funcionamento beira o normal.
3,5	
4	Grau severo: Mesmo em uma criança que geralmente não é tão inteligente quanto uma normal de mesma idade, pode haver um funcionamento até melhor em uma ou mais áreas. Podem estar presentes certas habilidades não-usuais como p.ex: talento para música, ou facilidade com números.

#### 15 – Impressão geral

Pontos	Sintomas
1	Não há Autismo: A criança não apresentou nenhum sintoma característico de Autismo.
1,5	
2	Autismo de grau leve: A criança apresentou somente alguns poucos sintomas ou grau leve de Autismo.
2,5	



3	Autismo de grau moderado: A criança apresentou um número de sintomas ou um moderado grau de Autismo.
3,5	
4	Autismo de grau severo: A criança apresentou muitos sintomas ou um grau severo de Autismo.

#### Pontuação

- A contagem total do teste será feita no final,
- Durante a coleta das informações deve-se ter em mente que o comportamento da criança deve ser balizado com outra (normal) de mesma idade.
- As “notas” variam de 1 a 4.
- A “nota” 1 significa que o comportamento está dentro dos limites da normalidade para outra criança de mesma idade.
- A “nota” 2 é “dada” para quando houver pequena anormalidade, quando comparada a outra criança de mesma idade.
- A 3 indica que a criança examinada apresenta um grau moderado de comprometimento no assunto pesquisado.
- A 4 é para aquela cujo comportamento é severamente anormal para a idade.
- Os meios pontos são para serem usados quando o comportamento situar-se entre os dois itens

#### Resultado final:

- Normal: 15 – 29,5,
- Autismo leve/moderado: 30 – 36,5,
- Autismo grave: acima 37
- Fonte:

<[http://www.autismobh.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2:carsesca-la-de-classificacao-de-autismo-na-infancia](http://www.autismobh.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2:carsesca-la-de-classificacao-de-autismo-na-infancia)>



## ANEXO II

Autismo faz parte dos chamados “Transtornos do Neurodesenvolvimento”.

### **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

#### **Critérios Diagnósticos<sup>838</sup>**

**299.00 (F84.0)**

A. Déficits persistentes na comunicação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos):

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal a dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.
2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso de gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares.

Especificar a gravidade atual:

A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos (ver Tabela 2).

B. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme manifestado por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos; ver o texto):

1. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (p. ex. estereotipias motoras simples, alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia, frases idiossincráticas).

---

<sup>838</sup> DSM-5, 2014, p. 50-53, 56,57.

2. Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (p. ex. sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos diariamente).
3. Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (p. ex. forte apego a ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos).
4. Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (p. ex. indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou a texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento).

Especificar a gravidade atual:

A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões restritos ou repetitivos de comportamento (ver tabela 2).

C. Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).

D. Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo presente.

E. Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento. Deficiência intelectual ou transtorno do espectro autista costumam ser comórbidos; para fazer o diagnóstico da comorbidade de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível geral do desenvolvimento.

**Nota:** Indivíduos com um diagnóstico do DSM-IV bem estabelecido de transtorno autista, transtorno de Asperger ou transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação devem receber o diagnóstico de transtorno do espectro autista. Indivíduos com déficits acentuados na comunicação social, cujos sintomas, porém, não atendam, de outra forma, critérios de transtorno do espectro autista, devem ser avaliados em relação a transtorno da comunicação social (pragmática).

Especificar se:

**Com ou sem comprometimento intelectual concomitante**

**Com ou sem comprometimento da linguagem concomitante**

**Associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental**

(Nota para codificação: Usar código adicional para identificar a condição médica ou genética associada.)

**Associado a outro transtorno do neurodesenvolvimento, mental ou comportamental**

(Nota para codificação: Usar código[s] adicional[is] para identificar o[s] transtorno[s] do neurodesenvolvimento, mental ou comportamental associado[s].)

**Com catatonia** (consultar os critérios para definição de catatonia associada a outro transtorno mental, p. 119-120) (Nota para codificação: usar o código adicional 293.89 [F06.1] de catatonia associada a transtorno do espectro autista para indicar a presença de catatonia comórbida).

### **Características Diagnósticas**

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente. Características diagnósticas nucleares estão evidentes no período do desenvolvimento, mas intervenções, compensações e apoio atual podem mascarar as dificuldades, pelo menos em alguns contextos.

Os prejuízos na comunicação e na interação social especificados no Critério A são pervasivos e sustentados. Os diagnósticos são mais válidos e confiáveis quando baseados em múltiplas fontes de informação, incluindo observações do clínico, história do cuidador e, quando possível, autorrelato. Déficits verbais e não verbais na comunicação social têm manifestações variadas, dependendo da idade, do nível intelectual e da capacidade linguística do indivíduo, bem como de outros fatores, como história de tratamento e apoio atual. Muitos indivíduos têm déficits de linguagem, as quais variam de ausência total da fala, passando por

atrasos na linguagem, compreensão reduzida da fala, fala em eco até linguagem explicitamente literal ou afetada. Mesmo quando habilidades linguísticas formais (p. ex. vocabulário, gramática) estão intactas, o uso da linguagem para comunicação social recíproca está prejudicado no transtorno do espectro autista.

### **Prevalência**

Em anos recentes, as frequências relatadas de transtorno do espectro autista, nos Estados Unidos e em outros países, alcançaram 1% da população, com estimativas similares em amostras de crianças e adultos. Ainda não está claro se taxas mais altas refletem expansão dos critérios diagnósticos do DSM-IV de modo a incluir casos sublimiães, maior conscientização, diferenças na metodologia dos estudos ou aumento real na frequência do transtorno. O aumento de casos de Autismo.

O Autismo está aumentando? Já se investiu tempo e energia inconcebíveis para dar resposta a essa pergunta, e não se chegou a um consenso, mas parece razoável concluir que tanto o diagnóstico quanto a incidência cresceram.

Laurent em seu livro “A batalha pelo Autismo”, destaca que, hoje, o Autismo mobiliza praticamente todos os ramos da biologia, da medicina, da psicologia, da educação, das teorias de aprendizagem, bem como da psicanálise em suas diferentes orientações. Uma vez incluída entre os “transtornos invasivos do desenvolvimento” (TID), a categoria “Autismo”, inicialmente delimitada por um pequeno número de traços bastante restritos, foi abarcando um número cada vez maior e diverso de casos. Segundo o mesmo autor, nos últimos quinze anos, o Autismo não cessou de afirmar sua presença, a ponto de suplantar as “psicoses infantis” no campo dos “transtornos invasivos” da criança. Até então, essa síndrome clínica era um diagnóstico raro, depois de ter sido isolada de maneira concomitante nos anos 1940 por Leo Kanner e Hans Asperger .

“O Autismo não ronda nem a Europa nem a América – Latina ou do Norte -, mas sua presença se faz, contudo, cada vez mais insistente. Desde a publicação do DSM-IV, em 1994, a quantidade de casos associados a essa categoria progride em ritmo epidêmico. Esse aumento coloca um problema agudo: como entendê-lo? Como explicar que, em vinte anos, a quantidade de itens agrupados sob a categoria “Autismo” tenha se multiplicado por dez? Embora seja difícil incriminar uma mutação na espécie humana, o Autismo é de fato o espectro que ronda as burocracias”.

## **Desenvolvimento e Curso**

A idade e o padrão de início também devem ser observados para o transtorno do espectro autista. Os sintomas costumam ser reconhecidos durante o segundo ano de vida (12 a 24 meses), embora possam ser vistos antes dos 12 meses de idade, se os atrasos do desenvolvimento forem graves, ou percebidos após os 24 meses, se os sintomas forem mais sutis. A descrição do padrão de início pode incluir informações sobre atrasos precoces do desenvolvimento ou quaisquer perdas de habilidades sociais ou linguísticas. Nos casos em que houve perda de habilidades, pais ou cuidadores podem relatar história de deterioração gradual ou relativamente rápida em comportamentos sociais ou nas habilidades linguísticas. Em geral, isso ocorre entre 12 a 24 meses de idade, sendo distinguível dos raros casos de regressão do desenvolvimento que ocorrem após pelo menos 2 anos de desenvolvimento normal (anteriormente descrito como transtorno desintegrativo da infância).

As características comportamentais do transtorno do espectro autista tornam-se inicialmente evidentes na primeira infância, com alguns casos apresentando falta de interesse em interações sociais no primeiro ano de vida. Algumas crianças com transtorno do espectro autista apresentam platôs ou regressão no desenvolvimento, com uma deterioração gradual ou relativamente rápida em comportamentos sociais ou uso da linguagem, frequentemente durante os dois primeiros anos de vida. Tais perdas são raras em outros transtornos, podendo ser um sinal de alerta útil para o transtorno do espectro autista. Muito mais incomuns e merecedoras de investigação médica ampla são perdas de habilidades além da comunicação social (p. ex. perda do autocuidado, do controle de esfínteres, de habilidades motoras) ou as que ocorrem após o segundo aniversário (ver também síndrome de Rett, na seção “Diagnóstico Diferencial” para esse transtorno).

O transtorno do espectro autista não é um transtorno degenerativo, sendo comum que aprendizagem e compensação continuem ao longo da vida. Os sintomas são frequentemente mais acentuados na primeira infância e nos primeiros anos de vida escolar, com ganhos no desenvolvimento sendo frequentes no fim da infância pelo menos em certas áreas (p. ex., aumento no interesse por interações sociais). Uma pequena proporção de indivíduos apresenta deterioração comportamental na adolescência, enquanto a maioria dos outros melhora. Apenas uma minoria de indivíduos com transtorno do espectro autista vive e trabalha de forma independente na fase adulta; aqueles que o fazem tendem a ter linguagem e capacidades intelectuais superiores, conseguindo encontrar um nicho que combine com seus interesses e habilidades especiais. Em geral, indivíduos com níveis de prejuízo menores podem ser mais

capazes de funcionar com independência. Mesmo esses indivíduos, no entanto, podem continuar socialmente ingênuos e vulneráveis, com dificuldade para organizar as demandas práticas sem ajuda, mais propensos a ansiedade e depressão. Muitos adultos informam usar estratégias compensatórias e mecanismos de enfrentamento para mascarar suas dificuldades em público, mas sofrem com o estresse e os esforços para manter uma fachada socialmente aceitável. Quase nada se sabe sobre a fase da velhice no transtorno do espectro autista.

Alguns indivíduos aparecem pela primeira vez para o diagnóstico na idade adulta, talvez levados pelo diagnóstico de Autismo em alguma criança da família ou pelo rompimento de relações profissionais ou familiares. Pode ser difícil, nesses casos, obter uma história detalhada do desenvolvimento, sendo importante levar em conta as dificuldades autorrelatadas. Quando a observação clínica sugerir que os critérios são preenchidos no presente, pode ser diagnosticado o transtorno do espectro autista, desde que não haja evidência de boas habilidades sociais e de comunicação na infância. Por exemplo, o relato (de pais ou outro familiar) de que a pessoa teve amizades recíprocas normais e permanentes e boas habilidades não verbais durante a infância descartaria um diagnóstico de transtorno do espectro autista; a ausência de informações sobre o desenvolvimento, por si só, porém, não deve cumprir esse papel.

Manifestações de prejuízos sociais e de comunicação e comportamentos restritivos/repetitivos que definam o transtorno do espectro autista são claras no período do desenvolvimento. Mais tarde, intervenção e compensação, além dos apoios atuais, podem mascarar essas dificuldades pelo menos em alguns contextos. Os sintomas, entretanto, permanecem suficientes para causar prejuízo atual no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. (p. 56).

#### **TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista**

Nível 1 – “Exigindo apoio”

Nível 2 – “Exigindo apoio substancial”

Nível 3 – “Exigindo apoio muito substancial” (p. 52)

#### **Questões diagnósticas relativas ao gênero**

O transtorno do espectro autista é diagnosticado quatro vezes mais frequentemente no sexo masculino do que no feminino. Em amostras clínicas, pessoas do sexo feminino têm mais propensão a apresentar deficiência intelectual concomitante, sugerindo que meninas sem



comprometimento intelectual concomitante ou atrasos da linguagem podem não ter o transtorno identificado, talvez devido à manifestação mais sutil das dificuldades sociais e de comunicação.

## COMORBIDADES

### QUADRO 1 – CONDIÇÕES MÉDICAS ASSOCIADAS COM QUADRO CLÍNICO DE AUTISMO INFANTIL<sup>839</sup>

Retardo Mental	Esclerose tuberosa	Sequência de Moebins
Epilepsia	Hipomelanomatose de Ito	Problemas pré e perinatais
Síndrome dos espasmos infantis	Neurofibromatose	Distrofia muscular de Duchenne
Síndrome do fra (x)	Fenilcetonúria	Síndrome de Williams
Síndrome de Down	Acidose láctica	Amaurose de Leber
Outras cromossomopatias	Rubéola congênita	Deficiência auditivas
Síndrome de Cornélia de Lange	Infecção herpética pós natal	Hidrocefalia

---

<sup>839</sup> SCHWARTZMAN, 1994, p. 9.



## ANEXO III

QUADRO 1 - TERMINOLOGIA E TERMOS CORRETOS

TERMINOLOGIA	TERMOS CORRETOS
Adolescente normal: Desejando referir-se a um adolescente (uma criança ou um adulto) que não possua uma deficiência, muitas pessoas usam as expressões adolescente normal, criança normal e adulto normal.	Adolescente (criança, adulto) sem deficiência ou, ainda, adolescente (criança, adulto) não deficiente.
Aleijado; defeituoso; incapacitado; inválido	Pessoa com deficiência.
Ceguinho. Cego; pessoa cega;	Pessoa com deficiência visual.
Classe normal.	Classe comum; classe regular.
Criança excepcional.	Criança com deficiência intelectual.
Defeituoso físico.	Pessoa com deficiência física.
Deficiente físico ou deficiências físicas.	Pessoa com Deficiência ou Deficiências
Deficiência mental leve, moderada, severa, profunda	Deficiência intelectual.
Deficiente mental.	Pessoa com transtorno mental, paciente Psiquiátrico.
Doente mental.	Pessoa com deficiência intelectual.
Intérprete do LIBRAS.	Intérprete da Libras (ou de Libras).
Lepra; leproso; doente de lepra.	Hanseníase; pessoa com hanseníase; doente de hanseníase
LIBRAS - Linguagem Brasileira de Sinais Língua de sinais brasileira.	Libras - Língua ou linguagem dos sinais. Língua de sinais.
Mongoloide; mongol.	Pessoa com síndrome de Down, criança com Down, uma criança Down.
Necessidades educativas especiais.	Necessidades educacionais especiais.
Epilético (ou a pessoa epilética).	A pessoa com epilepsia.
Paralisado cerebral.	A pessoa com paralisia cerebral.
Pessoa normal.	Pessoa sem deficiência; pessoa não-deficiente.
Pessoa surda-muda.	Pessoa com deficiência auditiva.
Quadriplégica; quadriparesia.	Tetraplegia; tetraparesia.
Retardo mental, retardamento mental.	Deficiência intelectual.
Surdinho ou surdo-mudo.	Surdo; pessoa surda; pessoa com deficiência auditiva.
Visão subnormal.	Baixa visão.

Fonte: Adaptado de Silva e Monteiro (2013, p. 18-23).<sup>840</sup>

<sup>840</sup> SILVEIRA, T. dos S. da; NASCIMENTO, Luciana Monteiro do. *Educação Inclusiva*. Indaial: Uniasselvi, 2013, p. 18-23.

## ANEXO IV

No Brasil, a Lei Berenice Viana veio estabelecer diretrizes e direitos da pessoa com Autismo. Ela foi um marco e um avanço. Segue na íntegra a Lei:

### LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.

Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

**A PRESIDENTA DA REPÚBLICA**, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

§ 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

I - a intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista;

II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação;

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

IV - (VETADO);

V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

VI - a responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações;

VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

VIII - o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao transtorno do espectro autista no País.

Parágrafo único. Para cumprimento das diretrizes de que trata este artigo, o poder público poderá firmar contrato de direito público ou convênio com pessoas jurídicas de direito privado.

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

- a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
- b) o atendimento multiprofissional;
- c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;
- d) os medicamentos;
- e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - o acesso:

- a) à educação e ao ensino profissionalizante;
- b) à moradia, inclusive à residência protegida;
- c) ao mercado de trabalho;
- d) à previdência social e à assistência social.

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.

Art. 4º A pessoa com transtorno do espectro autista não será submetida a tratamento desumano ou degradante, não será privada de sua liberdade ou do convívio familiar nem sofrerá discriminação por motivo da deficiência.

Parágrafo único. Nos casos de necessidade de internação médica em unidades especializadas, observar-se-á o que dispõe o art. 4º da Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001.

Art. 5º A pessoa com transtorno do espectro autista não será impedida de participar de planos privados de assistência à saúde em razão de sua condição de pessoa com deficiência, conforme dispõe o art. 14 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998.

Art. 6º (VETADO).

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.

§ 1º Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo.

§ 2º (VETADO).

Art. 8º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 27 de dezembro de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

José Henrique Paim Fernandes

Miriam Belchior

## ANEXO V

### Da Teologia

1. A lei de Deus, mui salutar na doutrina da vida, não pode levar o ser humano à justiça; antes, o impede.
2. Muito menos podem levá-lo as obras dos seres humanos, muitas vezes repetidas, como se diz, com o auxílio do ditame natural.
3. Ainda que sejam sempre belas e pareçam boas, as obras dos seres humanos são, ao que tudo indicam, pecados mortais.
4. Ainda que sejam sempre disformes e pareçam ruins, as obras de Deus, são, na verdade, méritos imortais.
5. As obras dos seres humanos (falamos das aparentemente boas) não são pecados mortais no sentido de constituírem crimes.
6. As obras de Deus (falamos daquelas que se realizam por intermédio do ser humano) não são méritos no sentido de não constituírem pecado.
7. As obras dos justos seriam pecados mortais se os próprios justos, em piedoso temor a Deus, não temessem que elas fossem pecados mortais.
8. Com maior razão são pecados mortais as obras dos seres humanos, pois ainda são feitas sem temor, em mera e má segurança.
9. Afirmar que as obras sem Cristo são certamente mortas, porém não pecados mortais, parece constituir um perigoso abandono do temor de Deus.
10. Na verdade, é difícilimo compreender como uma obra seria morta, sem ser ao mesmo tempo, pecado pernicioso ou mortal.
11. Não se pode evitar a presunção, nem pode haver verdadeira esperança, se em cada obra não se temer o juízo de condenação.
12. Os pecados são realmente veniais perante Deus quando os seres humanos temem que sejam mortais.
13. Após a queda, o livre arbítrio é um mero título, enquanto faz o que está em si, peca mortalmente.
14. Após a queda, o livre arbítrio tem uma potência apenas subjetiva para o bem; para o mal, porém, sua potência é sempre ativa.
15. O livre arbítrio tampouco pôde permanecer no estado de inocência pela potência ativa, mas sim pela subjetiva; menos ainda pôde progredir em direção ao bem.
16. O ser humano que crê chegar a graça fazendo o que está em si acrescenta pecado sobre pecado, de sorte que se torna duplamente réu.
17. Entretanto, falar assim não significa dar motivo para o desespero, mas para humilhar-se e suscitar o empenho no sentido de procurar a graça de Cristo.
18. Certo é que o ser humano deve desesperar-se totalmente de si mesmo, a fim de tornar-se apto para conseguir a graça de Cristo.
19. Não se pode designar condignamente de teólogo quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por meio daquelas que estão feitas;
20. mas sim quem compreendem as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz.
21. O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são.
22. A sabedoria que enxerga as coisas invisíveis de Deus, compreendendo-as a partir das obras, se envaidece, fica cega e endurecida por completa.

23. A lei provoca a ira de Deus, mata, maldiz, acusa, julga, e condena tudo o que não está em Cristo.
24. Não obstante, aquela sabedoria não é má, nem se deve fugir da lei; sem a teologia da cruz, porém, o ser humano faz péssimo uso daquilo que há de melhor.
25. Justo não é quem pratica muitas obras, mas quem, sem obra, muito crê em Cristo.
26. A lei diz: “Faz isto”, mas nunca é feito; a graça diz: “Crê neste”, e já está tudo feito.
27. Poder-se-ia dizer, com razão, que a obra de Cristo é a que opera e que a nossa é a operada, e, por conseguinte, que a operada agrada a Deus pela obra operante.
28. O amor de Deus não acha, mas cria aquilo que lhe agrada; o amor do ser humano surge a partir do objeto que lhe agrada.

#### Da Filosofia

29. Quem quer filosofar sem perigo em Aristóteles precisa antes tornar-se bem tolo em Cristo.
30. Assim como não faz bom uso do mal da libido quem não estiver casado, da mesma forma ninguém filosofa bem sem não for tolo, isto é, cristão.
31. Foi fácil para Aristóteles opinar que o mundo é eterno, pois, em sua opinião a alma é mortal.
32. Uma vez aceito que existem tantas formas substancias quanto há coisas feitas, teria sido necessário aceitar que existe o mesmo número de matérias.
33. De nenhuma coisa no mundo surge algo necessariamente, embora da matéria surja necessariamente tudo que surge de modo natural.
34. Se Aristóteles tivesse conhecido o poder absoluto de Deus, ter-lhe-ia sido impossível afirmar que a matéria permanece por si mesma.
35. Nada de infinito existe pelo ato, mas por potência e matéria existe tanto quanto há de feito nas coisas, conforme Aristóteles.
36. Aristóteles critica e ridiculariza injustamente a filosofia das ideias platônicas, que é melhor do que a sua.
37. A imitação dos números nos objetos é engenhosamente afirmada por Pitágoras, porém, mais engenhosa é a participação nos objetos, afirmada por Platão.
38. A polêmica de Aristóteles contra a conceito de unidade de Parmênides é (vênia que seja dada ao cristão) dar socos no ar.
39. Se Anaxágoras estabeleceu o infinito segundo a forma, ao que parece, ele foi o melhor dos filósofos, a despeito do próprio Aristóteles.
40. Em Aristóteles parecem ser a mesma coisa a privação, matéria, forma, o objeto móvel, o objeto imóvel, ato, potência, etc.



## ANEXO VI

### Poema de Carlos Drummond de Andrade

#### José

E agora, José? A festa acabou, a luz apagou,  
o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José?  
e agora, você? você que é sem nome, que zomba dos outros,  
você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José?

Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho,  
já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode,  
a noite esfriou, o dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio,  
não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora, José?

E agora, José? Sua doce palavra, seu instante de febre,  
sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro,  
sua incoerência, seu ódio — e agora?

Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta;  
quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas,  
Minas não há mais. José, e agora? Se você gritasse, se você gemesse,  
se você tocasse a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse,  
se você morresse... Mas você não morre, você é duro, José!

Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia,  
sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto  
que fuja a galope, você marcha, José! José, para onde?